



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CRISTINA RIBEIRO DOS SANTOS

**A PRESENÇA INVISÍVEL: A “CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA”
DE ÁLBUNS FOTOGRÁFICOS E AS PERSPECTIVAS DO
COLECIONISMO PARA A ORGANIZAÇÃO E
REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Londrina
2024

CRISTINA RIBEIRO DOS SANTOS

**A PRESENÇA INVISÍVEL: A “CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA”
DE ÁLBUNS FOTOGRÁFICOS E AS PERSPECTIVAS DO
COLECIONISMO PARA A ORGANIZAÇÃO E
REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Tese apresentada para Defesa de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Cristina de Albuquerque

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S237a Santos, Cristina Ribeiro dos.

A presença invisível : a "Classificação Primária" de álbuns fotográficos e as perspectivas do colecionismo para a organização e representação do conhecimento / Cristina Ribeiro dos Santos. - Londrina, 2024.
219 f. : il.

Orientador: Ana Cristina de Albuquerque.

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Organização e Representação do Conhecimento - Tese. 2. Colecionismo - Tese. 3. Classificação Primária - Tese. I. Albuquerque, Ana Cristina de . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDU 02

CRISTINA RIBEIRO DOS SANTOS

**A PRESENÇA INVISÍVEL: A “CLASSIFICAÇÃO PRIMÁRIA”
DE ÁLBUNS FOTOGRÁFICOS E AS PERSPECTIVAS DO
COLECIONISMO PARA A ORGANIZAÇÃO E
REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Tese apresentada para defesa de Doutorado
no Programa de Pós-Graduação em Ciência
da Informação (PPGCI) da Universidade
Estadual de Londrina (UEL).

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina de Albuquerque.
Universidade Estadual de Londrina - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Izangela M. S. Tonello de Oliveira.
Universidade Estadual de Londrina — UEL

Prof.^a Dr.^a Rosane Suely Álvares Lunardelli.
Universidade Estadual de Londrina — UEL

Prof.^a Dr.^a Luciana de Souza Gracioso.
Universidade Federal de São Carlos — UFSCAR

Prof.^o Dr.^o Marcos Antonio de Moraes
Universidade Estadual de Londrina — UEL

Londrina, 11 de abril de 2024.

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Albuquerque, que com o seu dinamismo e vibração me conduziu durante a minha jornada acadêmica, graduação, mestrado e agora no doutorado, a tantas das várias dimensões da Organização e Representação da Informação e do Conhecimento. Obrigada pelos conhecimentos e ensinamentos compartilhados.

Às professoras Prof.^a Dr.^a Rosane Lunardelli, professora a quem tive o prazer de ser aluna e agora compartilho à docência. Agradeço, em especial, pela oportunidade das discussões e pelas muitas sugestões no desenrolar da minha vivência acadêmica. Uma inspiração profissional e pessoal.

A Prof.^a Dr.^a Brígida Cervantes, por participar da minha banca de qualificação, contribuindo para o desenvolvimento desta pesquisa, e por ser uma excelente pesquisadora, uma inspiração profissional, de perseverança e dedicação ao trabalho acadêmico.

A Dr.^a Izângela Tonello, , pela gentileza e pelo apoio demonstrados ao longo deste percurso acadêmico, pois esteve comigo desde a graduação. Sua amizade tornou essa jornada desafiadora mais suportável e enriquecedora.

A Prof.^a Dr.^a Luciana Gracioso, pelos conselhos, contribuições e discussões a respeito da temática escolhida durante a qualificação e agora na defesa, por ser essa ótima profissional, o meu muito obrigada.

Agradeço ao Prof.^o Dr.^o Marcos Moraes, que compõem a minha banca de defesa, pela sensibilidade em transmitir e compartilhar seus conhecimentos.

Ao Rogério Muller, Juliana Cardoso pelo apoio e incentivo durante esta jornada e por renovarem em mim a crença na possibilidade da docência. Aos demais colegas de Departamento, Dr.^a Adriana Roseclér Alcará, Dr.^a Letícia Gorri Molina e Ana Maria Miranda pela amizade e companheirismo.

A Dona Creuza e a Vanessa pelo seu maravilhoso café e sua família que me possibilitaram vivenciar as maravilhas de ser uma agregada.

As amigas do Quilombo, Eduarda A. Ferreira e aos meus sobrinhos. Agradeço ainda aos meus alunos da graduação, pelo incentivo.

Agradeço, por fim, a quem esteve comigo desde o começo: ao meu pai, Geraldo Gomes de Oliveira.

Que pode a câmara fotográfica?
Não pode nada.
Conta só o que viu.
Não pode mudar o que viu.
Não tem responsabilidade no que viu.
A câmara, entretanto,
Ajuda a ver e rever, a multi-ver
O real nu, cru, triste, sujo.
Desvenda, espalha, universaliza.
A imagem que ela captou e distribui.
Obriga a sentir.
A, criticamente, julgar.
A querer bem ou a protestar.
A desejar mudança [...]

A Câmara Viajante.
Carlos Drummond de Andrade (2012)

SANTOS, Cristina Ribeiro dos. **A presença invisível: a “Classificação Primária” de álbuns fotográficos e as perspectivas do Coleccionismo para a Organização e Representação do Conhecimento.** 2024. 219 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa realizou a Análise Conceitual em álbuns fotográficos a partir da perspectiva do colecionador. Tal intenção evoca questões vinculadas à análise de conceitos, classificação primária, Análise de Conteúdo e o Coleccionismo, bem como as relações destes, enquanto parte integrante de um domínio de conhecimento. A questão norteadora se instala da seguinte forma: como se dá a Análise Conceitual a partir do colecionador, em documentos específicos como os álbuns fotográficos? Neste contexto, a análise observa os álbuns fotográficos, por meio da classificação primária executada pelo colecionador, como um processo complexo de construção de sentido que atua por meio do colecionismo, dos conceitos, ou mesmo nos modelos e esquemas mentais, que se inserem na classificação primária visando a organização do conhecimento. Destarte, justifica-se o desenvolvimento desta pesquisa visando contribuir com a organização do conhecimento, oriundo dos álbuns fotográficos, que pressupõe reflexões direcionadas ao contexto de produção, ao sentido, às suas peculiaridades e classificações, bem como o uso dos conceitos pelo colecionador. É neste preâmbulo que envolve o colecionador e seu contexto sociocultural (domínio), que se discute na pesquisa que a “classificação primária” e os seus conceitos, possuem uma riqueza informacional que pode situar e enriquecer os processos de Organização e Representação da Informação e do Conhecimento, que a partir da sua compreensão pode auxiliar os processos de análise e síntese por parte do profissional da informação, buscando assim, o entendimento e as apropriações dos conceitos utilizados, e os seus vínculos, ou seja: seu contexto sociocultural e político. Em relação aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa possui natureza básica, abordagem qualitativa, é tipologicamente exploratória e descritiva com delineamento bibliográfico e documental e recorreu ao método Análise de Conteúdo, especificamente a técnica de análise categorial. As categorias definidas a priori com base em Fujita (2003), e a caracterização do documento se direcionaram ao “Álbum de Canudos” de “Flávio de Barros”. Como resultado, evidencia-se que os álbuns fotográficos, possuem marcas do seu contexto sociocultural que percebe o “outro” o sertanejo morador do Arraial de Canudos como “Jagunço”. Nesse contexto, conclui-se que a compreensão e recuperação da classificação primária que o produtor desenvolveu, seu sentido originário, seus conceitos se fazem necessário, para a compreensão deste material. Essas definições não são fornecidas de pronto entendimento ao seu leitor. Nesse sentido, a percepção da classificação como um objeto de fronteira, como discutido por Olson (1999), é essencial para promover um diálogo eficaz com a Organização e Representação do Conhecimento. A percepção do colecionismo e a classificação primária requer uma compreensão sensível dessas nuances, a fim de preservar e promover a riqueza do diálogo que ocorre nessa fronteira entre diferentes mundos sociais e evitar, como no caso “Arraial de Canudos”, novos silenciamentos.

Palavras-chave: Álbum fotográfico; Organização e Representação do Conhecimento; Coleccionismo; Análise de Conteúdo; Classificação Primária.

SANTOS, Cristina Ribeiro dos. **The invisible presence: the “Primary Classification” of photographic albums and the perspectives of Collecting for the Organization and Representation of Knowledge.** 2024. 219 f. Thesis (Doctorate in Information Science) —Center for Education, Communication, and Arts, State University of Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

This research carried out conceptual analysis on photographic albums from the collector's perspective. This intention evokes questions linked to the analysis of concepts, primary classification, content analysis, and collecting, as well as their relationships, as an integral part of a domain of knowledge. The guiding question is established as follows: how does Conceptual Analysis occur from the collector's point of view in specific documents such as photographic albums? In this context, the analysis observes photographic albums, through the primary classification carried out by the collector, as a complex process of construction of meaning that acts through collecting, concepts, or even mental models and schemes, which are included in the classification. Primary aiming at the organization of knowledge. Therefore, the development of this research is justified in order to contribute to the organization of knowledge originating from photographic albums, which presupposes reflections directed to the context of production, its meaning, its peculiarities and classifications, as well as the use of concepts by the collector. And it is in this preamble that involves the collector and his sociocultural context (domain), which is discussed in the research, that the “primary classification” and its concepts have a wealth of information that can situate and enrich the processes of organization and representation of information and of knowledge, which, based on its understanding, can assist the processes of analysis and synthesis by the information professional, thus seeking understanding and appropriation of the concepts used and their links, that is: their sociocultural and political context. In relation to methodological procedures, this research has a basic nature, a qualitative approach, is typologically exploratory and descriptive with a bibliographic and documentary design, and uses the Content Analysis method, specifically the categorical analysis technique. The categories defined a priori based on Fujita (2003), and the characterization of the document was directed to the “Album de Canudos” by “Flávio de Barros.”. As a result, it is evident that the photographic albums have marks from their sociocultural context that perceives the “other”, the countryman living in Arraial de Canudos, as “Jagunço”. In this context, it is concluded that understanding and recovering the primary classification that the producer developed, its original meaning, its concepts are necessary to understand this material. These definitions are not readily understood by the reader. In this sense, the perception of classification as a boundary object, as discussed by Olson (1999), is essential to promoting an effective dialogue with the organization and representation of knowledge. The perception of collecting and primary classification requires a sensitive understanding of these nuances, in order to preserve and promote the richness of the dialogue that occurs on this border between different social worlds and avoid, as in the “Arraial de Canudos” case, new silencing.

Keywords: photographic album; Organization and Representation of Knowledge; Collecting; Content Analysis; Primary Classification.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Desenvolvimento da Análise de Conteúdo.....	30
Imagem 2 – Fases da Análise de Conteúdo.....	33
Imagem 3 – Aspectos da ORC e seus exemplos.....	46
Imagem 4 – Árvore de Porfírio.....	77
Imagem 5 – Representação Documentária.....	85
Imagem 6 – Indexação e suas etapas.....	89
Imagem 7 – Álbuns fotográficos de Canudos.....	102
Imagem 8 – Reportagem referente a seca na região em 2013.....	104
Imagem 9 – Arraial dos Canudos, visto pela Estrada do Rosário, 1897.....	107
Imagem 10 – Igreja do Bom Jesus (nova) – Fotografia Flávio de Barros.1987.....	110
Imagem 11 – 400 jagunços prisioneiros- Flávio de Barros.1987.....	112
Imagem 12 – Cadáver de Antônio Conselheiro encontrado sob as ruínas da Igreja Nova – Fotografia de Flávio de Barros. 1987.....	113
Imagem 13 – Recorte de jornal Gazeta de Notícias (RJ) datado de 31 agosto 1897. Edição 00243.....	114
Imagem 14 – Recorte do jornal Gutenberg: Orgão da Associação Typographica Alagoana de Socorros Mutuos (AL). Ano 1897\Edição 00230.....	115
Imagem 15 – Recortes de jornais do período, que fazem menção a Flávio de Barros Jornal Gazeta da Tarde (RJ) 19 de fevereiro do Ano 1898. Edição 00036.....	118
Imagem 16 – Recorte de jornal do período, que fazem menção a Flávio de Barros e o desempenho de sua função de fotografia.....	118
Imagem 17 – Recorte de jornal do período, que faz menção a Flávio de Barros.	118
Imagem 18 – A morte de Antônio Conselheiro, Chapman, Grover, 1924-2000, 1977.....	119
Imagem 19 – Álbum fotográfico de Canudos por Flávio de Barros.....	122
Imagem 20 – Flávio de Barros pela Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.....	125
Imagem 21 – Obras de Flávio de Barros pela Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira 1.....	126

Imagem 22 – Obras de Flávio de Barros pela Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira 2.....	129
Imagem 23 – 39º Batalhão de Infantaria, de Flávio de Barros.....	130
Imagem 24 – 7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos, de Flávio de Barros.....	131
Imagem 25 – Autorretrato tirado durante a Campanha de Canudos, de Flávio de Barros.....	132
Imagem 26 – Coronel Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos, de Flávio.....	133
Imagem 27 – Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida, de Flávio de Barros.....	134
Imagem 28 – Quatrocentos correligionários de Antônio Conselheiro presos, de Flávio de Barros.....	135
Imagem 29 – Disposição das fotografias.....	138
Imagem 30 – Detalhamento da fotografia “Flávio de Barros Photographo Expedicionário. 01.15”.....	139
Imagem 31 – Detalhamento da fotografia “Missa com assistência do Marechal Bittencourt. 01.05”.....	139
Imagem 32 – Detalhamento da fotografia “General Barbosa e seu Estado-Maior. 02.08”.....	140
Imagem 33 – Detalhamento da fotografia “Corpo Sanitário e uma jagunça ferida. 02.47”.....	141
Imagem 34 – Detalhamento da fotografia “400 jagunços prisioneiros. 01.09”.....	142
Imagem 35 – Acervo do Instituto Moreira Salles.....	148
Imagem 36 – Flávio de Barros pelo Instituto Moreira Salles.....	149
Imagem 37 – Álbum de Canudos pelo Instituto Moreira Salles.....	151
Imagem 38 – Biografia disponível na Enciclopédia cultural Itaú.....	167
Imagem 39 – A estruturação do segundo álbum fotográfico e a formação das brochuras.....	169
Imagem 40 – As instituições e as diferentes legendas.....	170
Imagem 41 – Nuvem de palavras desenvolvida a partir da legenda original dos álbuns analisados no Museu da República de forma física.....	176

Imagem 42 – Nuvem de palavras extraídas a partir da obra “Os Sertões” que interagem com o termo jagunço na narrativa.....	184
Imagem 43 – Recorte de jornal que evidencia o “jagunço”.....	185
Imagem 44 – Recortes de jornais que fazem referência a jagunço.....	186
Imagem 45 – Recortes de jornais que fazem menção a correligionário na base de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.....	189
Imagem 46 – Recorte do jornal Pacotilha (MA) - 1880 a 1909.....	192
Imagem 47 – Recorte do jornal Commercio do Espírito Santo–ES — 1892 a 1910. Ano 1897. Edição 00170.....	192
Imagem 48 – Recortes de jornais que apresentam conselherista presente na hemeroteca da Biblioteca Nacional	193
Imagem 49 – Dicionario da Língua Brasileira (1832).....	196

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases e delineamentos da pesquisa.....	35
Quadro 2 – Definições do Conceito de Classificação.....	64
Quadro 3 – A Classificação na visão de Langridge (1977).....	67
Quadro 4 – Sistemas de Classificação	69
Quadro 5 – Classificação e seus principais elementos a partir da miscelânea teórica desenvolvida por Olson (2002)	73
Quadro 6 – Síntese do Métodos de Análise Conceitual	82
Quadro 7 – Análise das legendas disponibilizadas nos portais.....	156
Quadro 8 – Organização do material identificado nos portais.....	157
Quadro 9 – Imagens vinculadas aos álbuns do arraial de Canudos que não estão presentes no exemplar do Museu da República).....	166
Quadro 10 – Legenda Original dos Álbuns	173
Quadro 11 – Termos que interagem com o termo jagunço na narrativa de Euclides em “Os Sertões”.	180
Quadro 12 – Ocorrências do termo jagunço na Hemeroteca da Biblioteca Nacional	184
Quadro 13 – Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional pelo termo Correligionário	187
Quadro 14 – Busca na base de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional pelo termo: correligionário.....	191
Quadro 15 – Ordem cronológica a compreensão do verbete “jagunço”.....	197
Quadro 16 – Ordem cronológica para compreensão do verbete “Conselheirista”. ..	197
Quadro 17 – Ordem cronológica para compreensão do verbete “Correligionário”..	198

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.1.1	Hipótese e Tese	20
1.2	JUSTIFICATIVA	23
1.3	OBJETIVO GERAL	26
1.3.1	Objetivos Específicos.....	26
1.4	PERCURSO METODOLÓGICO DA TESE	26
1.5	Estrutura de apresentação DA TESE	37
2	O SERTÃO VAI VIRAR MAR! AS VEREDAS DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO (ORC).....	38
2.1	PRIMEIRAS IMPRESSÕES: AS VEREDAS DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO (ORC).....	40
2.2	CONCEITO E SUA CONEXÃO COM A CLASSIFICAÇÃO	51
2.3	VEREDAS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO: O ENTENDIMENTO DE TEORIA E O CONCEITO DE CLASSIFICAÇÃO	60
2.4	VEREDAS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO FILOSÓFICA	68
2.5	VEREDAS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO SOCIAL	71
2.6	VEREDAS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	76
2.7	POR FIM: UM OLHAR PARA A ANÁLISE	82
3	AS RELAÇÕES QUE ATUAM NA CONSTRUÇÃO DO ÁLBUM FOTOGRÁFICO: O COLECIONISMO	92
3.1	O ÁLBUM FOTOGRÁFICO E A PRESENÇA DO COLECIONISMO	94
3.2	ARRAIAL DE CANUDOS E O SEU ÁLBUM FOTOGRÁFICO.....	102
4	ANÁLISE E O TRATAMENTO DOS RESULTADOS: A INTERPRETAÇÃO DAS INFERENCIAS A PARTIR DOS ATRIBUTOS DOS MATERIAIS ALBUNS FOTOGRAFICOS DE CANUDOS E DOS OBJETIVOS PROPOSTOS.....	120
4.1	IDENTIFICAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO MATERIAL: O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO.....	121

4.2	INSTITUIÇÃO: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRA..	124
4.3	INSTITUIÇÃO: PORTAL BRASILIANA FOTOGRÁFICA.....	137
4.4	INSTITUIÇÃO: PORTAL INSTITUTO MOREIRA DE SALES.....	147
4.5	OS CONCEITOS QUE REPRESENTAM ESTE CONTEÚDO E O TERCEIRO ESTÁGIO: A SELEÇÃO.....	155
4.6	TRATAMENTO DOS RESULTADOS: INFERÊNCIAS E INTERPRETAÇÕES.....	173
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
	REFERÊNCIAS.....	209

1 INTRODUÇÃO

Considerando as ideias de Bräscher e Café (2008), compreende-se que a informação e o conhecimento são produtos culturais, desenvolvidos por meio da experiência humana, que usando registros estão presentes em diferentes tempos históricos, ou seja, são construções humanas que usam diferentes técnicas, tecnologias e linguagens para se perpetuarem na história. A informação, nesse contexto, é uma forma de materialização do conhecimento, ou seja, é o conhecimento registrado em um suporte físico e/ou digital e passível de ser organizado e compartilhado (Brascher; Café, 2008). Hjørland (2008) destaca que a Organização do Conhecimento (OC) tem, entre seus processos, a descrição, indexação e classificação, desenvolvidas em vários ambientes informacionais. A OC busca a qualidade dos seus processos e dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) (Hjørland, 2008). Assim, estão entre suas preocupações a análise, coleta, organização, classificação, manipulação, acúmulo, armazenamento, representação, recuperação, propriedades, acesso e disseminação da informação.

O álbum fotográfico, visto pelo contexto informacional, como uma informação registrada, mais especificamente pelo olhar da OC, se destaca pelo seu universo de questões, que percorrem desde a sua especificidade, como os álbuns fotográficos familiares, a sua transição do âmbito privado para o institucionalizado (Santos; Albuquerque, 2014), passando pelas questões ligadas à sua gênese documental (Santos; Freitas; Albuquerque, 2016), pela perspectiva de serem percebidos como um Recursos Informacional contemporâneo, uma inovação tecnológica do século XIX, que se acumulam nos centros de informação e demandam um tratamento cuidadoso, ligado a sua gênese documental (Santos; Albuquerque, 2017), ou mesmo os elementos constitutivos dos álbuns de fotografias escolares e as potencialidades da relação com as humanidades digitais (Albuquerque; Santos, 2021). Há ainda investigações no campo conceitual, como a compreensão e a extensão do conceito de “álbum fotográfico” na publicação que integra os “Estudos Avançados em Organização do Conhecimento” vinculada ao Congresso Brasileiro em Organização do Conhecimento (ISKO) desenvolvido por Santos, Francisco e Moraes (2023).

Seguindo com esta reflexão, que envolve o álbum fotográfico, a OC e a busca pela qualidade e eficiência destes processos, evidencia-se a interlocução entre o contexto de criação e a sua proximidade elementar com o domínio que lhe deu origem,

eis a razão da busca nos pressupostos expostos por Peter Burke (2004) por possíveis contribuições aos estudos da Organização e Representação do Conhecimento (ORC) direcionados aos álbuns fotográficos, no capítulo “Testemunha Ocular” narrativa e contexto no âmbito dos álbuns fotográficos (Santos, 2023).

Este desafio de cortejar a temática, que envolve a OC e o álbum fotográfico, se apresenta como base para a percepção e compreensão deste material com maior nitidez no âmbito da Análise Conceitual. Um desafio de natureza interdisciplinar, que envolve, entre outras questões, a compreensão e o estabelecimento de uma relação de intimidade com o seu contexto de origem, o mapeamento dos silêncios, bem como os esquecimentos que a narrativa carrega consigo, entre tantas outras questões alocadas no tratamento informacional deste material, visto aqui como possuidor de fronteiras tênues. Entre estas, a da linguagem. Pollak (1989, p. 8) evidencia que a linguagem se estabelece como uma fronteira, que se instala entre o dizível e o indizível, atua no que o autor denomina “memória coletiva subterrânea da sociedade civil”. Esta, por sua vez, possui marcas da consistência do compartilhamento de informações e conhecimentos em uma sociedade, em um determinado contexto, ou dito de outra forma, marcas de um determinado domínio, no qual se instala a compreensão, a coerência e o propósito desta informação.

Há, nesta intersecção de domínio, linguagem e contexto de criação, o mapeamento de informações enriquecedoras a respeito do álbum fotográfico, tais como a origem e a classe social do colecionador, seu propósito, suas relações interpessoais, acadêmicas e sociocultural, ou mesmo a construção de narrativas conceituais e visuais. Para autores como Martins e Moraes (2015), a organização e a representação evocam, nesta fronteira da linguagem, a presença de uma multiplicidade de conceitos e conhecimentos. Estes autores afirmam que se expressar, seja por meio de palavras, símbolos ou mesmo imagens, são processos conectados à organização e representação que estão presentes na humanidade desde sua origem (Martins; Moraes, 2015). Os conceitos, por sua vez, possuem a capacidade de classificar, definir e unir ideias e sentidos, expressar paradigmas e envolvem-se com os aspectos cognitivos, sociocultural, político da linguagem, ou seja, possuem vários pressupostos que os contextualizam e os conectam ao seu domínio de origem (Martins; Moraes, 2015).

A fronteira da linguagem se estabelece como importante, neste contexto, pelo fato de organizar o poder de nomear (Olson, 2002). Organizar um território, uma

classe, uma categorização que reflete valores tidos como relevantes para o domínio, além de promover significados, afirmações, conceitos e conhecimentos.

Visando desenvolver e aprofundar tais discussões, este estudo utiliza-se dos álbuns fotográficos “Álbum de Canudos” do ano de 1897 de Flávio de Barros, que passaram por processos de institucionalização e atualmente estão disponíveis nos portais online: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. No Portal Brasileira Fotográfica (iniciativa criada e mantida pela Fundação Biblioteca Nacional e pelo Instituto Moreira Salles) e no Instituto Moreira Salles. Destaca-se que as análises propostas nesta tese possuem como base estes materiais disponíveis de forma online, bem como os álbuns físicos presentes no acervo do Museu da República (também identificado como Museu do Catete).

Esse álbum fotográfico ambienta-se na Guerra de Canudos (1896–1897), que se caracteriza por ser um dos desafios da nascente Primeira República (1889–1930), um momento marcante no imaginário do país, segundo Muñoz (2021). Um contexto que envolve a abolição da escravatura (1888), problemas sociais que envolvem latifúndios improdutivos, secas, desemprego crônico e uma crise econômica e social.

O conflito armado, que teve na figura do Exército Brasileiro um opositor à existência do arraial (Belo Monte, interior baiano) e de seus membros, que formaram uma comunidade autossuficiente agrupada em torno do líder religioso Antônio Conselheiro (Muñoz, 2021). Os acontecimentos ocorridos neste conflito tiveram, entre suas testemunhas, a figura de Flávio de Barros e sua câmera fotográfica. Este produziu registros imagéticos do evento que posteriormente foram a base de inúmeras ações, entre estas, a produção destes álbuns fotográficos.

Estes registros fotográficos, por serem raros e únicos, deram entrada no acervo do Museu da República em 1966, doados por Otília Piracuruca Blum. Tais materiais passaram por diversos processos dentro desta instituição, sendo que um deles ocorreu em 1997, quando tais álbuns fotográficos foram restaurados e confeccionadas reproduções dos originais pelo Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), no Rio de Janeiro. Tal material atualmente está disponível nas bases de dados das instituições citadas acima.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

Caracterizando o álbum fotográfico como um recurso informacional, Santos (2017) utiliza-se de Silva (2008) para mapear e identificar os elementos embrionários deste documento: o sujeito representado, a fotografia, algum tipo de arquivo e a narrativa. Destaca-se que há nestes quatro elementos outras questões que atuam entrelaçadamente, como a presença da “Classificação Primária”, o colecionismo, a organização e representação do conhecimento desenvolvida pelo colecionador, bem como a construção conceitual. Assim, a criação de álbuns fotográficos possui um processo de busca e coleta de fotografias, legendas, guirlandas, molduras, *passaport* ou mesmo conceitos que, entrelaçados com base na intencionalidade do seu colecionador, formam e estruturam o arquivamento.

O álbum fotográfico, assim, pertence à ordem dos colecionismos, ao mesmo título que as coleções de livros, obras de arte, por exemplo. Pertencem também à ordem das coisas dinâmicas, vivas, que se moldam ao olhar e à narrativa de seu leitor, dependendo do seu tempo e espaço. Mitigar essa presença invisível, porém perceptível do colecionismo e da classificação primária é não acompanhar os caminhos que o seu colecionador mantém com o conhecimento, com o suporte imagético, ou ainda com a memória e os conceitos presentes em seu contexto sociocultural.

A questão da “classificação primária” pressupõe, de pronto, o esclarecimento de que, nesta pesquisa, é percebida a partir de pilares teóricos como Alvarenga (2003) que, ao refletir a respeito dos processos de representação, afirma que tais processos são passíveis de ocorrer em momentos distintos, ou seja, na produção dos registros de conhecimento (primária) e/ou na organização dos sistemas de informações documentais (secundária). Neste entendimento, a classificação primária está alocada no primeiro processo de representação, desenvolvido pelo colecionador.

É importante ressaltar ainda que a reflexão de Alvarenga (2003) se correlaciona a percepção de informação como coisa de Buckland (1991) e a percepção de classificação como “[...] um processo mental habitual ao homem, pois este vive classificando coisas e ideias, ao longo de sua vida, a fim de compreender e conhecer os objetos, fenômenos, entre outros” proposto por Piedade (1977, p. 16). Ressaltam-se também as reflexões de Olson (1999) que percebe a classificação como um objeto de fronteira, pela qual as sociedades podem se encontrar, ou seja, esses “objetos de fronteira” facilitam a cooperação entre mundos sociais.

Destaca-se, a necessidade de se ter em consideração ainda nesta percepção

de “classificação primária” a percepção de Olson (1999), de que há uma função representacional no cerne das classificações, pois estas não são apenas um conjunto de escaninhos para acomodar qualquer coisa que esteja sendo organizada, é também um sistema para representar essas coisas. Assim, é possível inferir que, na visão de Olson (1999), há destaque para o contexto de origem, especificidades culturais presentes nas classificações.

E limitando-se neste momento, a este último pilar referente a composição do entendimento de classificação primária, tem-se a compreensão de que esta congrega conceitos, — tal qual o colecionismo — nesse sentido se faz necessário expor o entendimento de conceito. Para tanto, cita-se Abbagnano (2007, p. 164), que afirma que “O conceito é um conjunto de características que traduzem qualidades próprias e peculiares das coisas, objetos ou pessoas designadas, se faz presente na representação mental das ‘coisas do mundo’”.

Nesse sentido, há o entendimento de que a classificação primária é um processo que possibilita a descrição e a classificação, mais especificamente, a representação de um conhecimento. Assim, por ser um processo mental, há a necessidade de ser localizado e respeitado o seu tempo e espaço, que nos leva por sua vez ao processo de criação. É importante salientar que há pilares teóricos, acima citados, que podem ser estudados de diferentes perspectivas, que de certa forma permitem uma aproximação com as temáticas tão desafiadoras quanto a que se refere a materiais especiais como o álbum fotográfico.

Retomando as questões presentes no álbum fotográfico, Alvarenga (2001, [n.p.]) destaca duas questões relevantes para este estudo: a representação do conhecimento é simbólica e se utiliza das linguagens disponíveis no contexto sociocultural de sua origem, “[...] em nível primário a representação simbólica feita pelos autores, no momento da expressão dos resultados de suas observações metódicas sobre a natureza, utilizando-se das linguagens disponíveis no contexto da produção e comunicação de conhecimentos.”

Neste âmbito, há um destaque para as línguas e o contexto em sua diversidade, bem como para o produtor. Com base nesses elementos, há uma construção linguística e imagética desenvolvida pelo colecionador, que se alinham para formar a narrativa que dialoga com o seu contexto de criação — tempo e espaço, ou seja, o seu domínio. Uma construção que possui, nesses elementos, traços do aspecto sociocultural do seu colecionador e a intencionalidade e sentido de

representar a temática/sujeito.

Neste prisma supracitado, os livros e documentos produzidos pela sociedade são registros do conhecimento humano, formados em sua essência por conceitos. Alvarenga (2001, [n. p.]), afirma que estes se constituem na matéria da qual as classificações são feitas. “Os conceitos podem se referir às coisas concretas e abstratas. Os conceitos e a formação de conceitos são o material para a construção das classificações”. Assim, estes são percebidos como muito caros, à formação de registros do conhecimento, por exemplo. Destaca-se aqui a complexidade que acompanha as combinações de conceitos presentes nos álbuns fotográficos, que podem ser visualizados como uma estruturação semântica de conceitos, uma classificação primária, uma narrativa visual, entre tantas outras presenças que atuam na sua leitura.

Considerando, assim, este processo de identificação de tais elementos relevantes a esta tese, tem-se que destacar a definição da composição dos álbuns, por Armando Silva (2008, p. 18).

[...] o álbum conta histórias, mas não somente sobre fotos, pois a ele são acrescentados outros objetos: cartões, lembretes, recortes de jornal, relíquias e partes do corpo: umbigos de recém-nascidos, gotas de sangue, mechas de cabelo, unhas de mãos e marcas de pés. Em sentido literal, o álbum é um pedaço de nossos corpos.

Nesse sentido, ao se colocar pareados o elemento embrionário “narrativa” com a “classificação primária” e a “coleccionismo” “conceitos”, tem-se uma relação com a fala de Silva (2008, p. 32) que se refere ao álbum fotográfico, como possuidor de

[...] algo inevitável: ele possui uma ordem em que uma foto se encadeia a outra, e, portanto, sua visão produz a figura do ‘salto’ — palavra que parece definir bem esse fenômeno —, tendo em vista que ‘saltar’ de uma foto para outra, para recompor um propósito global. Sua enunciação muda, como o teatro, com cada encenação, com a introdução de uma nova foto que transforma a ordem das já existentes.

Em outras palavras, a classificação primária, assim, institui-se, por exemplo, na ordenação, nos saltos, entre tantos outros mecanismos linguísticos e imagéticos, unidos e estruturados, categorizados pelo colecionador. Tem seu suporte estrutural principalmente por meio da materialidade e perspectivas do colecionismo e dos conceitos, diretamente relacionada ao olhar do colecionador e à sua representação. Neste contexto, há esforços por parte do colecionador, sendo um empreendimento no sentido de se classificar objetos, conceitos, seja em espaços digitais ou físicos, para ser bem-sucedido em sua localização quando dele necessitar.

À vista disso, a importância de tal reconhecimento dos elementos presentes, bem como das contribuições de cada um no álbum fotográfico, demanda esforços, porém provê uma estrutura flexível de análise para a organização e representação deste material. A partir de Alvarenga (2001), destaca-se a importância da compreensão do que está representado, que se estende para além da leitura e repousa no contexto de origem. A representação, por sua vez, se apresenta como um processo mental pelo qual os indivíduos buscam significados (Novo, 2013), ou seja, nas palavras desta autora, “[...] representar significa modelar conceitualmente” (Novo, 2013, p. 116). Neste entendimento, os conceitos estão presentes no processo de fazer, ou mesmo construir algo (Deleuze; Guattari, 2010).

Seguindo tal ideia, no contexto da Organização e Representação do Conhecimento, há processos (classificação, descrição, modelagem conceitual para elaboração dos SOC, catalogação) que se envolvem em compreender, de forma contextualizada e integrada, as estruturas do domínio a ser organizado e representado, incluindo seus conceitos, suas estruturas hierárquicas, suas classificações, seus atores e, principalmente, o contexto sociocultural e político a que ele pertence.

Para Piedade (1977, p. 35), “[...] um conceito é a operação da inteligência por meio da qual se apreendem as características essenciais daquilo que se conhece. É a representação mental do que se sabe, uma ideia, uma coisa, um julgamento, etc.”. Nas atribuições da ORC, os conceitos são fundamentais, ao formarem um conjunto de significações que representam o conteúdo dos documentos a partir de um domínio de conhecimento e da linguagem pertencente a este domínio (Hjørland, 2008).

Desta forma, analisar a representação conceitual em álbuns fotográficos a partir da perspectiva do colecionador evoca questões vinculadas à análise de conceitos, à atribuição de entendimento, ao conhecimento vinculado a determinadas questões sociais, a questões hierárquicas estabelecidas com o significado, bem como às relações destes, enquanto parte integrante de um domínio de conhecimento. Assim, a problemática e conseqüentemente a questão que instiga o desenvolvimento desta pesquisa é: como se dá a Análise Conceitual, a partir de documentos específicos como álbuns fotográficos, sob a ótica do colecionador?

1.1.1 Hipótese e Tese

Analisar a representação conceitual dos álbuns fotográficos, a partir da perspectiva do colecionador, envolve diversas reflexões, entre estas sondar a produção deste registro informacional, como também desenvolver um olhar mais atento à presença da “classificação primária” e seus conceitos, bem como do colecionismo.

Abordar a natureza dos álbuns fotográficos percorre a organização fundamental realizada pelo colecionador e reflete a respeito das escolhas conscientes e influências sociais. Neste enredo, há a presença da linguagem que, em certos aspectos, pode ser observada durante a compreensão como portadora de significados profundos, discursos que se alojam entre o dito e o não-dito. Pollak (1989), em sua análise, afirma que a linguagem se estabelece neste território. A fronteira entre o dizível e o indizível, como destaca o autor, o confessável e o inconfessável. A memória coletiva, nesse sentido exposto por Pollak (1989, p. 08), passa por processos que buscam organizar, criar a imagem que a sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Assim,

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado.

Assim, os álbuns fotográficos de Canudos, por exemplo, possuem em seu cerne uma organização originária, primária, desenvolvida pelo colecionador com toda a sua sedimentação social, com potencial de intervir na memória coletiva. Um poder de escolha do colecionador, de arbítrio na seleção das imagens, da linguagem, por exemplo. Percepções e visões de mundo, representadas por meio das escolhas, como os conceitos e esquecimentos. A este respeito, Pollak (1989, p. 9) afirma que:

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do ‘não-dito’ à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização (Pollak, 1989, p. 9).

Há uma atribuição especial direcionada aos conceitos. Estes fazem parte da construção, por meio de seleção e reflexão, por parte do colecionador. Trazem

consigo todo um aporte do seu contexto, uma carga hierárquica, organizacional, sistematizada, que significa o poder de nomear (Olson, 2002), que direciona a interpretação, mas que também evidencia a multiplicidade sociocultural do produtor, por meio das suas escolhas.

Neste preâmbulo que envolve o colecionador, seu contexto sociocultural (domínio), a “classificação primária” e os seus conceitos, possui uma riqueza informacional que pode situar e enriquecer os processos de ORC, que a partir da sua compreensão pode auxiliar o processo de análise e síntese, buscando assim, o entendimento e as apropriações dos conceitos utilizados e os seus vínculos, ou seja: seu contexto sociocultural e político.

Há em destaque as relações abstratas (conceitos e seus enunciados) ou mesmo estruturais (ordenação, hierarquização das imagens e dos textos) que organizam e estruturam o álbum fotográfico, ou seja, os elementos essenciais presentes na sua produção. O colecionismo, por exemplo, possui aproximações com a classificação, com as relações abstratas ligadas aos conceitos e as inter-relações conectadas à estrutura de criação do álbum fotográfico, tais como a diagramação das páginas, criação da capa ou mesmo sequência das páginas.

A aplicação da análise e compreensão conceitual, buscando o sentido pré-construído em harmonia com o seu domínio de origem, em especial presente na classificação primária desenvolvida pelo colecionador, que em sua narrativa visual construiu elementos que permitem serem identificados os ecos do seu contexto sociocultural, informações e conhecimentos clandestinos, que estão presentes nestas classificações, em suas categorizações.

Enfim, nas escolhas dos conceitos para a composição deste álbum pelo seu colecionador, revelam não apenas as informações oficiais, mas também as não oficiais, que permitem uma ampliação informacional.

Assim, ressalta-se a necessidade de atenção a pontos importantes como a presença da “classificação primária”, do colecionismo, a identificação, seleção e coleta dos elementos que irão fazer parte desta composição, ou mesmo os aspectos a serem considerados durante o desenvolvimento dos instrumentos, processos e produtos para a ORC, bem como a recuperação e acesso à informação. Novo (2013, p. 116) expõe que:

Não existe uma única possibilidade de representação, pois os contextos mudam de acordo com propósitos estabelecidos para cada

momento. A representação é um processo mental pelo qual o indivíduo busca o significado, descrevendo o que deve ser representado e designado, onde a relação sujeito X objeto se estreita para que se possa alcançar a interpretação do mundo a ser representado. Representar significa, em outras palavras, modelar conceitualmente.

Sendo assim, neste processo de ler documentos, apreender o seu sentido, incluindo os imagéticos, como os álbuns fotográficos, visando extrair os conceitos que traduzem a essência do seu conteúdo, está o núcleo da Representação do Conhecimento e pode ser desenvolvida a partir de diversos contextos e domínios, visto que, a Representação do Conhecimento, segundo Novo (2013, p. 117):

[...] prioriza o conteúdo informacional estabelecido por relações conceituais onde encontramos uma interligação com a classificação das ciências e a abordagem terminológica, fundamentada nas apropriações conceituais que os domínios de conhecimento provocam.

Assim, apresentar uma Análise Conceitual a partir da perspectiva do colecionador e dos termos atribuídos ao álbum na instituição, na perspectiva da ORC, possui uma gama de questões que, de certa forma, estão conectadas à sua estrutura de organização do conhecimento. Mapear a presença da “classificação primária”, sua categorização e as construções conceituais derivadas dessas classificações são ações importantes no sentido de se aproximar e identificar o contexto de criação deste documento, “álbum fotográfico”, contribuindo assim, com os processos de abstração, compreensão e síntese.

Isto posto, acredita-se que apresentar uma Análise Conceitual a partir da perspectiva do colecionador possibilita compreender os processos de interação existentes entre o contexto sociocultural, a atividade humana — aqui entendida como a “classificação primária”, e a sua elaboração conceitual, destacando a simbiose destes três elementos e sua contribuição para a sistematização dos processos, produtos e instrumentos da ORC. Neste sentido, podem gerar aprimoramentos e enriquecimentos para o desenvolvimento e o rigor nos processos da ORC de documentos específicos, como os álbuns fotográficos.

Neste cenário, parte-se da hipótese de que é preciso destacar o aspecto intelectual no processo de elaboração do álbum fotográfico, em especial durante o processo complexo de compreensão e representação conceitual deste documento, que deve ser realizado por profissionais da informação, buscando a interpretação mais próxima do sentido e/ou perspectiva pensada pelo colecionador e é neste processo

que o profissional da informação depara-se com a “classificação primária”, as escolhas conceituais realizadas, bem como as marcas do contexto sociocultural do domínio do colecionador.

Em síntese, o processo complexo de compreensão e representação conceitual de documentos como os álbuns fotográficos necessitam se pautar na busca pelo sentido atribuído pelo colecionador durante o processo de criação do álbum, processo que é, como entendido aqui, orientado por aspectos da classificação primária e pelo colecionismo.

1.2 JUSTIFICATIVA

O tema estudado e apresentado nesta tese é fundamentado e alinhado especificamente à Organização e Representação do Conhecimento no âmbito da Ciência da Informação, buscando fomentar discussões que, em seu cerne, possuem a intenção de desenvolver reflexões a respeito dos desafios informacionais relacionados a documentos como os álbuns fotográficos, a classificação, a representação conceitual e o colecionismo.

Partindo do exposto, esta pesquisa promove discussões teóricas, nesse sentido, a relevância desta tese, se estabelece por se dispor a discutir no âmbito da Ciência da Informação, integradamente elementos tão desafiadores, como a Análise Conceitual, classificação primária, colecionismo e o álbum fotográfico. Nessa perspectiva, o álbum fotográfico do Arraial de Canudos, que concentra e exemplifica tal desafio, carrega consigo um tema de certa sensibilidade. Tal fato se deve por este ser um registro do conhecimento, uma representação de um evento histórico que integra um capítulo da História do Brasil, ocorrido durante a Primeira República. Assim, integrar a Ciência da Informação a esta discussão é trazer essa a assumir um lugar na mesa das discussões e reflexões a respeito de um evento tão importante para a sociedade brasileira que inclui, inclusive, percorrer a sua perspectiva de formação como nação.

A partir do seu fazer científico, a CI pode contribuir com a sociedade e com a sua compreensão de fenômenos sociais como este, bem como ampliar o entendimento destes eventos. A CI, assim, não assume o posto de uma simples observadora da realidade por meio do seu atuar, ou seja, o desenvolvimento de processos, produtos e instrumentos desenvolvidos a partir dos conhecimentos

registrados pela sociedade, mas assume um lugar de facilitador, conhecedor e explorador desta realidade. Daí, emana o seu potencial de trazer resultados por meio de processos informacionais que tenham como base a sua compreensão a partir da sua abordagem sociocultural. Aqui, sinaliza-se que se sabe da impossibilidade da compreensão total ou absoluta, mas há o potencial nos estudos da CI de captar, organizar e representar a realidade de forma contextualizada, sob um novo olhar, que analisa elementos específicos transversais que possibilitam a expansão do alcance da compreensão do fato ocorrido que em alguns casos, como este álbum se circunscreve a sua existência e compreensão a poucos registros imagéticos, que representam a Guerra de Canudos, que podem não se revelar de uma só vez, ou seja, pode haver informações clandestinas registradas a respeito de uma luta, não apenas corporal, mas simbólica e informacional.

Partindo deste entendimento do âmbito desta pesquisa, destaca-se que há quatro aspectos relevantes que justificam, particularmente, o desenvolvimento desse estudo: o primeiro dos quatro aspectos se estabelece na relevância acadêmica deste tema, que se aloca no fato de que a execução dessa tese visa fortalecer e contribuir para a linha de pesquisa “Organização e Representação do Conhecimento” do “Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina” (PPGCI/UDEL), enquanto se explorará as fronteiras, em especial aquelas vinculadas à linguagem.

O segundo dos quatro aspectos que justificam o desenvolvimento desta pesquisa está vinculado à área social. A ORC, quando observada a partir do contexto da classificação, possui implicações significativas que se estendem para além da esfera acadêmica. Além de ser percebida como um conceito, a classificação pode ser observada como uma atividade fundamental na organização do conhecimento, ou mesmo um conceito importante em muitos outros campos, incluindo a Biologia e a Filosofia (Hjørland; Gnoli, 2017).

Assim, a abordagem proposta neste trabalho, voltada para o desenvolvimento de conhecimentos no âmbito científico sob a luz dos recursos informacionais imagéticos, em especial a prospecção dos aspectos pessoais e profissionais que fundamentam essa busca, evidenciam a importância das reflexões e da compreensão desses documentos visuais, recursos informacionais ou simplesmente “álbuns fotográficos” em sua diversidade. Autores como Santos, Francisco e Moraes (2023) destacam que cada dia mais o álbum fotográfico adquire uma importância cultural e

histórica, ao ponto de ser frequentemente utilizado como objeto de estudo e fonte de pesquisa, que permite entender a história das pessoas, suas famílias e comunidades, ou mesmo, um instrumento de trabalho.

Para os autores supracitados

[...] quanto mais próximos [...] maior a ocorrência de características e compreensão vinculadas a materialidade, como o seu formato, ornamentações e materiais utilizados na sua produção, da mesma forma que quanto mais contemporâneos são as produções teóricas que destinam parte do seu texto a percepção do conceito álbum este se vincula ao digital, por exemplo, mas há sempre presente os enunciados vinculados a memória, a coleção de imagens fotográficas e a construção da narrativa visual (Santos; Francisco; Moraes, 2023, p. 589).

A relevância neste sentido está atrelada ao uso e ao consumo de imagens pela sociedade. Aqui, evidencia-se algo complexo que está presente na sociedade e vem crescendo ao longo do percurso histórico. Tal questão, além de abranger uma variedade de contextos, como o fato dos smartphones fomentarem um consumo diário, que se estende a fotografias pessoais, artísticas, que muitas vezes são usadas em plataformas como Instagram e Facebook.

Alvarenga (2003, p. 34), que afirma que “Considerando-se que o novo espaço digital tenha se expandido, pode-se dizer [...] que os acervos de objetos digitais, gerados em âmbitos particulares e institucionais, se multiplicaram, tanto no que tange à sua tipologia quanto à sua complexidade”. Há, por exemplo, a visita de obras de arte em museus, bibliotecas ou mesmo galerias virtuais, que em alguns casos disponibilizam o download. Assim, há o compartilhar, o consumir imagens no âmbito digital, que se estende para além de fotografias pessoais e se aloca no sentido dos conteúdos artísticos ou mesmo publicitários que incentivam a leitura e o consumo das imagens.

Tal questão, em parte, está relacionada à crescente entrada destes materiais nos centros de informação, uma presença ampliada e alterada pelas tecnologias. Tornando relevantes os estudos pela ORC que atuam na reflexão deste tema, em busca de soluções para os desafios materializados na perspectiva do tratamento necessário para manter e disponibilizar estas informações.

Dessa forma, este estudo, ajustado a tal questão, almeja contribuir para a produção de conhecimento científico direcionado aos recursos informacionais imagéticos. Uma busca que explora as fronteiras deste documento imagético, que se

apresenta como fonte de pesquisa, ou mesmo instrumento em várias áreas de estudo:

O terceiro e quarto aspectos são a justificativa pessoal e profissional. Traduzidos na formação e qualificação pessoal, na busca por conhecimentos direcionados ao material imagético desde a primeira graduação da pesquisadora em História, perpassando também pela segunda graduação em Arquivologia e que se estende até o momento acadêmico.

1.3 OBJETIVO GERAL

Apresentar uma Análise Conceitual a partir da perspectiva do colecionador e dos termos atribuídos ao álbum nas instituições Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, Portal Brasileira Fotográfica e Instituto Moreira Salles.

1.3.1 Objetivos Específicos

- Discorrer a respeito da Teoria da Classificação e a representação de conceitos;
- Versar a respeito do álbum fotográfico, em especial no âmbito do Colecionismo;
- Identificar conceitos no álbum fotográfico intitulado “Álbum de Canudos — Flávio de Barros”;
- Apresentar uma Análise Conceitual a partir da perspectiva do colecionador e dos termos atribuídos ao álbum na instituição.

1.4 PERCURSO METODOLÓGICO DA TESE

Visando sistematizar o processo de pesquisa, mais especificamente os procedimentos que estruturam metodologicamente esta pesquisa, utiliza-se de Demo (1985) quando o autor afirma que nas Ciências Sociais metodologicamente o objetivo é socialmente condicionado ao contexto ao qual se inter-relaciona. Evidencia-se que há nas pesquisas sociais uma busca por uma compreensão integral, principalmente das relações externas e internas dos seus objetos de análise, ou seja, há uma busca por análises contextualizadas.

Num primeiro momento, podemos deduzir que o objeto das Ciências Sociais é histórico, enquanto o outro é no máximo cronológico. Ser histórico significa caracterizar-se pela situação de 'estar', não de 'ser'. A provisoriedade processual é a marca básica da história, significando que as coisas nunca 'são' definitivamente, mas 'estão' em passagem, em transição. Trata-se do 'vir-a-ser', do processo inacabado e inacabável, que admite sempre aperfeiçoamentos e superações (Demo, 1985, p. 15).

A citação de Demo (1985) propõe que, no âmbito das Ciências Sociais, a abordagem histórica tem vieses mais profundos, relacionados a condições contextuais e processuais e é aqui que se destacam questões relacionadas à linguística como objeto de estudo das Ciências Sociais.

Demo (1985) destaca ainda que mesmo com a subjetividade inerente às questões contextuais, não deve haver falta de rigor na análise nas Ciências Sociais, tampouco reflexões soltas e confusas. Pelo contrário, deve ser um desafio a mais para se apresentar construções científicas ainda mais cuidadosas.

Quando Demo (1985, p. 19) conceitua Metodologia, diz se tratar de:

[...] uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e prática. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos.

A ciência propõe-se, na visão do autor supracitado, a captar e manusear a realidade assim como ela é. A metodologia, partindo desta ideia, desenvolve a preocupação em torno de como chegar a isto (Demo, 1985). Ao se ater ao método, em especial ao método das Ciências Sociais, o referido autor vincula à realidade social na qual aparece o homem como ator. Partindo deste fato, Demo (1985, p. 13) destaca ainda quatro gêneros mais delineados nas pesquisas sociais:

- a. Há pesquisa teórica, dedicada a formular quadros de referência, a estudar teorias, a burilar conceitos;
- b. há pesquisa metodológica, dedicada a indagar por instrumentos, por caminhos, por modos de se fazer ciência, ou a produzir técnicas de tratamento da realidade, ou a discutir abordagens teórico-práticas;
- c. há pesquisa empírica, dedicada a codificar a face mensurável da realidade social;
- d. Há pesquisa prática, voltada para intervir na realidade social, chamada pesquisa participante, avaliação qualitativa, pesquisa-ação, etc.

Seguindo as proposições de Demo (1985) e delineando as etapas dessa pesquisa, infere-se que essa possui natureza básica, considerando a proposição de Prodanov e Freitas (2013, p. 51) de que a pesquisa buscará “[...] gerar conhecimentos

novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista e envolvendo verdades e interesses universais”. Ainda possui a abordagem qualitativa, é tipologicamente exploratória e descritiva com delineamento bibliográfico e documental e usou o método Análise de Conteúdo. A análise categorial definida a *priori* com base em Fujita (2003) com base na identificação e seleção conceitual dos “Álbuns de Canudos” de “Flávio de Barros”. Aqui, destaca-se que são dois álbuns originalmente físicos que estão disponíveis online, nas instituições: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, Portal Brasileira Fotográfica e no Instituto Moreira Salles.

Quanto à abordagem, o delineamento é qualitativo, ao descrever o processo de identificação do tema (Gil, 1985). Sousa e Santos (2020, p. 1397) salienta que, no campo fértil das Ciências Humanas e Sociais, “[...] a pesquisa qualitativa centraliza-se na linguagem e, por assim dizer, tudo que é dito, é dito para alguém em algum lugar, de algum lugar ou para algum lugar”. Vale destacar que a pesquisa qualitativa está imersa no contexto do objeto estudado e traz consigo as preocupações sociais.

Triviños (1987, p. 138) esclarece ainda que na abordagem qualitativa, para além da participação do sujeito como um dos elementos do fazer científico, é fundamental o apoio “[...] em técnicas e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações.”. Neste sentido, para o autor, o método de Análise de Conteúdo pode ser um dos recursos de que o investigador pode lançar mão durante a realização de seus estudos e corrobora com a proposição de que muitas vezes o delineamento quanto a abordagem da pesquisa interfere na escolha de métodos que viabilizam compreender os fenômenos e os sujeitos, para além dos instrumentos e estatísticas.

Já quanto as tipologias, segundo Triviños (1987) os estudos exploratórios possibilitam aumentar as experiências em torno de determinado problema, e os estudos descritivos visam aprofundar o conhecimento em relação a determinada realidade e ambos acolhem os desafios de compreender em profundidade as complexidades e nuances das temáticas aqui trabalhadas (Gil, 1985).

Para Triviños (1987), as pesquisas exploratórias buscam levantar informações acerca de um determinado objeto, e fenômenos delimitando um determinado espaço ou campo de atuação, bem como mapeia as condições de manifestação desse mesmo objeto e fenômenos. Já segundo Gil (1985, p. 28), as pesquisas descritivas: “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis”

Prodanov e Freitas (2013, p. 52) também trazem seu ponto de vista, sobre as pesquisas descritivas, inferindo que acontecem:

[...] quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento.

Corroborando com a proposição supracitada, essa pesquisa assume ainda um delineamento bibliográfico e documental, enquanto para atingir os objetivos propostos foi imprescindível o levantamento por meio de fontes diversas. Gil (1985, p. 44) afirma que as pesquisas com delineamento bibliográfico devem ser “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Já as pesquisas documentais “[...] assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes” (Gil, 1985, p. 45).

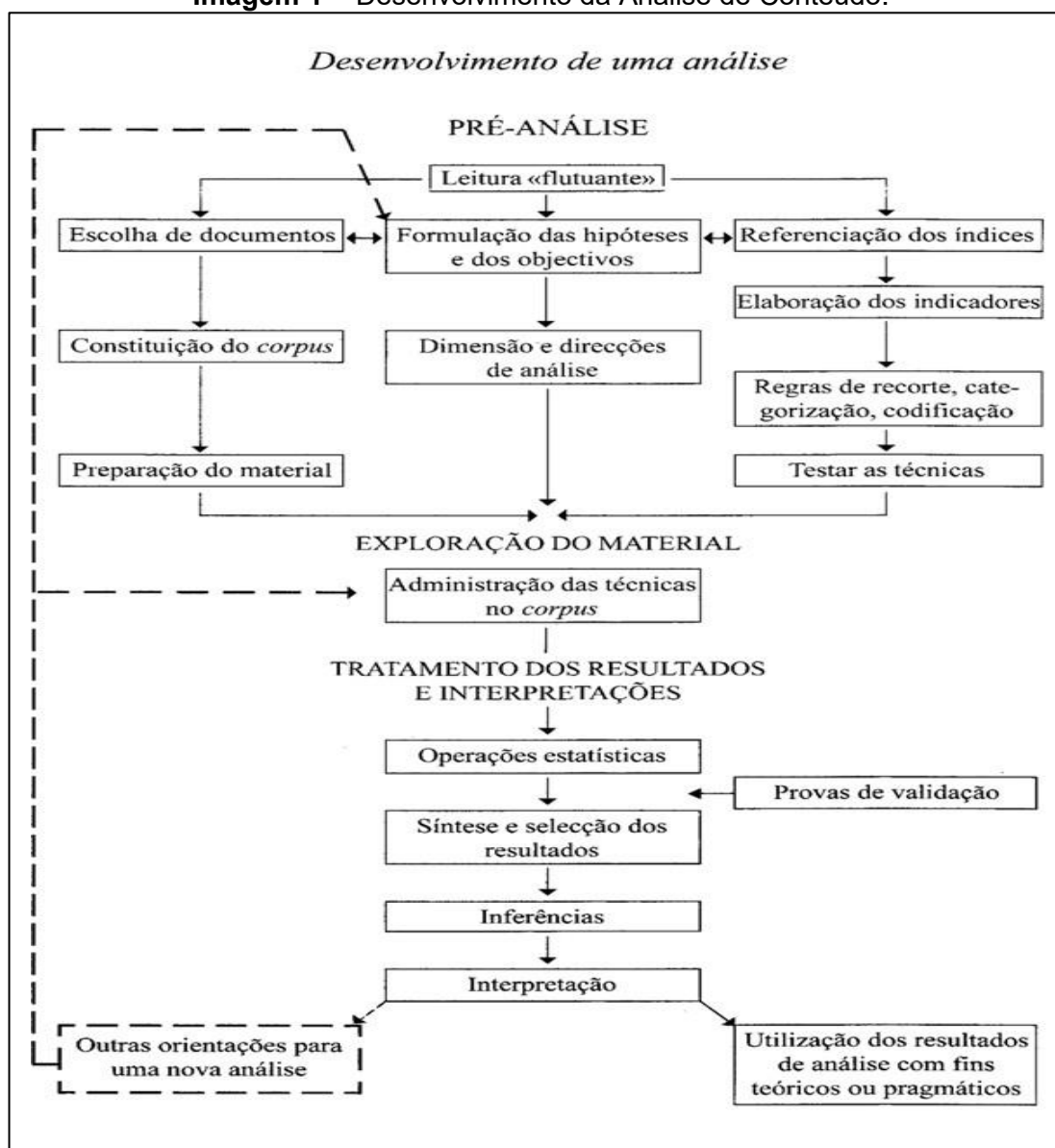
A investigação documental, vista como técnica de investigação, nesta tese se apresenta como base para o exercício de identificação, seleção e leitura de uma gama de materiais como documentos, livros, dicionários, dicionários etimológicos, revistas, entre outros materiais, advindos da visita à Hemeroteca da Biblioteca Nacional, bem como a visita física ao Museu da República, em especial ao Arquivo Histórico e Institucional da instituição, bem como a Biblioteca Nacional (setores: Iconografia, Obras Gerais, Publicações seriadas) que trouxe uma construção de significados e ressignificados.

Bibliograficamente, os descritores empregados foram: “álbuns fotográficos”, “classificação primária”, “álbuns fotográficos and classificação primária”, “Colecionismo” e “Organização e Representação do Conhecimento” nos idiomas inglês, português e espanhol. Não houve delimitação temporal, pois se acredita que tal delimitação traria certa deficiência literária e, conseqüentemente, uma análise dos textos ineficazes. As fontes consultadas foram a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). Dos materiais recuperados, foram analisados o ‘título’, ‘resumo’ e ‘palavras-chave’ da publicação e, quando relevantes para a temática estudada, o material foi analisado na íntegra e incorporado ao referencial teórico dessa pesquisa. Reforça-se ainda que textos clássicos foram incorporados no intuito

de qualificar ainda mais o referencial.

Quanto ao método, empregou-se a Análise de Conteúdo. Este constructo foi desenvolvido meticulosamente, propondo a divisão das análises que serão apresentadas no texto final da tese. O método proposto, representado na imagem 1, pressupõe a construção de conceitos teóricos, estruturas e categorias de análise importantes para esta pesquisa.

Imagem 1 – Desenvolvimento da Análise de Conteúdo.



Fonte: Bardin (1977, p. 102)

Este método nasceu nos Estados Unidos, desenvolvido por Laurence Bardin (1977). O método possui uma inclinação para a exploração dos conteúdos de textos, incluindo aqui os seus mais diversos processos de organização das informações, tais

como: entrevistas, discursos, artigos, bem como abrange documentos textuais, iconográficos e/ou audiovisuais, entre outros.

Bardin (1977, p. 42) define a Análise de Conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Como se pode perceber, os procedimentos sistemáticos inerentes à Análise de Conteúdo possibilitam interpretações e inferências a respeito do objeto analisado. Tal ação possibilita uma compreensão para além das fronteiras textuais. Sousa e Santos (2020), com o intuito de explorar a Análise de Conteúdo em pesquisa qualitativa, revelam ainda que:

[...] Análise de Conteúdo, apoiada em referenciais empíricos, a hipótese levantada é que Análise de Conteúdo contribui para que a descrição e interpretação do conteúdo de pesquisa, submetidas a um processo de sistematização e categorização rigorosa dos dados, conduzam o(a) pesquisador(a) a respostas válidas e confiáveis na pesquisa qualitativa (Sousa; Santos, 2020, p. 1398).

Tal processo rigoroso de sistematização e categorização de dados possui um grande potencial, inclusive para contribuir para a ORC por meio da ampliação da compreensão dos documentos, pela ação interpretativa, ou mesmo pelo enriquecimento da leitura, que se apresenta como um dos objetivos da Análise de Conteúdo que “Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” (Bardin, 1977, p. 14). Dito de outra forma, há nos processos da Análise de Conteúdo a obtenção de respostas válidas e confiáveis que podem ofertar, por exemplo, a interpretação de assuntos em documentos, permitindo a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, contextos de significação, conceitos, leituras, linguagem, recepções desta comunicação.

A Análise de Conteúdo se aproxima do universo da informação, por conta da sua pluralidade, sendo constituída de “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 1977, p. 31). Assim, partindo da afirmação de Bardin (1977, p. 32), “Em última análise, qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de Análise de Conteúdo”.

Quando existe ambiguidade na referenciação do sentido dos elementos codificados, é necessário que se definam unidades de contexto, superiores à unidade de codificação, as quais, embora não tendo sido tomadas em consideração no recenseamento das frequências, permitem, contudo, compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto (Bardin, 1977, p. 36).

Seguindo com os contornos da AC, ela destaca-se por possuir como pressuposto ir além do simples uso de técnicas de análise direcionada às comunicações, por meio de procedimentos sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens registradas por diferentes meios (Bardin, 1977, p. 36).

Sua especificidade, ou seja, a busca por ser uma abordagem detalhada, que busca durante a sua aplicação metodológica extrair significados e compreensões profundos do material analisado a partir da sua contextualização, é que motivaram o uso deste método na referida pesquisa.

Dentre as diversas peculiaridades da Análise de Conteúdo destaca-se a intencionalidade, ou seja, a inferência. “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (Bardin, 1977, p. 38).

O destaque para esta questão se instala no fato de que estas inferências (ou deduções lógicas), como a autora se refere, podem responder a dois tipos de problemas. O primeiro, “O que é que conduziu a um determinado enunciado? Este aspecto diz respeito às causas ou antecedentes da mensagem” (Bardin, 1977, p. 39). E o segundo, “Quais as consequências que um determinado enunciado vai provavelmente provocar? Ou seja, refere-se aos possíveis efeitos das mensagens (por exemplo: os efeitos de uma campanha publicitária, de propaganda)” (Bardin, 1977, p. 39).

Os trechos citados demonstram as implicações da ação de examinar o contexto, no qual são evidenciadas as motivações e fatores que geraram e influenciaram a produção da mensagem.

Buscando transparência e clareza nos procedimentos direcionados à construção e apresentação das concepções desta análise, Bardin (1977) propõe um processo rigoroso que se divide em três fases: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados. Tais fases também são evidenciadas na imagem 2.

Imagem 2 – Fases da Análise de Conteúdo



Fonte: Desenvolvido por Magalhães Júnior e Batista (2021, p. 297) com base em Bardin (2016), Silva e Fossá (2015) e Gaspi e Magalhães Júnior (2020).

A primeira etapa de “pré-análise”, se refere a fase de organização. “Geralmente, esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (Bardin, 1977, p. 95).

Com o intuito de desenvolver a leitura flutuante, esta tese desenvolveu um mapeamento na literatura por materiais que trouxessem um entendimento a respeito de álbum fotográfico, colecionismo, linguagem e “classificação primária”. Este material foi organizado para ser útil a esta pesquisa. Outro destaque se direciona à escolha do álbum fotográfico – “Álbum de Canudos — Flávio de Barros”. Esta análise pode ser observada com mais riqueza de detalhes no tópico 4.

A segunda fase, Bardin (2016), denominada como exploração do material. Magalhães Júnior e Batista (2021, p. 294) com base na referida autora, afirmam que:

Nessa fase, os textos coletados são recortados em unidades de registro e contexto. A unidade de registro trata-se de uma unidade de significação, ou seja, caracteriza-se como o seguimento de conteúdo organizado semanticamente (podendo ser organizado por palavras ou temas, por exemplo) que possibilitam a categorização e a contagem frequencial [...]. Já, as unidades de contexto possibilitam compreender a significação da unidade de registro.

Nos recortes que constituem as unidades de registro, identificam-se as palavras-chave / temas que possibilitam uma primeira análise e categorização.

Aqui, destaca-se que, a partir dos núcleos de sentido, que foram extraídos desses trechos, analisados, torna-se possível, segundo Bardin (1977), a criação das categorias iniciais. Nesse sentido, a partir das “grelhas” eleitas com base nos objetivos da pesquisa, o referencial teórico e a interpretação do pesquisador.

Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas pelo ordenador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas (Bardin, 1977, p. 101).

A operação de codificação e a construção de categorias citados acima na imagem 2 terão como as reflexões de Fujita (2003, p. 64) que faz análises direcionadas a compreensão do conteúdo documento e afirma que “O primeiro estágio, a análise de assunto, razão de nosso estudo por abrigar o processo de leitura” Este processo segundo a referida autora se subdivide em outros três estágios que se apresentam da seguinte forma: “—Compreensão do conteúdo do documento; — Identificação dos conceitos que representam este conteúdo; — E seleção dos conceitos válidos para recuperação” (Fujita, 2003, p. 64).

A terceira etapa dentro desse bojo de evolução e de técnicas de tratamento indicado acima se refere ao tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos («falantes») e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise factorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. Para um maior rigor, estes resultados são submetidos a provas estatísticas, assim como a testes de validação. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (Bardin, 1977, p. 101).

Nesta etapa final, há o desenvolvimento das análises, partindo do alinhamento com o objetivo proposto inicialmente. Esta delimitação, proposta por Bardin (1977), pode ser visualizada no quadro 1, que foi desenvolvido a partir dos objetivos deste relatório de pesquisa.

Quadro 1 – Fases e delineamentos da pesquisa

OBJETIVOS	ETAPA DA PESQUISA	AÇÃO/ TIPO DA PESQUISA	COLETA DE DADOS	MÉTODO PARA O TRATAMENTO DOS DADOS
<p>* Discorrer a respeito da Teoria da Classificação e a representação de conceitos;</p> <p>* Versar a respeito do álbum fotográfico, em especial no âmbito do Colecionismo;</p>	Definição da temática do projeto de pesquisa e preparação da coleta de dados a serem analisados.	Bibliográfica Objetivo: — Obter elementos, necessárias à Caracterização da temática — Mapear a Temática, buscando temas e pesquisas correlatas, que possibilitem ampliar o entendimento e identifica lacunas	Levantamento na literatura disponível. Materiais como: livros, artigos, teses, Dissertações e Anais de eventos da Ciência da Informação. - Locais físicos e digitais — Idioma: Inglês, português e espanhol.	Leitura sistematizada, Identificação e seleção de materiais alinhados à temática, autores referência para a temática: — Colecionismo, — Organização do Conhecimento, Álbuns fotográficos e — Classificação primária.
* Identificar conceitos no álbum fotográfico intitulado “Álbum de Canudos — Flávio de Barros”;	Elaboração e aplicação de Análise de Conteúdo com base nas categorias	Documental e descritiva, respeitando as perspectivas da pesquisa qualitativa.	Processo de análise desenvolvida no “Álbum de Canudos — Flávio de Barros” - Inicialmente de forma virtual e em uma segunda etapa presencial no arquivo institucional do Museu da República e na Biblioteca Nacional	Análise de Conteúdo
*Apresentar uma Análise Conceitual a partir da perspectiva do colecionador e dos termos atribuídos ao álbum na instituição;	Discussão	Documental e descritiva, respeitando as perspectivas da pesquisa qualitativa.	Identificação de conceitos no processo de análise de assunto	Categorias com base em Fujita (2003) — Compreensão do conteúdo do documento; — Identificação dos conceitos que representam este conteúdo; — E seleção dos conceitos válidos para recuperação.

Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2024)

Em síntese ao percurso metodológico descrito, reforça-se que a Análise de Conteúdo possui o potencial de contribuir com a interpretação do conteúdo da investigação científica desenvolvida neste texto. Esta questão tem como pressuposto a pré-análise sucedida pelo processo criterioso de sistematização e categorização dos dados identificados no processo de pré-análise, as quais são por sua vez sucedidos pela análise e resultados. Nesta primeira etapa, houve a identificação de três portais que continham os álbuns fotográficos.

Considerando este material identificado e a tônica do método de classificar os elementos representativos e constitutivos para o desenvolvimento da pesquisa, alicerçou-se como construtor das categorias os três estágios de Fujita (2003) que se apresentam da seguinte forma: estágios “-Compreensão do conteúdo do documento; -Identificação dos conceitos que representam este conteúdo; -E seleção dos conceitos válidos para recuperação” (Fujita, 2003, p. 64). De forma sintética, este processo visou identificar os conceitos mais significativos, consistentes a partir desta Análise Conceitual desenvolvida nos álbuns fotográficos.

Seguindo com a explanação, destaca-se que tais pressupostos de Fujita (2003) se alinham à Análise Conceitual, quando entendida no campo dos processos na Representação Documentária, ou dito de outra forma, sob a ótica da indexação.

Em resumo, a Análise de Conteúdo desenvolvida teve nos princípios de Fujita (2003) uma estrutura metodológica sólida para a interpretação e sistematização dos dados coletados, que se materializam como a identificação dos conceitos de “jagunço” “correligionário” e “conselheiristas”. Que por sua vez possibilitaram a identificação de padrões e tendências relevantes para o desenvolvimento das análises e estudos desenvolvidos na última etapa da Análise de Conteúdo.

É importante ressaltar que a fundamentação teórica de Fujita (2003) percebe a Análise Conceitual, especialmente contextualizada na Representação Documentária e indexação. Essa perspectiva permite uma compreensão mais profunda do conteúdo dos documentos individualizadamente, bem como auxilia na organização, padronização e recuperação dos dados pertinentes à pesquisa nas etapas seguintes.

1.5 ESTRUTURA DE APRESENTAÇÃO DA TESE

Buscando desenvolver esta investigação, este relatório segue a estrutura infracitada, dividida em 5 seções e suas respectivas subseções:

Na primeira seção são apresentadas as bases estruturais desta pesquisa, ou seja, a apresentação da problematização e questão que norteiam e instigam o desenvolvimento deste processo investigativo; é apresentado ainda a hipótese e tese aqui propostos; as justificativas de cunho social, científico, pessoal e profissional para o desenvolvimento desse estudo; o objetivo geral e os objetivos específicos que se almeja cumprir e; a estrutura da tese onde estão sendo apresentados as seções e subseções que a integram.

Ainda nesta primeira seção estão descritos os procedimentos metodológicos, ou seja, o caminho e/ou percurso científico delineado para o desenvolvimento da pesquisa, que perpassam pela natureza da pesquisa — básica; abordagem — qualitativa; tipologia — exploratória e descritiva; delineamento — bibliográfico e documental; método — Análise de Conteúdo; técnicas — análise categorial definida a priori e caracterização do documento que será analisado — “Álbum de Canudos” de “Flávio de Barros”.

A segunda seção apresenta reflexões a respeito da Organização do Conhecimento, Teoria da Classificação e a Representação de Conceitos. Neste capítulo são realizadas reflexões, a respeito da Teoria da Classificação, em especial o ideal de controle do conhecimento, bem como a relação entre a classificação social, filosófica e bibliográfica. Por fim, as questões em relação aos conceitos e à Análise Conceitual.

A terceira seção versa acerca das relações e intersecções entre a construção do álbum fotográfico e o Colecionismo. Este capítulo busca a compreensão do álbum fotográfico intitulado “Álbum de Canudos — Flávio de Barros” com diálogo com o histórico do Arraial de Canudos.

Já a quarta seção apresenta reflexões centradas na apresentação de uma Análise de Conteúdo a partir da perspectiva do colecionador Flávio de Barros e dos termos atribuídos ao álbum nas instituições: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, Portal Brasileira Fotográfica e no Instituto Moreira Salles.

As últimas seções respectivamente apresentam considerações finais do estudo e as Referências.

2 O SERTÃO VAI VIRAR MAR! AS VEREDAS DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO (ORC)

A base teórica da Ciência da Informação, possui em seu percurso teórico uma crescente e extensa produção, mas esta produção não pode ser observada superficialmente, há sob a sua superfície produções, “correntes teóricas”, que possuem novas percepções que por vezes não coadunam com as percepções tradicionais. Mais que inquietações, estas veredas teóricas se inserem no bioma da Organização e Representação do Conhecimento e visam assegurar condições para a eficiência do acesso informacional. Trazem consigo novos olhares para os estudos desta área, novos caminhos, ou mesmo respostas para novos desafios, bem como reforçam a efetividade das perspectivas anteriores, enfim um refrescamento para as efervescências informacionais que a sociedade vive.

Destaca-se que, mesmo vistas de formas distintas, ou mesmo complementares, as perspectivas “[...] não são necessariamente excludentes e auxiliam na compreensão epistemológica deste espaço científico que, embora ‘jovem’, já não se encontra mais em seu estado embrionário” (Sales, 2015, p. 75). O pertencimento da Organização do Conhecimento à Ciência da Informação, se apresenta como um exemplo desta questão. Sales (2015) disserta a respeito deste olhar de desprendimento da Organização do Conhecimento (OC) com relação à Ciência da Informação (CI).

[...] outras definições [que] parecem afastar essa relação de pertencimento, onde a organização do conhecimento não figuraria como algo dentro da Ciência da Informação. Talvez, os casos mais explícitos em que a organização do conhecimento não pertença necessariamente à Ciência da Informação sejam encontrados em Dahlberg (1993, 1995, 2006, 2014) [...] (Sales, 2015, p. 74).

Nesse sentido, a Sociedade Brasileira para Organização do Conhecimento (ISKO-Brasil) que se define como “[...] uma associação de âmbito nacional com o objetivo de apoiar o desenvolvimento científico, cultural e educacional na área de Organização do Conhecimento” se apresenta como um domínio, que possui tal percepção e os seus objetivos possuem estes delineamentos

- Promover a pesquisa, o desenvolvimento e aplicações de sistemas de organização do conhecimento a partir da reflexão sobre os aspectos filosóficos e semânticos a eles inerentes
- Viabilizar meios de comunicação para a área de Organização do Conhecimento no Brasil

- Funcionar como uma rede de informação fomentando a interlocução entre instituições nacionais e internacionais voltadas às questões relacionadas à organização conceitual e à dinâmica do conhecimento
- Congregar pesquisadores e profissionais interessados na área de Organização do Conhecimento (ISKO, 2024, [n. p.]).

Como pode ser observado acima, há um destaque para as questões ligadas à organização conceitual e à dinâmica do conhecimento, bem como a área de Organização do Conhecimento. Seguindo com esta indicação de diferentes visões, há certa necessidade de expor, que este estudo, mesmo ao buscar em outros autores por suportes teóricos, caracteriza-se por ser pertencente à perspectiva que aborda a OC como um subcampo investigativo pertencente à Ciência da Informação. Nesta perspectiva, têm-se os grupos de trabalhos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB) que podem ser utilizados como baliza.

A ANCIB possui a finalidade de acompanhar e estimular as atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. “Desde sua criação, tem se projetado, no país e fora dele, como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação”. Essa declaração, espelha-se na ementa do GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento, no qual os seus objetivos são declarados em sua ementa

Ementa: Estudo das teorias, metodologias, políticas, instrumentos, processos e produtos da organização e representação do conhecimento, descrição, recuperação e acesso à informação, nas suas dimensões epistemológicas, aplicadas e sócio-culturais, a partir das perspectivas terminológicas e tecnológicas em ambientes informacionais (ANCIB, 2024, [n. p.]).

Neste sentido, tem-se destaque, entre outras questões nesta ementa, a presença de alguns ponto-chaves, como a dimensão sociocultural, percebida como influência para a Organização e Representação do Conhecimento. Uma declaração, proferida enquanto uma associação científica da área da Ciência da Informação, possui relevância, ao evidenciar não só o que o grupo de pesquisa entende por ORC, mas também demarca os caminhos das reflexões e concepções no que se refere a Organização e Representação do Conhecimento no que concerne ao âmbito nacional. Destaca-se que esse olhar sociocultural, amplia as possibilidades de crítica a uma OC que não respeita a perspectiva ética, ou mesmo ausência de representações que

considerem a diversidade cultural, bem como os seus contextos.

Há, desta forma, possibilidades, que trazem em seu bojo novas necessidades de interações com outras áreas do conhecimento que possam corroborar com a construção de diretrizes que contemplem tais questões. Na esteira desse raciocínio, busca-se bases nos aportes teóricos de Hjørland (2008) e Sales (2015, p. 76) que afirmam que “[...] no início do século XXI, Hjørland (2008) trouxe ao debate da OC a distinção entre a organização cognitiva do conhecimento e a organização social do conhecimento”. Assim, Sales (2015), evidencia que perspectiva cognitiva, se tratar da Organização do Conhecimento que é “[...] abordada especialmente pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação, cujo foco recaía nos estudos atinentes aos processos e às construções instrumentais de OC, tais como descrição de documentos, classificação e indexação” (Sales, 2015, p. 76).

Já, do ponto de vista de Hjørland (2008) a organização social do conhecimento busca por uma qualidade dos processos relacionados a Organização do Conhecimento, como também dos Sistemas de Organização do Conhecimento, uma ação que tem em seu cerne influências filosóficas e sociológicas e uma preocupação com questões contextuais devido ao seu entendimento de que o “[...] conhecimento é socialmente organizado e como a realidade é organizada” (Hjørland, 2008). Desta forma, há em suas percepções a prerrogativa de interpretação e mapeamento das relações sociais nas quais o homem está inserido, pois estas estão, no seu entendimento, na base dos processos relacionados ao conhecimento, ou seja, construção, análise e a organização.

2.1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES: AS VEREDAS DA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO (ORC)

Hjørland (2008), em suas reflexões, visa expandir suas contribuições teóricas, sua abordagem colabora para o pensar, o refletir profundamente e contextualizadamente o conhecimento produzido pela sociedade. Este pensamento, tem em seu cerne, o intuito de se aproximar das complexidades que envolve o homem, suas relações sociais, que na visão deste autor são relevantes para o desenvolvimento dos processos de construção, análise, bem como na Organização do Conhecimento, pois a partir desta visão, o conhecimento é gerado e percebido por um determinado grupo, com suas características. Tem-se nos pensamentos de

Hjørland (2008) a exposição do fato de que, o aporte das abordagens anteriores gerou críticas direcionadas para

Os profissionais [que] frequentemente se concentram na aplicação de novas tecnologias e padrões, e podem não ter visto seu trabalho como envolvendo interpretação e análise de significado. É por isso que a classificação da biblioteca tem sido criticada por falta de conteúdo intelectual substantivo. As atividades tradicionais baseadas em humanos são cada vez mais desafiadas por técnicas de recuperação baseadas em computadores. É apropriado investigar as contribuições relativas de diferentes abordagens; os desafios atuais tornam imperativo reconsiderar esse entendimento (Hjørland, 2008, p. 86, tradução nossa).

Em resumo, Hjørland (2008) destaca a necessidade de uma abordagem equilibrada que busca uma interpretação e análise de significados. Há uma crítica por parte deste autor, que sugere uma abordagem que não se detenha exclusivamente nas tecnologias e padrões. Buscando avançar com base em uma clareza teórica, Hjørland (2008) classifica e expõe diferentes abordagens para OC. Este autor evidencia assim, a existência de diferentes abordagens históricas e teóricas no percurso histórico da OC, tais abordagens estão relacionadas, segundo Hjørland (2008), as diferentes visões de conhecimento, cognição, linguagem e organização social.

Assim, o autor expõe em suas reflexões a sequência: a abordagem tradicional, a abordagem analítica facetada (fundada por Ranganathan), as vinculadas a tradição de recuperação da informação (RI) que possui sua origem nos anos 1950, que são seguidas pelas visões cognitivas e orientadas para o usuário contextualizadas nos anos 1970. Já nos anos de 1963 têm-se as abordagens bibliométricas, segundo o autor. Já na década de 1990 tem-se a abordagem analítica de domínio (formulada pela primeira vez por volta de 1994). Por fim, o referido autor expõe em conjunto a existência de outras abordagens (semióticas, 'crítico-hermenêuticas', discursivo-analíticas e abordagens baseadas em gênero). (Hjørland, 2008).

Uma afirmação central identificada em Hjørland (2008) é haver uma necessidade de se buscar novos horizontes teóricos, perspectivas mais amplas. Uma abordagem interdisciplinar do conhecimento, por meio de diálogos com outras disciplinas. Nesse sentido, há por parte deste autor a criação de uma nova abordagem, uma nova perspectiva que incorpora aspectos sociológicos e epistemológicos. Aqui, como um exemplo, fruto deste pensamento deste autor, tem-se a Análise de Domínio. Uma abordagem que possui um ponto de vista sociológico-

epistemológico. Assim, por exemplo, uma ação de indexação com esta perspectiva, segundo Hjørland (2008), precisa considerar os usuários e os propósitos desta ação, ou seja, uma não neutralidade. A partir das palavras do autor, entende-se que uma descrição nunca é objetiva ou neutra.

Estruturada em questões sociais, bem como em aspectos epistemológicos relacionados ao conhecimento e à informação, a Análise de Domínio, sob o olhar histórico conceitual, segundo Guimarães (2014):

O conceito de Análise de Domínio foi utilizado, inicialmente, por Neighbors, em 1980, na área de ciência da computação, no intuito de identificar elementos (operações, objetos e as relações deles decorrentes) que especialistas de dado domínio consideraram como significativos para suas atividades (Kerr, 2003 *apud* Guimarães, 2014, p. 16).

Na Ciência da Informação, segundo este autor, a Análise de Domínio possui, na figura de Hjørland e Albrechtsen (1995), seus precursores. Tais autores perceberam na Análise de Domínio como “[...] uma nova perspectiva de abordagem para a investigação na área, cuja ênfase recai primordialmente no contexto (perspectiva sociológica) e menos no indivíduo (perspectiva cognitivista)” (Guimarães, 2014, p. 16). Desta forma, ampliando o entendimento desta questão, tem-se que destacar que “A abordagem teórico-metodológica da Análise de Domínio, especificamente nos estudos relacionados a Ciência da Informação, tem como um de seus objetivos, auxiliar no processo de pesquisa e construção de instrumentos para a organização do conhecimento.” (Freitas, Albuquerque, 2017, p. 02).

Assim, sintetizando os autores acima citados (Guimarães, 2014; Hjørland; Albrechtsen, 1995, Freitas, Albuquerque, 2017) a Análise de Domínio pode se envolver e considerar para as suas análises, as circunstâncias, que estão alocadas nas esferas históricas, linguísticas, culturais, enfim, o contexto social das comunidades discursivas, como afirma o autor supracitado. Fechando este exemplo, temos Hjørland (2002, p. 258, tradução nossa) que afirma:

Um ponto central na minha abordagem é a afirmação de que as ferramentas, conceitos, significado, estruturas de informação, necessidades e critérios de relevância são moldados em comunidades discursivas, por exemplo, em disciplinas científicas, que são partes da divisão do trabalho da sociedade. Uma comunidade discursiva sendo uma comunidade na qual ocorre um processo de comunicação ordenado e limitado.

Esta abordagem, segundo Hjørland (2002), muda o foco dos indivíduos ou

computadores para o mundo social, cultural e científico. No que concerne à OC, Hjørland (2002, p. 287) destaca algo relevante em relação a esta abordagem epistemológica. Para o autor, esta é necessária e destaca que os “[...] ‘modelos mentais’ são produtos históricos, culturais e sociais. Isto representa uma grande revolução em comparação com as ‘visões cognitivas’ tradicionais na Ciência da Informação”. Esta visão contextual, direcionada a uma Organização do Conhecimento fundamentada e apoiada nestes pressupostos teóricos, possui possibilidades de atender aos novos desafios informacionais, sejam estes físicos ou digitais.

Partindo do exposto a respeito da Organização e Representação do Conhecimento (ORC) e a presença de diferentes perspectivas, bem como novas abordagens, que buscam conexão com a organização social do conhecimento, bem como, com o contexto sociocultural, expõem-se que tais questões se reverberam, em diversos autores no âmbito da Ciência da Informação, que buscam alargar as fronteiras da CI, ora acompanhando suas reflexões, ora as refutando, ou mesmo o próprio Hjørland, que até os dias atuais, revisita suas reflexões, desenvolve uma ORC com novas preocupações, que envolvem o contexto cultural, a gênese documental, bem como as questões interdisciplinares, contextuais que se estabelecem com as questões linguísticas e tecnológicas.

Há, nesta etapa das reflexões relacionadas à ORC, a necessidade de trazer as reflexões referente a algo elementar a esta discussão: a prerrogativa da existência da informação, em especial a sua “atuação nos estoques de informação” (Moreira, 2018). Moreira (2018, p. 22) percebe a prerrogativa da existência da informação, bem como a sua codificação, como “[...] num sistema significativa socialmente aceito e compartilhado, pois de outro modo, não seria reconhecível”. Nesse contexto, o autor citado, destaca a importância dos registros, e sua estreita relação com a sociedade, seja ele em qualquer formato. Assim, preservada ao longo do tempo, seja pelo formato tradicional ou digital, a informação se apresenta como condição fundamental para a sociedade.

Nessa acepção, o registro é requerido como condição para a informação permanecer no tempo e no espaço. Quer esteja em seu formato tradicional ou digital, o registro, conforme indicam os autores, é condição necessária ao contorno mais operacional da área e para a socialização dos ‘estoques de informação’ (Moreira, 2018, p. 22).

Nesse cenário exposto por Moreira (2018, p. 23), os sistemas de informação documentária estão imersos no que este nomeia a partir de Barité (2000) como

“situações sociais de conhecimento”. Assim, pode-se falar do conhecimento como “[...] algo passível de organização e representação. A construção do conhecimento é um fenômeno individual, mas seu resultado, que também é chamado de “conhecimento”, pode ser socializado” (Moreira, 2018, p. 23).

Nesse sentido, o registro informacional possui algumas questões interessantes, como o lugar que ocupa na questão da criação de novos conhecimentos, visto por alguns autores como um ciclo. Em sua fala, Dahlberg (1993) desenvolve suas reflexões em torno da informação, que, segundo esta autora, é informação ordenada e assimilada. O destaque se instala em sua fala direcionada ao que a autora nomeia como “Conhecimento em Ação”. Para Dahlberg (1993), vivemos em uma sociedade dominada por informações, que demanda ordenação e organização para se tornar conhecimento disponível. Há, desta forma, na perspectiva, a existência de um ciclo – conhecimento – informação – conhecimento.

Bocato e Gracioso (2011, p. 38) afirmam, nesse sentido, que “[...] o objeto de estudo da Organização do Conhecimento é o conhecimento em ação”, teoria apresentada por Dahlberg (1993). Esta autora expõe que, no contexto da Organização do Conhecimento:

[...] suportes impressos e eletrônicos — e difundido para o uso potencial de outros indivíduos, transformando-se informação como subsídio a criação de novo conhecimento num ciclo – conhecimento — informação — conhecimento, que se constitui num processo contínuo em que o conhecimento atua como pressuposto e consequência do processo, uma vez seu modo de produção e seu uso-organização e recuperação se apresentam como objeto de estudo, isto é, o ‘conhecimento em ação’ (Bocato, 2011, p. 11).

Na fala de Bocato (2011), tem-se um destaque especial, para os suportes, sejam impressos ou eletrônicos. Esta questão, segundo Bocato (2011), demanda um olhar para a produção contemporânea, uso e organização e recuperação. Aqui há um espaço para os novos ambientes digitais, que podem ser exemplificados por portais, bancos de dados que estão alocados no mundo virtual. Estes locais na atualidade trazem consigo novos desafios para a OC.

Assim, com esta perspectiva de Bocato (2011), estes ambientes virtuais, acolhem o conhecimento registrado e socializado, nos quais há uma atuação da organização e representação, que gera a possibilidade destes registros — que por vezes são criados em espaços físicos-, de serem incluídos neste ciclo e gerar novos conhecimentos, novos olhares, novos questionamentos, novas leituras, enfim nova

visibilidade que estes ambientes virtuais proporcionam.

Cervantes (2009, p. 19) contempla esta discussão proposta por Dahlberg (1993), afirmando que o objeto investigativo da Organização do Conhecimento reside no “conhecimento em ação”, “[...], ou seja, algo acerca do qual existe consenso social, um conhecimento registrado e socializado, cuja organização e representação desenvolvidas de modo que, a partir dele, possa ser gerado novo conhecimento”.

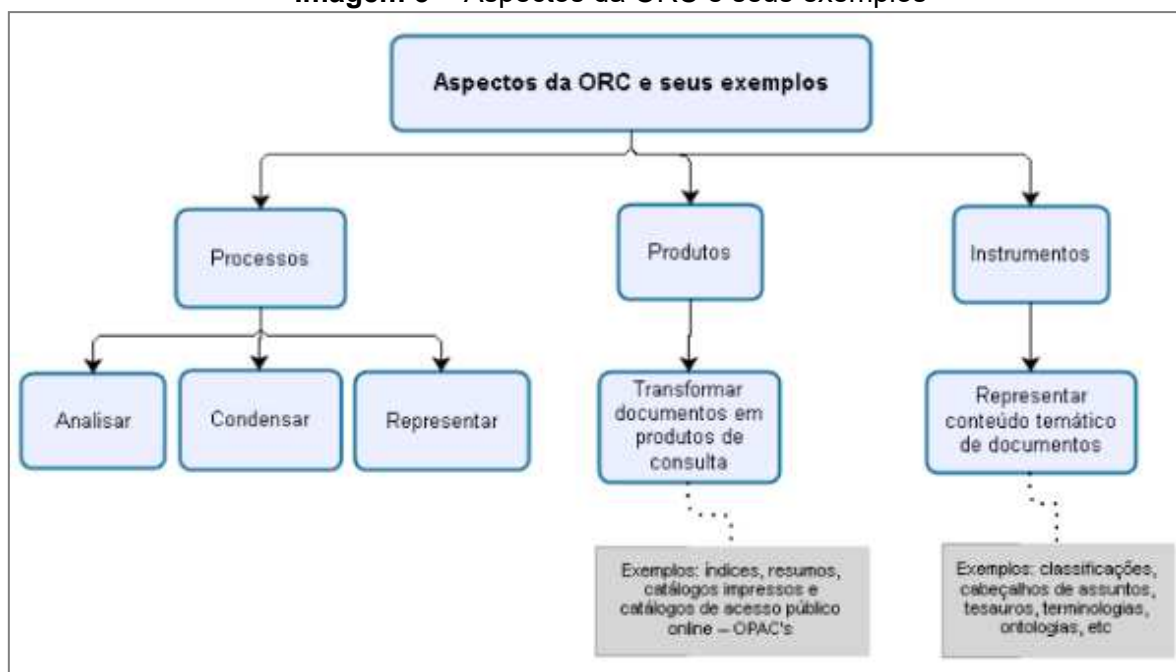
É importante ressaltar que nesta esteira de raciocínio há o fato que, nos processos da OC, existe uma complexidade de eventos, reflexões ou mesmo a compreensão de questões já mapeadas, mas agora revisitadas devido a novas inquietações teóricas por parte dos seus pesquisadores, trazidas pelo fato de que houve um ganho de espaço pelos documentos iconográficos, audiovisuais, hemerográficos, micrográficos, cartográficos ou mesmo sonoros, que coabitam os espaços institucionais com os documentos textuais. Além, é claro, de uma significativa diversificação entre os impressos e os digitais, ou seja, as inovações tecnológicas.

Destaca-se que, ao longo dos tempos, a humanidade em sua diversidade de culturas produziu e registrou uma multiplicidade de conhecimentos que são exemplos desta questão do “Conhecimento em Ação”. Conhecimentos entendidos como relevantes e, por consequência, foram sendo transmitidos às novas gerações, principalmente de forma oral, textual ou mesmo imagética. “[...] o ser humano utiliza diversos recursos para simbolizar a realidade que o circunda. Ao produzir pinturas rupestres, o homem pré-histórico desenhava figuras que retratavam práticas do seu cotidiano” (Lima; Alvares, 2012, p. 21). Diferenças à parte, cada registro informacional tem entre as suas necessidades a preservação, a Organização e a Representação do Conhecimento para que, posteriormente, possam gerar novos conhecimentos, em especial após os processos institucionais desenvolvidos nos centros de informação.

Ainda buscando desenvolver reflexões relacionadas à ORC, destaca-se que o conceito de Organização e Representação do Conhecimento, possui em seu bojo a existência, da Organização do Conhecimento e a Representação do Conhecimento. Estes dois conceitos são, na visão de Fujita (2008, p. 12), geradores de duas atividades principais, ou seja, a organização e a representação. “Dessas atividades em torno do Conhecimento resultam instrumentos, processos e produtos, como facetas que vão se interpondo, para terem uso por outras áreas de conhecimento em ambientes institucionais” (Fujita, 2008, p. 12).

Na imagem 3, Calheiros e Cervantes (2017) demonstram com clareza os aspectos da ORC:

Imagem 3 – Aspectos da ORC e seus exemplos



Fonte: Calheiros e Cervantes (2017, [n. p.]).

Como pode ser visualizado acima, há uma presença nos processos (analisar, condensar e representar), produtos (índices, resumos, entre outros) e instrumentos (classificações, tesouros, entre outros) da linguagem nos aspectos da ORC. Há, neste ponto, uma necessidade de vincular as questões linguísticas, terminológicas, aos processos, produtos e instrumentos da ORC. Face a isto, destaca-se a importância e as funções desempenhadas pelas linguagens na ORC.

No que concerne à representação do conhecimento, Gomes (2009, 2017) ressalta que, esta é fundamental para haver o compartilhamento e acesso ao longo do tempo. Enfatiza-se nesse sentido, a partir do exposto acima pela autora, o fato que organização bem como a representação do conhecimento não se limita apenas ao acesso, mas também percorre a análise e a estruturação dos conhecimentos disponíveis que podem ser pensadas e desenvolvidas de várias perspectivas.

A representação do conhecimento possui características que podem ser entendidas a partir da definição de Alvarenga (2003), ou seja, um “[...] ato de colocar algo no lugar de”. Desta forma tem-se o fato que essa autora percebe a existência de processos de representação, que ocorrem em momentos distintos: na produção dos registros de conhecimento, na organização dos sistemas de informações

documentais, aqui depara-se com os elementos citados acima, no que concerne a “Conhecimento em Ação”, em sua especificidade a representação do conhecimento.

[...] classifica-se em nível primário a representação feita pelos autores no momento da expressão dos resultados de seus pensamentos, estes derivados de observações metódicas da natureza e dos fatos sociais, utilizando-se das linguagens disponíveis no contexto da produção e comunicação de conhecimentos. Nesse nível de representação, as línguas dos diversos povos e das especialidades (campos de conhecimento) desempenham papel primordial, incluindo-se também nesse instrumental outros símbolos icônicos e sonoros (Alvarenga, 2003, p. 20).

Assim, a representação primária evidenciada pela autora, que ocorre na produção dos registros de conhecimento, percorre os conhecimentos prévios, há uma carga sociocultural, contextual (aqui há o destaque para a linguagem), que influencia a constituição desta representação, o seu armazenamento e conseqüentemente a recuperação desta informação. A partir desta percepção, tem-se o entendimento de que a produção dos registros de conhecimento está conectada à organização e à representação do conhecimento desenvolvida nas instituições informacionais (conhecimento em ação). Nesta perspectiva, além de olhar para como estes registros informacionais são gerados, há de se observar as categorias socioculturais que estão organizadas, os ideais e direcionamentos desta comunicação, sendo importante perceber a presença de conceitos, classificações, critérios, entre outras questões que se vinculam a abordagem adotada.

Assim, nas palavras de Alvarenga (2003, p. 21) tem-se que após serem produzidos, os registros de conhecimentos constantes de documentos passam a “[...] integrar acervos de arquivos, bibliotecas, serviços ou centros de documentação/informações, sendo então novamente representados (representação secundária), visando-se à sua inclusão em sistemas documentais referenciais” E no que se refere à representação secundária, há a de armazenagem nos sistemas de informações.

Nesse sentido, no processo de tratamento ou processamento dos registros de conhecimento para fins de armazenagem nos sistemas de informação, é requerido um novo estágio de representação, desta vez partindo-se não do ser ontológico em si, mas do conhecimento sobre o ser, expresso em documentos. Esta seria uma representação secundária (Alvarenga, 2003, p. 22).

Assim, a Representação do Conhecimento, se apresenta como um conceito muito complexo e extenso por cobrir uma variedade de questões. A este pensamento,

tem-se que vincular a perspectiva de Gomes (2009, 2017), que revela o fato que “Os tempos mudam, mas a necessidade de organizar para facilitar o acesso e o uso da informação permanece. Mas não se trata do simples uso e acesso; trata-se de organizar o conhecimento disponível: memória e saber andam juntos”.

Há a necessidade de se destacar que, com o passar do tempo, houve a crescente necessidade de criação de novas ferramentas, processos, produtos, metodologias, abordagens visando o acesso aos crescentes registros do conhecimento. Dentre estas questões estão a seleção, a aquisição, a catalogação, a classificação, e a indexação. Alvarenga (2003) evidencia que as alterações tecnológicas provocaram mudanças culturais, sociais que trazem reflexos, inclusive na área científica. Assim, o conhecimento registrado passou por uma ampliação, gerando novas necessidades de organizá-los, de torná-los acessíveis e de conservá-los.

No desempenho profissional do tratamento e organização de informação, visando-se à intermediação entre documentos e usuários, arquivistas, bibliotecários, museólogos e demais profissionais da informação desenvolvem desse modo diferentes tipos de representações, envolvendo a substituição da informação primária por registros específicos a ela relativos, com vistas a uma recuperação posterior (Alvarenga, 2003, p. 23).

Destacam-se os catálogos, as bases de dados, classificações, vocabulários controlados, enfim, todos os elementos que compõem os sistemas e serviços de informação documental, que têm como base a informação primária, registrada. Nesse sentido, salienta-se a existência de várias possibilidades que circundam a classificação, em sua interconexão com os registros do conhecimento, criam sistemas artificiais, que permitem a organização, estruturação e representação. “As informações nesse tipo de representação compreendem compactações que tentam descrever as características do documento, refletindo sua origem e conteúdo, facilitando sua recuperação” (Alvarenga, 2003, p. 23).

Nas palavras da autora acima citada, tem-se em meio a esta construção dos repositórios a presença da interpretação do documento original, o registro desenvolvido pelo produtor, que desencadeia um processo de análise, descrição, que percorre a sua origem visando “[...] a condensação de seu conteúdo, a partir dos conceitos nele contidos, contemplando da forma mais perfeita possível a sua essência conceitual” (Alvarenga, 2003, p. 23). Nesse cenário, a representação é percebida como uma forma de substituição do documento original, facilitando, assim, a sua

recuperação. Essa representação, se materializa nos processos de classificação, bem como em palavras-chave, ou mesmo em metadados, enfim, conceitos que identificam e possibilitam o acesso ao documento original.

Nesse sentido, a representação seria um substituto do documento armazenado no sistema, para possibilitar sua recuperação. Nesse processo de representação, o documento, ou um conjunto de documentos, pode ser substituído por um conjunto condensado de informações, a fim de que se torne possível sua localização e uso pelos usuários (Alvarenga, 2003, p. 23).

Este processo que envolve a recepção e tratamento do conhecimento registrado, com o intuito de preservação e acesso, constitui-se, na perspectiva desta autora, um percurso complicado, ou seja, se apresenta como uma tentativa de classificar os seres, as coisas, bem como os textos, pois, “[...] as coisas e os conhecimentos que lhe são correspondentes não se reduzem ao que deles pode ser visto explicitamente” (Alvarenga, 2003, p. 23). Este processo percorre várias ações como compreender, interpretar, classificar ou mesmo representar. Aqui destaca-se a necessidade destas ações possuírem clareza, ter como base a contextualização e um forte vínculo com aqueles que a tenham produzido.

Assim sendo, ao tentar classificar objetos, seres ou ideias registradas em conhecimentos, não é suficiente que se captem superfícies de emergência, essências, características, ou que se considerem nos documentos apenas as unidades lexicais (palavras) deles constantes. Torna-se necessário que se aprofunde no conhecimento das relações entre as similitudes e diferenças entre conhecimentos e objetos integrantes de uma coleção (Alvarenga, 2003, p. 23).

Nesse sentido de representação em simbiose com a classificação, Mai (2010, p. 632) afirma que “[...] devemos, da mesma forma, lembrar que uma classe, e uma classificação, não é apenas algo que representa algo; uma classe deve e pode ser interpretada”. Nesta perspectiva, segundo o autor, a classificação é mais do que simplesmente combinar um item com uma determinada classe, necessita de uma análise, do objeto (físico ou não) da classe e de suas relações. Desta forma, pode-se afirmar que as classificações “[...] na superfície podem parecer inocentes e perfeitamente corretas, mas que em inspeções minuciosas todas as classificações revelam consequências e suposições sobre o mundo (Mai, 2010, p. 627). Em destaque nesta fala, os pressupostos implícitos na estruturação das classificações.

Olson (2002) em suas reflexões a respeito das classificações, afirma que estas podem ser “objetos de fronteira” que facilitam a cooperação entre mundos

sociais. O destaque é a percepção desta autora a respeito da existência de contextos sociais implícitos, bem como um padrão lógico utilizado durante o desenvolvimento da classificação, assim, há uma ligação entre lógica e sociedade (Olson, 2002). Aqui, destaca-se que esta questão se apresenta tanto no que se refere a classificação primária, quando na classificação secundária desenvolvida nas instituições.

Este padrão lógico dessas estruturas, tal como o mapeamento das fontes genealógicas (aqui entendidos como contextos socioculturais) são essenciais, ou dito de outra forma, são fatores que constituem um conjunto de significados no que concerne às classificações.

Vale-se do raciocínio de Moreira (2018) que em suas análises coloca em discussão a classificação, em perspectiva a sua arbitrariedade, “[...] porque representa não uma verdade universal, mas um modo de organização, um ponto de vista, já que a ordem das coisas em si mesmas é inacessível [...]” (Moreira, 2018, p. 67). A partir da fala deste autor, a “classificação primária” pode ser observada como uma ação racional, na qual são estabelecidas relações como; agrupar, classificar, organizar, ordenar elementos imagéticos nos casos dos álbuns fotográficos-fotografias, postais, gravuras entre outros, textuais (legendas) e estruturais (guirlandas, cantoneiras, cabelos, unhas, pedras preciosas, páginas, elementos ornamentais entre outros), que são selecionados previamente pelos preceitos do colecionismo e que se relacionam entre si racionalmente, dentro de cada página, ou com a estrutura total da classificação, para tornar materializado um conhecimento e inserir este no ciclo do “conhecimento em ação” (conhecimento-informação-conhecimento).

Dentro destas questões, podemos relacionar que esta classificação primária, pode ser observada pelo viés “arbitrário”. Nesse sentido, Moreira (2018, p. 67) define a palavra “arbitrário”:

1. Que depende do arbítrio ou vontade de quem decide; que não tem regras estabelecidas (medidas arbitrárias);
2. Que segue a sua vontade, sem consideração pela opinião ou necessidade dos outros; DESPÓTICO;
3. Não necessário nem obrigatório; FACULTATIVO.

O contexto social e histórico do criador da classificação, torna a materialização deste processo por meio do registro informacional, único, ligado ao seu tempo-espço, ou seja, o colecionador, a partir do seu pensamento, sua visão de mundo, registra, classifica (categoriza, arranja, ordena entre outros processos imbricados na

classificação).

Com este mapeamento da relevância da classificação primária, em especial, está em interface com a ORC, há a necessidade de se perceber a classificação de forma profunda, observada a partir de seus valores emocionais, sociais, políticos e culturais originais, bem como a sua relação com a sociedade, com os conceitos. Assim, parte-se para observar a classificação a partir dos preceitos da Teoria da Classificação e sua relação proximal com os conceitos. Tal questão será desenvolvida a seguir.

2.2 CONCEITO E SUA CONEXÃO COM A CLASSIFICAÇÃO

Esta explanação desenvolvida na seção anterior, a respeito das classificações, tem-se que destacar a presença do conceito e sua forte influência na classificação. O conceito, como representação simbólica, está na base da Teoria da Classificação e Terminologia, como afirma Barité (2000). O autor vai além e afirma que o conceito se trata de um elemento indivisível que permite representar o conhecimento. Langridge (1977) afirma que o “conceito” é o termo mais fundamental em todos os estudos relacionados à classificação. Já Barros (2016), ressalta quão imprescindível foi o papel dos conceitos na formação das ciências, sendo assim, a temática referente ao conceito, possui uma interface com a linguagem, e consequentemente com a ciência (Barros, 2016).

Albuquerque (2012), contribuindo com esta questão, afirma que:

Os conceitos estão ligados à classificação pela maneira como dividimos e juntamos mentalmente objetos, pessoas, fatos, com isso dando características a cada um e montando, como um quebra-cabeça de significados, vários níveis e divisões de termos e palavras que se estendem até nossas ações cotidianas (Albuquerque, 2012, p. 52).

O filósofo Deleuze e o psicanalista Guattari afirmam que “[...] a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 9). Dito de outra forma, a filosofia não é uma simples arte de “[...] formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 12).

Desta forma, Deleuze e Guattari (2010) revelam a conexão entre os conceitos

e a filosofia, mais especificamente a necessidade de inventar e fabricar conceitos, e que os conceitos não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam (Deleuze; Guattari, 2010). Revisitando Nietzsche, estes autores afirmam que “[...] os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 13).

Assim, ao se utilizar os conceitos, não se deve aceitá-los sem os questionar. É necessário realizar uma observação contextual com base no domínio. Essa observação reflexiva busca o entendimento dos elementos presentes no documento, em especial os imagéticos, e dos conceitos que estão sendo utilizados. Uma análise do momento de sua utilização, somada a essas ações, gera confiança no uso de determinados conceitos.

Retomando as implicações do contexto de origem, há uma relação próxima com o aprender a pensar e refletir, citado acima por Deleuze e Guattari (2010). Ações como nomear, categorizar ou mesmo raciocinar sobre os fenômenos, têm o conceito em seu cerne. Nesta reflexão, Deleuze e Guattari (2010) expõem algumas características importantes a respeito dos conceitos, como o fato de serem datados, ou seja, de pertencerem a um determinado tempo histórico, (tal qual a classificação). Cervantes (2020, p. 1) destaca em suas reflexões uma definição para o conceito, que está vinculado a um domínio específico do conhecimento.

O conceito é um conjunto de características que traduzem qualidades próprias e peculiares das coisas, objetos ou pessoas designadas. A base das ciências e suas especificidades são representadas pelos conceitos. Sendo assim, o conjunto de termos de um domínio específico do conhecimento, de uma área, representa o corpo conceitual, denominado também de terminologias. (Cervantes, 2020, p. 1)

Assim, é necessário abordar os conceitos empregados com cuidado, por meio de uma ação que tenha por base a reflexão contextualizada. Isso é fundamental para reforçar a presença deste objeto nos instrumentos, processos e produtos da Organização e Representação do Conhecimento (ORC).

A esta fala de Cervantes (2020) apoia-se na busca pelo êxito, a eficiência e a validade dos instrumentos de tratamento e recuperação da informação a partir da utilização de um conceito coeso e alinhado às várias características e extensões que lhe são atribuídas em sua origem.

Aqui, convém destacar, no entanto, que há uma diversidade de “conceitos de

conceito”. Diferentes definições são encontradas em diferentes ciências, como a psicologia, a comunicação, a história e a filosofia, e, claro, na Ciência da Informação.

Nesta última tem-se Kobashi e Francelin (2011, p. 7) que destacam ao menos quatro características que se sobressaem quando se refere a um conceito

- Corresponde a uma unidade de conhecimento;
- É formado por enunciados verdadeiros e verificáveis;
- Não é metafórico, ambíguo ou plurissignificativo;
- Pertence a um domínio de conhecimento.

Barité (2000), define no dicionário online de *Organización y Representación del Conocimiento* o conceito, e afirma que este é:

Abstração ou noção que se refere a uma unidade de conhecimento, independente de sua expressão linguística, e inclui todas as suas características essenciais. O conceito, como representação simbólica, está na base da Teoria da Classificação e Terminologia, pois é o elemento indivisível que permite representar o conhecimento contido nos documentos e organizar os enunciados correspondentes à ideia que se tem de qualquer coisa. Nos vocabulários controlados e na linguagem natural, o conceito é representado por um rótulo (Barité, 2000, p. 33, tradução nossa).¹

Nesse sentido, Barité (2000) destaca o conceito como uma unidade de conhecimento, bem como uma representação simbólica, além de evidenciar a sua relevância tanto para a Teoria da Classificação quanto para a Terminologia, pois na visão deste autor, o conceito permite representar o conhecimento contido nos documentos.

Do ponto de vista de Barros (2016, p. 27) “[...] apesar de não possuir uma existência real, o conceito é um instrumento imprescindível não apenas para o conhecimento científico, como para a própria vida comum” Para este autor há uma essencialidade nos conceitos, pois se caracterizam como um instrumento, sem os quais os objetos e fenômenos não poderiam ser “[...] concebidos em termos de semelhança e diferença, com ajuda de conceitos, a ciência e uma série de outras atividades humanas fundamentais simplesmente não seriam possíveis [...]” (Barros, 2016, p. 27).

¹ *Abstracción o noción que refiere a una unidad de conocimiento, independiente de su expresión lingüística, y comprende el conjunto de sus rasgos esenciales. El concepto, en tanto representación simbólica, está en la base de la Teoría de la Clasificación y de la Terminología, pues es el elemento indivisible que permite representar el conocimiento contenido en los documentos y organizar los enunciados correspondientes a la idea que se tiene de cualquier cosa. En vocabularios controlados y en lenguaje natural, el concepto se representa mediante un rótulo (Barité, 2000, p. 33).*

De acordo com Deleuze e Guattari (2010)

Ora, apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, todavia, são submetidos a exigência de renovação, de substituição, de mutação, que dão à filosofia uma história e também uma geografia agitada, das quais cada momento, cada lugar, se conservam, mas no tempo, e passam, mas fora do tempo (Deleuze; Guattari, 2010, p. 16).

Aqui, alinha-se a fala de Novo (2013, p. 114) que afirma em suas análises que, a representação do conhecimento “[...] se traduz no conceito, ou na representação conceitual, assim, para se organizar estruturas e representação que possam abarcar o mapeamento de um dado domínio, é necessário o uso de métodos que viabilizem a Análise Conceitual”

Neste sentido, Barité (2015) reforça o entendimento de que o conceito ocupa uma posição nuclear nas preocupações da OC. Nestas atribuições, os conceitos são fundamentais, ao formarem um conjunto de significações que representam o conteúdo dos documentos a partir de um domínio de conhecimento e da linguagem pertencente a este domínio (Hjorland, 2008).

Nesta linha de pensamento, Abbagnano (2007, p. 164), afirma que o conceito abarca, “[...] todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis” Carregando esta característica, o conceito se envolve com as ações da OC de forma íntima, pois esta tem entre os seus ofícios a atividade de organizar, representar, definir, simbolizar, expressar, condensar dentre outros processos utilizados da linguagem para a estruturação de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), como os tesouros, esquemas de classificação, ontologias, entre outros.

Nesse contexto, além de olhar para como estas imagens foram registradas, há de se observar as categorias socioculturais que organizam, os ideais e direcionamentos desta comunicação, sendo importante perceber a presença de categorias, de conceitos, sua formação, critérios, entre outras questões contextuais relacionadas ao domínio de origem.

Aqui destacam-se as linguagens documentárias, que podem ser caracterizadas pelo uso de linguagens técnicas científicas que buscam facilitar a comunicação.

Bocato (2011, p. 11) afirma que:

As linguagens documentárias têm sua aplicabilidade na indexação, realizada pela representação sintética das ideias dos autores

presentes nos conteúdos documentários por termos que propiciam a elaboração de estratégias de buscas que satisfaçam as necessidades investigativa dos usuários na recuperação da informação em sistemas automatizados.

Indo além, Boccato (2011, p. 11) destaca as funções desempenhadas pelas linguagens documentárias caracterizadas pelo conteúdo e pelo uso, bem como a presença dos conceitos:

A função de conteúdo refere-se aos conceitos identificados e selecionados no momento da análise de assunto para a representação e a função no que diz respeito à representação das perguntas formuladas pelos usuários por meio da linguagem documentária adotada pelo sistema para elaborar a elaboração das estratégias de busca.

Boccato (2011) nesse sentido, direciona suas reflexões para a relação que as linguagens documentárias mantêm com o contexto do sistema de recuperação da informação, atuando um como instrumento, vinculado à representação do conteúdo dos documentos, bem como atuando na formulação de questões pelos usuários. A partir das ideias desta autora, destaca-se a importância da linguagem, do sentido conectado ao seu contexto de origem, a compilação de termos, o estabelecimento de relações conceituais. Assim, as linguagens documentárias devem ser elaboradas “[...] com base na terminologia de uma área com categorias e subcategorias delimitadas, a partir de relações lógico semântica de termos claros e bem definidos o que permite uma representação adequada para a recuperação da informação” (Boccato, 2011, p. 15).

Boccato (2011) apresenta, assim, a necessidade de uma representação adequada, direcionada aos conceitos, que ocorre por intermédio dos termos da construção da linguagem documentária. Uma busca por minimizar as incertezas. A esse respeito, tem-se a fala de Cervantes (2009, p. 16) que afirma:

Por isso, sobreveio a necessidade de se criarem meios e instrumentos documentários que pudessem prover modos de organização para facilitar o acesso dos usuários às informações de que necessitam. Com base nesse contexto, a Terminologia exerce papel fundamental, uma vez que, ao proceder à sistematização dos conceitos de cada área do conhecimento, determina-se igualmente a condição de referência dos termos que irão compor instrumentos terminológicos para fins documentários.

Destaca-se na fala de Boccato (2011, p. 16) um esclarecimento sobre que “[...] as linguagens documentárias atuam no universo das significações livres da

língua, enquanto a Terminologia se preocupa com as significações conceituais e relacionais provenientes do discurso, denominadas termos”.

Com base no exposto por Cervantes (2009, p. 16), há uma relação importante nesse cenário: “[...] a necessidade de se criarem meios e instrumentos documentários que pudessem prover modos de organização para facilitar o acesso dos usuários às informações de que necessitam”, está a se falar do contexto. Vincula-se aqui que a Análise de Domínio, discutida anteriormente com base em Hjørland e Albrechtsen (1995); Hjørland (2002, 2004), Tennis (2003) são alguns exemplos de autores que trabalham o tema. Um destaque, nestas reflexões, são as preocupações com padrões, processos, agentes e seus relacionamentos, ferramentas, estruturas, a organização das estruturas lógicas de categorias e conceitos presentes no domínio, bem como as relações semânticas entre os conceitos (Hjørland, 2002). Destaca-se a fala de Cervantes (2006)

Estabelecimento da estrutura conceitual, ou categorização, tem a função de orientar e auxiliar o pesquisador na delimitação do domínio e subdomínio em estudo e na definição das categorias com as quais se cogita trabalhar. Para a organização do conhecimento de um domínio, desde a sua representação até a sua recuperação, estudam-se, primeiramente, os conceitos que compõem esse campo do conhecimento e as relações que se estabelecem entre eles (Cervantes, 2006, p. 26).

Nesse sentido Cervantes (2006) destaca a primazia das reflexões direcionadas aos conceitos bem como a categorização, pois estas têm a função de “[...] orientar e auxiliar o pesquisador na ressalta a importância de metodologias que orientem a delimitação dos domínios, identificação e confirmação de termos em resposta ao crescimento explosivo do conhecimento humano, [...]” (Cervantes, p. 26, 2006). Esta delimitação e estruturação do domínio leva à necessidade de denominação, de nomear, de organizar. Aqui há a interseção entre a classificação, os conceitos e a ORC.

Para a autora citada acima, a organização do conhecimento de um domínio, percorre o mapeamento tanto dos conceitos que compõem esse campo do conhecimento, bem como as relações que se estabelecem entre estes. (Cervantes, 2006, p. 26). Aqui, destacam-se as relações próximas da fala da autora com a abordagem, evidenciada anteriormente, Análise de Domínio, que busca na comunidade discursiva a origem da produção dos registros do conhecimento, que tem como base a construção dos conceitos presentes nesse domínio de origem.

Refletindo a respeito da estrutura conceitual, citada acima, temos na fala de Barros (2016, p. 107), a existência de alguns pontos relevantes, características a serem consideradas a partir da visão terminológica:

- a) Conceito próprio de um domínio: conceito particular ou exclusivo de um domínio;
- b) Conceito emprestado: conceito que pertence mais especificamente a outro domínio, mas é igualmente utilizado pelo domínio em estudo. [...] Mantém, assim, uma zona de intersecção semântica com o conceito de origem, mas possui traços semânticos que o primeiro não tinha, ou seja, o fato de os espaços abertos encontrarem-se em plataformas petrolíferas;
- c) Conceito que ultrapassa o domínio: conceito utilizado por vários domínios sem pertencer particularmente a um único. Ex.: embarcar / desembarcar.

A partir desta concepção desenvolvida por Barros (2016), percebe-se que o entendimento de conceito, se torna fundamental para a compreensão e organização do conhecimento, pois este está na base da interpretação, categorização. Daí emana a sua complexidade e a necessidade de discuti-la, de forma contextualizada.

Olson (2002) afirma que diferentes paradigmas culturais podem afetar as ferramentas de representação dos sujeitos. As classificações são um bom exemplo deste fato, ao serem, como afirma a autora, culturalmente específicas. Além disso, esta autora nos indica, em suas reflexões, que as classificações refletem a sociedade dominante em que são criadas, com todas as suas ideologias e preconceitos. As falas citadas acima, neste capítulo, em especial vinculadas aos conceitos, podem ser contextualizadas a partir do exemplo de classificação elencado no “O idioma analítico de John Wilkins”, de Jorge Luís Borges, apresentado por Mai (2010, p. 622)

[...] uma certa enciclopédia chinesa intitulada ‘Império Celestial do Conhecimento benevolente’. Dentro em suas páginas remotas está escrito que os animais são divididos em: a) pertencentes ao imperador, b) embalsamados, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães soltos, h) incluídos nesta lista, i) que se agitam como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel finíssimo de pelo de camelo, l), etc., m) que acabam de quebrar o vaso; n) que de longe parecem moscas.

Este excerto, demonstra algumas questões que envolvem o tema classificação e sua intersecção com o social e a linguística: os conceitos eleitos, que são envolvidos e trazidos ao pertencimento de um determinado domínio, uma estrutura, vinculada a presença de categorias eleitas pelo classificador e a presença de relações entre estas categorias (vínculo entre as parte e o todo), uma leitura do mundo (bem peculiar diga-se de passagem), que este o fez, durante a criação desta

classificação, bem como a sua compreensão e entendimento vinculado aos seus contextos de origem. Este trecho assinala e exemplifica como classificações, têm seu vínculo com a sociedade que lhe deu origem e podem ocorrer nas mais diversas esferas, científicas ou não.

Destaca-se que, há envolvidos na classificação o pensar, o selecionar e o nomear. Para Gercina (2021, p. 201) a “Classificação é um conceito fundamental em várias áreas, visto que é um processo de nomear e ordenar um universo do conhecimento”. Partindo desta visão, que envolve a importância do contexto daquele que produz a classificação, ou seja, o produtor da classificação. Destaca-se que, este produz registros informacionais que carregam consigo as marcas do seu domínio, do seu contexto sociocultural, que por sua vez são tão caros àqueles que irão se beneficiar e analisar este registro informacional para que se possa compreendê-lo em sua plenitude incluindo aqui os conceitos.

Voltando ao fragmento citado anteriormente, por Mai (2010) que permite perceber a presença implícita, deste importante componente da classificação, como dito acima – o conceito. Convém, no entanto, frisar que há concepções, da representação, que criam e mantêm inferências (em uma concepção de validade e não validade, de pertencimento e não pertencimento para aquele domínio escolhido para desenvolver a classificação) como, por exemplo, o conjunto de conceitos utilizados para nomear as categorias que dividem os animais (embalsamados, domesticados, sereias, fabulosos).

Podemos definir a ‘vontade de conceito’ como impulso que, nos seres humanos, agrega-se à simples ‘vontade de nomear’ – levando a examinar, planejar e instrumentalizar **as implicações dos nomes de modo a atender a demanda de representar, organizar e dar sentido ao mundo que seja compatível com aquilo que é apreendido através de meios diversos**. Estas duas instâncias – a vontade de ‘nomear’ e a vontade de, aprofundando-se nas relações internas e externas do nome ‘conceituar’ – são aspectos humanos bem característicos (Barros, 2016, p. 12, grifo nosso).

Nota-se que o nomear e o representar envolvem-se intimamente com o conceito². Seguindo esta percepção a respeito da classificação, tem-se na fala de Sousa (2007), este vínculo entre o conhecer, classificar e representar, pois para este autor, parece haver “[...] certo consenso entre os autores sobre a natureza humana

² Dahlberg (1978, p. 104), a afirmação que “[...] o conceito é a unidade de conhecimento que surge pela síntese dos predicados necessários relacionados com determinado objeto e que, por meio de sinais linguísticos, pode ser comunicado”

do processo classificatório, mas isto não quer dizer, como alguns concluíram anteriormente, que há uma classificação absoluta do mundo a espera de ser descoberta” (Sousa, 2007, p. 7). Este destaque da natureza da classificação como um ato de representação que facilita o entendimento, carrega consigo algo importante e que é a base de algumas questões bem mais profundas: a representação é sempre parcial, nunca do todo.

Classificar é, sobretudo, representar para poder conhecer. Essa representação é sempre parcial e nunca do todo, por haver limitações na forma do homem ver a realidade, definidas por fatores sociais, culturais, ideológicos, etc. Portanto, não descobrimos, mas sim elaboramos classificações a partir de nossa cosmovisão, de nossos interesses, de nossos objetivos (Sousa, 2007, p. 7).

Barros (2016, p. 9) afirma que o uso dos conceitos se estabelece de igual maneira por inúmeras práticas que não apenas as da ciência. Deste modo,

Há conceitos utilizados pelos praticantes de magia, por aqueles que elaboram saberes místicos ou por todos os que professam religiões. Essas últimas costumam acomodar os seus pecados e virtudes, os seus mandamentos ou as suas hierarquias sobrenaturais a uma rede conceitual que se aprende quase sem querer [...] o leitor praticante nem mesmo se dê conta de que foram criadas as mais diversas categorias e conceitos para acomodar sua fé e organizar os seus anjos e os demônios.

No entender de Barros (2016, p. 14), não se trata apenas de denominar, as coisas, objetos, pessoas, sentimentos, pois esta ação se mostra, segundo o autor, um hábito antigo entre os seres humanos:

[...], mas de compreender com maior precisão as características de cada fenômeno ou objeto — de forma muito bem delineada — e ato contínuo de agrupar os casos específicos em categorias maiores, as quais deveriam ser elaboradas tendo em vista todas as suas implicações e possibilidade de relação entre em contraste com as outras (Barros, 2016, p. 14).

Barros (2016, p. 16) fundamenta assim, que “[...] foi preciso nomear, para tentar compreender”. Assim, os conceitos na visão deste autor ajudam a organizar, no caso científico, por exemplo, o domínio que cogita examinar. No caso do trecho utilizado como exemplo, são os animais pertencentes a um certo domínio.

Cervantes (2020) refletindo a respeito dos processos mentais para a formação de um conceito, afirma que são vários os processos envolvidos para se formar um conceito, como a análise, a síntese, a abstração e a generalização.

Neste processo mental, para formar um conceito, observou-se a necessidade da leitura do documento e a extração de conceitos, visto

que nesta fase trabalha-se com os conceitos gerais para os conceitos específicos por meio da análise e síntese. Portanto, o trabalho mental tem início por meio da percepção e da análise em que organiza, seleciona, ou separa em partes (decompõe) os conceitos do geral para o específico; classifica e elege características comuns; identifica as características distintas e hierarquiza a estrutura conceitual (Cervantes, 2020, p. 6).

Considerando este raciocínio, há uma esteira de acontecimentos presentes: O nomear, ou seja, o uso dos conceitos, atrela-se a uma tentativa de compreender (e entender o todo por partes, por exemplo, que são pressupostos da classificação), a hierarquia e a estrutura conceitual, que por sua vez oferece, a possibilidade de se realizar uma Organização e Representação do Conhecimento.

Assim, em resumo, ao explorar as questões relacionadas ao conceito e a sua relação com a classificação, percebeu-se a necessidade de se discutir esta última de forma mais aprofundada. Destacam-se os processos que estão em sua base, como o processo mental, o âmbito conceitual, o contexto/domínio de origem, bem como a Organização e Representação do Conhecimento.

2.3 VEREDAS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO: O ENTENDIMENTO DE TEORIA E O CONCEITO DE CLASSIFICAÇÃO

Ao abordar a Teoria da Classificação em um plano mais amplo, se faz necessário discutir algumas especificidades que a compõem. Com este propósito, busca-se avançar no sentido dos seus fundamentos teóricos, especialmente aqueles direcionados à classificação.

A classificação e suas diversas propriedades acompanham a humanidade ao longo da sua trajetória e devido a esta importância e presença foram desenvolvidos estudos que se envolveram e se aprofundaram no tema Classificação tais como: Hjørland (2017), Ranganathan (1967), Dahlberg (2010), entre outros.

As classificações do conhecimento, com suas características e seus princípios de estrutura conceitual, cultural e histórico, evidenciam a atuação da sociedade que as criou (Mai, 2010). Assim, as classificações são representações, em especial, da organização social do conhecimento. “Para permitir um movimento em direção à teoria e prática da classificação baseada em explicações, é necessário exigir e apreciar a base interpretativa inerente do trabalho de classificação” (Mai, 2010, p. 632).

Barbosa (1969) destaca que Platão é o primeiro a agrupar os conhecimentos

segundo bases filosóficas, foram seguidos por Porfírio, Cassiodoro, Gessner, entre outros.

Destaca-se que uma teoria se refere a um conjunto logicamente organizado de conhecimentos que se relacionam entre si e que funciona como um quadro de referência para explicar algum fato ou fenômeno” (Moreira, 2018, p. 41). Barros (2019) afirma que as teorias são visões de mundo,

É através de teorias, enfim, que os cientistas e os estudiosos de qualquer área de saber conseguem enxergar a realidade, ou os seus objetos de estudos, de formas específicas, seja qual for o seu campo de conhecimento ou de atuação. [...] De um ponto de vista etimológico, é particularmente interessante constatar que a noção de ‘teoria’ sempre esteve ligada, desde a Antiguidade, à ideia de ‘ver’ – ou de ‘conceber’ – o que prossegue sendo válido até os dias de hoje (Barros, 2019, p. 30).

A teoria pode ser abordada, segundo este autor, em um primeiro nível, “[...] como um ‘campo de estudos’, ou como uma espécie de território constituído por todas as realizações teóricas proporcionadas pelos praticantes de determinado campo de saber” (Barros, 2019, p. 31). Conforme este autor, “[...] ‘Theorein’, a palavra grega para ‘teoria’, relaciona-se literalmente à ‘ação de contemplar’. No Latim, ‘contemplar’ refere-se ao ato de examinar profunda e atentamente algo” (Barros, 2019, p. 31). Assim, tal reflexão deste autor “[...] remete a este entrecruzamento etimológico a possibilidade de dizermos, nos dias de hoje, que uma determinada teoria ‘contempla’ este ou aquele assunto” (Barros, 2019, p. 31).

Partindo deste entendimento, o conceito de classificação, como um território também do observar e do refletir, que se desenvolveu e está sendo definido por cada um dos seus pesquisadores, que propiciaram as mais diversas contribuições, se faz necessário especificar que o próprio conceito de classificação se mostra amplo e possui uma diversidade, bem como uma complexidade conectada à sua construção. Neste sentido, há uma diversidade de definições e olhares para a classificação. Ao se pensar no conceito “classificação”, pode-se enfatizar que, na visão de Lima (2021), possui várias acepções.

Existem na literatura palavras que apresentam mais de um significado nos múltiplos contextos, e isso as faz terem interpretações ambíguas ou mesmo serem consideradas polêmicas. A partir das várias acepções de uma palavra polissêmica, pode ocorrer que um significado básico dê origem a significados derivados — é o caso da palavra classificação (Lima, 2021, p. 199).

Inicialmente, se destaca que as classificações são desenvolvidas desde a

Antiguidade, ou mesmo antes de tal marca temporal, nas bibliotecas, nos gabinetes de curiosidade, zoológicos, nos “*archium*”, chancelarias, nas enciclopédias, entre tantas outras situações vivenciadas pela sociedade, em que houve “A necessidade de instrumentalizar a compreensão da realidade por meio de esquemas de classificação” (Moreira, 2018, p. 44).

Dahlberg (1972) ao refletir a respeito da classificação, coloca em evidência que esta, enquanto uma arte, foi aplicada de diversos modos e formas à medida que nosso conhecimento se desenvolvia. E, por este motivo,

Deixou suas marcas em todos os arranjos sistemáticos que entraram na composição dos trabalhos de grandes filósofos, a começar pelo Indic Vedas, a Bíblia, as coleções enciclopédicas de tudo o que era conhecido numa determinada época, como, por exemplo, a enciclopédia do egípcio Amenope (1250 a.C.) e de Caius Plinius Secundus (23–79 d.C.), e ainda as grandes enciclopédias da Idade Média, como as de Isidro de Sevilla, Vincent de Beauvais, Bartholomaeus Anglicus, Brunetto Latini e as da Renascença, como as de Georg Valla, Rafael Maffei, Johann Heinrich Alsted, Wolfgang Ratke (Dahlberg, 1972, [n. p.]).

Há neste contexto a compreensão do registro do conhecimento, que passa pelo crivo do ato de organizar o conhecimento desenvolvido neste tempo-espço, ou seja, o processo de nomear, de classificar, de buscar o entendimento e o lugar que este irá ocupar junto aos demais registros em um determinado contexto sociocultural. Piedade (1977, p. 17), afirma que:

A palavra classificar vem do latim *classis*, que designava os grupos em que se dividia o povo romano. Foi cunhada por Zedler, em 1733, no Universal Lexicon, combinando as palavras latinas classe e facere, para apresentar uma divisão de apelações de Direito Civil e, só no fim do século XVIII, passou a ser empregada para a ordenação das ciências.

Lima (2021) oferece, a partir do exposto acima, reflexões a respeito da universalidade das classificações. Uma desnaturalização de algo tão presente em nosso dia a dia, que interfere no nosso trabalho, nossa vida social e econômica, bem como na educação. Estes ambientes cotidianos possuem o amparo das divisões do saber, das ciências, das divisões sociais, ou mesmo classificações desenvolvidas em hospitais, mercados, farmácias, entre outras situações que classificamos ou nos valem dela sem ao menos nos dar conta.

Lima (2021) analisando o significado da palavra classificação afirma que:

Dependendo da perspectiva, é vista como uma ciência, isto é, relacionada a um campo de estudo e suas atividades; como o produto resultante do processo de divisão e, simultaneamente, é a ferramenta

utilizada para realizar o processo de classificação. No entanto, pode-se ver que as definições são orientadas para um propósito específico. Em todas as abordagens, mantém-se um ponto em comum: estabelecer uma ordem ou organização das coisas e dos pensamentos (Lima, 2021, p. 200).

Para Barité (2015), o termo classificação, pode ser definido primeiramente como uma área do saber

Área do conhecimento, que se situa na Organização do Conhecimento e, portanto, na Biblioteconomia e Ciência da Informação, que trata dos princípios, leis e aplicações correspondentes à distribuição de conceitos em universos organizados, para organizar coleções ou referências de documentos impressos/, ou digitais de acordo com seus temas (Barité, 2015, p. 47, tradução nossa).³

Em segundo lugar, Barité (2015), percebe a classificação como uma técnica intelectual qualificada, na qual se integra a análise metódica dos documentos e a atribuição de símbolos, que representam os temas contidos nos documentos. A terceira definição do termo apontada pelo autor se refere a um SOC

[...], que apresenta uma estrutura organizada de termos correspondentes a uma ou todas as áreas do conhecimento, representada por notações, cujo objetivo é atribuir símbolos aos documentos, de acordo com seus temas, para agrupá-los, separá-los, organizá-los ou referenciá-los e sequência inter-relacionada. Nesse sentido, é sinônimo de 'sistema de classificação' (Barité, 2015, p. 47, tradução nossa).⁴

Por fim, a quarta definição afirma que a classificação “Na Lógica, distribuição de um conjunto de objetos, ou fenômenos em um certo número de conjuntos parciais predeterminados” (Barité, 2015, p. 47, tradução nossa).⁵ A esta discussão convém frisar que a classificação, possui diversos aspectos, ou seja, há “classificações”. Corroborando com o pensamento de Barité (2015), Lima (2021) contempla o significado de classificação:

³ Área del saber, que se ubica dentro de la Organización del Conocimiento, y por tanto, dentro de la Bibliotecología y la Ciencia de la Información, que se ocupa de los principios, las leyes y las aplicaciones correspondientes a la distribución de los conceptos en universos organizados, con la finalidad de organizar colecciones o referencias de documentos impresos /o digitales según sus temáticas (Barité, 2015, p. 47).

⁴ Sistema de organización del conocimiento, que presenta una estructura organizada de términos correspondientes a uno a todas las áreas del saber, representados por notaciones, que tiene por objeto asignar símbolos a los documentos, conforme a sus temáticas, para agruparlos, separarlos, organizarlos o referenciarlos en una secuencia lógica e interrelacionada. En este sentido es sinónimo de «sistema de clasificación (Barité, 2015, p. 47).

⁵ En Lógica, distribución de un conjunto de objetos, o fenómenos en un cierto número de conjuntos parciales predeterminados.” (Barité, 2015, p. 47).

Dependendo da perspectiva, é vista como uma ciência, isto é, relacionada a um campo de estudo e suas atividades; como o produto resultante do processo de divisão e, simultaneamente, é a ferramenta utilizada para realizar o processo de classificação. No entanto, pode-se ver que as definições são orientadas para um propósito específico. Em todas as abordagens, mantém-se um ponto em comum: estabelecer uma ordem ou organização das coisas e dos pensamentos (Lima, 2021, p. 200).

No quadro 2 há a exposição de algumas definições do conceito de classificação, no âmbito da Ciência da Informação.

Quadro 2 – Definições do Conceito de Classificação.

AUTOR(ES)	CONCEITO DE CLASSIFICAÇÃO
Barbosa (1969, p. 13)	“Um processo mental pelo qual coisas, seres ou pensamentos são reunidos segundo as semelhanças ou diferenças que apresentam”.
Piedade (1977, p. 16)	Classificar é dividir em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças. É dispor os conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos. É um processo mental habitual ao homem, pois vivemos automaticamente classificando coisas e ideias, a fim de as compreender e conhecer.
Dahlberg (1979, p. 353)	“A arte de elaborar sistemas, com alguma ideia intuitiva sobre divisões, prioridades no arranjo – primeiramente hierarquias e subordinações e finalmente ‘auxiliares’ – era tida como teoria da classificação”.
Mai (2004, p. 39)	“É tentador afirmar que as classificações por natureza são relativas e subjetivas, mas, por outro lado, ainda se espera que as classificações exibam algum grau de estabilidade e objetividade.”
Araújo (2006, p. 117)	o elemento essencial que caracteriza um processo de classificação: a formação metódica e sistemática de grupos, a ação organizante de ordenar um determinado conjunto de seres ou coisas em agrupamentos menores, a partir de características semelhantes partilhadas por alguns (que os incluem em determinado grupo) e não compartilhada pelos demais (que não pertencem a esse grupo). Nesse processo, elege-se um critério de divisão, promovem-se distinções e aproximações, estatutos e avaliações.
Albuquerque e Moraes (2010)	Ela se caracteriza pelo processo de agrupar e dividir o conhecimento por suas semelhanças, dispor as informações de modo que suas relações de analogia se sobressaiam, para que as ciências, o saber ou documentos possam ser apreendidos de forma precisa.
Lima (2021, p. 200)	A classificação em geral e a classificação bibliográfica, em particular, foram definidas de maneiras diversas por diferentes autores e estudiosos. Dependendo da perspectiva, é vista como uma ciência, isto é, relacionada a um campo de estudo e suas atividades; como o produto que resulta do processo de divisão e, simultaneamente, é a ferramenta utilizada para realizar o processo de classificação.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nos autores supracitados (2022).

Valendo-se da fala de Piedade (1977), realça-se a conceitualização de característica da classificação, que está autora define como a “Qualidade ou o atributo escolhido para servir de base à classificação ou à divisão chama-se característica ou

princípio da classificação, ou princípio da divisão” (Piedade, 1977, p. 17). É válido ressaltar que, “Há tantas possibilidades de classificar quantas forem as semelhanças e diferenças existentes entre os objetos ou as ideias a classificar” (Piedade, 1977, p. 17). Ainda do ponto de vista de Piedade (1977), a característica pode ser dividida entre natural ou artificial.

É natural, quando é inerente e inseparável do objeto a classificar, é artificial, quando é ocasional, acidental e variável. [...] Uma classificação artificial baseia-se em características superficiais e fáceis de observar, mas que não representam relações verdadeiras e, por esta razão, é uma classificação menos perene (Piedade, 1977, p. 18).

A referida autora chama a atenção para que a aplicação de uma característica/atributo deve ser consistente, completa, abrangente, minuciosa e exaustiva, antes que outro princípio de divisão possa ser empregado. “Em outras palavras, deve-se aplicar uma só característica de cada vez para subdividir todos os membros de uma classe⁶, sem omissão de nenhum deles, antes de pensar numa segunda característica” (Piedade, 1977, p. 18).

Barité (2015) contribui com esta discussão, conceituando o verbete “classe”

Na Teoria da Classificação, conjunto de conceitos ou elementos definidos pelo fato de possuírem pelo menos um traço ou característica em comum. // 2. Cada uma das divisões principais em que se desenvolve um sistema ou tabela de classificação, correspondendo cada divisão principal a uma macrodisciplina por disciplina. // 3. Notação que corresponde a uma ampla divisão do conhecimento. // 4. Conceito isolado dentro de um sistema de classificação. // 5. Em Biologia, nível de taxonomia do mundo animal ou vegetal, que se situa entre o filo ou divisão e a ordem (Barité, 2015, p. 46, tradução nossa).⁷

A escolha das características, no entendimento de Piedade (1977), serve de base à divisão e está vinculada à finalidade da classificação. E após serem “[...] estabelecidas as várias características úteis à subdivisão de um assunto, é necessário determinar a ordem em que serão empregadas”. Barbosa (1969, p. 14) chama a

⁶ Classe é um conjunto de coisas ou ideias que possuem um ou vários atributos, predicados ou qualidades em comum. Ex. Mamíferos, Vertebrados, Canários e Animais (Piedade, 1977, p. 18).

⁷ En Teoría de la Clasificación, conjunto de conceptos os elementos definidos por el hecho de poseer al menos un rasgo o una característica en común. // 2. Cada una de las divisiones principales en que se despliega un sistema o cuadro de clasificación, correspondiendo cada división principal a una macrodisciplina a disciplina. // 3. Notación que corresponde a una división amplia del conocimiento. // 4. Concepto aislado dentro de un sistema de clasificación. // 5. En Biología, nivel de una taxonomía del mundo animal o vegetal, que se ubica entre el filo o división y el orden (Barité, 2015, p. 46).

atenção, que “[...] é preciso não confundir a característica de uma classificação com as características de um sistema de classificação”.

A primeira significa o elemento que serve para reunir os grupos segundo as semelhanças que apresentam, tal como: a cor das roupas, quando se quer separar um grupo de pessoas em subgrupos, pela cor das roupas que vestem; a idade, quando se quer separar um grupo de pessoas em grupos menores, pelas idades que possuem, etc.

A segunda significa as principais qualidades dos sistemas de classificação, tais como: boa expansão, bom índice, notação memorizável, etc. (Barbosa, 1969, p. 14).

As categorias, por sua vez, são as grandes classes, na perspectiva de Piedade (1977, p. 19), “[...] ou mesmo os grandes tipos de fenômenos presentes no conhecimento em geral ou numa de suas partes”. Salienta-se que Ranganathan (1892–1972), grande contribuidor dos estudos vinculados à classificação, em especial em seus aspectos bibliográficos, definiu cinco categorias elementares: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST).

Barité (2015) acrescenta ao tema, afirmando que na Teoria da Classificação, a concepção de categoria, se vincula ao abstrato de tão alta “[...] generalidade que pode ser perceptível em qualquer ser, substância ou objeto, cuja essência possa ser analisada a partir uma perspectiva semântica, metafísica ou ontológica” (Barité, 2015, p. 45).

É, em outras palavras, cada modo, forma ou classe fundamental de ser, na qual podem ser agrupados outros elementos relacionados a um objeto. Aristóteles determinou a existência de dez categorias ou gêneros supremos (substância, qualidade, quantidade, relação, duração, lugar, ação, paixão ou sofrimento, modo de ser, posição) (Barité, 2015, p. 45, tradução nossa).⁸

Barité (2015) chama a atenção para que Ranganathan —que extrapolou a noção para a Teoria da Classificação:

Ele reduziu seu número para cinco e os converteu em Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo. Outros autores sugeriram diferentes conjuntos de categorias, sempre com a ambição de determinar as abstrações mais gerais que facilitassem a análise dos domínios e o desenvolvimento de sistemas de organização do conhecimento, com abrangência, exaustividade e especificidade suficientes consoante os objetivos levantados. Na Classificação, cada categoria corresponde a um nível específico e parcial de análise de

⁸ *Es, dicho de otra manera, cada modo, forma o clase fundamental del ser, en la cual pueden agruparse otros elementos relativos a un objeto. Aristóteles determinó la existencia de diez categorías o géneros supremos (sustancia, calidad, cantidad, relación, duración, lugar, acción, pasión o sufrimiento, manera de ser, posición) (Barité, 2015, p. 45, grifo nosso).*

um objeto. As categorias são mutuamente exclusivas umas das outras (Barité, 2015, p. 45, grifo nosso, tradução nossa).⁹

E por fim desta explanação, temos “Gênero [que] é um conjunto de coisas ou ideias que podem ser divididas em dois ou mais grupos ou espécies. Espécies são os vários grupos resultantes da divisão de um gênero por determinada característica” (Piedade, 1977, p. 23).

Langridge (1977, p. 11) ao desenvolver sua explanação a respeito de classificação, exposta no quadro 3, traz em seu texto diversas frases que resumizam e evidenciam alguns pontos relevantes para aqueles que se dedicam a compreender a classificação.

Quadro 3 – A Classificação na visão de Langridge (1977)

CLASSIFICAÇÃO EM GERAL (Langridge, 1977)
➤ A classificação está sempre com você.
➤ As classificações simples facilitam o dia a dia
➤ A organização social requer muitas classificações que variam do simples ao complexo
➤ Pode haver várias maneiras de classificar os mesmos objetos ou ideias
➤ O homem elabora classificações, não as descobre
➤ A distinção entre classificação natural e Artificial é importante em algumas circunstâncias
➤ A escolha da classificação está sempre relacionada a um propósito
➤ O propósito de classificação em biblioteca é organizar o conhecimento contido em livros e outros meios
➤ A classificação em biblioteca depende de estudos mais fundamentais
➤ “Conceito” é o termo mais fundamental em todos os estudos relacionados com à classificação
➤ Elemento de classe deve ser diferenciado de classe-inclusa
➤ As regras básicas para classificação devem ser encontradas na lógica
➤ Há limitações quanto ao uso da divisão lógica para finalidades de biblioteca

Fonte: Desenvolvido pelas autoras com base em Langridge (1977).

Langridge (1977) destaca, assim, em suas reflexões, que os conceitos são importantíssimos para os estudos relacionados à classificação. Outra questão relevante para esta tese se instala na fala de Piedade (1977), que vincula as subdivisões da classificação à sua finalidade, ou seja, a que se destinam. E esta

⁹ *Redujo su número a cinco y las reconvirtió em Personalidad, Materia, Energía, Espacio y Tiempo. Otros autores sugirieron conjuntos diferentes de categorías, siempre con la ambición de determinar las abstracciones más generales que pudieran facilitar el análisis de dominios y la elaboración de sistemas de organización del conocimiento, con el alcance, la exhaustividad y la especificidad suficientes de acuerdo a los objetivos planteados. Em Clasificación, cada categoría corresponde a um nivel de análisis específico y parcializado de un objeto. Las categorías son mutuamente excluyentes entre sí* (Barité, 2015, p. 45, grifo nosso).

autora afirma que estas podem ser: sistemas de classificação filosóficos ou sistemas de classificação bibliográficos. A primeira: “As classificações filosóficas são as criadas pelos filósofos, para definir, esquematizar e hierarquizar o conhecimento, preocupados com a ordem das ciências ou a ordem das coisas” (Piedade, 1977, p. 40). Tal tema será abordado a seguir.

2.4 VEREDAS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO FILOSÓFICA

Explorar as bases epistemológicas direcionadas à Teoria da Classificação compreende uma reflexão que envolve, em especial, o nomear (conceitos), os registros informacionais, a representação e os diferentes tipos de classificação. A classificação, por estar presente na sociedade, na linguagem, na criação dos registros do conhecimento, também está presente na demanda de reunir, organizar e representar os conhecimentos humanos.

As classificações do conhecimento, com suas características e seus princípios de estrutura conceitual, cultural e histórico, evidenciam a atuação da sociedade que as criou (Mai, 2010). Assim, as classificações são representações, em especial, da organização social do conhecimento. “Para permitir um movimento em direção à teoria e prática da classificação baseada em explicações, é necessário exigir e apreciar a base interpretativa inerente ao trabalho de classificação” (Mai, 2010, p. 632).

Nos estudos da Teoria da Classificação, há divisões apontadas por alguns autores, como Piedade (1977), Barbosa (1969) e Pombo (1998), entre outros. Tais autores estenderam suas pesquisas aos seguintes campos vinculados à classificação: ontológica (classificação dos seres), gnosiológica (classificação das ciências), biblioteconômica (classificação dos livros) e informacional (classificação das informações) (Pombo, 1998).

Barbosa (1969, p. 13), refletindo a respeito deste tema, a classificação, assegura que “A necessidade de reunir os conhecimentos humanos numa ordem lógica levou os filósofos ao estabelecimento de grandes agrupamentos, cuja ordem variava segundo os conceitos de cada um” Ainda segundo esta autora, esta busca pela ordem, pela lógica, propiciou aos filósofos o estabelecimento de grandes agrupamentos, cuja ordem variava segundo os conceitos de cada um. Desenvolvendo um retrospecto dos sistemas existentes, em especial os que maior predominância tivera na história da classificação, Barbosa (1969) afirma que:

Alguns classistas os enquadram em três grandes grupos, a saber:

- a) antigos;
- b) práticos, sem base científica;
- c) práticos, com base científica (Barbosa, 1969, p. 42).

Barbosa (1969) coloca tal questão de forma imagética, o que possibilita visualizar os filósofos que estão presentes em sua visão neste percurso histórico: Platão, Aristóteles, Porfírio, Cassiodoro, Gessner, Bacon e Comte, quadro 4.

Quadro 4 – Sistemas de Classificação				
Sistemas de classificação	Filosófica	_ Platão		
		_ Aristóteles		
		_ Porfírio		
		_ Capella		
		_ Cassiodoro		
		_ Gassner		
		_ Bacon		
	_ Comte			
	Bibliográficas	Práticas (Arbitrárias)	_ Assurbanipal	
			_ Calimachus	
_ Aldo Manutius				
_ Naudé				
_ Sistema Francês				
_ Brunet				
_ Library of Congress				
_ Antes de Dewey		<ul style="list-style-type: none"> _ T. H. Horne _ Museu Britânico _ Edwards Edwards _ W.T; Harris 		
_ Decimais		<ul style="list-style-type: none"> _ Dewey _ CDU 		
_ Sistemática (Base científica)		<ul style="list-style-type: none"> _ Antes de Ranganathan 	<ul style="list-style-type: none"> _ Cutter _ Brown _ Bliss 	
_ Facetada		_ Ranganathan		

Fonte: Barbosa (1969, p. 42).

As classificações filosóficas, na visão de Dahlberg (1978), como o próprio nome já revela, têm suas bases e considerações imbricadas na busca pela

esquematisação do conhecimento humano, propostas por filósofos. Piedade (1977) afirma que:

Surgiram quando os sábios compreenderam que o Universo é um sistema harmônico, cujas partes estão dispostas em relação ao todo, que há uma hierarquia das causas e dos princípios e, portanto, uma hierarquia e uma relação entre as ciências que os estudam, e resolveram esquematizar estas hierarquias, criando as classificações filosóficas (Piedade, 1977, p. 60).

Por classificações filosóficas, Sousa (2007) afirma, em concordância com Piedade (1977), que também são conhecidas pelas denominações: classificações filosóficas, classificações do conhecimento, classificações metafísicas ou classificações das ciências. São criadas pelos filósofos para definir e hierarquizar o conhecimento como afirma Piedade (1977). Sousa (2007, p. 9) chama a atenção para a questão de que “[...] não existe consenso sobre a origem da história das classificações. Alguns autores consideram Platão como o primeiro a se preocupar com as classificações filosóficas. Outros, como Dahlberg, entendem que Aristóteles tem essa primazia”.

Langridge (1977) afirma que o mesmo conjunto de objetos ou “[...] ideias podem ser classificados de formas diferentes para propósitos diferentes. Não deve, portanto, ser surpreendente o fato de que os filósofos usam vários princípios para dividir o conhecimento”. Este destaque, desenvolvido pelo autor, direcionado à natureza flexível da classificação do conhecimento, evidencia o fato de que o mesmo conjunto de objetos ou conhecimentos pode aceitar diferentes formas de serem classificados, a partir dos propósitos específicos.

Por exemplo: ele pode ser dividido conforme o conhecedor, como na divisão do conhecimento em três partes: “[...] conhecimento animal; conhecimento humano e conhecimento divino podem ser divididos de acordo com os meios de apreender, [...] (Langridge, 1977, p. 32).

Araújo (2006) aborda esta questão da presença da lógica aristotélica e a sua contribuição à Teoria da Classificação, o destaque neste ponto se refere à hierarquização conceitual:

É na lógica aristotélica [...] que são encontradas as primeiras contribuições para a formulação de uma teoria da classificação. A primeira contribuição de Aristóteles diz respeito à divisão dicotômica dos objetos em gênero e espécie. Trata-se de uma hierarquização conceitual que divide um tema geral em espécies a partir da aplicação de uma característica classificatória (Araújo, 2006, p. 121).

A penetração das classificações aristotélicas na sociedade as faz parecer

essenciais e naturais, pois se estende a esta questão, envolvendo-se com a lógica, com a hierarquização que se faz tão cara a classificação das ciências (Olson, 2002). Nesse sentido, Langridge (1977, p. 13) afirma que há diferentes tipos de classificações e que, de alguma forma, estas estão relacionadas. Inicialmente, elas podem ser diferenciadas como: “classificação para o arranjo de objetos e classificação de ideias. De modo geral, a última é mais complexa e mais difícil”.

2.5 VEREDAS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO SOCIAL

Buscando entender as delimitações e especificidades da classificação, observa-se a classificação pela perspectiva social. Albuquerque (2012) enfatiza que, desde os primeiros momentos de vida, o homem “[...] sofre a imersão em um sistema que hierarquiza e denomina, determinado por códigos sociais que expõem a cultura de uma sociedade, e que irá classificar, de diversas formas, ao longo da vida dessa pessoa, tudo o que vier a existir ao seu redor” (Albuquerque, 2012, p. 41). A autora, seguindo a seu propósito, acrescenta que “Também o sujeito, com o conhecimento subjetivo do mundo, irá se apropriar de formas de nomear e classificar o seu universo” (Albuquerque, 2012, p. 41). Nesse sentido, a autora destaca a importância das classificações nas sociedades, principalmente para expressar a sua cultura, sua tradição e suas relações com o mundo.

Cada grupo social tem maneiras de expor sua cultura e tradição e de se relacionar com o mundo. Para perpetuar esses fatores, as classificações agem sobre o contexto social de forma a permitir o reconhecimento de ações e padrões que estão dispostos entre os seres e as coisas. As classificações nas sociedades, sejam elas primitivas ou modernas, constituem relações e perspectivas hierarquizadas que constroem os conjuntos que representam códigos exclusivos de determinadas culturas (Albuquerque, 2012, p. 41).

Neste ponto identifica-se a ideia de Lima (2021, p. 201) que argumenta “[...] que se pode inferir que a classificação está no cotidiano de todos os comportamentos humanos, mesmo nas atividades mais elementares. E este raciocínio é reafirmado, pela autora, quando diz que a classificação “É um processo, quase que instantâneo, que dá habilidade ao ser humano de analisar, sintetizar, ordenar seu intelecto e estruturar seu conhecimento cognitivamente” (Lima, 2021, p. 201). Pombo (1998) traz em suas reflexões essa visão da classificação infiltrada na sociedade. “Na verdade, nada nos parece mais “natural”, óbvio e indiscutível que as classificações dos entes,

dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos” (Pombo, 1998, p. 1).

Há, no entanto, de se frisar que, a partir desta fala das autoras, o fato de que os seres humanos, desde pouca idade e muito antes das marcas temporais como antiguidade, idade média e contemporaneidade, promoveram e ainda promovem a constituição e o fomento de diversas classificações que ocorrem no âmbito sociocultural, são ações vinculadas ao agrupar, separar e buscar, em seu cerne, a criação de categorias.

Soma-se a este entendimento da classificação a fala de Olson (2002), que afirma: “A classificação é muitas vezes vista como um processo essencial e natural de agrupamento ordenado para melhor compreensão” Assim, evidencia-se que as classificações são construídas, e suas bases estão no contexto sociocultural em que o indivíduo ou grupo está inserido, não sendo inatos ou mesmo naturais (Olson, 2002).

As reflexões de Olson (2002) oferecem uma visão abrangente dos aspectos teóricos envolvidos na classificação na literatura e destaca a importância de abordar a classificação como entrelaçada aos ambientes construídos, ou seja, tecer uma estreita relação entre esta e a sociedade que a elaborou. Aqui estende-se que este raciocínio tem potencial enriquecedor para a Organização e Representação do Conhecimento e, em especial, para os processos utilizados para a identificação e representação dos conceitos.

Aqui, há uma relevância em salientar que há uma importante relação entre a Organização e Representação do conhecimento, com a classificação de objetos físicos, pessoas, processos, ideias, conceitos. Há um destaque a este último item, que é um “[...] conjunto de características que traduzem qualidades próprias e peculiares das coisas, objetos ou pessoas designadas. A base das ciências e suas especificidades são representadas pelos conceitos” (Cervantes, 2020, p. 02). Assim, percebe-se por meio desta fala de Cervantes (2020) a importância dos conceitos e seu estudo, para as diversas áreas do conhecimento.

Esta questão coloca em evidência algo essencial para esta tese, o diálogo necessário entre a classificação primária desenvolvida pelo colecionador/ produtor do documento e a classificação secundária desenvolvida nas instituições informacionais por meio de profissionais especializados. Um diálogo eficaz entre essas duas formas de classificação possui um impacto significativo no processo de planejamento e elaboração de tesouros, ontologias, indexações, classificações, catalogações e

produtos como resumos, índices, elaboração de catálogos.

Há, assim, ao atribuir um termo, por exemplo, durante a indexação, acarreta implicações na construção da comunicação entre usuários e documentos. No cerne desta questão está a representação e os conceitos. Destaca-se a necessidade do entendimento dos conceitos de forma a serem compreendidos sem ruídos, demandando uma identificação, seleção e o desenvolvimento de uma definição precisa, vinculada ao contexto de origem.

Ao considerar esses pontos, é possível desenvolver uma compreensão mais profunda da relação entre a classificação primária e a interpretação dos documentos, como os álbuns fotográficos. Nesse sentido, tem-se Olson (2002) e o seu entendimento a respeito da classificação. Abaixo alguns pontos desta miscelânea elaborada pela autora com base na literatura, que contribuem para o entendimento e a interpretação das classificações primárias e assim desenvolver a compreensão da linguagem ali presente, em especial nos documentos imagéticos, como os álbuns fotográficos.

Quadro 5 – Classificação e seus principais elementos a partir da miscelânea teórica desenvolvida por Olson (2002).

CLASSIFICAÇÃO E SEUS PRINCIPAIS ELEMENTOS A PARTIR DA MISCELÂNEA TEÓRICA DESENVOLVIDA POR OLSON (2002).	
Organização	A classificação possui em sua organização, uma composição e construção que se apresenta dependente do seu contexto. Importante: reconhecer que a classificação pode ser realizada de mais de uma forma.
Natureza autoritária	A natureza autoritária da classificação, é entendida como uma ferramenta da cultura dominante. Importante: requer questionamento dos pressupostos subjacentes da estrutura classificatória
É um trabalho que é tipicamente invisível.	A classificação é um trabalho que é tipicamente invisível e se instala como parte integrante dos nossos ambientes construídos. Importante: não apenas buscar na “existência da ordem” a revelação da classificação, mas a sua análise desta como a perspectiva que faz parte do ambiente construído.
Questionamentos	1. Que trabalho desenvolveu a classificação e os padrões? 2. Quem desenvolveu isso? 3. O que acontece com os casos que não se encaixam?
Leitura contextual	Ao estabelecer uma leitura contextual da classificação, percorre-se, em geral, por instância global e as aplicações específicas da classificação.

“Objetos de fronteira”	Um padrão lógico é usado na classificação, este por sua vez possui uma ligação com a sociedade facilitam a cooperação entre mundos sociais. Importante: Examinar o padrão lógico dessas estruturas e as origens desse padrão e suas especificidades culturais, sociais, contextuais, políticas, etc.
------------------------	--

Fonte: Desenvolvido pelas autoras com base em Olson (2002)

O processo inicial deste diálogo, indicado acima, ampara a compreensão do documento, ou seja, auxilia no processo de mapeamento da linguagem presente, que por sua vez subsidia a leitura do documento visando a extração dos conceitos. Assim, a identificação e seleção dos conceitos mais essenciais e representativos, bem como a identificação das respectivas relações conceituais, percorre a compreensão que se apresenta como um dos aspectos mais importantes deste diálogo entre a classificação primária e a classificação secundária. Nesse aspecto, Novo (2013, p. 114) afirma que:

No domínio da Ciência da Informação a representação do conhecimento se traduz no conceito, ou na representação conceitual, assim, para se organizar estruturas de representação que possam abarcar o mapeamento de um dado domínio, é necessário o uso de métodos que viabilizem a Análise Conceitual

Aqui, ressalta-se que, nestas reflexões de Novo (2013), o destaque se instala principalmente na representação conceitual e na organização de estruturas de representação. Assim, a atribuição de termos, vinculada à descrição dos mais variados tipos documentais, possui uma necessidade de apoio nos vocabulários controlados, lista de descritores, bem como em tesauro e no próprio plano de classificação que, como evidência a autora, abarcam e mapeiam um dado domínio.

Olson (2002), tem nas teorias de Foucault, uma análise muito frutífera, e contribui para esta discussão que possui em seu cerne, a classificação, a autora afirma que este teórico, acrescenta aos discursos de classificação a noção de “[...] que o modo de classificação depende do contexto, reconhecendo que a classificação pode ser realizada de mais de uma maneira, mas não questiona a presunção de que a classificação é de alguma forma inata” (Olson, 2002, p. 377). “E para além deste fato, há de se especificar que o próprio conceito de classificação social se mostra amplo e possui uma diversidade, bem como uma complexidade conectada à sua construção.

Vignaux (1999) chama a atenção para esta questão, expondo que:

O que eu penso do mundo, e não posso pensar o mundo sem classificar as coisas ou os fenômenos que, a meu ver, o compõem. Esse é o paradoxo das nossas vidas e da nossa sociedade: tudo se

classifica para ser pensado, tudo se organiza para ser comparado e, portanto, ser categorizado (Vignaux, 1999, p. 9).

Vignaux (1999) acrescenta a sua fala, alguns questionamentos: Pode-se pensar de outra maneira? Pensar sem classificar, sem se opor? E o que é organizar senão diferenciar para classificar? E por fim, esclarece que “Este jogo de diferenças e discriminações faz parte de nós; desde a origem, pelo menos de maneira muito precoce, está em nós, para que os sistemas que nos são naturais possam funcionar” (Vignaux, 1999, p. 14).

Salienta-se que a classificação mantém seus princípios e critérios presentes, pois a regem e a estruturam. Em alguns casos, ela se estabelece em um segundo plano, vinculando-se ao seu contexto de criação. Assim, a partir das proposições desenvolvidas por Vignaux (1999), a não apreensão dos princípios e critérios torna a classificação, de certa forma, incognoscível. Destaca-se, assim, a elaboração das classificações, que, como citado acima, nasce a partir de uma cosmovisão (Sousa, 2007), de um interesse, de um ou mais objetivos. Em resumo, está ancorada no domínio do seu produtor e da sua compreensão da realidade.

Desta forma, frisa-se a presença da classificação na sociedade, em sua organização, em seu modo de pensar, em sua presença na organização social, econômica e científica, nos registros informacionais, na busca pelo conhecimento para representá-lo. Nesta esteira de pensamento, temos vários exemplos (nem sempre positivos, mas vinculados a seu período de desenvolvimento): categorias sociais, divisão do trabalho, divisão por gênero, científica, classificações eurocêntricas, CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) entre tantos outros sistemas de classificação que buscam a padronização.

Albuquerque (2012) pode ser convocada nesta reflexão, ao afirmar que “Muitos autores, em suas respectivas áreas de estudo, relacionaram as classificações ao que a sociedade manifesta como suas formas de pensamento e organização” (Albuquerque, 2012, p. 42). Nesse sentido, é preciso destacar que a classificação está presente na sociedade, percorrendo os conhecimentos, vinculando-se a questões socioculturais, influenciando sua organização e representação, interferindo no armazenamento informacional e, conseqüentemente, na recuperação desta informação. “É preciso categorizar para compreender, mas sobretudo para agir. Agir pressupõe conhecer o mundo, ou seja, saber definir áreas, universos e situações” (Vignaux, 1999, p. 24). Face a isso, a criação e a efetiva ação de registrar o

conhecimento têm como base a presença e infiltração das classificações presentes neste domínio.

Nesse sentido, pode-se buscar na fala de Langridge (1977), que afirma que “A escolha da classificação está sempre relacionada a um propósito” E este autor segue afirmando que “A organização social requer muitas classificações, que variam do simples ao complexo” (Langridge, 1977, p. 13). Estamos a falar inclusive da criação e classificação do registro do conhecimento, dos conceitos, por exemplo. Seguindo com esta discussão, depara-se com a necessidade de se fazer uma reflexão a respeito da classificação bibliográfica. Tal questão será o cerne do próximo tópico.

2.6 VEREDAS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Conceituando a classificação bibliográfica, Piedade (1977) afirma que “As classificações bibliográficas são sistemas destinados a servir de base à organização de documentos nas estantes, em catálogos, em bibliografias, etc.” (Piedade, 1977, p. 60). São exemplos as produções de: Dewey, Bliss, Cutter, Ranganathan. Estes nomes não são únicos no desejo de organizar o conhecimento, mas se tornaram pontos de referência para outras propostas, ou mesmo colaborações que vincularam as suas propostas a estas. Este processo possui seu tempo e espaço delimitados pelas preocupações. Este fato proporciona que as classificações estejam, na atualidade, materializadas na Classificação Decimal Universal (CDU), na Library of Congress, ou na Classificação Decimal de Dewey (CDD), entre outras.

Barbosa (1969) destaca que a classificação bibliográfica é aplicada especialmente aos livros, todavia pode ser estendida a outros materiais.

Como o processo de reuni-los em grupos, segundo os assuntos que abrangem, enquadrá-los num sistema pré-estabelecido, dando-lhes, ao mesmo tempo, um lugar certo na coleção, ou seja, uma localização relativa.

A classificação de livros é, nada mais nada menos, que a classificação dos conhecimentos humanos, adaptada à forma material dos livros. O livro, por sua forma física, só pode estar num lugar na coleção. Então, quando ele tratar de vários assuntos, escolherá um desses, de acordo com a especialidade da biblioteca, ficando aos catálogos a função de relacionar os outros (Barbosa, 1969, p. 17).

Esta classificação está atrelada à classificação dos conhecimentos humanos, que foi adaptada à forma material dos livros, ou seja, um registro informacional. Piedade (1977) define classificações bibliográficas como:

As classificações bibliográficas procuram estabelecer as relações entre documentos para facilitar sua localização. As finalidades das classificações bibliográficas são:

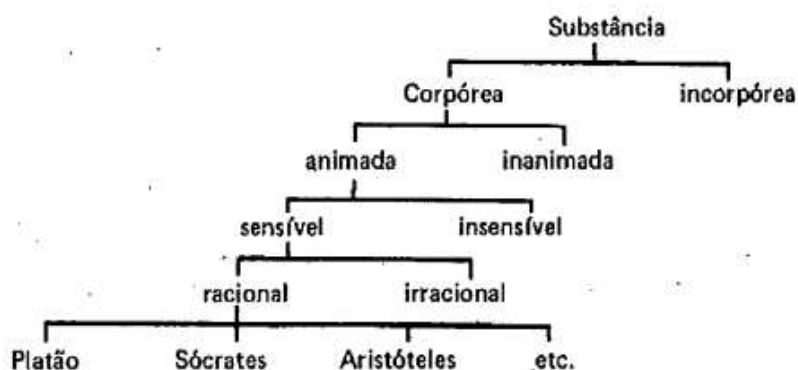
1. a ordenação dos documentos nas estantes ou nos arquivos;
2. a ordenação das referências nas bibliografias ou das fichas nos catálogos (Piedade, 1977, p. 65).

Barbosa (1962) destaca que a classificação dos conhecimentos se refere à classificação puramente teórica, enquanto a classificação bibliográfica se refere à classificação prática, ou seja, à classificação dos conhecimentos adaptada à forma material dos livros. “Elas são absolutamente iguais em seus princípios, diferindo, porém, na aplicação” (Barbosa, 1962, p. 3). Para a autora, as classificações puramente teóricas, que possuem uma base filosófica da antiguidade, possuem influência nos sistemas de classificações bibliográficas atuais.

Porfírio (c 305 d.C.) foi o primeiro filósofo a classificar os conhecimentos humanos usando o princípio da gradação, isto é, de termos de grande extensão para pequena extensão. Seu sistema ficou conhecido como "Árvore de Porfírio" porque ele deu à sua classificação o aspecto de uma árvore, bifurcando cada assunto em dois. Foi o primeiro exemplo de classificação binária (Barbosa, 1969, p. 03).

A "Árvore de Porfírio" como pode ser visualizado na imagem 4, se apresenta como uma representação com base em uma hierarquia de gêneros e espécies de seres, possui a tônica da sua classificação vinculada a duas categorias principais, que são subdivididas em duas subcategorias.

Imagem 4 – Árvore de Porfírio



Fonte: Piedade (1977, p. 62)

Albuquerque (2012) destaca que a classificação tem em seu princípio e fundamentação as teorias filosóficas e científicas, pois estas deram base ao seu desenvolvimento. Barbosa (1969) destaca que Platão foi o primeiro a agrupar os

conhecimentos segundo bases filosóficas. E temos na figura de Porfírio outro importante marco, a classificação binária.

Mais tarde, Porfírio, em sua célebre árvore, deu o primeiro exemplo de uma classificação binária. Foi Cassiodoro que, ao dividir as Artes Liberais originou o Trivium e o Quadrivium, usados depois, como currículo nas escolas da Idade Média. Gessner deu à história da classificação o primeiro exemplo de arranjo de livros de acordo com o uso científico da época; daí ser o seu sistema considerado por muitos, como o primeiro sistema de classificação bibliográfica. Mas, foi Bacon, com a Chart of Learning o que maior influência exerceu nos modernos sistemas de classificação, tal como os de Harris, Jefferson, Cutter e Library of Congress (Barbosa, 1969, p. 41).

A partir da Árvore de Porfírio, Capella, Cassiodoro e outros classificadores, desenvolveram outras divisões que ficaram conhecidos como: Trivium e Quatrivium.

Destaca-se que:

Gessner, Konrad (1516-65) Botânico e bibliógrafo idealizou um sistema que foi chamado por muitos 'o primeiro esquema de classificação bibliográfica'. Baseou-se no do Trivium e Quatrivium de Cassiodoro, tendo como base a Filosofia. Foi a primeira tentativa de relacionar os assuntos de acordo com uso educacional e científico da época (Barbosa, 1969, p. 05).

Dousa (2017), em sua análise presente na Enciclopédia de Organização do Conhecimento, direcionada a "Library classification", afirma que os sistemas atuais de classificação de bibliotecas possuem marcas deste processo histórico, longo e complexo por natureza. Assim, para o autor, esta classificação possui forças que a moldaram e que ainda continuam a moldá-la. Dahlberg (1972, [n. p.]) expondo a elaboração de sistemas de classificação afirma que

Provavelmente só após 1491, quando o humanista e poeta italiano Angelo Poliziano publicou seu 'Panepistemon'- um plano destinado não a ser o esboço de um texto mas a mostrar esquematicamente as relações entre as ciências ou áreas do conhecimento – é que realmente foi iniciado o 'movimento' de elaboração de sistemas de classificação.

Nesse sentido, o período da Idade Média, por exemplo, segundo Dousa (2017, [n. p.]), se destaca por representar uma etapa importante na história, pois as "[...] classificações do conhecimento, em grande parte derivadas de modelos filosóficos e pedagógicos greco-romanos, começaram a ser incorporadas, embora geralmente de forma simplificada, na estrutura das classificações das bibliotecas" Outra marca relevante, segundo este autor, se refere a características técnicas da elaboração de classificações, tais como a utilização de notação. Assim, este período

oferece base tanto ao pensamento quanto à prática no que se refere à classificação moderna das bibliotecas.

A expansão e mudanças dos registros informacionais, bem como os novos contornos que alguns conhecimentos adquiriram como as especializações, tornam necessárias novas reformulações direcionadas as coleções bibliográficas. Em especial, proporcionaram vários desafios direcionados a recuperação das informações contidas nos documentos. Neste processo, tem-se que evidenciar

O último grande sistema de classificação bibliográfica geral a surgir foi a Classificação de Dois Pontos de Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1872), bibliotecário indiano, publicado pela primeira vez em 1933 (última edição de 1860). A classificação de Ranganathan é a primeira inteiramente sintética, em que os assuntos são apresentados em listas de facetas e cabe ao classificador construir os números de classificação, segundo uma fórmula apresentada no início da classe (Piedade, 1977, p. 74).

Ranganathan e a sua classificação analítico-sintética ou facetada traz a compreensão para além da necessidade de classificar conhecimento, indica as possíveis relações entre os assuntos presentes nos documentos

Investigações mais profundas, devidas especialmente a Ranganathan e ao Classification Research Group, mostraram que as subdivisões podem originar-se de diferentes tipos de relacionamentos, tais como gênero/espécie, todo/parte, propriedade/possuidor, ação/paciente ou agente, etc. (Piedade, 1977, p. 78).

Aqui, destaca-se a reflexão desta autora, ou seja, o fato que há uma necessidade de construir sistemas de classificação que possuam flexibilidade e que possibilitem desenvolver combinações e relações, para que assim, possam representar exatamente o assunto dos documentos. Isso acarretou “[...] à constatação de que as classificações bibliográficas não podiam seguir só os predicáveis de Porfírio, deviam originar-se de subdivisões em categorias, mais próximas das teorias de Aristóteles” (Piedade, 1977, p. 78). Ranganathan, assim, está no cerne deste novo tipo de classificação bibliográfica: a Classificação em Facetas, também conhecida como Classificação Facetada ou Classificação Analítico-Sintética.

[...] o sistema de Ranganathan diferia dos outros, sobretudo pelo fato de que ele não usava classes preestabelecidas e prontas às quais os títulos tinham de ser relacionados, mas criava classes de livros somente no momento em que um livro era analisado segundo os elementos conceituais de seu assunto, e sintetizado segundo as regras das fórmulas de facetas ligadas às disciplinas (Dahlberg, 1972, [n. p.]).

Esta percepção para os sistemas é constituída e fundamentada na perspectiva “[...] de listas de termos representando conceitos, com o mesmo tipo de relacionamento com o objeto da classificação, denominadas facetas, combináveis no ato de classificar, para traduzir devidamente o tema dos documentos” (Piedade, 1977, p. 80). Há como pressuposto direcionado a estes sistemas, a necessidade, segundo a autora, de reunir o vocabulário do assunto, ou seja, a inventariação de tesouros, listas de cabeçalhos de assunto, bem como selecionando a terminologia. Entra em evidência: termos, definições e categorias.

Ao criar um sistema de classificação facetada, após levantar e definir a terminologia do assunto, distribuem-se os termos pelas grandes categorias. Ranganathan utilizou no seu sistema de classificação as categorias: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST) e o Classification search Group, ampliando estas cinco categorias, encontrou as seguintes: Tipos de produto final, Partes, Materiais, Propriedade, Processos, Operações, Agentes, Espaço, Tempo e Forma de apresentação (Piedade, 1977, p. 81).

Ranganathan propõem uma perspectiva nova a respeito da estruturação do conhecimento, uma visão que destaca os conceitos e a criação de relacionamentos. Estas ideias influenciaram outros produtores de classificações, que não se limitaram a ambientes tradicionais, ou seja, as bibliotecas com seus livros físicos, por exemplo, mas incorporaram documentos em suas preocupações, outros espaços como os ambientes digitais. Uma mudança que acompanha as transformações tecnológica que o conhecimento registrado produzido pela humanidade percorreu.

Dahlberg (1972) destaca, que Ranganathan trouxe três pontos que em sua visão podem ser analisados como uma contribuição à moderna teoria da classificação

Em primeiro lugar, Ranganathan introduziu três níveis distintos baseados nos quais trabalham os classificacionistas (que elaboram sistemas de classificação) e os ‘classificadores’. Estes níveis são: o chamado ‘plano da ideia’ – nível das ideias, conceitos o “plano verbal” – nível da expressão verbal dos conceitos (que podem variar segundo a língua utilizada) o ‘plano notacional’ – nível da fixação dos conceitos em formas abstratas, tais como sinais (letras, números) (Dahlberg, 1972, [n. p.]).

Uma reflexão que pode ser feita, neste sentido, é direcionada às classificações, à estruturação do conhecimento, bem como aos conceitos e seus relacionamentos dentro de um domínio. Cabe, assim, ao sistema de classificação a missão de facilitar a estruturação e a transferência do conhecimento, por meio de procedimentos que envolvem os conceitos presentes nestes domínios. Assim,

Essa distinção em três níveis auxiliou consideravelmente a tornar mais claro o que pode ser considerado como o objeto da ciência da classificação: é o conceito único e sua capacidade de combinação para representar o conhecimento que o homem tem do mundo que, desde Ranganathan, pode ser considerado como o elemento característico dos sistemas de classificação (Dahlberg, 1972, [n. p.]).

A representação de conceitos presente neste enredo percorre a seleção e codificação do conteúdo informacional, com uma intencionalidade de eficiência. A representação, na visão de Novo (2013), se apresenta como um processo mental pelo qual os indivíduos buscam significados. Há um destaque, neste sentido, para a ação de descrever o que deve ser representado. Outro destaque, segundo esta autora, se direciona à relação sujeito X objeto, que se estreita para que se possa alcançar a interpretação do mundo a ser representado. Ainda nas palavras desta autora, representar significa modelar conceitualmente (Novo, 2013).

Dahlberg (1972) destaca ainda que a segunda contribuição de Ranganathan à Teoria da Classificação é a sua abordagem analítico-sintética para a identificação dos assuntos. “Isto implica em que a classificação de cada documento exige uma análise de seu título ou um enunciado descritivo de seu conteúdo nos termos dos conceitos que formam os componentes da ciência à qual esse documento pertence” (Dahlberg, 1972, [n. p.]). Este processo de análise e orientação dos elementos, é destacado pela referida autora em facetas PMEST (Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo)

Após a análise e a orientação desses elementos nas chamadas facetas (que são representativas dos tipos de conceitos em áreas especializadas do conhecimento), é possível sintetizá-los em expressões combinatórias que formam a classe, construída analítico-sinteticamente, de um determinado tópico de documento. Tudo isso é realizado segundo as fórmulas de facetas mencionadas acima, e sua fórmula generalizada, a sequência PMEST (Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo) (Dahlberg, 1972, [n. p.]).

Ao se desenvolver considerações a respeito das estruturas classificatórias do ponto de vista analítico exposto acima, por Dahlberg (1972) que percorre a elaboração de facetas com base em categorias de conceitos, integra-se a necessidade de destacar os elementos essenciais dos sistemas de classificação – os conceitos.

Neste entendimento, os conceitos estão presentes no processo do fazer, ou mesmo construir algo (Deleuze; Guattari, 2010). Seguindo tal ideia, no contexto da Organização e Representação do Conhecimento, há processos (classificação, descrição, modelagem conceitual para elaboração dos SOC, catalogação, indexação)

que se envolvem em compreender de forma contextualizada e integrada às estruturas do domínio a ser organizado e representado, incluindo os seus conceitos, suas estruturas hierárquicas, suas classificações, seus atores e principalmente o contexto sociocultural e político que este pertence.

2.7 POR FIM: UM OLHAR PARA A ANÁLISE CONCEITUAL

Inicialmente, ao buscar certa delimitação conceitual de Análise Conceitual e os atributos que compõem este conceito, sob o olhar da literatura, atentou-se que, embora tenham em suas propostas o uso do termo “Análise Conceitual”, há pesquisas que não pertencem ao corpus deste estudo. Destaca-se haver distinções que não são percebidas no título, porém emergem inicialmente sutis. Ao longo da leitura, desvela-se em direção a outro foco, outra temática, como são as percepções vinculadas ao método. Mesmo na Ciência da Informação, há certa diversidade com o uso de Análise Conceitual, que se desloca ora para instrumentos e ora para processo.

Tais diferenças podem ser relevantes e indispensáveis nos procedimentos, bem como no entendimento da Análise Conceitual. Expõe-se inicialmente a Análise Conceitual, vinculada ao método, condensada no quadro 6

Quadro 6 – Síntese do Métodos de Análise Conceitual.

Autor(es)	Descrição
John Wilson (2005) Inglaterra	Proposta para ajudar estudantes de ensino médio a compreender o significado das palavras e melhorar a comunicação, tornando o pensamento mais estruturado e objetivo. Inspiração teórica não descrita, mas depreende-se influência do paradigma positivista. Análise com 11 passos: 1. Isolar perguntas sobre conceitos, diferenciando-os de fatos e de valores. 2. Buscar respostas certas. 3. Casos-modelo. 4. Caso contrário, contraexemplo. 5. Casos afins ou relacionados. 6. Casos limítrofes. 7. Casos inventados. 8. Contexto social. 9. Ansiedade subjacente. 10. Resultados práticos. 11. Consequências na linguagem.
Lorraine O. Walker Kay C. Avant (1983, 2019) Estados Unidos Adaptação de Wilson para a Enfermagem.	Considerada estratégia para examinar atributos centrais de um conceito, possibilitando a identificação clara do fenômeno a que se refere. Análise com oito passos: 1. Selecionar um conceito. 2. Definir objetivos da análise. 3. Identificar usos possíveis do conceito. 4. Determinar atributos definidores identificados. 5. Construir ao menos um caso-modelo. 6. Construir casos adicionais, exemplificando o que o conceito NÃO É (limítrofe; relacionado; contrário; inventado; ilegítimo). 7. Identificar antecedentes e consequentes. 8. Definir referências empíricas dos atributos definidores.
Beth L. Rodgers	Propõe-se a elucidar conceitos, avaliando sua robustez, limitações

<p>(1987, 2000) Estados Unidos Método evolucionário de análise de conceito.</p>	<p>e introduzindo variações que ampliem sua contribuição para alcançar objetivos intelectuais. Na análise, são essenciais: significância, uso e aplicação, que progridem em ciclo contínuo através do tempo e conforme o contexto, caracterizando a concepção evolucionária.</p> <p>Análise em sete etapas: 1. Identificar e nomear o conceito de interesse. 2. Identificar termos substitutos e usos relevantes do conceito. 3. Identificar e selecionar uma amostra para a coleta de dados, na enfermagem ou incluindo outras disciplinas. 4. Identificar os atributos do conceito. 5. Identificar os antecedentes, antecedentes e consequentes. 6. Identificar conceitos relacionados. 7. Identificar um caso modelo (exemplo real).</p>
<p>Donna Schwartz-Barcott Hesook S. Kim (1986, 2000) Estados Unidos Modelo Híbrido.</p>	<p>Visa a refinar conceitos para o desenvolvimento de teorias. Híbrido porque interliga análise teórica e observação empírica. Indica inspiração em três áreas de conhecimento: filosofia da ciência, sociologia da construção de teorias e observação participante ou pesquisa de campo. Análise com três passos: 1. Fase Teórica: seleção do conceito, busca na literatura, busca de significados e instrumentos de medida do conceito, para escolher definição a ser usada na fase de campo. 2. Trabalho de Campo: seleção de um campo, negociação da entrada no campo, seleção de casos, coleta e análise de dados. 3. Fase Analítica: analisar e ponderar os dados, redigir os achados.</p>
<p>Anita Nuopponen (1994, 2016) Finlândia. Análise sistemática de conceito. Utilizou estudos desenvolvidos na enfermagem para propor seu método.</p>	<p>Esclarece e descreve conceitos pertencentes a um todo, suas características e as relações que mantêm nos sistemas de conceitos. Parte da discussão de métodos de análise de conceito usados em estudos de negócios (Business studies) e na ciência da enfermagem. Análise em seis passos: 1) Objetivo, delimitação do domínio e do número de conceitos a serem tratados. 2) Aquisição de conhecimento de domínio e criação de uma ideia geral do campo. 3) Compilação do material. 4) Elaboração de sistema conceitual preliminar e/ou marco para análise. 5) Análise sistemática do material, envolvendo seis etapas. 6) Análise e conclusões adicionais consoante o objetivo da análise do conceito.</p>
<p>Janice M. Morse (2000) Estados Unidos</p>	<p>Processo de investigação que tem na literatura a fonte de dados para explorar a utilidade pragmática do conceito. Os resultados promovem o avanço do conhecimento para além do que é conhecido. Adota princípios orientadores para a análise: 1) estabelecer propósito claro da investigação, com questão preliminar para nortear a busca de literatura. Delimitar o conceito a ser explorado; identificar todos os termos usados, compondo lista de termos de busca e identificando conceitos relacionados e contrários, sem incluir significados alternativos. 2) assegurar a validade, buscando na literatura as bases relevantes de dados e desenvolvendo estratégias para acessar o sistema de registro de dados. 3) identificar questões analíticas significantes, tornando-se familiarizado com a literatura pela leitura de tudo o que for encontrado para refinar a questão de pesquisa, o que determinará a organização dos dados para a comparação e subsidiará a identificação de questões analíticas. 4) Sintetizar resultados, preparando o 'cenário' para visualizar o todo e compilar os resultados.</p>
<p>Afaf I. Meleis (1997) Estados Unidos Abordagem Integrada</p>	<p>Analisa conceitos bem definidos na literatura da enfermagem para elevar o nível de compreensão, visando ao desenvolvimento de teorias. A análise de conceito guia o que vemos e ordena situações</p>

para o Desenvolvimento de Conceitos	e eventos. Reconhece o pioneirismo na análise de conceito de Wilson, Walker e Avant e Rodgers e Knafl. Análise com seis estágios: 1) Levando (taking in): dimensionar uma situação que chama a atenção e dar atenção a ela. 2) Descrevendo o fenômeno. 3) Rotulando (labeling). 4) Desenvolvimento do conceito. 5) Desenvolvimento de declaração. 6) Suposições explicativas.
Janice Penrod Judith E. Hupcey (2005) Estados Unidos Método baseado em princípios	O foco é integrar o que é conhecido sobre o conceito, atuando para ampliar a compreensão de um fenômeno de interesse. Identifica lacunas e inconsistências na compreensão de um conceito. Proposta guiada por quatro princípios filosóficos propostos por Morse (1995) e Hupcey et al. (1996): epistemológico; pragmático; linguístico; lógico. Propõe análise em três etapas, ressaltando a necessidade de utilizar os princípios filosóficos em cada etapa metodológica: 1) Seleção da literatura. 2) Amostragem dirigida pelo conceito. 3) Análise intra e interdisciplinar. O resultado será uma definição teórica que integre a compreensão científica do fenômeno e recrie a tapeçaria teórica do conceito. Lacunas e inconsistências científicas podem ser identificadas, aumentando o poder da análise para o avanço da ciência da enfermagem.

Fonte: Madureira, Silva, Trentini e Souza (2021, p. 04).

Este entendimento da Análise Conceitual como um método possui, como pode ser visto acima, presença no campo teórico há algumas décadas. E possui um potencial para os estudos da ORC, em especial, vinculados à terminologia.

A “Análise Conceitual” em especial, no contexto da ORC tem no âmbito teórico um vínculo com a Representação Documentária. Desde 1940 vem ocorrendo um fenômeno conhecido por “explosão bibliográfica”, como destaca Naves (1996, p. 215) que resumidamente apresenta-se como uma crescente produção de documentos e acúmulo de informações, que por sua vez dificulta o armazenamento de materiais e dados e, principalmente, a recuperação de informações. Assim, destaca-se que “Esse acúmulo, em todos os campos do conhecimento, e a interdisciplinaridade, vêm acelerando, nas coleções, o aparecimento de documentos com conteúdo cada vez mais complexo [...]” (Naves, 1996, p. 215).

Tem-se que evidenciar que, no início, “O conhecimento profundo do acervo fazia do bibliotecário o próprio instrumento de interação entre documento e usuário” (Dodebei, 2002, p. 11). Na contemporaneidade, outra realidade, em conta dos níveis crescentes de interação (promovidos pelos ambientes digitais) entre sistema e usuário, exigindo novos aportes, em especial a identificação e seleção dos conceitos que tragam eficiência nesta interação, ou seja, uma rápida recuperação dos conteúdos requeridos. Assim, Naves (1996) expõem que um dos reflexos deste fato é tornar árduo o trabalho do profissional que lida com o conhecimento registrado.

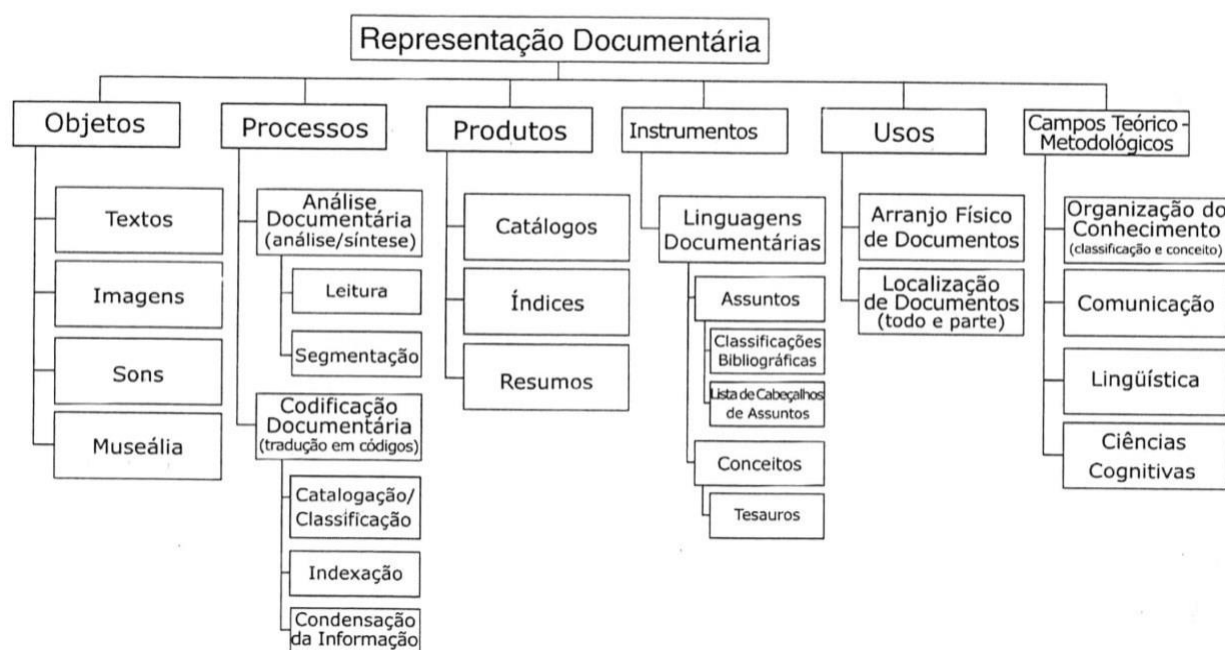
A partir desta percepção, há de se destacar a necessidade de certa prospecção

da questão linguística, em especial os direcionados à Representação Documentária:

Os produtos obtidos pelos processos de representação documentária, em seus vários graus de redução semântica, quer que sejam: o texto ou objeto na íntegra, resumos, referências bibliográficas, índices temáticos ou notações de classes sob as formas de codificações textuais, imagéticas, sonoras e digitais, organizadas em inventários, catálogos, repertórios, índices, bibliografias vão ser disseminados à sociedade em função da sua demanda por informações (Dodebei, 2002, p. 30).

Aqui, destaca-se a importância que a linguística possui no âmbito da Representação Documentária, imagem 5, e para que esta questão da linguagem ganhe espaço, e haja um entendimento, de Representação Documentária, tem-se, que destacar Dodebei (2002), que desenvolve a imagem abaixo que será o ponto de apoio das discussões desenvolvidas.

Imagem 5 – Representação Documentária.



Fonte: Dodebei (2002, p. 44)

Sob o olhar de Dodebei (2002), a Representação Documentária é sintetizada por meio dos campos, como pode ser visto na imagem acima: objetos, processos, produtos, instrumentos, usos e campos teórico-metodológicos. Em destaque nesta “representação” da Representação Documentária, a presença das imagens no campo que representa os objetos.

Retomando a questão da Representação Documentária sob o prisma teórico,

como visto acima na imagem de Dodebei (2002), destaca-se que esta possui vários campos, demonstrando-se certo interesse na relação entre dois destes campos: os processos e os instrumentos, por estes possuírem uma maior proximidade com a Análise Conceitual.

Assim, o cortejamento do tema Representação Documentária e sua interface com a Análise Conceitual envolve-se com o uso, processo, planejamento e elaboração de linguagens documentárias. Evidencia-se que o conceito e a sua manipulação, em especial a Análise Conceitual, se apresentam em várias frentes no desenvolvimento da Representação Documentária, ou seja, figuram em vários momentos do quadro proposto por Dodebei (2002). Por exemplo: o conceito é a unidade fundamental das LDs, que fazem parte, segundo Dodebei (2002), dos instrumentos utilizados na representação documentária. Desta forma se faz necessário entender o conceito com um pouco mais de clareza.

Conforme a ótica de Dodebei (2002), na Representação Documentária é alocada a Linguagem Documentária (LD), sendo subordinada ao campo instrumentos. A LD engloba os assuntos e os conceitos. Conectados ao “assunto” tende-se as classificações bibliográficas e as listas de cabeçalhos de assuntos. Subordinados aos “conceitos” tende-se os tesouros. Dodebei (2002, p. 42) destaca que as linguagens artificialmente construídas buscam facilitar o acesso às coleções e são pertencentes “[...] à categoria das linguagens de comunicação, ao lado da língua natural, oral e escrita, das linguagens gestuais, sonoras e visuais”

Partindo das reflexões acima, tende-se as observações de Cervantes (2020, p. 07) em direção à Análise Conceitual. “A Análise Conceitual ou análise terminológica propõe-se a determinar, primeiramente, se o termo pertence ao vocabulário do domínio estudado e em seguida ao subdomínio definido”. Há, assim, relevância no estabelecimento e entendimento dos conceitos que pertencem a um determinado domínio, pois será a partir destes que se constituirá a base para a compreensão e comunicação eficaz dentro desta área de conhecimento.

Sob o entendimento de Cervantes (2020) a Análise Conceitual, auxilia não apenas na Organização e Representação do Conhecimento, mas também possibilita a identificação de lacunas, inclusão ou omissão acarretados por leituras descontextualizadas, entre outros problemas relacionados a ausência do contexto de origem. Dessa forma, segundo Cervantes (2020), a representação ou a tradução de conceitos materializa a construção do conhecimento. No que tange à formação do

conceito, a referida autora coloca em destaque a necessidade da leitura do documento e a extração conceitual.

Neste processo mental, para formar um conceito, observou-se a necessidade da leitura do documento e a extração de conceitos, visto que nesta fase trabalha-se com os conceitos gerais para os conceitos específicos por meio da análise e síntese. Portanto, o trabalho mental tem início por meio da percepção e da análise em que organiza, seleciona, ou separa em partes (decompõe) os conceitos do geral para o específico; classifica e elege características comuns; identifica as características distintas e hierarquiza a estrutura conceitual (Cervantes, 2020, p. 06).

Como se pode perceber na fala da autora, tem-se o processo mental visando a formação do conceito, ou seja, a leitura do documento e a extração de seus conceitos essenciais. Aqui reverbera o diálogo exposto acima entre a classificação primária e a classificação secundária.

Por esta razão, esse diálogo, necessita da interdisciplinaridade com base nas abordagens teóricas de diversas áreas do conhecimento, como os princípios da Linguística e da Terminologia, Teoria do Conceito, filosofia, entre outras abordagens que se debruçam de várias formas sob o conceito, suas relações, representação, ou ainda a substituição do documento por termos. Aqui destaca-se um espectro de questões e possibilidades a serem observados durante o processo de identificação dos conceitos, ligados à terminologia ou ainda a sempre relevante para os estudos da Representação documentária: os relacionamentos entre os conceitos.

Esse processo é fundamental e básico, ao refletir na construção consistente de estruturas como os tesouros, as taxonomias, vocabulários controlados, as ontologias ou mesmo os sistemas de classificação, que têm como sustentação a Análise Conceitual, e possuem em sua gênese a função de auxiliar, por exemplo, a recuperação da informação.

Naves (1996, p. 220) destaca a ênfase direcionada ao controle terminológico, tendo em vista as abordagens direcionadas aos vocabulários controlados.

Descrevem problemas ocorridos na área de padronização e escolha do melhor termo para representar o conceito. Pode-se observar que muitos se preocupam, e com razão, com a questão da terminologia ligada à Análise Conceitual e existem interessantes estudos sobre isso, como o trabalho de Medeiros (1986) que aplica métodos consagrados no campo de Terminologia Teórica e Aplicada (TTA), considerado um campo interdisciplinar que tem como objeto de estudo a denominação dos conceitos sob seus aspectos teóricos e metodológicos, tratando ainda de sua representação sem ambiguidade no âmbito das linguagens documentárias.

Tem-se em destaque a profundidade e complexidade que envolve a Análise Conceitual vinculada a criação dos instrumentos, como visto na citação acima, envolve-se com a representação sem ambiguidade, ou seja, atua no âmbito das linguagens documentárias, buscando o conceito mais adequado a partir do entendimento que este possui em seu domínio de origem.

Ações que possuem em sua base a leitura e o diálogo com os ambientes construídos que este documento possui sua gênese. Há, assim, uma estreita relação entre a leitura com fins documentários e a sociedade que produziu o documento. Tece-se um diálogo com a linguagem ali presente. A compreensão do documento e do seu domínio implica, nesse sentido, uma interação profunda com o contexto no qual o documento está inserido e com o conhecimento registrado. Isso inclui, entre outras questões, o entendimento das influências culturais, sociais, históricas e políticas que moldaram o documento por meio da classificação primária desenvolvida pelo autor. Esse diálogo com os ambientes construídos originais do documento por meio do mapeamento e percepção da classificação primária permite uma compreensão mais profunda e contextualizada do conteúdo do documento.

Seguindo com a explanação, destacam-se Fujita (2020) e a Análise Conceitual, quando entendida no campo processo, que se refere à ação de “[...] decidir do que trata um documento — isto é, qual é o seu assunto” (Lancaster, 2004, p. 18). Nesse raciocínio, tem-se que evidenciar a presença da indexação.

A indexação como processo de análise documentária é realizada mais intensamente desde o aumento de publicações periódicas e da literatura técnico científica de modo geral, que impulsionaram a necessidade de criação de mecanismos de controle bibliográfico em centros de documentação especializados (Fujita, 2003, p. 61).

Observa-se que a indexação possui dois estágios, de acordo com Fujita (2003, p. 63), o analítico e a tradução:

O processo de indexação, portanto, compreende dois estágios: o analítico, em que é realizada a compreensão do texto como um todo, a identificação e a seleção de conceitos válidos para a indexação e o estágio de tradução, que consiste na representação de conceitos por termos de uma linguagem de indexação

Assim, para Fujita (2003, p. 63) a etapa analítica desenvolve a ação de “Determinação do assunto: estabelecimento dos conceitos tratados num documento” e a segunda etapa referente a tradução desenvolve a “Representação de conceitos por termos de uma linguagem de indexação: a tradução dos conceitos nos termos da

linguagem de indexação” (Fujita, 2003, p. 63). Assim, a Análise Conceitual se estabelece nesta primeira etapa.

Há algumas complexidades, vinculadas à literatura da Ciência da Informação, em relação à indexação e suas etapas, como pode ser visualizado na imagem 6

Imagem 6 – Indexação e suas etapas

Quadro 1 – As etapas da indexação

AUTORES	ETAPAS	
	ANÁLISE	REPRESENTAÇÃO
Unisist (1981)	Determinação do assunto.	Tradução dos conceitos nos termos da linguagem de indexação.
Norma 12.676 (ABNT, 1992)	Exame do documento e estabelecimento do assunto de seu conteúdo; identificação dos conceitos presentes no assunto.	Tradução desses conceitos nos termos de uma linguagem de indexação.
Chaumier (1988)	Reconhecimento e extração de conceitos.	Tradução desses conceitos em linguagem natural.
Van Slype (1991)	Conhecimento do conteúdo do documento; escolha dos conceitos a serem representados, baseando-se na aplicação da regra da seletividade e exaustividade.	Tradução dos conceitos selecionados da forma em que aparecem impressos no documento para os descritores do “thesaurus” aplicando a regra da especificidade e incorporação dos elementos sintáticos.
Lancaster (2004)	Análise conceitual.	Tradução.
Robredo (2005)	Análise conceitual do conteúdo do documento.	Expressão dessa análise por meio de códigos, palavras ou frases representativos do assunto; tradução das descrições dos assuntos para a linguagem de indexação e organização das descrições de acordo com a sintaxe da linguagem de indexação.

Fonte: Fujita, Rubi e Boccato (2009, p. 25)

O arcabouço teórico evidenciado acima, por meio da imagem, demonstra as diferentes etapas que estão sob o âmbito da indexação, bem como a diversidade de entendimentos. Em suas reflexões, Fujita (2003) destaca algo relevante para esta tese, a identificação e a seleção de conceitos, vinculada à Análise Conceitual alocada na etapa analítica. Este processo possui, segundo a autora acima citada, influências das variáveis: leitor, texto e contexto.

A etapa analítica está vinculada à compreensão do documento e à identificação dos conceitos, envolve assim a leitura e a compreensão do documento, visando identificar os conceitos principais e as informações relevantes a serem indexadas. Esse processo envolve uma análise cuidadosa do conteúdo, buscando determinar os conceitos que melhor representam o conteúdo. Como se pode perceber, a identificação dos conceitos e a sua transposição para termos apropriados é um aspecto crucial, ao determinar a qualidade e a precisão da indexação.

A primeira etapa, segundo Fujita (2003, p. 64), detém a análise de assunto. Esta etapa visa à identificação de conceitos. A referida autora expõe que, na literatura, “[...] a palavra assunto tem várias interpretações. Em vista disso, o processo também

pode ser denominado Análise temática, Análise documentária, Análise Conceitual, ou mesmo Análise de conteúdo (Fujita, 2003, p. 68).

Este segundo procedimento, segundo Fujita (2003, p. 64), abriga o processo de leitura, subdividido pela autora em três estágios:

- Compreensão do conteúdo do documento;
- Identificação dos conceitos que representam este conteúdo;
- E seleção dos conceitos válidos para recuperação.

Essa identificação e seleção de conceitos, evidenciada acima, possui procedimentos muito específicos para a sua realização. Segundo Fujita (2003), tais procedimentos refletem nos processos de indexação, na sua confiabilidade e eficiência. Assim, a compreensão do conteúdo do documento se estabelece a partir da leitura dos documentos. O segundo estágio, identificação dos conceitos que representam este conteúdo, ocorre, segundo Fujita (2003, p. 64):

[...] após o exame do texto, passa a abordá-lo de uma forma mais lógica a fim de selecionar os conceitos que melhor representem seu conteúdo. Para isso, recomenda que a identificação de conceitos seja feita obedecendo a um esquema de categorias existente na área coberta pelo documento, como, por ex.: o fenômeno, o processo, as propriedades, as operações, o material, o equipamento, etc.

Assim, o terceiro estágio, a seleção dos conceitos, está conectado a esta segunda etapa de identificação dos conceitos, e a autora expõe que esta deve ser realizada durante a leitura. Nesse sentido, a leitura e a compreensão do assunto se tornam muito importantes para o desenvolvimento da Análise Conceitual do documento.

A Análise Conceitual, percebida no campo do processo, ou seja, como uma etapa da indexação, carrega consigo, segundo Fujita (2003) mais de que uma preferência, demonstra uma escolha por parte do seu autor, pela corrente francesa da indexação, além de demonstrar o desejo de atender às necessidades de recuperação de informação por parte de determinado público-alvo, ou dito de outra forma, visa conhecer o perfil de usuário para desenvolver suas atividades com mais assertividade. Fujita (2003) expõe a problemática da identificação do tema.

O tema, portanto, possui uma estrutura temática composta por conceitos ou categorias, ou facetas, cuja identificação decorrerá da Análise Conceitual do documento. A composição das categorias identificadas formulará o tema do documento em questão (Fujita, 2003, p. 77).

Tem-se, neste universo, exposto alguns pilares para as percepções da

Análise Conceitual, seja como um método, ou mesmo como um processo, ou instrumentos presentes no âmbito dos processos vinculados à Representação Documentária. Destaca-se que, mesmo compreendidos, cada qual vinculado a seu âmbito teórico, se conectam e ocorrem de forma conjunta e integrada em algumas ações desenvolvidas nas instituições, ao estarem interligadas. Se faz necessário, pois, o destaque que estes são desempenhados de forma conjunta e integrada e não são isolados. Tem-se presente na leitura documentária um exemplo desta questão. Atua durante a criação dos instrumentos, bem como está presente no desenvolvimento dos processos da indexação.

Em suma, a manipulação dos conceitos e a análise documentária, seja nos processos ou nas ações de criação e alimentação dos instrumentos de trabalho profissional, se torna essencial para garantir a relevância, coerência e significação do conhecimento registrado. O diálogo, visando a compreensão da linguagem ali presente entre a classificação primária e secundária, desempenha um papel fundamental nesse processo, assegurando uma Representação Documentária eficaz direcionada a atender às necessidades dos usuários.

A Análise Conceitual, assim, é a compreensão do documento, do seu contexto e do seu autor, bem como é interpretação e processo mental que se apresenta como uma estruturação conceitual que possui o pressuposto de acesso. Complexidades à parte, vinculadas à literatura da Ciência da Informação, a Análise Conceitual, presente neste enredo, revela um desafio conceitual, tal desafio se deve à sua característica complexa, bem como seus reflexos em diversos âmbitos da Representação Documental.

3 'AS RELAÇÕES QUE ATUAM NA CONSTRUÇÃO DO ÁLBUM FOTOGRÁFICO O COLECIONISMO.

Observar as relações que estruturam o álbum fotográfico, é se envolver com as questões de ordem informacional, social, ou mesmo científico acadêmico presentes nos 185 anos (1839–2024) que a sociedade manteve uma relação informacional, cultural, memorialística com a imagem fotográfica, mais especificamente com o seu acúmulo. Há, assim, em destaque a complexidade do universo relacionado ao álbum fotográfico. Destaca-se, a sua importância em diferentes contextos, incluindo o fomento de conhecimentos, quando incluído em didáticas escolares, a classificação dos saberes, a organização de conhecimentos que por vezes tem nestes a sua única fonte, ou mesmo quando estes são a base imagética para se observar e compreender certos contextos socioculturais. No campo acadêmico, por exemplo, desenvolve-se o papel de instrumento de pesquisa, como identificado por Santos, Francisco e Moraes (2023).

Assim, o álbum fotográfico apresenta-se como um recurso informacional, que contribui para o desenvolvimento e disseminação de conhecimentos. Essas características sugerem que não são apenas depósitos de imagens fotográficas, textos e outros elementos visuais, mas também desempenham um papel ativo na promoção da compreensão e do aprendizado. Desta forma, se propõem a várias situações distintas, fomentando ou mesmo se alinhando aos preceitos do colecionismo e claro à Organização do Conhecimento. (Ferraz, 2014). Analisando o colecionismo de fotografias, destaca-se a presença da representação do seu colecionador.

O Colecionismo é uma prática comum entre diferentes grupos sociais ao longo da história. A coleção é uma instituição universalmente difundida, considerada uma representação do seu colecionador, em que o mundo está presente em cada um dos seus objetos de modo organizado. O fato de possuir determinadas peças de coleção confere prestígio, testemunhando o gosto de quem as adquiriu, ou seus interesses intelectuais. (Ferraz, 2014, [n. p.]).

A diversidade destacada acima, essa flexibilidade e poder de adaptação, torna sensível à necessidade de se refletir o álbum fotográfico como gerador de conhecimentos, em seus diversos contextos, para que se possa buscar o seu entendimento de forma mais ampla. Julga-se conveniente esboçar um traço originário nesta produção, o enlace entre: colecionismo, Organização e Representação do

Conhecimento, conceito (a presença de certas fronteiras da Linguagem) e a “classificação primária”. Ferraz (2014, [n. p.]) aponta o álbum como um instrumento de análise, por este trazer consigo uma “[...] narrativa ímpar, específica de cada família colecionadora, no que diz respeito aos retratados, aos fotógrafos, técnicas e formatos. Carrega ainda informações a respeito das redes de sociabilidade tecidas pelas famílias colecionadoras”.

O advento da fotografia¹⁰ e o seu acúmulo, se alinhou a necessidade de organização, tentativas de explicar e entender o cotidiano, racionalizar o seu contexto social, por meio da caça, coleta e organização de conhecimentos e informações, principalmente por meio de imagens fotográficas, que possui em si a narrativa enervada de afetos e memórias. Sendo o suporte ideal desta ação: o álbum fotográfico.

Menegat (2005, p. 5) afirma que poucas “[...] atividades cognitivas humanas têm a transversalidade e duração do colecionismo. Essa forma de selecionar coisas e estabelecer uma significação remonta à pré-história e, mesmo, ao processo de evolução da espécie humana”. O desenvolvimento de produtos, segundo este autor, ocorre a partir da seleção de materiais. No caso dos grupos primitivos de Homo sapiens modernos, Menegat (2005, p. 5) lembra serem identificados como coletores e caçadores. “Coletando e diferenciando elementos, tornou-se possível estabelecer uma classificação das coisas, que precisa ser explicada, entendida ou nomeada”

As diversas sociedades deixaram como registros de sua existência, seus conhecimentos, em diversos materiais que percorreram este processo de criação. Conhecimento registrado de várias formas, seja textual, imagética, sonoro ou mesmo pela somatória de ambos, em diversos ambientes – analógico ou digital. Gerando novos conhecimentos, respostas a questões, desenvolvendo habilidades, promovendo memórias, sentimentos de pertencimento, ou mesmo favorecendo o avançar do entendimento e compreensão de um local, período histórico, de uma sociedade ou mesmo um tema de interesse.

Os registros, por sua vez, têm em sua origem o pensar e coletar e possuem uma forma, uma materialidade, bem como funções e usos. Carregam consigo valores, escolhas, vínculos que durante os processos de organização e a representação têm neste contexto de origem um aporte de grande importância.

¹⁰ Esta questão está contemplada em Santos e Albuquerque (2017)

As fotografias e o seu acúmulo, o álbum fotográfico, carregam consigo aspectos da sociedade que lhe deu origem. Tais aspectos estão representados por meio das escolhas desenvolvidas, visando a divulgação, o documentar, o congelar uma cena, uma memória ou mesmo criar uma memória. Mas, nos parâmetros do colecionismo de fotografias, estas adquirem uma perspectiva, um enredo, uma narrativa. Passam por um crivo de seleção, recolhimento, uma desnaturalização inicial para adquirir outra por meio da classificação e descrição, ou seja, uma busca pela significação por meio de uma narrativa visual. Uma busca por alocar estas imagens em uma formatação que traga o significado desejado, uma significação que envolve a essência do projeto que visa promover e alinhar informações, produzindo em sua finalidade: o álbum fotográfico. A estreita relação entre o colecionismo de imagens fotográficas e a classificação desenvolvida durante a criação do álbum fotográfico será analisada com mais profundidade a seguir.

3.1 O ÁLBUM FOTOGRÁFICO E A PRESENÇA DO COLECIONISMO

A sociedade, principalmente após a propagação da invenção de Niepce e Daguerre em 1839, promove uma coleção, não apenas de fotografias, mas de conhecimentos, fragmentos de memória, de saberes a respeito do seu cotidiano e do mundo no qual está inserida. Desta forma, há uma mutação de um simples colecionador de imagens para uma narrativa, que possui conhecimentos e saberes com base nas percepções humanas (Silva, 2008).

Os álbuns são compreendidos, a partir desta concepção, como a materialização de diversas questões, inclusive culturais, ligadas em sua origem ao colecionismo, resultado de um projeto, que se utiliza por meio de imagens e outros recursos que se integram a fotografias. Há, em alguns casos, o processo de ressignificação e uma ligação clara com o seu criador. Tais processos, ligados ao recolhimento e ao desenvolvimento de uma narrativa que permeiam a criação dos álbuns fotográficos, permitem uma ligação entre o indivíduo e a sua gênese. Nesse sentido, destaca-se que:

A um dado momento torna-se característica da coleção uma ruptura que a arranca a seu sistema involutivo e a determina para um projeto ou exigência (de prestígio, cultural, comercial — pouco importa, desde que o objeto acaba por colocar um homem em face de outro: trata-se então de uma mensagem) (Baudrillard, 1993, p. 113).

Esta ruptura, e conseqüentemente esta mensagem, exposta por Baudrillard (1993), quando transportada aos parâmetros do álbum fotográfico e à ORC, tem a linguagem como pano de fundo.

Contudo, qualquer que seja a abertura de uma coleção, há nela um elemento irreduzível de não-relação com o mundo. Por se sentir alienado e volatilizado em um discurso social no qual as regras lhe escapam é que o colecionador procura reconstituir um discurso que lhe seja transparente, já que detém os seus significantes e que o último significado de tal discurso vem a ser no fundo ele mesmo. Mas está fadado ao fracasso: acreditando ultrapassar não vê que transpõe pura e simplesmente a descontinuidade objetiva aberta em uma descontinuidade subjetiva fechada em que a própria linguagem que emprega perde qualquer valor geral (Baudrillard, 1993, p. 113).

Esta ação, de não relação com o mundo, se caracteriza, segundo este autor, como uma perspectiva pertencente à natureza da coleção e do colecionador, focando a ideia de que, independentemente da existência da abertura, há nesta coleção, por natureza, um elemento intrínseco de não-relação com o mundo. Aqui, o destaque é para a influência que tal ação possui para a compreensão e significados de tal discurso que a coleção possui. Menegat (2005), analisando o espírito do colecionismo, evidencia que a humanidade e a atividade de colecionar conhecimentos, seus saberes, e transformar tais conhecimentos e disponibilizar o acesso e a divulgação as novas gerações, se instala na necessidade de coleta, seleção de materiais, que está vinculada as tentativas de explicar e entender o mundo.

Coletar e selecionar está entranhado no processo cognitivo humano não apenas em termos do reconhecimento das diferentes coisas que existem no mundo, como objetos e bens materiais para entender o mundo, o homem também colecionou os modos de entendimento e as cosmogonias que elaborava na forma de mitos. Lévi-Strauss, um dos mais importantes antropólogos do século XX, refere-se ao mito como uma coleção de restos de fatos, restos de narrativas presentes na história de um grupo. Explicações que vão sobrando na memória de um grupo e, assim, vão sendo acrescentadas ao mito, como uma colagem ou melhor, bricolagem. Isso constitui uma forma de pensar o mundo e as coisas que o constituem (Menegat, 2005, p. 5).

E o referido autor, citando novamente Lévi-Strauss, diz que “[...] toda classificação é melhor que o caos” (Menegat, 2005, p. 6). Seguindo seu cronograma, aponta que na Idade Moderna, a atividade de colecionar renova-se e adquire novos significados, em destaque nas artes e nas ciências, concebendo aspectos que ganham amplos públicos e, com isso, também, o estatuto cultural, as cortes e o poder (Menegat, 2005).

Dos gabinetes de curiosidades às grandes exposições universais e museus, há um trabalho árduo de colecionar e explicar que ultrapassa os limites da ciência e encontra ressonância com o público, as instituições e as políticas públicas. Essas identidades se estabelecem na semelhança – todos seres humanos de alguma forma colecionam coisas, afetos e memórias [...] a mente humana tornou-se capaz de reconstruir um passado em que sequer o homem vivia nele (Menegat, 2005, p. 6).

À luz do colecionismo, o álbum fotográfico possibilita identificar algumas questões profundas, apontadas acima, vinculadas com o colecionismo e transpostas pela narrativa e pela linguagem. Além de possibilitar o emergir de significações aparentes e as que estão submersas na sedutora imagem. Esta análise sobre as propostas do colecionismo se estende no sentido de não permitir uma leitura superficial, que considera apenas a reunião de objetos imagéticos ou não a uma ordem.

Outro fato a ser destacado são os significados revisitados das imagens fotográficas. Essa ressignificação pode ocorrer adversamente. Por exemplo, imagens de sedes de fazendas, edifícios históricos, ruas e logradouros públicos, festejos, personalidades como artistas ou pessoas comuns, instituições, carros de boi, passeios públicos, paisagem urbana e rural, prédios e lugares paradisíacos se tornam peças do imaginário pictórico do sujeito construído nos álbuns fotográficos, tomando para si outros significados. (Baudrillard, 1993). Se evidenciando, assim, uma das facetas mais proeminentes do colecionismo:

O objeto é aquilo que melhor se deixa 'personalizar' e contabilizar de uma só vez. E para uma contabilidade subjetiva dessa natureza não existe nada de exclusivo, qualquer um pode ser possuído, investido, ou, dentro do jogo colecionador, ordenado, classificado, distribuído. O objeto é assim, no seu sentido estrito, realmente um espelho: as imagens que devolve podem apenas se suceder sem se contradizer. É um espelho perfeito já que não emite imagens reais, mas aquelas desejadas (Baudrillard, 1993, p. 98).

Em meio a este contexto, é preciso destacar que há uma necessidade latente de explicar, de colocar em processo racional uma memória que, segundo o autor, precisa ser passível de ser decodificada e colecionada. Este jogo colecionador citado acima envolve várias dimensões.

Na espessura do mundo presente, da revolução da informação e da tecnociência, o que sobra dessa atividade fundadora do nosso modo de pensar e ser? Ou melhor: em que outros quadros epistemológicos são possíveis inserir o colecionismo? Qual a sua dimensão nas artes, na cultura e, mesmo, no cotidiano? Que novas fronteiras podemos estabelecer? Podemos prescindir de nossa memória histórica, cultural

e natural? Por que, no Brasil, temos dificuldades em cuidar de nossas coleções e colocá-las como basilares de nosso próprio processo civilizatório, isto é, do entendimento de nossas raízes, natureza e culturas? Qual o papel e o espaço das coleções públicas e privadas? (Menegat, 2005, p. 7).

Menegat (2005) demonstra, assim, a força, efeitos e práticas que o colecionismo possui. Revelando os fundamentos do colecionismo e seu enraizamento na história da humanidade. Mas em destaque, propõem nesta sua reflexão que a humanidade está vinculada ao colecionismo desde seus primórdios. Possibilitando a reflexão de que a humanidade possui um traço relevante, especialmente em suas ações do cotidiano: a prática do colecionismo e a criação de narrativas.

O ato de incorporação na coleção das fotografias e outros objetos textuais e imagéticos, coletadas e reunidas ao longo dos anos, revela que o álbum fotográfico, é composto por conjuntos informacionais, que, podem distinguir na sua forma de acumulação, mas possuem em seu cerne algo relevante: completam-se e interagem entre si, para formar uma narrativa única, demonstrando e revelando assim sua gênese.

Um conjunto de memórias e conhecimentos que, com a ajuda de fotógrafos profissionais, amadores ou mesmo tipografias, promoveram o acúmulo e a circulação dessas, em busca de serem consumidos e, assim, contribuir para a formação de uma memória particular e oficial. Desta forma, o álbum fotográfico apresenta-se como referência, que tem em suas bases, o colecionismo e o acúmulo, com sua narrativa construída por meio da coleta e seleção de uma gama de registros que, em alguns casos, duram décadas. Paralelamente às suas atividades colecionistas, o sujeito criador dos álbuns se efetiva e se apresenta mais intensamente durante a narrativa, que se estabelece de forma textual ou diagramática.

O filósofo francês Jean Baudrillard, em “O sistema dos objetos” (1993) percebendo as características do colecionismo, expõe que a sua principal característica é o seu envolvimento com o enredo da paixão. O gosto pela coleção estaria alinhado a uma natureza de jogo passional (Baudrillard, 1993). “Admitamos que nossos objetos cotidianos sejam, com efeito, os objetos de uma paixão, a da propriedade privada, cujo investimento afetivo não fica atrás em nada àquele das paixões humanas, paixão cotidiana que frequentemente prevalece sobre todas as outras, que por vezes reina sozinha na ausência das outras” (Baudrillard, 1993, p. 93).

Nesta amálgama referente ao ato de colecionar a presença de práticas

sociais, como, por exemplo, a ação de buscar nas reportagens, fragmentos (fotografias, recortes de jornais, ou seja, registros imagéticos e textuais fora do estúdio fotográfico, fora do ambiente pré-moldado e de suas fórmulas e contextos pré-estabelecidos) que demonstrem algo relevante para fazerem parte de determinado álbum. São exemplos registros referentes ao avanço e à transformação urbana, industrial, paisagística, ou mesmo demarcando a presença de monumentos em espaços públicos e privados.

Há ações com roteiros, como, por exemplo, os registros de ritos de passagem e a venda destes álbuns (como, por exemplo, álbuns de casamento, primeira comunhão, entre outras atividades ligadas ao cotidiano religioso e social). Também fazem parte desta composição, que possui em seu cerne, o colecionismo e a narrativa imagética do sujeito ou mesmo do seu grupo. Ferraz (2014), nesse sentido, destaca que os clientes dos ateliês fotográficos, no período oitocentista, além da Família Imperial, eram a elite que, neste período, pode ser delimitada como os barões de café, a alta burocracia do Império, além dos profissionais liberais e da população urbana enriquecida pelo comércio.

Destaca-se que este registro do conhecimento carrega consigo, de forma conectada à “lógica de arquivo”, “função social” (Ferraz, 2014, p. 9). Esta questão pode ser evidenciada na fala de Ferraz (2014, p. 9) que expõe que havia uma manifestação de um desejo, “[...] pelos retratos de familiares, pelas vistas panorâmicas e cartes-de-visite, com retratos de personalidades ou de tipos humanos exóticos, que eram trocados entre parentes e amigos, [...]. Tal ação era movida nesta sociedade visando “[...] enviar como lembrança e para comporem os álbuns que ficavam expostos nas salas de visita” (Ferraz, 2014, p. 9).

Entre os usos e as funções do colecionismo de fotografias pode-se destacar sua contribuição para a construção da autoimagem da elite oitocentista no Brasil, traduzindo-se em um traço de distinção social, além de contribuir para a consolidação das redes de sociabilidade construídas entre a Família Imperial e as famílias da elite no Brasil monárquico. A troca de fotografias pode ser entendida como uma forma de pertencimento em relação aos valores monárquicos (Ferraz, 2014, p. 9).

Baudrillard (1993) coloca em evidência que a estrutura do sistema possessivo da coleção e sua indiscutível ligação final com a pessoa do colecionador. “Os objetos não nos auxiliam apenas a dominar o mundo por sua inserção nas séries instrumentais – auxilia-nos também, por sua inserção nas séries mentais, a dominar o tempo,

tornando-o descontínuo, classificando-o do mesmo modo que os hábitos, submetendo-o às mesmas forças de associação que regem o arranjo no espaço” (Baudrillard, 1993, p. 102).

Esta domesticação e a manipulação apontada pelo autor do tempo, que ocorre neste circuito fechado que se instala em determinadas coleções, se alinha ao tipo desta coleção, como, por exemplo, no caso dos álbuns há em pauta a memória, o tempo, os conhecimentos, enfim, saberes que se instalam entre tantos outros elementos que o colecionador busca domesticar e manipular. Baudrillard (1993) contribui para o entendimento e interpretação de uma coleção, percorre o entendimento de que este é um projeto, seja cultural, comercial, tratando-se então de uma mensagem.

Esta mensagem, exposta por Baudrillard (1993), ao ser transportada aos parâmetros do álbum fotográfico e à Organização do Conhecimento, tem como pano de fundo a classificação primária. O autor citado acima, expõe um traço importante da formação das coleções que podem ser estendidas às coleções de fotografias: a sua irredutível de não-relação com o mundo (Baudrillard, 1993). Tal questão está atrelada ao colecionador, pois esta procura reconstituir um discurso, uma narrativa que lhe seja transparente. Tal questão, segundo o autor citado, está vinculada ao fato de que este detém os seus significados atribuídos.

Neste sentido, há a necessidade de evidenciar o fato da presença, neste processo, da sempre sedutora e problemática leitura superficial das imagens das fotografias que compõem os álbuns fotográficos. Tal fato é contraposto pela necessidade de se investigar e refletir a respeito desta relação entre a formação do álbum fotográfico, o colecionismo e a classificação primária, ao haver uma simbiose entre estes.

Esta questão da presença das coleções na sociedade, citada neste texto, se alinha à ORC, em especial ao fato de que continuam a ser criadas. Menegat (2005) destaca que, atualmente, milhares de imagens são geradas e colecionadas por telescópios potentes, como o Hubble. Tal coleção fornece conhecimento de uma diversidade de corpos celestes, galáxias, nuvens cósmicas, estrelas e planetas, por exemplo.

Tem-se que o colecionismo, como visto pelo autor, é uma atividade fundadora do nosso modo de pensar e ser, das experiências vivenciadas pelo homem. Em relação a tal aspecto, no entender de Menegat (2005, p. 8), o colecionismo manifesta-

se como “[...] um dos fundamentos culturais de mais profundo enraizamento e de mais amplas consequências em toda a trajetória humana”. Colecionam-se gestos, conceitos, visão de mundo, memórias, que alinhados formam um conhecimento, uma narrativa que classifica e organiza as atividades cotidianas, bem como as científicas.

Barros (2016), ao dissertar a respeito da questão dos conceitos, evidencia que a humanidade precisou criar conceitos para nomear ou conceitualizar a compreensão de algumas realidades vivenciadas. Entre estas, há o lançamento de classificações e vocabulários específicos, tais como os vinculados ao astronômico, ao antropológico, ao geográfico e ao sociológico. Está-se observando os colecionismos de conhecimentos, que se instalam nas definições dos conceitos, os quais são acumulados/coleccionados e são o arcabouço teórico das mais diferentes ciências, inclusive a Ciência da Informação.

Buscando amparar esta relação, colecionismo, organização do conhecimento e classificação, têm-se as ideias de Baudrillard (1993), que expõem que o colecionismo possui uma estreita relação com a organização, bem como possui traços relacionados à posse e à singularidade. A posse do objeto ou dos objetos, entendidos aqui como registros do conhecimento. “Só uma organização mais ou menos complexa de objetos, que se relacionem entre si, constitui cada objeto em uma abstração suficiente para que possa ele ser recuperado pelo indivíduo na abstração vivida que é o sentimento de posse” (Baudrillard, 1993, p. 95). Partindo desta fala do autor, percebe-se a organização desta coleção como algo relevante, pois esta ação se apresenta como um empreendimento apaixonado, que se estabelece por meio da posse, e da sua organização, tanto estrutural quanto relacionada aos conhecimentos que ali estão presentes e representados.

O registro informacional imagético, à luz do colecionismo, possibilita identificar algumas questões profundas, apontadas acima, que a presença dos elementos do colecionismo, transpostos pela narrativa que o sistema de classificação proporciona em estrutura do álbum. A compreensão destes elementos do colecionismo, ou seja, coletar, organizar, ordenar, distribuir, além de possibilitar o emergir da estrutura do álbum, possibilita perceber as significações aparentes e as que estão submersas nas sedutoras imagens. Esta análise sobre a presença do colecionismo se estende no sentido de não permitir, durante os processos da OC, uma leitura superficial, uma não observância a seu contexto de coleta e organização em diversos espaços e contextos sociais, ou vistos com um olhar que não se aprofunde e estabeleça relações em

especial memorialística desta reunião de objetos imagéticos ou não em uma classificação.

Esta tríade colecionar, classificar/ organizar o conhecimento registrado se reflete claramente, com o passar do tempo, na própria ideias de criação de arquivos, bibliotecas e museus, bem como na criação e desenvolvimento do arcabouço teórico e metodológico da Ciência da Informação e a OC, como um dos seus pilares tem, em seus processos, traços deste acúmulo e inclusão dos mais diferentes tipos de registros do conhecimento humano, os quais são a inclusão destes nas suas preocupações.

Esta inserção nas preocupações teórico-metodológica da ORC, estudos como de Buckland (1991), evidenciam que os objetos de uma coleção possuem informações, ou seja, podem ser entendidos como potencialmente informativos (Buckland, 1991). “A literatura sobre Ciência da Informação concentrou-se estritamente em dados e documentos como recursos de informação. Mas isso é contrário ao senso comum. Outros objetos também são potencialmente informativos” (Buckland, 1991, p. 354). E, ao se referir a artefatos humanos, uma variedade de ossos, fósseis e esqueletos, reunidos nos centros de pesquisa, afirma que:

Qualquer universidade estabelecida, por exemplo, provavelmente possui uma coleção de rochas, um herbário de plantas preservadas, um museu de artefatos humanos, uma variedade de ossos, fósseis e esqueletos e muito mais. A resposta é, claro, que objetos que não são documentos no sentido normal de serem textos podem, no entanto, ser recursos de informação, informação-como-coisa. Objetos são coletados, armazenados, recuperados e examinados como informação, como base para se tornar informado (Buckland, 1991, p. 354).

Sobre esta perspectiva do colecionismo, o álbum fotográfico pode ser avaliado e estudado sobre a abordagem da sua criação, gerando assim, sua gênese. No entanto, além desta, há o destaque de que este tipo de documento imagético se torna um projeto, uma coleção que se refere ao seu criador, que pode levar décadas para ser completada, ao acompanhar a vida desta pessoa ou grupo. Ou seja, as origens e composição do conjunto seguem a diversidade, seja com a compra (em lojas de tipografia que comercializavam fotografias da cidade, por exemplo), a contratação de fotógrafos, o roubo, a circulação das imagens entre familiares, a aquisição de coleções de outros. Enfim, há conhecimentos, memórias, pertencimentos ou mesmo propostas de criação anteriores, afetos envolvidos, além, é claro, da sua organização, classificação, diagramação e conservação.

Assim, o colecionismo de fotografias se destaca neste domínio, por integrar a construção da autoimagem das pessoas que compõem este domínio. São símbolos imagéticos de distinção social, que, em simbiose com a linguagem escrita, buscam representar o conhecimento, o processo lógico, organizado da melhor forma que o colecionador encontra em seu meio. Aqui, destaca-se o uso de conceitos específicos ou mesmo imagens fotográficas, visando formar um conceito geral, que norteia o álbum fotográfico, ou seja, a temática principal que esta coleção de objetos e imagens visa sistematizar.

Mas, em destaque, propõem nesta reflexão que a humanidade está vinculada ao colecionismo desde seus primórdios. Possibilitando a reflexão de que a humanidade possui um traço relevante, especialmente em suas ações do cotidiano: a prática do colecionismo e a criação de uma classificação.

3.2 ARRAIAL DE CANUDOS E O SEU O ÁLBUM FOTOGRÁFICO

Se a fotografia é a escrita com a luz¹¹ e o álbum é a tela branca¹² por meio do qual se pode desenvolver uma narrativa, o álbum do Arraial de Canudos, imagem 7, é uma narrativa que coleciona e classifica, por meio da escrita pela luz, um dos episódios mais sangrentos da História do Brasil. Os álbuns são permeados por imagens que juntas desenvolvem uma narrativa, que possui marcas do seu domínio, ou seja, um período de transição da Monarquia para a República, tomado pela instabilidade e marcado por ebulição social. Há, neste sentido, uma necessidade de apagar os descontentamentos e insurreições, principalmente da História.

¹¹ Origem etimológica: foto + grafia. "fotografia", In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/fotografia>.

¹² Origem etimológica: latim álbum, i, branco, mancha branca, quadro branco para registos, lista. "álbum", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/%C3%A1lbum>.

Imagem 7 – Álbuns fotográficos de Canudos¹³

Fonte: Imagem feita pela pesquisadora no Arquivo do Museu do Catete (2024)

O Arraial Canudos, hoje submerso pelo Açude Cocorobó, se apresenta como um espaço que carrega consigo uma história que possui inúmeras questões por si só. Possui em sua história três ocupações. A primeira, o arraial, cenário narrado no álbum e pelos cronistas como Euclides da Cunha. A segunda, que ocupa o mesmo espaço que a primeira, tem seu fim durante o processo de construção do Açude Cocorobó, entre os anos de 1951 a 1968. A terceira, - quando há grande seca na região (como ocorreu em 2013) e as ruínas da primeira Arraial, emergem ou mesmo em datas cheias, tidas como “comemorativas”, como 100 anos da Guerra de Canudos, (1897-1997) ou 100 anos de Euclides da Cunha, - se torna notícia e há uma revisitação da história que carrega consigo em relação à primeira e a segunda ocupação nomeada de Arraial de Canudo

A vila do Conselheiro, não bastasse ter sido destruída na guerra, encontra-se submersa, afogada que foi, em 1969. Pelas águas do

¹³ O álbum Azul contém 15 fotografias e o segundo vermelho contém 54 fotografias, além de uma repetida totalizando 55.

Açude de Cocorobó, A cidadezinha que hoje toma o nome de Canudos fica a 10 quilômetros do original. Em volta do açude. Qual sentinelas de uma história que insiste em não morrer, vigiam os morros tornados nacionalmente conhecidos, à época da campanha, como locais de onde o Exército disparava seus canhões contra o arraial insurgente, e onde os rebeldes arriscavam suas escaramuças contra as tropas regulares — o Morro da Favela, o Morro do Mário. O Morro da Favela tornou-se tão famoso que veio a nomear um morro similar no Rio de Janeiro (Toledo, 1997, p. 66).

Assim, as reportagens colocam em evidência uma comunidade no interior do estado da Bahia, que se tornou “famosa” por sua resistência. São expostos nas reportagens uma guerra que se apresenta para além da luta corporal e se instala na base social, política e principalmente imaginária na figura dos seus moradores mais celebres “Jagunço” entre 1896–1897.

Esta questão pode ser visualizada na imagem 8.

Imagem 8 – Reportagem referente a seca na região em 2013.



Canudos revelada

Seca põe à mostra ruínas de antigo povoado coberto por água de açude

Fonte: O Estadão (2013, [n. p.]).

E entre estas questões, a presença do Arraial de Canudos na imprensa estava presente no período da Guerra, vinculada ao misterioso, ao curioso ou mesmo ao olhar para o exótico. Há um bombardeio informacional antes da guerra nas trincheiras, tal fato pode ser percebido nos jornais do período, tal questão será melhor exemplificada posteriormente.

Pinheiro (2007, [n. p.]) coloca em destaque este aspecto, quando destaca que pela primeira vez, “[...] o país testemunhou uma cobertura diária [...] para a qual foi dada tamanha importância que jornalistas de diversas instituições de notícias foram enviados à região, como correspondentes” Pinheiro (2007, [n. p.]). Com a campanha, surgiram vários assuntos ligados aos acontecimentos no sertão da Bahia e, graças

aos correspondentes, havia narrativas de eventos, prisões e atos heroicos.

A peleja de Canudos, marcada por forte sensacionalismo midiático, foi uma das conseqüências da confusa instauração da República Brasileira. Contra o lugarejo monarquista, segunda maior cidade da Bahia, na época, e seu líder, Antônio Conselheiro, foram enviadas quatro expedições militares. A última contava com o apoio de 16 estados brasileiros e caracterizou-se por adequar as vestimentas dos soldados à região espinhosa da caatinga sertaneja. A opinião pública, com as notícias sobre a campanha fratricida, determinava a necessidade de medidas decisivas do governo para que o conflito fosse logo solucionado. Em outubro de 1897, terminou a resistência sertaneja dos “adversários moribundos”, vencida também pela fome e pelo cansaço. (Pinheiro, 2007, [n. p.]).

Ao chegar no campo de batalha, em maio de 1897, o fotógrafo Flávio de Barros não estava lá para empunhar uma arma de fogo, mas sim a câmera fotográfica e registrar as operações militares. A partir desta presença, a quarta expedição, teve registrado o campo de batalha, as ações e decisões que se desenrolaram durante a guerra, decisões foram sendo registradas e construíram um minucioso relatório imagético, que somava textos, imagens fotográficas, a qual foram a base para a produção do álbum fotográfico. Nesta empreitada de “informar” a população dos acontecimentos, até mesmo os pensamentos religiosos, filosóficos e políticos de Antônio Conselheiro foram publicados décadas depois. Mas o “Os sertões”, de Euclides da Cunha, ganhou notoriedade por ser visto como crônicas da Guerra de Canudos, ou seja, a narrativa oficial.

Esta questão, da divulgação possui meandros, como os silêncios no entorno da temática “Canudos”, Rui Barbosa tem, segundo Nogueira (1974) entre os seus papeis guardados, possuía um discurso que em suas linhas estão uma denúncia, um pronunciamento que seria feito no Senado, contra as injustiças que a população de Canudos sofrera. Este silêncio se somou a tantos outros, como a inundação para a construção do açude.

Rui Barbosa nomeia seu discurso de “Terminação da guerra de Canudos” do ano de 1897, um discurso não pronunciado, que pode ser revisitado em Nogueira (1974, p. 02, grifo nosso):

Esse dever me fala ao espírito com a severidade dos deveres sagrados, que, preteridos pelos fracos,' se guardam para a hora da conta, debruçando-se implacáveis à cabeceira dos agonizantes. Aqueles, por quem eu não pude, vivos, requerer o habeas-corpus, isto é, a justiça, obrigam-me, mortos, a impetrá-lo de Deus para a minha consciência, do país para o seu governo, do mundo civilizado para a nossa terra, porque a nossa terra, o nosso governo, a nossa

consciência está comprometida: a nossa terra seria indigna da civilização contemporânea, o nosso governo indigno do país, e a minha consciência indigna da presença de Deus, se esses meus clientes não tivessem um advogado. Nunca este recinto conteve auditório igual. **Os mortos pululam por entre os vivos: inclinam-se daquelas galerias, apinham-se em torno deste anfiteatro, encostam-se às nossas cadeiras, não se vêem, mas se ouvem, se sentem, como que se palpam.** Vêm das catingas do Norte, dos campos devastados da guerra, das ruínas lavradas pelo fogo, dos destroços do petróleo e da dinamite; são desarmados, mulheres e crianças; mostram no colo o sulco da gravata sinistra; mutilados, eviscerados, carbonizados, estão dizendo: Falai por nós, voz da Bahia, voz da justiça, voz da verdade. Falai por nós, legisladores brasileiros, que falais por vossas almas, por vossos filhos. Temei a expiação, com que Deus pune o egoísmo insensível à causa dos mortos. As iniquidades que bradam nos céus recaem sobre a terra indiferente em chuva de iniquidades. Separai a vossa sorte da sorte dos maus, ou a maldade será soberana, empestará o solo, e por mais de uma geração desencadeará sobre o povo o flagelo dos crimes que nos exterminam. Felizes os nossos companheiros, que morreram arrostando os leões; nós acabamos às garras das hienas. Somos as vítimas da boa-fé, a hecatombe da carniça.

Este discurso, carregado de significados, evidencia uma população massacrada e tinha na figura de “Antônio Conselheiro”, nascido na vila de Quixeramobim Antônio Vicente Mendes Maciel, em 1828, a sua liderança (Nogueira, 1974, p. 04).

A constituição da população canudense teve por base uma população que em sua grande parte era formada por pessoas de todas as condições sociais, que eram acolhidas ao grupo do Conselheiro. “Acolhe com carinho principalmente as vítimas da politicagem infrene, do fisco voraz e das arbitrariedades policiais” (Nogueira, 1974, p. 07). Assim, este grupo, sempre crescente, acompanhava Antônio Conselheiro por diversos municípios, desenvolvendo construções de cemitérios e igrejas.

De novo é notada a presença de Antônio Vicente Mendes Maciel em muitos municípios, já agora acompanhado de numeroso grupo de auxiliares na construção de cemitérios e igrejas. Considerável o número de povoações em que não há sacerdote e de paróquias sem o pároco. Ele dirige as orações que o povo sempre costuma fazer às tardes. E suas prédicas são de grande fruto (Nogueira, 1974, p. 07).

Antônio Conselheiro foi alvo de várias denúncias, que se mostravam inverídicas, um exemplo deste fato, é a sua prisão em Vila Itapicuru de Cima na data de 1877. A denúncia afirmava que o beato era o assassino da mãe e da mulher.

Resulta da averiguação que as acusações são fantasiosas: sua mãe morrera quando contava seis anos de idade; sua mulher está viva no Ceará. Dá-se o regresso à Bahia. Continua a percorrer os sertões

seguro dos seus atos e amado do povo, do mesmo modo que o fizera em Pernambuco e Sergipe (Nogueira, 1974, p. 07).

Nogueira (1974) destaca que as populações abandonadas ou perseguidas pelo fisco e pelas autoridades engrossavam cada dia mais o grupo do conselheiro. Pequenos proprietários que perderam tudo para “A rapacidade fiscal fundada, por antífrase, no direito do fisco. A exação com todo rigor. Não pretende parte nos lucros, mas tudo” (Nogueira, 1974, p. 07).

Imagem 9 – Arraial dos Canudos, visto pela Estrada do Rosário, 1897.



Fonte: Brasil (2024b).

Propõe-se em 1893 a fundar uma cidade, logo a Proclamação da República. Monarquista, assumido, elege Canudos, uma “[...] antiga fazenda de criação, às margens do rio Vaza-Barris, abandonada completamente, sem viva alma. Além da sede, havia umas poucas casas” (Nogueira, 1974, p. 09). Em sua narrativa, Euclides da Cunha, evidencia a população do Arraial

Perturbavam-se, então, as vistas, nó emmaranhado dos casebres, esbatidos em baixo. E contavam: uma, duas, três, quatro mil, cinco mil casas! Cinco mil casas ou mais! Seis mil casas, talvez! Quinze ou vinte mil almas — encafurnadás naquella tapera babilonica e invisíveis. De longe em longe, um vulto, rápido, cortava uma viella estreita, correndo, ou apontava, por um segundo, indistincto e fugitivo, a entrada da grande praça vasia, desapârecendo logo (Cunha, 1905, p. 443)

A versão do ocorrido, “A Guerra de Canudos” reeditada em 1902 de Henrique Duque-estrada de Macedo Soares, em sua introdução, desenvolve uma “[...] narrativa da espantosa tragédia, sob o ângulo militar, estritamente” (Soares, 1902, p. 128) Afirma que “Era aquela colossal povoação, habitada por 30 ou 35 mil pessoas fanatizadas e de armas em punho, prontas a morrer pelo seu ideal, [...]” Divergências a parte, tem-se que esta cidade entrou em conflito com o Estado após boatos. Nogueira, (1974, p.16) afirma que no início desta questão, foi comprada a madeira para o telhado da igreja nova na cidade de Juazeiro,

Quanto a esta nova compra, espalha-se o boato de que o Conselheiro iria pessoalmente escolher a madeira. ‘E como sucede com quase todos os boatos, este se foi avolumando de momento a momento, de modo que, dentro em pouco, a notícia se tinha transformado numa ameaça tremenda.’. António Conselheiro iria invadir a cidade, ordenaria o saque geral ao comércio. Em seguida, tiraria vingança cabal do juiz de direito da comarca em virtude de fatos anteriores, acontecidos em outra comarca. ‘Na verdade, o que havia era o seguinte: ao saber que, embora paga não era despachada a madeira por falta de quem a transportasse, o Conselheiro mandara avisar que iria buscá-la com a sua gente. Esta versão é mais plausível, mas também dava azo aos mesmos boatos tenebrosos’.

E assim, se deu início com um equívoco. Os rumores se alastraram em Juazeiro, que haveria uma invasão. A este respeito, Euclides da Cunha (1905, p. 16) afirma que, esse “incidente desvalioso” ocorreu em outubro de 1896

Antônio Conselheiro adquirira em Joazeiro certa quantidade de madeiras, que não podiam fornecer-lhe as caatingas paupérrimas de Canudos. Contractara o negócio com um dos representantes da auctoridade daquella cidade. Mas ao terminar o prazo ajustado para o recebimento do material, que se applicaria no remate da igreja nova, não lh'o entregaram. Tudo denuncia que o distracto foi adrede feito, visando rompimento anhelado. O principal representante da justiça do Joazeiro, tinha velha dívida a saldar com o agitador sertanejo, desde a época em que sendo juiz do Bom Conselho fora coagido a abandonar precipitadamente a comarca, assaltada pelos adeptos daquelle. Aproveitou, por isto, a situação, que surgia a talho para a desaffronta. Sabia que o adversário revidaria à provocação mais ligeira. De facto, ante a violação do tracto aquelle retrucou com a ameaça de uma investida sobre a bella povoação do S. Francisco: as madeiras seriam de lá arrebatadas, a força.

Com informações desencontradas, inicia-se a primeira de quatro expedições. Estas quatro expedições vão escalonando não só a sua liderança que inicia com um tenente, a segunda por um major, à terceira por um coronel e a quarta possui várias figuras ilustres, como o general Artur Oscar e o Ministro da Guerra, o Marechal Carlos Machado de Bittencourt

Aos calamitosos e longos meses de penúria, sucederam tempos de abundância e de prosperidade. Com a ida do Ministro da Guerra, o Marechal Bittencourt, para Monte Santo e com o qual fôra conferenciado o Coronel Campelo, foi regularizado o serviço de fornecimento da munição de guerra e de bôca. Duas e três vêzes, diariamente, os comboios chegavam, depositando suas cargas no grande depósito da Repartição do deputado do quartel-mestre-general (Soares, 1902, p. 314).

A quantidade de soldados enviados para combater o inimigo da República crescia ao longo do tempo que, as investidas se seguiam. A primeira expedição teve aproximadamente, segundo Euclides da Cunha, 100 homens

É enviada a força de cem praças do exército, sob o comando do tenente Pires Ferreira, mas com a ordem de ir ao encontro dos canudenses, "a fim de evitar que eles invadissem a cidade". O comandante deveria proceder de acordo com o juiz de direito da comarca. Tudo isto deturpa o que havia de ser feito e é o primeiro erro grave. A 19 de novembro de 1896 a força acampa no arraial de Uauá, a 114 quilômetros de Canudos, [...] (Nogueira, 1974, p. 17).

Em nome da ordem pública que aparentemente estava em perigo e do bem-estar da população, a quarta expedição é enviada com a missão de dizimar o Arraial. Euclides da Cunha (1905, p. 359), afirma que:

A quarta expedição organizou-se através de grande commoção nacional, traduzida em actos contrapostos ás próprios gravidade dos factos. Foi a principio o espanto; depois um desvairamento geral da opinião; um intenso agitar de conjecturas explicando o inconceitual do acontecimento e firmando uma razão de ser qualquer para aquelle esmagamento de uma força numerosa, bem aparelhada e tendo chefe de tal quilate.

Euclides da Cunha (1905, p. 359), questiona "Exageramos?" e este coloca as informações que dispunha

Deletrreemos, ao acaso, qualquer jornal daquelles dias. Doutrinava-se: «O que de um golpe abalava o prestigio da auctoridade constituída e abatia a representação do brio da nossa pátria no seu renome, na sua tradição e na sua força era o movimento armado que, à sombra do fanatismo religioso, marchava acelerado contra as próprias instituições, não sendo licito a ninguém illudir-se mais sobre o pleito em que audazmente entravam os saudosos do império, francamente em armas.

A partir deste trecho percebe-se a instabilidade e a fragilidade que a visão de uma cidade e seus moradores causavam, contra a recém-instalada República. Outro fato que se instalava no imaginário era o fanatismo religioso, que era tido como um pano de fundo para questões políticas e o medo do desconhecido.

Concluía-se: «Não há quem a esta hora não compreenda que o monarchismo revolucionário quer destruir com a Republica a unidade do Brazil. » Explicava-se: «A tragédia de 3 de março em que juntamente com o Moreira César perderam a vida o illustre coronel Tamarindo e tantos outros officiaes briosissimos do nosso exército, foi a confirmação de quanto o partido monarchista à sombra da tolerância do poder público, e graças até aos seus involuntários alentos, tem crescido em audácia e força. »2) (Cunha, 1905, p. 359).

No trecho supracitado, demonstra-se o pensamento do autor em relação ao fracasso que a terceira expedição teve, bem como a força que demonstrava a resistência de Canudos. E assim por diante, a opinião pública tinha um peso muito grande e a imprensa estava no eixo desta questão. Deslocaram batalhões de todos os Estados, segundo o autor supracitado, do Rio Grande do Norte; do Rio Grande do Sul, Regimento de Artilharia da Capital Federal; da Paraíba; do Piau; do Maranhão, de Sergipe; do Amazonas; do Ceará; parte da Cavalaria, da Bahia e de Pernambuco. Uma expedição que contou com cerca de cinco mil homens. Esta 4ª expedição estava abastecida de armamentos como canhões, “[...] Withwort de 32, pesando 1700kilos! A pesada machina, feita para a quietude das fortalezas costeiras — era o entupimento dos caminhos, a reduçao da marcha [...]” (Cunha, 1905, p. 377).

Do lado de Canudos havia o desconhecido, que segundo Euclides da Cunha, 1905, p. 414) eram “Os jagunços eram duzentos ou eram dois mil. Nunca se lhes soube, ao certo, o número. Na frente dos expedicionários o enigmático da campanha se antolhava mais uma vez, destinando-se a ficar para sempre indecifrável”. As baixas eram diárias e Euclides da Cunha (1905, p. 490). Afirma que “De 25 de Junho, em que trocara os primeiros tiros com o inimigo, até 10 de agosto, tivera a expedição 2049 baixas”

As duas torres da igreja nova, imagem 10, eram alvo do tiroteio, outros pontos que foram palco de combates, são Monte-Santo, Favella. Estes locais assistiram ao final desta guerra no dia 1 de outubro. “Assim, duplamente bloqueados, entre milhares de soldados e milhares de mulheres — entre lamentações e bramidos, entre lagrimas e balas — os rebeldes se renderiam de um momento para outro. Era fatal” Euclides da Cunha, (1905) data a morte de Antônio Conselheiro no dia 22 de agosto 1897.

Imagem 10 – Igreja do Bom Jesus (nova) – Fotografia Flávio de Barros. 1987



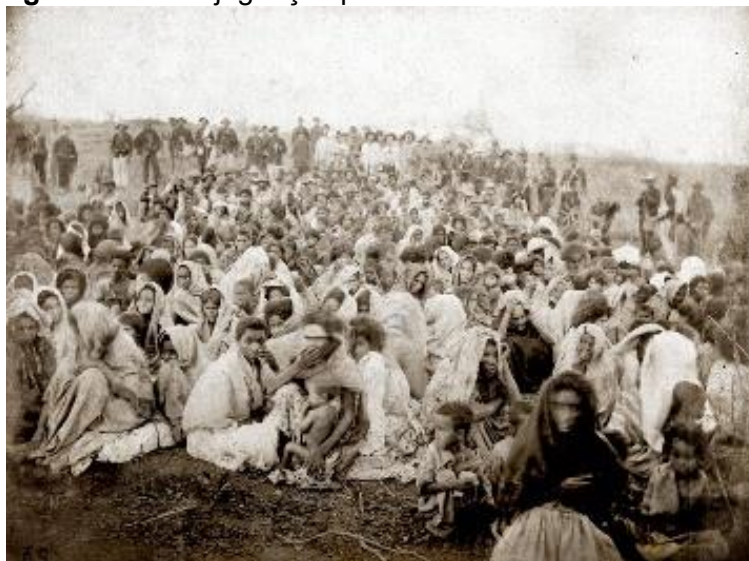
Fonte: Brasil (1987).

Os prisioneiros, descrito por Euclides (1905, p. 559)

Voltando triunphante, a tropa, que a principio colhera em caminho meia dúzia de creanças, de quatro a oito annos, por alli dispersas e tolhidas de susto, ao esquadrihar melhor os casebres conquistados encontrara algumas mulheres e alguns luctadores, feridos. Estes últimos eram poucos e vinham em estado deplorável: tropegos, arrastados, exhaustos.

O cerco foi especialmente fotografado por Flávio de Barros, que narra num tom de documentário as ações do exército, brasileiro. Na imagem 11, resume-se a população sobrevivente, que ao final, tem as suas casas “[...] “cuidadosamente contadas” por comissão oficial nomeada para tal fim. Eram cinco mil e duzentas. Aceitando-se uma média de cinco pessoas por morada, o que julgamos razoável para famílias sertanejas, teríamos vinte e seis mil habitantes” (Calasans, 1987, p. 77).

Imagem 11 – 400 jagunços prisioneiros- Flavio de Barros.1987



Fonte: Brasil (1987).

Nas narrativas dos seus cronistas, tanto Euclides quanto Macedo Soares, afirmam a presença de mulheres e crianças durante a peleja. Com a entrada do exército em Canudos, houve o vasculhamento do interior das casas e nas ruas havia “[...] luta, cujo resultado foi depois presenciado, quando se viram cadáveres de ambas as partes, com os de mulheres, crianças e inválidos, no meio de armas quebradas, torcidas e queimadas e o cartuchame espalhado no tapete ensanguentado em que se transformou a arena batida pelos litigantes” (Soares, 1902, p. 360).

Esta imagem, ao ser analisada por Pinheiro (2007, [n. p]), revela a narrativa que era empregada

A foto das mulheres e crianças prisioneiras, por exemplo, sugere que algo aconteceu antes e algo está para acontecer. As mulheres podem ser mortas, soltas ou vendidas para a prostituição; mas a imagem não se constitui um núcleo, pois ela não indica uma seqüência para a qual aquela cena seja imprescindível. Sua funcionalidade (fraca, mas não nula) é puramente cronológica. Para Barthes, a catálise serve para manter o contato entre narrador e narratário, logo, possui uma função fática.

Euclides da Cunha (1905, p. 561) evidencia o fim dos prisioneiros: degolados.

Chegados á primeira canhada encoberta, realisava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente á victima um viva á Republica, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabellos, dobrando-lhe a cabeça e esgargallando - lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degollavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lugubres. [...] Um golpe único, entrando pelo baixo ventre. Um destripamento rápido Tínhamos valentes que anceiavam por essas cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares.

Assim, no Arraial de Canudos, a primeira foi dizimada, degolada ou estripada. A degola mais famosa desta guerra foi do próprio Antônio Conselheiro, imagem 12, que após ser exumado, foi degolado e fotografado por Flávio de Barros. Tal ação foi descrita pelos jornais.

Imagem 12 – Cadáver de Antônio Conselheiro encontrado sob as ruínas da Igreja Nova – Fotografia de Flávio de Barros. 1987



Fonte: Brasil (1987).

Aqui, tem-se que destacar o fato que a quarta e última expedição, contou com a presença de Flávio de Barros, conforme indica imagem 13

Imagem 13 – Recorte de jornal Gazeta de Notícias (RJ) datado de 31 agosto 1897.

Edição 00243

Ano 1897/Edição 00243 (1)

<p>para auxiliar a nossa lavoura. Os carecermos aguardar o resgate como do papel-moeda inconvertível para affluam capitães de fora para emprego orado ou permanente na lavoura e outras actividades nacionaes: o capital le para o mercado que lhe offerece milias; os capitalistas são muito atilados sabem reconhecer depressa se as milias são duradouras, se nascem de boa orientação financeira e se esta orientação tem elementos de estabilidade.</p>	<p>ria, indo tambem a musica que o ministro quiz dispensar; o governador porém, gentilmente conseguiu que deixasse acompanhá-lo.</p>	<p>Vigário, morrendo dous officiaes e seis praças: que a boiada perdora-se na calunga, chegando apenas 11 bois: chegou-se mesmo a citar-se nomes de officiaes mortos.</p>
<p>resgate gradual do papel-moeda será, a primeira garantia que offereceremos aos capitães que desejamos atrahir e quaes logica e honestamente deveriam assegurar o amparo das justicias.</p>	<p>O embarque realçou-se ás 12 e 45. O ministro saiu do palacio com o conselheiro Vianna, no carro do governador, chegando ao elevador quasi ao mesmo tempo o general C. Eugenio acompanhado do coronel Olympo da Fonseca. Em baixo, no elevador esperavam carros especiaes da companhia tração electrica.</p>	<p>FAVILLA NUNES.</p>
<p>ranthia contra a desvalorisação do calet e garantia contra o esbulho do penhor são condições indispensaveis á existencia do credito territorial.</p>	<p>Concurrença extraordinaria. Na entrada da estação da estrada de ferro houve difficuldade, tal era a multidão.</p>	<p>Escreve o Dr. Euclides Cunha, correspondente do Estado de S. Paulo na Bahia:</p>
<p>Sr. ministro da fazenda expediu honordens á Caixa da Amortisação para elipar a substituição do papel bancario notas do thesouro, em execução da lei 9 de dezembro de 1896.</p>	<p>Todo mundo official, imprensa, todas as classes do povo estavam na gare. A força policial atravessou o bairro commercial sob chuva de confetti, flores e multos vivas da multidão que a acompanhava. A 1 e 10 parliu o combolo, havendo muitas aclamações.</p>	<p>Assomava, subindo em marcha forçada extensa ladeira e allingindo a praça de Castro Alves, n'uma irradiação de bayonetas scintillantes, o 4º batalhão de infantaria. Vem de longe, do sul—é o ultimo que aguardamos.</p>
<p>em deposito existem quantidades de notas cientes, que já se acham assignadas.</p>	<p>Deu guarda de honra uma companhia de menores do arsenal de guerra.</p>	<p>Completem-se com elle vinte e cinco batalhões de linha, aos quaes se addicionam os corpos policiaes daqui, de S. Paulo, do Pará, do Amazonas e contingentes de artilharia e cavallaria.</p>
<p>commandante do vapor brasileiro nabara, entrado hontem da Laguna, arou no acto da visita haver lançado nar durante a viagem e por motivo do poral grande quantidade de carga.</p>	<p>Ha tres dias está em festa a cidade de Alagoinhas á espera do ministro que terá allí imponente recepção.</p>	<p>Calcule com approximação razoavel em dez mil homens, no minimo, a tropa que irá combater a rebeldia no serião.</p>
<p>oi approvada pelo Sr. ministro da maia a nomeação do Sr. capitão-tenenteolpho Ribeiro Pauna para commanua cauboneira Carioza, em substituição</p>	<p>Correm aqui noticias graves além do fermento do general Barbosa. Não tenho fundamento para dar-lhes credito.</p>	<p>E, diante d'essa multidão armada, assombra-me, mais do que os perigos naturaes da guerra, a somma incalculavel de esforços para alimentar a através de regiões quasi impraticaveis pelos desnivelamentos bruscos das estradas, que se apuram nas serras e se estreitam em desfiladeiros extensos.</p>
	<p>Em commissão especial seguiu hoje para Queimadas o telegraphista João Neiva Filho.</p>	<p>Um calculo rapido mostra-nos que aquelle minotauro de dez mil gargantas passará mal, jejuando quasi, com cento e cincoenta saccas de farinha e duas toneladas de carne por dia!</p>
	<p>Na comitiva do ministro seguiu o professor Flavio Barros, photographo, que vai photographar Canudos.</p>	<p>E isto excluido generos alimenticios elementares que constituem um luxo ante as condições estrictas da guerra.</p>
	<p>Chegaram hontem feridos e doentes 33 praças e estes officiaes: tenente Thomaz Kael Meirelles, alferes Godofredo Lima e João Neves Brayner, do 27º; Oscar Valde-taro Mello do 38º.</p>	<p>Este facto exprime uma das condições mais serias e difficils da campanha: é o combate tenaz, inglorio e assustador a um inimigo que morre e revive todos os dias, envolvendo nos mesmos transeos amigos e adversarios—a fome.</p>
	<p>Officiaes chegados no trem de hoje: major João Pacheco de Assis, do 31º. Dr. Arthur Eduardo Selxas, alferes Constantino, Manuel do Espirito Santo, Jacintho Cariry Santos, do 9º, Vicente Henriques Moura, do 31º, José Carvalho Guimarães, do 12º, Francisco Xavier Mezquita, do 9º, José Pereira Miranda, do 14º, Celso Brigido, do 40º, João Luiz Rego, Antonio Aragão Sobrinho, do 27º.</p>	<p>As condições naturaes do terreno, difficultando um transporte rapido, creando toda a sorte de tropeços, já determinaram mesmo, como é sabido, o apparecimento d'aquella no nosso exercito. Já se passaram dias queis: n'um desordenado appel-</p>
	<p>(Gazeta de Noticias.)</p>	

Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1987).

Na imagem acima, pode-se ler, no jornal Gazeta de Notícias datado do dia 31 de agosto de 1897, o jornal pontual a presença de Flávio de Barros na quarta expedição com a prerrogativa de ser o fotógrafo, que vai fotografar Canudos. Na imagem 14 demonstra-se a narrativa da degola de Antônio Conselheiro.

Imagem 14 – Recorte do jornal Gutenberg: Orgão da Associação Typographica Alagoana de Socorros Mutuos (AL). Ano 1897\Edição 00230



Fonte: Jornal Gutenberg (1897)

Assim, destaca-se esta ação do exército por meio da narrativa de Euclides da Cunha (1905, p. 562),

Esta era, como vimos, simples. Enlear o pescoço da vítima numa tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiquerador; impellil-a por deante; atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao minimo signal de resistência ou fuga um puxão para traz faria que o laço se antecipasse á faca e o estrangulamento á degolla. Avançar até á primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, alli chegados, esfaqueala. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor do sertanejo era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas consequências, porque acreditava que, por tal forma, não se salvaria a sua alma.

Macedo Soares (1902, p. 06) evidencia esta relação entre o exército e a degola

Exército, desde o início da República, ofuscando, pelas terríveis consequências sobrevividas, pela carnificina hedionda e também pelas peripécias comovedoras que experimentaram os que lograram escapar, aos do Rio Negro e Lapa, no Rio Grande do Sul e no Paraná e após os quais o degolamento e infindas torturas inlligidas a prisioneiros sob palavra, constituíram triste epilogo áquelas lutas memoráveis.

Macedo Soares (1902, p. 360) resume o dia 1 de outubro de 1897

O que se pode imaginar de mais triste e comovedor no decorrer de uma luta à ferro frio, em que nunca apareceu misericórdia, ali se encontrava. Os atos da mais extraordinária bravura, os feitos da mais requintada ferocidade e as mais duras cruezas, ocorreram. Fatos quase impossíveis de pela pena serem desenhados, mostravam o

quanto foi disputado, no ataque e na defesa, o combate de 1 de outubro.

Para além destas narrativas, têm-se as imagens de Flávio de Barros que trazem até os dias atuais um registro das ações do exército. Assim, se encerra a primeira ocupação nos sertões da então província da Bahia, denominada Canudos –

[...] o lugar Canudos, também mencionado como o “deserto dos Canudos”, em terras da freguesia de Nossa Senhora da Graça do Morro do Chapéu, e a “fazenda de Canudos”, referida nos limites entre as freguesias do Santíssimo Coração de Jesus de Monte Santo e Santíssima Trindade de Massacará (2) (Calasans, 1987, p. 72).

Esta quarta expedição foi marcada pela força militar, e pelas imagens fotográficas, que ecoaram pelo Brasil. “Uma testemunha ocular” do ocorrido, Flávio de Barros tem nos anos seguintes a missão de promover este processo de disseminação das imagens que se mostram mescladas entre encenadas, posadas ou mesmo com seu caráter paisagístico. Em busca pelos jornais, especialmente na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, têm-se suas ações rastreadas, como pode ser visto na imagem 15. As projeções eletrônicas noticiadas inclusive na cidade do Rio de Janeiro, no mesmo ano, evidenciam sua participação

Imagem 15 – Recortes de jornais do período, que fazem menção a Flávio de Barros
Jornal Gazeta da Tarde (RJ) 19 de fevereiro do Ano 1898. Edição 00036.

CAMPANHA DE CANUDOS

46 Rua Gonçalves Dias 46

HOJE

ENORME SUCESSO!!

Curiosa e importante exposição historica das principais scenas da TERRIVEL e CRUEL GUERRA DE CANUDOS, que ceifou mais de 20.000 brasileiros, nos sertões da Bahia, apresentadas ao vivo, em tamanho natural, por

Projecção electrica de grande força

O publico e principalmente as Exms. familias terão occasião de ver as vistas da trincheiras, combates, acampamento, o pavoroso incendio da cidade de Canudos, igreja nova e velha, hospitaes de sangue, jagunças e jagunços feridos e prisioneiros, diversos pontos de vista de Queimadas, Monte Santo e Canudo, antes e depois de ser tomado pelos nossos invenciveis, abnegados e corajosos soldados, cujos sacrificios só poderão ser avaliados vendo-se as condições em que heroicamente se bateram.

Ver-se-ha, ao natural, o fiel e verdadeiro retrato do fanatico **Antonio Conselheiro**, photographado por ordem do general commandante em chefe das forças, pelo photographo ex-dicionario **Flavio de Barros**.

Vistas dos mais renhidos combates.
As crianças nada pagam.

ENTRADA.. .. 15000

CAMPANHA DE CANUDOS

HOJE!!! RUA GONÇALVES DIAS N. 46 HOJE!!!

!! GRANDE NOVIDADE !!

O photographo **Flavio de Barros**, unico que acompanhou a expedição de CANUDOS, fara exposições photographicas de trincheiras, combates, acampamentos, hospitaes, feridos, mortos e prisioneiros, igreja do Bom Jesus e de Santo Antonio, incendio da Cidadesella, panoramas diversos, retrato de Antonio Conselheiro, unico compravado pelas ordens de dia e acta de exumação, etc. etc., por meio de projecções photographicas, com uma poderosa machina **MOLTENI**, no espaçoso e ventilado salão da RUA GONÇALVES DIAS N. 46, artisticamente ornamentado e especialmente preparado para esse fim e amplamente illuminado a luz electrica.

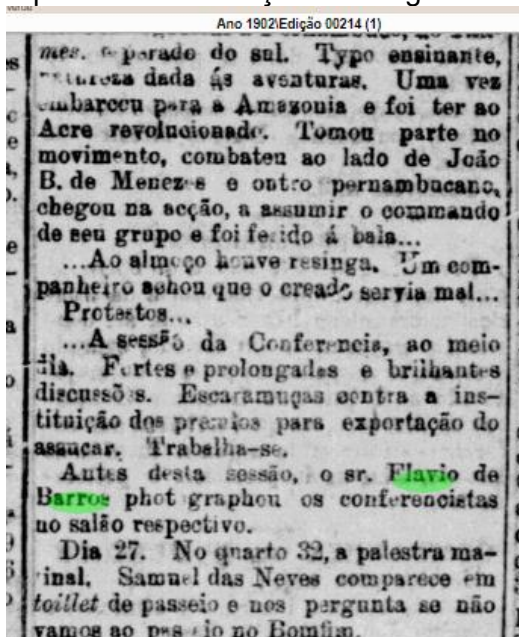
Começa as 7 horas da noite e durara 5 sessões até as 10 h:2

ENTRADA 15000

Fonte: Jornal Gazeta da Tarde (1898)

O fotógrafo Flávio de Barros possui sua trajetória marcada pela participação na Guerra de Canudos, mas sua vida após os anos com sua exposição se torna pouco exposta nos jornais. O jornal, datado de 26 maio 1915, ano 1902, Jornal do Recife-PE, seu nome aparece fotografando conferencistas, imagem 16

Imagem 16 – Recorte de jornal do período, que fazem menção a Flávio de Barros e o desempenho de sua função de fotografia



Fonte: Jornal do Recife (1902)

A última citação do fotógrafo rastreada nos jornais é no Jornal do Recife, de 1924, como pode ser visualizado na imagem 17.

Imagem 17 – Recorte de jornal do período, que faz menção a Flávio de Barros.



Fonte: Jornal do Recife (1924)

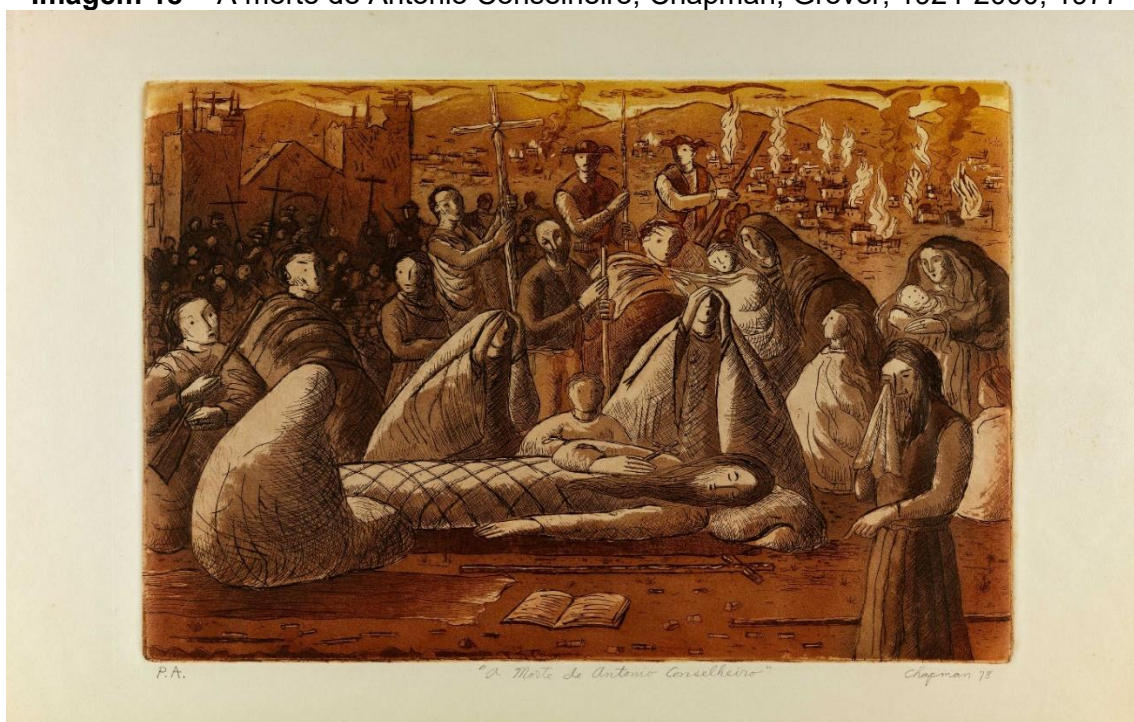
Em relação ao espaço ocupado, no século XIX, no interior do Brasil, que enfrentou o exército brasileiro, tem outra ocupação, logo após o ocorrido, mas o cenário da guerra, anos depois inundado. Uma região que em tempos em tempos, emerge para contar a história Antônio Conselheiro e seus seguidores. A região se

torna notícia, como pode se ler abaixo de 02/04/2013 do Portal G1.

O cenário da guerra foi apagado, mas o da seca está preservado. Na região, nada mudou entre os dias atuais e os tempos de Conselheiro e seus seguidores. “O drama é o mesmo. É a população desvalida, entregue à própria sorte. É o caminhão-pipa como plano de emergência, como antigamente eram outras medidas paliativas. São sempre medidas paliativas (Portal G1, 2024).

Anos depois, são inúmeras narrativas vinculadas ao ocorrido, documentários como "Um Sino Dobra em Canudos" (1962), dirigido por Carlos Gaspar, Obras de arte, filmes e tantas outras revisitações vividas no Arraial de Canudos. Releituras de imagem 18 como “A morte de Antônio Conselheiro” de Chapman, Grover, 1977

Imagem 18 – A morte de Antônio Conselheiro, Chapman, Grover, 1924-2000, 1977



Fonte: Brasil (2023)

O álbum fotográfico de Flávio de Barros, se apresenta como um material rico, que possui várias informações registrada, além de carregar consigo uma narrativa encomendada pelo exército brasileiro. Desta forma, sua sequência, o emprego de conceitos como jagunços, jagunças, expedicionários possuem seu lugar, sua classificação, ou seja, há uma função em uma coleção, que estabelece o formato ser observado, ou melhor de ser lido e compreendido. Dito de outra forma, o “nós” força expedicionária e o “eles”, jagunços ferozes, messiânicos. Este Norte, este fio condutor, não pode ser perdido de vista quando este material é observado, pois se corre o risco de sua compreensão ser perdida, ou mesmo ocorra silenciamento.

4 ANÁLISE E O TRATAMENTO DOS RESULTADOS: A INTERPRETAÇÃO DAS INFERÊNCIAS A PARTIR DOS ATRIBUTOS DOS MATERIAL ALBUNS FOTOGRÁFICOS DE CANUDOS E DOS OBJETIVOS PROPOSTOS

Retomando aos processos da Análise de Conteúdo de Bardin (1977) destaca-se que a segunda etapa, ou fase de exploração do material possui base no exposto anteriormente. Nesta etapa, são eleitas as unidades de codificação. Este processo, possui a prerrogativa de envolver-se com recortes; seleções e eleições de regras, podendo exemplificar a enumeração, criação e delimitação de categorias e classificações.

Assim, para a definição das unidades de análise, buscou-se um levantamento dos álbuns fotográficos em três portais online: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, Portal Brasileira Fotográfica e o Instituto Moreira Salles. Os documentos foram explorados em sua integridade, em especial suas legendas. Buscando aprofundar esta etapa, bem como a identificação dos conceitos, desenvolve-se o processo de codificação, visando a eleição das unidades de registro e conseqüentemente o desenvolvimento da codificação. Nesse sentido, houve a identificação dos conceitos por meio do diálogo com os pressupostos de Fujita (2003). Esse processo de identificação conceitual, se instaura no âmbito da indexação, como visto anteriormente. Sua convocação se define por possuir relação com a representação temática. Há de se destacar nesse sentido, que a representação temática por vezes se envolve com mais processos que podem ser realizados pela indexação.

Destaca-se inicialmente que a ação de coleta dos documentos alvo deste processo citado acima, desenvolveram-se nos três portais online: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, Portal Brasileira Fotográfica e o Instituto Moreira Salles. Esta ação apresenta-se como precursora da atividade, que carrega consigo a teoria e os pressupostos de identificação dos conceitos de Fujita (2003) que possuem três estágios: Compreensão do conteúdo do documento; Identificação dos conceitos que representam este conteúdo; e seleção dos conceitos válidos para recuperação. Esta seqüência se torna a base para a terceira etapa da Análise de Conteúdo ou dito de outra forma, o material de pesquisa e o seu processamento, aqui identificado como os conceitos, se tornam a base para o desenvolvimento da análise e tratamento, ou seja, a etapa final da Análise de Conteúdo de Bardin (1977).

Esse processo não se desenvolveu de forma imediata; essa codificação corresponde a um processo criterioso de identificação dos materiais nos portais, uma análise de suas legendas e sequência, e por fim uma transformação dos dados brutos identificados, em conceitos. Assim, pode-se acompanhar este processo de forma aprofundada abaixo

4.1 IDENTIFICAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO MATERIAL: O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO CONCEITUAL

O álbum fotográfico eleito para esta tese, tem como tema a 4ª expedição ao Arraial de Canudos na data de 1897. Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023) o seu produtor e organizador foi o fotógrafo Augusto Flávio de Barros. Barros retrata imgeticamente e por meio de relatos transcritos nas legendas das fotografias presente neste álbum fotográfico a fase final da campanha de Canudos, este registro, em seu cerne, guarda a narrativa dos últimos dias de Canudos e dos seus moradores identificados como seguidores do beato Antônio Conselheiro (Antônio Vicente Mendes Maciel).

Registro imagético raro, (por várias questões como custo e tecnologia), ambientado em 1897, o fotógrafo Flávio de Barros acompanha a quarta e última investida militar que destrói inteiramente o arraial de Canudos, localizado no estado da Bahia (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2023). Este registro, segundo a Enciclopédia supracitada é composto por uma série de fotografias. “[...] constitui um dos mais importantes registros de conflitos armados no Brasil oitocentista, e é referência obrigatória não só para o estudo da evolução da fotografia, como também da própria formação da sociedade brasileira” (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2023, [n. p.]). Augusto Flávio de Barros, se torna uma figura, que possui uma biografia desconhecida, “[...] mas sabe-se que, na última década do século XIX, possui um estúdio de retratos na cidade de Salvador, situado à rua do Lyceu 3” (Enciclopédia Itaú Cultural, 2023, [n. p.]).

A seguir, imagem 19, o álbum fotográfico nomeado de Álbum fotográfico de Canudos.

Imagem 19 – Álbum fotográfico de Canudos por Flávio de Barros



Fonte: Brasil (2023a)

Há inúmeras questões que permeiam os álbuns fotográficos intitulados “Álbum de Canudos - de Flávio de Barros”, produzido em 1897. Um desses prismas é o fato de serem um dos registros do conhecimento, de uma riqueza informacional consistente, que necessita de certos cuidados informacionais durante os processos de Organização e Representação do Conhecimento. Assim, parte-se para a exploração e análise deste documento nos portais, buscando assim, a sua compreensão em diálogo com Fujita (2003) que chama a atenção para o fato de que os três estágios ocorrem durante a leitura do documento. Assim, abaixo identifica-se estes materiais e seus respectivos portais.

4.2 INSTITUIÇÃO: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRA

A Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, é uma instituição conectada ao Banco Itaú, portanto, possui em sua gênese uma instituição privada. Esta ação conectada ao cultural é destacada no livro comemorativo dos 90 anos do banco Itaú, lançado em 2014. O livro aborda a temática em âmbito nacional referente as instituições pioneiras na questão do bem-estar de da comunidade. Essas iniciativas “[...] eram tendências das décadas de 1970 e 1980, e foi nesse cenário em que

nasceram no Brasil as instituições pioneiras dos atuais Itaú Cultural e Instituto Moreira Salles” (Martins, [2014], p. 226). Esta questão, aparece no histórico do banco, relacionada a família ligada a fundação da instituição, bem como, a implementação de leis de incentivo fiscal em apoio à cultura, está última ação encontra-se na base da construção de ações culturais.

A vocação para promover a arte e a cultura é mais um aspecto compartilhado pelas famílias à frente do Itaú e do Unibanco: Villela, Setubal e Moreira Salles. Foi a inclinação pessoal dos patriarcas que levou os descendentes a consagrar seus talentos empreendedores, e boa soma de recursos, à criação de centros culturais e institutos, conferindo às marcas dos dois bancos a imediata associação ao mundo das artes (Martins, 2014, p. 226).

Sob a gestão desta instituição privada, desenvolve-se várias ações culturais, entre estas a Enciclopédia Cultural. Lançada em 2001, como uma publicação apenas de artes visuais, passa por algumas mudanças ao longo do tempo e “[...] atualmente, oferecem na web o acesso gratuito a seu conjunto de verbetes e imagens sobre cultura brasileira” (Martins, [2014], p. 238).

Hoje, o Instituto Itaú Cultural dedica-se ao desenvolvimento e difusão de um grande banco de dados digital sobre arte brasileira. A Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras é uma fonte de conhecimento e de amplo acesso público, atinge cerca de 1,2 milhão de visitantes únicos a cada mês (Martins, [2014], p. 238).

A Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, se identifica como uma plataforma, que possibilita o leitor acesso a um conteúdo multimídia,

[...] é uma obra de referência virtual que reúne informações sobre artes visuais, literatura, teatro, cinema, dança e música produzidos no Brasil. Um trabalho que permanece em contínua ampliação e atualização. Em 2020, a abrangência de temas foi ampliada para a gestão cultural, incluindo verbetes de gestores culturais e termos e conceitos na área. Também foram iniciados um mapeamento e a produção de verbetes sobre a produção artística e crítica de indígenas, negros e curadoras (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2023, [n.p.]).

O conteúdo para consumo em plataformas digitais é ampliado principalmente com o início das medidas de distanciamento social, em 2020 (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2023, [n. p.]).

A vocação para promover a arte e a cultura é mais um aspecto compartilhado pelas famílias à frente do Itaú e do Unibanco: Villela, Setubal e Moreira Salles. Foi a inclinação pessoal dos patriarcas que levou os descendentes a consagrar seus talentos empreendedores, e boa soma de recursos, à criação de centros culturais e institutos, conferindo às marcas dos dois bancos a imediata associação ao

mundo das artes (Martins, [2014], p. 226).

A Enciclopédia Itaú Cultural, apresenta diversos verbetes, que contemplam pessoas, abordagens históricas, ou mesmo discussões contemporâneas desenvolvidas por seus editores. Uma iniciativa de um banco privado, que teve na Lei Rouanet um dos seus suportes para financiar atividades culturais

Recordista em captação de recursos, o Instituto Itaú Cultural conseguiu quase R\$ 145 milhões desde 2010, conforme dados do governo federal. Os incentivadores são óbvios: as empresas subsidiárias do grupo Itaú Unibanco. Desde 2016, contudo, o instituto não recebe recursos oriundos dessa renúncia fiscal (Del Molin, 2019, [n. p.]).

Partindo para uma busca e entendimento deste material, no dia 22/07/2023 foi direcionado a central de atendimentos da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, o e-mail com o seguinte questionamento: Boa Tarde, sou doutoranda no PPGCI-UEL, estou em busca de um álbum fotográfico para desenvolver meus estudos. Me interessou o álbum de Flávio de Barros. Ele aparece parcialmente nas imagens. Como devo proceder para ter o material de forma integral e na ordem que é produzido? Agradeço a atenção.

Obteve-se no dia 24/07/23 um retorno deste e-mail do Núcleo de Audiovisual e Literatura, da Enciclopédia Itaú Cultural

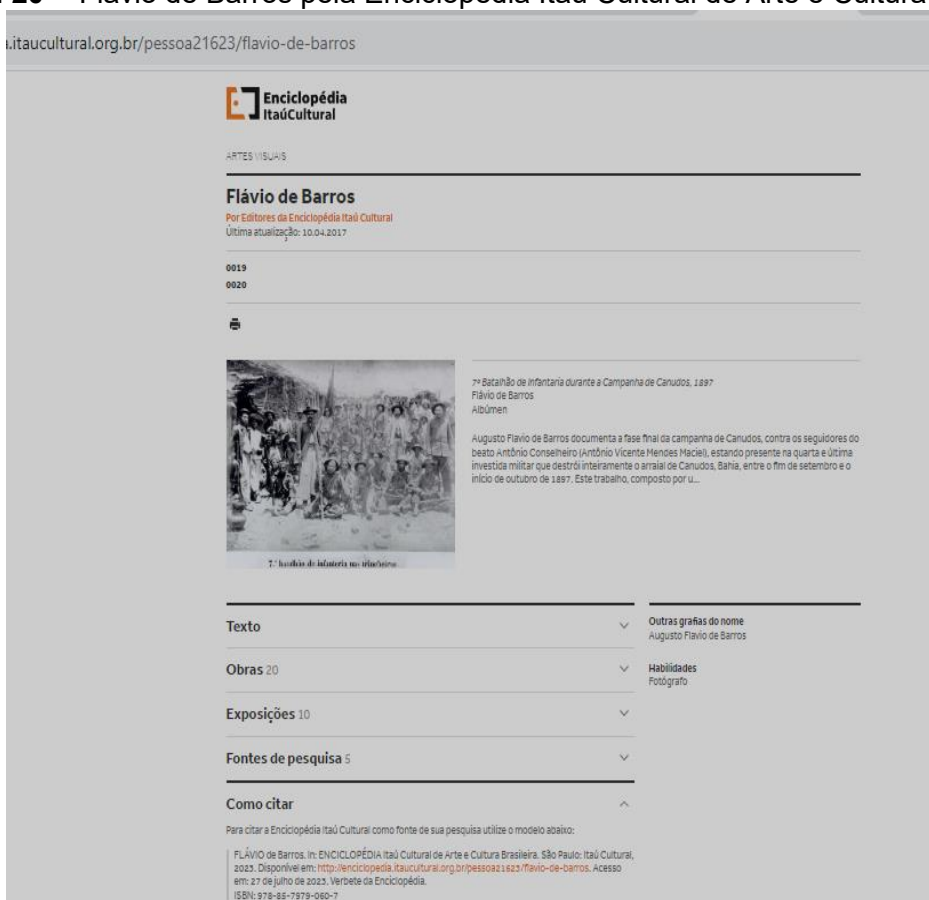
Em resposta ao mail há destacado que

Agradeço o acesso e o contato realizado com a Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.
Nós não temos a totalidade dos materiais, muito menos a posse deles. Pelo que pude conferir no nosso sistema, as imagens pertencem ao Museu da República (Palácio do Catete) no Rio de Janeiro. (Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, 2023, [n. p.]).

E, há outro destaque em relação a estes álbuns presentes na Enciclopédia Itaú Cultural, os álbuns não estão em sua totalidade, bem como este registro não está em posse desta instituição. Pela conferência do profissional, em seu sistema, as imagens pertencem ao Museu da República (Palácio do Catete) no Rio de Janeiro, como citado acima.

Fundamentando-se nestas informações houve a busca pelo material disponível no portal da referida instituição, como pode ser visualizado abaixo. O destaque para esta busca, são a ordenação que as fotografias aparecem e as legendas que estas possuem. Inicialmente com a busca pelo verbete, “Flávio de Barros, Canudos”, na Enciclopédia cultural tem-se a visualização na imagem 20.

Imagem 20 – Flávio de Barros pela Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023a).

Nesta imagem anterior, pode-se perceber que há alguns campos informacionais, a respeito do material. Como “Biografia”, “texto”, “Obras”, “exposições” e “Fontes de pesquisa”.

No campo “Biografia” tem-se a seguinte descrição:

Augusto Flávio de Barros documenta a fase final da campanha de Canudos, contra os seguidores do beato Antônio Conselheiro (Antônio Vicente Mendes Maciel), estando presente na quarta e última investida militar que destrói inteiramente o arraial de Canudos, Bahia, entre o fim de setembro e o início de outubro de 1897. Este trabalho, composto por uma série de 72 fotografias, constitui um dos mais importantes registros de conflitos armados no Brasil oitocentista, e é referência obrigatória não só para o estudo da evolução da fotografia, como também da própria formação da sociedade brasileira. Sua biografia é desconhecida, mas sabe-se que, na última década do século XIX, possui um estúdio de retratos na cidade de Salvador, situado à rua do Lyceu 3 (Enciclopédia Itaú Cultural, 2023, [n. p.]).

Um elemento importante é a menção a 72 imagens fotográficas. Em visita ao museu no álbum que este abriga, há 15 fotografias no primeiro álbum e 55 no segundo (contando com a imagem repetida) somando-se 70. No campo “Obras” aparece a numeração 20, ou seja, há disponível 20 imagens fotográficas. Assim, ao abrir este

campo, há inicialmente a imagem abaixo como primeira fotografia. Na legenda “39º Batalhão de Infantaria,” 1897 Flávio de Barros. Albúmen”. Na imagem 21, pode-se visualizar a sequência que são disponibilizadas as imagens.

Imagem 21 – Obras de Flávio de Barros pela Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira - 1



The screenshot displays the 'Obras' (Works) section for Flávio de Barros on the Enciclopédia Itaú Cultural website. The page features a navigation bar with the logo and name 'Enciclopédia Itaú Cultural'. Below the navigation, there is a link to 'VOLTAR PARA FLÁVIO DE BARROS'. The main heading is 'Obras Flávio de Barros', followed by a 'FILTROS' button and a count of '20 registros'. The 'Ordenação' (Sorting) is set to 'Alfabetica (A-Z)', and there is a 'Lista / Grid' toggle. The list of works includes:

- 39º Batalhão de Infantaria** (1897 Albúmen)
- 7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos** (1897 Albúmen)
- Auto-retrato tirado durante a Campanha de Canudos** (1897 Albúmen)



ARTES VISUAIS

Confluência dos Rios Vasa-barris e Umburanas

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Coronel Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Correligionário de Antonio Conselheiro preso durante a Campanha de Canudos

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Divisão Canet das Tropas Expedicionárias, Campanha de Canudos

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Generais Barbosa, Oscar, Eugênio e Ajudantes durante a Campanha de Canudos

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Igreja de Santo Antonio no Arraial de Canudos

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Oficiais do 29º Batalhão Almoçando durante a Campanha de Canudos

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Prisão de um correligionário de Antonio Conselheiro

1897 Álbumen



ARTES VISUAIS

Quatrocentos correligionários de Antonio Conselheiro presos

1897 Álbumen

ARTES VISUAIS

Retrato póstumo de Antonio Conselheiro

1897 Albúmen

ARTES VISUAIS

Ruínas da Igreja do Bom Jesus

1897 Albúmen

ARTES VISUAIS

Soldados do 16º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos

1897 Albúmen

ARTES VISUAIS

Soldados expedicionários da Bateria do Perigo - Campanha de Canudos

1897 Albúmen

ARTES VISUAIS

Soldados expedicionários da Bateria do Perigo - Campanha de Canudos

1897 Albúmen

« 1 2 »

Espaço do professor
Compartilhando ideias e conhecimentos

Construa a Enciclopédia com a gente
Mande suas sugestões para nessa equipe

Sobre a enciclopédia
De onde vem o conteúdo que você lê aqui

ISBN - 978-85-7979-060-7

© 2001 - 2023 Itaú Cultural
 Termos de uso e política de privacidade
 O Itaú Cultural utilizou recursos de incentivo fiscal por meio da Lei Rouanet até 2016. Saiba mais

Realização
 Itaú Cultural

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira I (2023a)

De forma mais específica, ao se acessar as obras de Flávio de Barros, pode-se perceber a sequência inicial que aparece abaixo. “39º Batalhão de Infantaria”; “7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos” e “Autorretrato tirado durante a Campanha de Canudos”, conforme imagem 22

Imagem 22 – Obras de Flávio de Barros pela Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira - 2




Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023a)

A primeira imagem fotográfica, possui como legenda disponibilizada pelo portal “39º Batalhão de Infantaria”. Porém, logo abaixo da imagem fotográfica aparece uma legenda, na qual lê-se “39º Batalhão de Infantaria em fogo”. Esta legenda, aparece originalmente vinculada a Flávio de Barros na diagramação da página observada em visita ao Museu da República, ou seja, há concomitância das legendas originais e as legendas propostas pela Enciclopédia, imagem 23

Imagem 23 – 39º Batalhão de Infantaria, de Flávio de Barros

☰



**Enciclopédia
Itaú Cultural**


ARTES VISUAIS

39º Batalhão de Infantaria


Por Editores da Enciclopédia Itaú Cultural

Flávio de Barros

1897



39º Batalhão de Infantaria, 1897
Flávio de Barros
Álbumen



Como citar

Para citar a Enciclopédia Itaú Cultural como fonte de sua pesquisa utilize o modelo abaixo:

39º Batalhão de Infantaria. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra19753/39-batalhao-de-infantaria>. Acesso em: 03 de setembro de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

↑

Tipo
Fotografia

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023a)

A segunda imagem 24 possui a legenda disponibilizada pelo portal “7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos”. Bem como a primeira imagem, essa possui uma segunda legenda, que está abaixo da imagem digitalizada, “7º Batalhão de Infantaria nas trincheiras”. Acredita-se, pela diagramação na página, ser também originalmente de Flávio de Barros.

Imagem 24 – 7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos, de Flávio de Barros

Enciclopédia
Itaú Cultural

ARTES VISUAIS

7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos

Por Editores da Enciclopédia Itaú Cultural

Flávio de Barros

1897



7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos, 1897
Flávio de Barros
Álbúmen

Como citar

Para citar a Enciclopédia Itaú Cultural como fonte de sua pesquisa utilize o modelo abaixo:


7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra19755/7-batalhao-de-infantaria-durante-a-campanha-de-canudos>. Acesso em: 03 de setembro de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Tipo
Fotografia

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023b)

A terceira fotografia, imagem 25 apresenta-se no portal com a legenda “Autorretrato tirado durante a Campanha de Canudos, 1897” e novamente, há uma legenda vinculada a imagem “Flávio de Barro, photographo expedicionário” Novamente, pela diagramação na página, essa legenda é originária do produtor deste álbum fotográfico.

Imagem 25 – Autorretrato tirado durante a Campanha de Canudos, de Flávio de Barros



ARTES VISUAIS


Auto-retrato tirado durante a Campanha de Canudos

Por Editoras da Enciclopédia Itaú Cultural

Última atualização: 29.10.2015

Flávio de Barros

1897



Flávio de Barros Photographo Expedicionário.

Auto-retrato tirado durante a Campanha de Canudos, 1897
Flávio de Barros
Albúmen

Como citar

Para citar a Enciclopédia Itaú Cultural como fonte de sua pesquisa utilize o modelo abaixo:

AUTO-RETRATO tirado durante a Campanha de Canudos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra26615/auto-retrato-tirado-durante-a-campanha-de-canudos>. Acesso em: 03 de setembro de 2023. Verbieta da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

Tipo
Fotografia

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023c)

Destaca-se que há imagens que só possuem a legenda do portal, como a fotografia, imagem 26, com a legenda “Coronel Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos”.

Imagem 26 – Coronel Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos, de Flávio de Barros

☰



ARTES VISUAIS

Coronel Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos

Por Editores da Enciclopédia Itaú Cultural

Flávio de Barros

1897





Coronel Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos, 1897
Flávio de Barros
Álbúmen

Como citar

Para citar a Enciclopédia Itaú Cultural como fonte de sua pesquisa utilize o modelo abaixo:

CORONEL Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra25379/coronel-medeiros-e-subalternos-durante-a-campanha-de-canudos>. Acesso em: 03 de setembro de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Tipo
Fotografia

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023d)

Ressalta-se o registro fotográfico intitulado “Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida”. Esta fotografia, imagem 27, possui abaixo a legenda “Corpo Sanitário e uma jagunça ferida”.

Imagem 27 – Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida, de Flávio de Barros

...



ARTES VISUAIS

Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida

Por Editores da Enciclopédia Itaú Cultural

Flávio de Barros

1897



Corpo Sanitário e uma jagunço ferido.

Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida, 1897
Flávio de Barros
Albúmen

Como citar

Para citar a Enciclopédia Itaú Cultural como fonte de sua pesquisa utilize o modelo abaixo:

CORPO Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15696/corpo-sanitario-das-tropas-expedicionarias-diante-de-uma-correligionaria-de-antonio-conselheiro-ferida>. Acesso em: 03 de setembro de 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Tipo
Fotografia

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023e)

Há uma imagem 28, que se apresenta emblemática, muito utilizada quando se retrata este fato histórico. Esta imagem possui a legenda “Quatrocentos correligionários de Antônio Conselheiro presos”, e como pode-se perceber abaixo há a legenda “400 jagunços prisioneiros”.

Imagem 28 – Quatrocentos correligionários de Antônio Conselheiro presos, de Flávio de Barros



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023f)

Nesta a imagem 28, há a presença de mulheres, crianças e idosos, que são classificados na categoria correligionários / “jagunço”. Na legenda do portal, estas pessoas são nomeadas como “correligionários” e na legenda que se acredita ser produzida por Barros são nomeadas como “jagunços”. Há outras imagens fotográficas que trazem esta mesma questão: correligionários na legenda do portal e “jagunço” na legenda da imagem.

Assim, o levantamento das seguintes legendas destas imagens, que aparecem no portal da Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023)

- 1) 39º Batalhão de Infantaria,
- 2) 7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos
- 3) Auto-retrato tirado durante a Campanha de Canudos
- 4) Confluência dos Rios Vasa-barris e Umburanas
- 5) Coronel Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos
- 6) Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida
- 7) Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida
- 8) Correligionário de Antônio Conselheiro preso durante a Campanha de Canudos
- 9) Divisão Canet das Tropas Expedicionárias, Campanha de Canudos

- 10) Generais Barbosa, Oscar, Eugênio e Ajudantes durante a Campanha de Canudos
- 11) Igreja de Santo Antônio no Arraial de Canudos
- 12) Oficiais do 29º Batalhão Almoçando durante a Campanha de Canudos
- 13) Prisão de um correligionário de Antônio Conselheiro
- 14) Quatrocentos correligionários de Antônio Conselheiro presos
- 15) Retrato póstumo de Antônio Conselheiro
- 16) Ruínas da Igreja do Bom Jesus
- 17) Soldados do 16º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos
- 18) Soldados expedicionários da Bateria do Perigo - Campanha de Canudos
- 19) Soldados expedicionários do Batalhão Moreira César, durante a Campanha de Canudos
- 20) Soldados Expedicionários do Leito Seco do Rio Vasa-Barris, durante a Campanha de Canudos

Abaixo, a lista desenvolvida a partir das legendas disponibilizadas no portal Enciclopédia Itaú Cultural. Salienta-se que a numeração se refere ao número de incidência deste termo nas legendas.

- 11_ Campanha de Canudos/ Durante a Campanha de Canudos
- 5_ Correligionária de Antônio Conselheiro
- 4_ Batalhão de Infantaria
- 4_ Soldados
- 3_ Expedicionários
- 3_ Tropas Expedicionárias
- 3_ Prisão / Preso
- 2_ Corpo Sanitário
- 2_ Igreja de Santo Antônio/ Ruínas da Igreja
- 1_ Antônio Conselheiro
- 1_ Oficiais do 29º Batalhão
- 1_ Arraial de Canudos
- 1_ Auto-retrato
- 1_ Bom Jesus
- 1_ Confluência dos Rios
- 1_ Coronel Medeiros
- 1_ Divisão Canet
- 1_ Generais Barbosa Oscar, Eugênio
- 1_ Quatrocentos
- 1_ Retrato póstumo
- 1_ Subalternos
- 1_ Vasa-barris e Umburanas

O material utilizado para desenvolver a análise sistemática demonstrada acima necessitou passar por processos relacionados à informática, como o uso de ordenadores (alfabético, em um primeiro momento, para sumarizar as recorrências e numericamente, para visualizar de forma decrescente quais destas ocorrências se destacavam). Nesta primeira análise, evidenciou-se a Campanha de Canudos ou mesmo sua extensão, “durante a Campanha de Canudos”, como algo presente em suas legendas, algo a ser destacado, ou seja, há uma importância para a campanha

de Canudos. Esta questão está seguida de “correligionária de Antônio Conselheiro”, que possui a relevância de ocupar o segundo lugar em repetições. Mas o interessante é o fato de que, em alguns casos, não constavam nas legendas, sendo incorporada posteriormente.

4.3 INSTITUIÇÃO: PORTAL BRASILIANA FOTOGRAFICA

Brasiliana Fotográfica, é um portal, que tem como característica ser um espaço “[...] para dar visibilidade, fomentar o debate e a reflexão sobre os acervos deste gênero documental, abordando-os enquanto fonte primária, mas também enquanto patrimônio digital a ser preservado” (Brasiliana Fotográfica, 2023).

Esta iniciativa começa com a união de esforços da Fundação Biblioteca Nacional e do Instituto Moreira Salles. A ela poderão vincular-se, no futuro, outras instituições do Brasil e do exterior, públicas e privadas, detentoras de acervos originais de documentos fotográficos referentes ao Brasil. Para tanto, as instituições interessadas deverão contribuir com arquivos digitais e respectivos metadados que estejam de acordo com os padrões adotados internacionalmente (Brasiliana Fotográfica, 2023, [n. p.]).

Este portal congrega várias coleções, de diversas instituições tais como: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; Arquivo Nacional; Biblioteca Nacional; Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha; Escola de Ciências Sociais (FGV CPDOC); Fiocruz; Fundação Joaquim Nabuco; Instituto Moreira Salles; Leibniz-Institut fuer Länderkunde, Leipzig; Museu Aeroespacial; Museu da República; Museu Histórico Nacional.

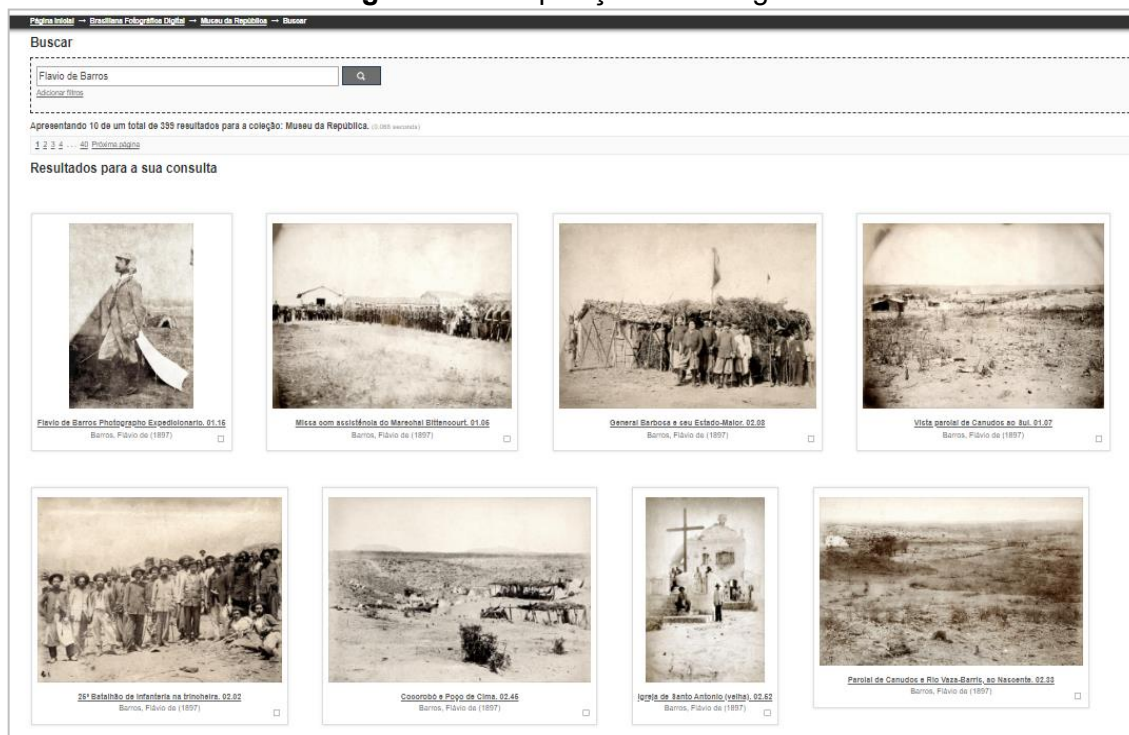
O Museu da República foi o primeiro museu a integrar o portal Brasiliana Fotográfica,

[...] iniciativa criada e mantida pela Fundação Biblioteca Nacional e pelo Instituto Moreira Salles. O visitante poderá ter acesso a uma parcela das fotos da Coleção Família Passos, em sua maioria, produzidas por Augusto Malta e que mostram detalhes da reforma urbana do Rio de Janeiro, entre 1902 e 1906, sob o comando do prefeito Pereira Passos. Além disso, também estão disponíveis as fotografias da Coleção Canudos, feitas pelo fotógrafo Flávio de Barros, contratado pelo exército brasileiro para registrar a última expedição ao Arraial de Canudos. As coleções integram o acervo do Arquivo Histórico e Institucional (Brasiliana Fotográfica, 2023, [n. p.]).

O objetivo deste portal é aumentar a visibilidade desse rico acervo, que embora digitalizado, só poderia ser consultado presencialmente. O endereço para

acessar o portal é: <http://brasilianafotografica.bn.br>. Neste portal, desenvolve-se a busca pelo nome do fotógrafo Flávio de Barros. Na imagem 29, a sequência e legendas disponibilizada pelo portal.

Imagem 29 – Disposição das fotografias



Fonte: Brasil (2023)

“Flávio de Barros Photographo Expedicionário. 01.15” se apresenta como a primeira imagem fotográfica do álbum. No campo “Assuntos” estão listadas as seguintes palavras: “Personalidades, Retrato individual, Flávio de Barros, Pessoas, Diurna, Retrato, Externa e Canudos”

Imagem 30 – Detalhamento da fotografia “Flávio de Barros Photographo Expedicionário. 01.15”



Flávio de Barros Photographo Expedicionário. 01.15
Barros, Flávio de

Data:
1867

Descrição:
MONOCROMÁTICA
17,2 x 12,8 cm

Assuntos:
PERSONALIDADES
Retrato individual
Flávio de Barros
Pessoas
Diurna
Retrato
Externa
Canudos

Localidade:
Canudos
BA
Brasil

Fonte:
Coleção Canudos (Flávio de Barros) / Museu da República

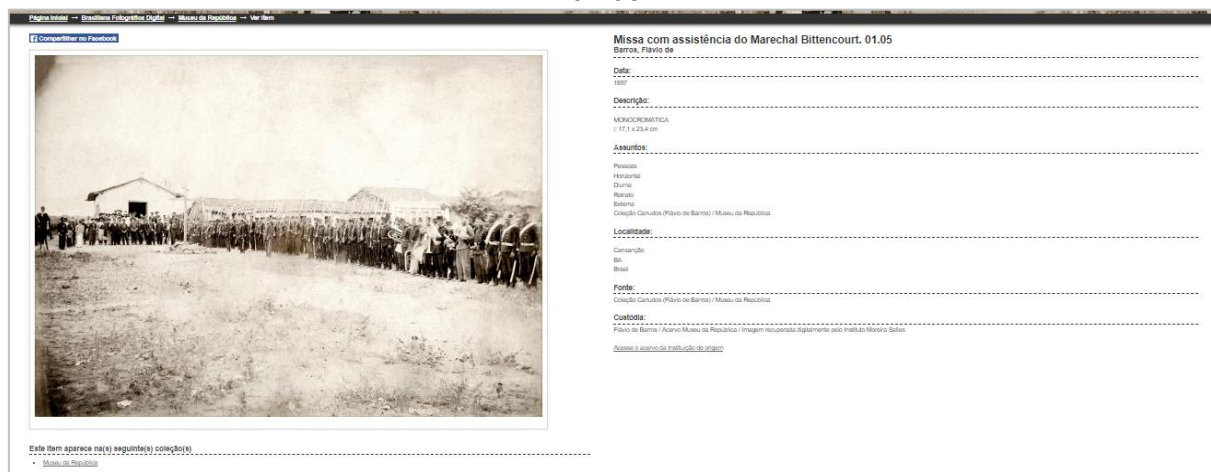
Custódia:
Flávio de Barros / Arquivo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles

[Acesse o arquivo da instituição de origem](#)

Fonte: Brasil (2023)

A segunda fotografia, imagem 31 “Missa com assistência do Marechal Bittencourt. 01.05”, possui no campo “Assuntos” as seguintes palavras: Pessoas, Horizontal, Diurna, Retrato, Externa, Coleção Canudos e (Flávio de Barros) / Museu da República.

Imagem 31 – Detalhamento da fotografia “Missa com assistência do Marechal Bittencourt. 01.05”



Missa com assistência do Marechal Bittencourt. 01.05
Barros, Flávio de

Data:
1867

Descrição:
MONOCROMÁTICA
17,1 x 23,4 cm

Assuntos:
Pessoas
Horizontal
Diurna
Retrato
Externa
Coleção Canudos (Flávio de Barros) / Museu da República

Localidade:
Canudos
BA
Brasil

Fonte:
Coleção Canudos (Flávio de Barros) / Museu da República

Custódia:
Flávio de Barros / Arquivo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles

[Acesse o arquivo da instituição de origem](#)

Este item aparece na(s) seguinte(s) coleção(s):
• Museu da República


Fonte: Brasil (2023)

A terceira, imagem 32, a fotografia “General Barbosa e seu Estado-Maior. 02.08”, possui as seguintes palavras no campo “Assuntos”: “Pessoas, Horizontal, Diurna, Álbum De Canudos, Retrato e Externa”.

Imagem 32 – Detalhamento da fotografia “General Barbosa e seu Estado-Maior. 02.08”

Página inicial → Brasileira Fotográfica Digital → Museu da República → Ver Item

Compartilhar no Facebook



General Barbosa e seu Estado-Maior. 02.08
Barros, Flávio de

Data:
1897

Descrição:
MONOCROMÁTICA
i: 11,8 x 17,1 cm

Assuntos:

Pessoas
Horizontal
Duma
ÁLBUM de CANUDOS
Retrato
Externa

Localidade:
BA
Brasil

Fonte:
Coleção Canudos (Flávio de Barros) / Museu da República

Custódia:
Flávio de Barros / Arquivo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles

[Acesse o arquivo da instituição de origem](#)

Este item aparece na(s) seguinte(s) coleção(s)

- Museu da República

Fonte: Brasil (2023)

Em destaque, neste portal, o fato de manter um link com a instituição de origem, neste caso Museu da República. No portal do Museu da República, identifica-se algumas informações importantes

Sistema de arranjo: As fotografias foram classificadas de acordo com sua ordem original nos álbuns. Assim, por exemplo, a foto CA 03.01 é a terceira foto do primeiro álbum.

Condições de acesso: Os originais não estão disponíveis à consulta pública. A consulta é feita através das imagens digitais e/ou das reproduções impressas.

Condições de reprodução: Reprodução permitida mediante autorização por escrito da direção do Museu da República.

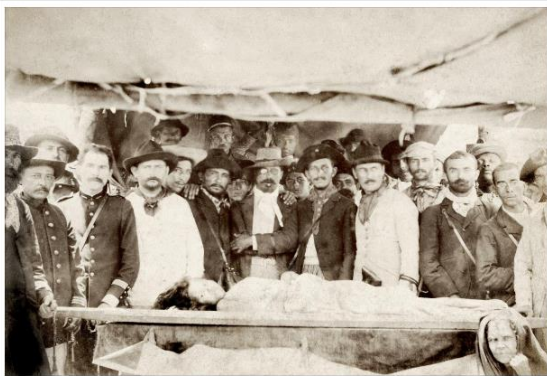
Notas: Em 2008, a Coleção Canudos recebeu a titulação do Programa Memória do Mundo da UNESCO/Memory of the World – MOW, sendo reconhecida como patrimônio documental de interesse nacional e internacional (Brasil, 2023a, [n. p.]).

Estas informações, revelam que há um cuidado inicial de manter e evidenciar a classificação que é identificada no interior do álbum pelo Museu da República. Mas tal projeto, não é transportado para o Portal da Brasileira Fotográfica. Há uma presença de um código no final das legendas, mas esta informação só é acessada com a visita ao portal do Museu da República. Neste sentido, um cuidado inicial com a classificação não é transportado para o acesso pelo usuário.

Como exemplo abaixo, a fotografia “Corpo Sanitário e uma jagunça ferida. 02.47”. Esta imagem, aparece ocupando a 46º lugar na classificação desenvolvida pelo portal, divergindo da 47ª posição indicada na legenda.”. Infere-se que o 46º lugar ocupado por esta fotografia no portal no que se refere ao material, desta forma não coaduna com a sua posição original, sua classificação primária desenvolvida pelo

coleccionador Flávio de Barros, ou seja, essa deveria estar na posição 47ª fotografia. Outro destaque é para o campo “Assuntos” que possui informações interessantes como “Indumentária, Pessoas, Horizontal, Diurna, Externa, Retrato e Canudos.

Imagem 33 – Detalhamento da fotografia “Corpo Sanitário e uma jagunça ferida. 02.47”



Corpo Sanitário e uma jagunça ferida. 02.47
Barros, Flávio de

Data:
1897

Descrição:
MONOCROMÁTICA
12,6 x 17,1 cm

Assuntos:

Indumentária
Pessoas
Horizontal
Diurna
Externa
Retrato
Canudos

Localidade:

Canudos
BA
Brasil

Fonte:
Coleção Canudos (Flávio de Barros) / Museu da República

Custódia:
Flávio de Barros / Arquivo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles

[Acesso o arquivo da Instituição de origem](#)

Este item aparece na(s) seguinte(s) coleção(s):
• Museu da República

Fonte: (Brasil 2023)

O acesso, há indicação do museu de origem destes álbuns, ou seja, Museu da República identifica-se neste portal, a presença do campo “Guia de Coleções” no qual houve a busca pelos álbuns. Alterando as nomenclaturas em sentido mais amplo, identificou-se a “Coleção Canudos (Flávio de Barros)”.

COLEÇÃO CANUDOS (FLÁVIO DE BARROS)

Código de referência: BR RJMRAHI CA

Data de produção: 08/1897 a 10/1897

Dimensão e suporte: 69 fotografias constantes em 2 álbuns originais (um contendo 15 e outro 54 fotografias)

Produtor: BARROS, Flávio (Brasil, 2023a, [n. p.]).

Nesta descrição da coleção, há campos que descrevem e contextualizam este material, como por exemplo o campo “biografia”, onde se lê, “A Guerra de Canudos foi um “[...] conflito ocorrido no sertão da Bahia, no Arraial de Canudos, entre as forças do Exército brasileiro e seguidores de Antônio Conselheiro, líder local, de 1893 a 1897” (Brasil, 2023a, [n. p.]).

Foi uma guerra sangrenta em que o Exército enfrentou inúmeras dificuldades, chegando à vitória depois de quatro expedições. Na quarta e última expedição, que reuniu um grande esforço de guerra por parte do governo, estiveram presentes o ministro da Guerra, o repórter Euclides da Cunha e o fotógrafo Flávio de Barros, contratado pelo Exército para registrar os últimos momentos do combate. Ele é o

autor das fotografias que compõem esta coleção. (Brasil, 2023a, [n. p.]).

Seguindo com a explanação deste portal, no campo “biografia” há a informação que no final do conflito, depois de muitas baixas, o arraial de Canudos foi totalmente arrasado. “Poucas são as referências biográficas ou citações sobre a vida e os trabalhos produzidos pelo fotógrafo baiano Flávio de Barros, produtor do Arquivo”. (Brasil, 2023). Este acontecimento em Canudos, possui certa bibliografia especializada, pois houve vários registros textuais, que vieram a se tornar livros, ou mesmo a presença das notícias veiculadas periodicamente nos jornais. Já no que se refere aos álbuns,


[...] sua presença nas citações é freqüente, devido ao fato de seus registros serem os únicos conhecidos até a atualidade. Consta também que tinha um estúdio em Salvador, chamado “Photographia Americana”. Os motivos que levaram à contratação do até então desconhecido Barros não são claros, já que havia muitos estabelecimentos fotográficos na Bahia naquele período, muitos deles de grande prestígio. Especula-se, todavia, que havia um grande receio entre os fotógrafos de acompanhar o conflito, dado às notícias de sua brutalidade. (<https://museudarepublica.museus.gov.br/guia-de-colecoes/#indice4>) (Brasil, 2023, [n. p.]).

Desta forma, a fotografia “400 jagunços prisioneiros. 01.09”, imagem 34, mantém forte vínculo com o imaginário do conflito de Canudos, pois esta imagem é utilizada por artistas, livros didáticos, jornais entre outros. Esta fotografia seguindo a sua legenda, pertence ao primeiro álbum, e ocupa a posição 9. Já no portal da Brasileira Fotográfica ocupa a 44ª posição. Tal imagem pode ser vista a seguir:

Imagem 34 – Detalhamento da fotografia “400 jagunços prisioneiros. 01.09”

Página inicial → Brasileira Fotográfica Digital → Museu da República → Ver item

Compartilhar no Facebook



400 jagunços prisioneiros. 01.09
Barros, Flávio de

Data:
1907

Descrição:
MONOCROMÁTICA
1: 17,6 x 23,5 cm

Assuntos:
Indumentária
Pessoas
Horizontal
Diurna
Enigma
Retrato
Canudos

Localidade:
Canudos
BA
Brasil

Fonte:
Coleção Canudos (Flávio de Barros) / Museu da República

Custódia:
Flávio de Barros / Acervo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles

[Acesse o acervo da Instituição de origem](#)

Este item aparece na(s) seguinte(s) coleção(s).....

- [Museu da República](#)

Fonte: Brasil (2023)

Destaca-se que no portal do Instituto Brasileiro do Museu da República, há dois outros campos interessantes “História arquivística” e “Âmbito e conteúdo” No primeiro, contém informações como a origem do acervo, ou seja, o doador. Estes álbuns foram doados por Otília Piracuruca Blum e fazem parte do acervo do Museu da República desde 1966. No campo “Âmbito e conteúdo”

O Arquivo é composto por fotografias de Flávio de Barros, que foi contratado pelo exército brasileiro para registrar a última expedição ao Arraial de Canudos. As fotografias foram feitas, portanto, comprometidas com o ponto de vista do exército, procurando mostrar sua vitória e retratando a população do Arraial sempre em posição de prisioneira e derrotada. Há várias imagens retratando panoramicamente tanto o Arraial de Canudos, como seu entorno, sendo possível observar detalhes da geografia da região. Há também uma série de fotos que mostram construções do arraial, como habitações e igrejas – muitas já em ruínas, após o bombardeio das tropas federais. Apenas em algumas imagens é possível ver conselheiristas. A mais famosa dela, conhecida como “400 jagunços prisioneiros”, mostra parte da população depois da derrocada final: um ajuntamento de mulheres, crianças e idosos, com rostos magros e feições assustadas. Outra foto muito divulgada é a do cadáver de Antônio Conselheiro, que havia sido encontrado sob as ruínas da Igreja Nova. A grande maioria das fotos enfoca a presença do próprio exército, retratando os diversos generais, oficiais, batalhões, regimentos, além dos médicos e corpo sanitário. São retratados tanto em poses oficiais, como em momentos de descanso, refeição, missa. Há ainda um auto-retrato de Flávio de Barros, autor das imagens. Trata-se da última fotografia do primeiro álbum original e comprova a autoria do trabalho (Brasil, 2023a, [n. p.]).

Partindo desta análise desenvolvida no portal, buscou-se entendimento para o acesso deste material, no dia 27/07/2023 foi direcionado a central de atendimentos da Brasileira Fotográfica, o e-mail com o seguinte questionamento:

Boa noite. Meu nome é Cristina Ribeiro dos Santos, sou doutoranda no PPGCI-UEL, (Londrina) estou em busca de um álbum fotográfico para desenvolver minha pesquisa em Ciência da Informação. Me chamou atenção os álbuns de Flávio de Barros. Ele está disponível apenas pelas coleções fotográficas na Brasileira Fotográfica? Como devo proceder para acessar o material de forma integral e na ordem que é produzido?

Tal dúvida se deve aos meus estudos estarem voltados para a classificação que o produtor produziu.

- O material é composto por quantos álbuns? vc teria fotos das capas? (Há certa confusão da minha parte, pois já encontrei 69, 70.

- Há imagens na mesma página ou uma fotografia por página? (Diagramação)

- As fotos seguem os acontecimentos (reunião das tropas, o processo)?

Agradeço desde já

E no dia 28/07/2023 houve a resposta a estes questionamentos

Prezada Cristina,
boa tarde!

O acervo é composto por 2 álbuns de fotografias, sendo o primeiro com 15 fotos e o segundo possuindo 54 fotografias. Há, portanto, um total de 69 fotografias. Contudo, pode-se considerar esse total como 68, na medida em que as fotos 16 e 50 do segundo álbum são idênticas.

No portal da Brasileira Fotográfica, logo após o título de cada foto, você poderá ver a numeração que indica sua ordem em cada álbum: a imagem 01.10 é a décima foto do primeiro álbum; a imagem 02.01 é a primeira foto do segundo álbum; e assim por diante. Cada imagem está uma página.

O primeiro álbum contém capa dura de couro lavrado na cor azul (restaurada) e dorso na cor verde, medindo 25,8 x 33 cm, contendo 10 folhas. Nele, estão 15 fotos de 17,5 x 23,8 cm (em média).

O segundo álbum contém capa dura de couro na cor vermelha e dorso na cor preta (restaurada), medindo 16,3 x 25,5 cm, com 5 cadernos independentes de, respectivamente, 7, 7, 8, 4 e 4 folhas. Nele estão 54 fotos de 12,2 x 17,1 cm (em média).

As fotografias estão em papel albuminado.

Os dois álbuns originais de Flávio de Barros chegaram ao Museu da República em 1966, doados por Otilia Piracuruca Blum. Foram tratados e acondicionados. Em 1997, os álbuns foram restaurados pelo Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte, no Rio de Janeiro. O trabalho incluiu a higienização geral do acervo (sem a necessidade da remoção das fotografias de seu suporte); a reestruturação das capas e lombadas; e a substituição do entrefolheamento. Além disso, foram confeccionadas reproduções das fotografias originais.

Segue uma fotografia dos álbuns.

Caso você deseje ver os álbuns originais, pode agendar uma data aqui comigo, aqui no Arquivo. (Brasil, 2023a, [n. p.]).

Estas informações foram de grande importância para o entendimento e compreensão deste material disponível. Abaixo, a lista desenvolvida a partir das legendas disponibilizadas no portal Brasileira Fotográfica. Seguindo com esta classificação, estas imagens aparecem no portal da Brasileira Fotográfica,

- 1) Flávio de Barros Photographo Expedicionário. 01.15
- 2) Missa com assistência do Marechal Bittencourt. 01.05
- 3) General Barbosa e seu Estado-Maior. 02.08
- 4) Vista parcial de Canudos ao Sul. 01.07
- 5) 25º Batalhão de Infantaria na trincheira. 02.02
- 6) Cocorobó e Poço de Cima. 02.45
- 7) Igreja de Santo Antonio (velha). 02.52
- 8) Parcial de Canudos e Rio Vaza-Barris, ao Nascente. 02.33
- 9) Vista parcial de Canudos ao Norte. 01.06
- 10) 5º Corpo de Polícia da Bahia na trincheira. 01.14
- 11) Hospital de sangue. 02.51
- 12) 29º Batalhão de Infantaria no acampamento. 02.04
- 13) 40º Batalhão de Infantaria. 02.40
- 14) Uma casa de Jagunço. 02.46

- 15) Cadáveres nas ruínas de Canudos. 02.41
- 16) 32º Batalhão de Infantaria na trincheira. 02.14
- 17) Ataque e incêndio de Canudos. 01.03
- 18) Prisão de jagunços pela cavallaria. 01.10
- 19) Vista parcial de Canudos ao Nascente e ao Sul. 02.26
- 20) 39º Batalhão de Infantaria. 02.35
- 21) 16º Batalhão de Infantaria. 02.34
- 22) 37º Batalhão de Infantaria na trincheira. 02.07
- 23) 22º Batalhão de Infantaria. 02.39
- 24) Vista parcial de Canudos ao Poente. 01.02
- 25) 4º Batalhão de Infantaria no acampamento. 02.49
- 26) Boia de oficiais do 29º Batalhão. 02.10
- 27) 24º Batalhão de Infantaria. 02.28
- 28) 28º Batalhão de Infantaria no acampamento. 02.13
- 29) 12º Batalhão de Infantaria na trincheira. 02.24
- 30) 39º Batalhão de Infantaria em fogo. 02.23
- 31) Comissão de engenheiros. 02.15
- 32) 7º Batalhão de Infantaria nas trincheiras. 02.05
- 33) 31º Batalhão de Infantaria em forma. 02.06
- 34) 30º Batalhão de Infantaria na trincheira. 02.03
- 35) 29º Batalhão de Infantaria no acampamento. 02.20
- 36) Vista de Monte Santo. 02.42
- 37) Oficiais do 28º Batalhão de Infantaria. 02.09
- 38) Igreja do Bom Jesus (nova). 02.19
- 39) Coronel Medeiros e seus ajudantes. 02.53
- 40) Trincheiras Naturaes no Vaza-Barris. 01.04
- 41) Boia na bateria do perigo. 02.29
- 42) Brigada Policial do Amazonas. 02.54
- 43) Dr. Cúrio, chefe do Corpo Sanitário. 02.31
- 44) 400 jagunços prisioneiros. 01.09
- 45) Sepultura do Capitão Silva. 02.21
- 46) Corpo Sanitário e uma jagunça ferida. 02.47
- 47) Um jagunço preso. 02.48
- 48) Corpo médico em Monte Santo. 01.11
- 49) Questura policial em Canudos. 02.11
- 50) Monte Santo. 01.13
- 51) Polícia do Pará no acampamento. 01.08
- 52) Ala do 1º e 9º da cavalaria. 02.12
- 53) Bateria do Perigo. 02.22
- 54) Major Mara em sua barraca. 02.30
- 55) Oficiais do 38º batalhão no acampamento. 02.17
- 56) General Arthur Oscar e seu Estado Maior. 02.36
- 57) Sem legenda. 02.50
- 58) Divisão Canet. 02.44
- 59) Batalhão Patriótico Moreira César em Monte Santo. 02.38
- 60) General C. Eugênio e seu estado-maior. 02.01
- 61) Generais Barbosa, Oscar, Eugênio e ajudantes. 01.01
- 62) General C. Eugênio é o estado maior em Monte Santo. 02.37
- 63) General C. Eugênio e oficinas em Queimadas. 02.27
- 64) Cadáver de Antônio Conselheiro encontrado sob as ruínas da Igreja Nova. 02.32
- 65) Flanco Esquerdo da Igreja do Bom Jesus. 02.43
- 66) Rio Vaza-Barris ao Sul. 01.12
- 67) Rio Vaza-Barris e Umburana. 02.25

Abaixo, a lista desenvolvida a partir das legendas disponibilizadas no portal Brasileira Fotográfica. Destaca-se que a numeração se refere ao número de incidência deste termo nas legendas.

21 Batalhão de Infantaria no
 9 Vista de / Monte Santo/ Canudos
 8 Trincheira/Trincheiras
 6 Acampamento.
 6 Generais/General
 5 Jagunça /Jagunço
 3 Canudos Ataque e incêndio de
 3 Igreja
 3 Rio
 2 Boia de oficiais do
 2 Corpo Sanitário
 2 Oficiais do
 3 Polícia /policiais
 1 Brigada Policial do Amazonas.
 1 Coronel Medeiros e seus ajudantes.
 1 Hospital de sangue.
 1 Poço de Cima.
 1 Divisão Canet.
 1 Ruínas da Igreja Nova.
 1 Major Mara em sua barraca.
 1 Bateria do Perigo.
 1 Sepultura do Capitão Silva.
 1 Comissão de engenheiros.
 1 Cavalaria.
 1 Estado-Maior.
 1 Marechal Bittencourt.
 1 Antônio Conselheiro Cadáver de;
 1 Cadáveres nas
 1 Cocorobó
 1 Corpo médico em
 1 Expedicionário.
 1 Flávio de Barros Photographo
 1 Missa com assistência do
 1 Prisão de
 1 casa

Neste levantamento prévio, há um destaque para as inferências em relação a “Batalhão de Infantaria” e “Vista de / Monte Santo/ Canudos”. Há uma dualidade, de um lado temos as forças do Estado e de outro Canudos. Esta incidência de vistas, demonstra um fato interessante, uma demonstração para uma sociedade, que nem sempre conhecia essa localidade. Há, desta forma certa conexão com a narrativa disposta no portal que afirma que “As fotografias foram feitas, portanto, comprometidas com o ponto de vista do exército, procurando mostrar sua vitória e retratando a população do Arraial sempre em posição de prisioneira e derrotada” (Brasil, 2023a, [n. p.]). Destaca-se que estas são apenas as primeiras leituras que

levam a pensar, a refletir e gerar as primeiras inferências, que podem ou não segundo Bardin (1977) serem confirmadas.

4.4 INSTITUIÇÃO: PORTAL INSTITUTO MOREIRA SALLES

O Instituto Moreira Salles possui segundo Martins ([2014]) sua criação datada de abril de 1991. Se apresenta como uma organização sem fins lucrativos, “[...] administrada pela família Moreira Salles, com a finalidade de promover o desenvolvimento de programas culturais atuando principalmente em cinco áreas: fotografia, literatura, iconografia, artes plásticas e música brasileira” Seu direcionamento é

Além de desenvolver projetos voltados à formação de público e à divulgação cultural, por meio de exposições de artes plásticas e fotografia, publicações, cursos, seminários, palestras, visitas orientadas e eventos musicais, destaca-se por possuir um representativo acervo em suas áreas de atuação e empreender um trabalho continuado de pesquisa de suas coleções (Martins, [2014], p. 239).

A entidade segundo Martins ([2014]) tem suas raízes no antigo Instituto de Artes Moreira Salles (IMS), “[...] fundado em 1987, que em 1990 tornou-se a Casa de Cultura de Poços de Caldas. Um ano depois, esta mesma casa seria abrigada dentro do Instituto Moreira Salles como uma de suas iniciativas” (Martins, 2014, p. 239). Essa iniciativa cultural, promove o conhecimento e a valorização da história e da cultura brasileira por meio da preservação e difusão de seu acervo fotográfico.

O acervo fotográfico do Instituto Moreira Salles começou a ser reunido em maio de 1998, com a aquisição da Coleção Gilberto Ferrez, que contempla a produção do fotógrafo carioca Marc Ferrez, um dos mais importantes das Américas na virada do século XIX para o XX. Hoje o acervo conta com cerca de 850 mil imagens, parte delas digitalizada e disponível para pesquisas online. O foco principal do acervo é a incorporação permanente ou temporária de obras completas de autores de relevância para a história do Brasil e da fotografia, visando sua preservação, pesquisa, acesso e difusão (Martins, [2014], p. 241).

O trabalho desenvolvido pelo instituto no sentido de recuperação física e documental dos acervos fotográficos, se apresenta em seu portal, a proveniência das coleções que este disponibiliza. Tal questão ocorreu com os álbuns fotográficos de Canudos. O portal, possui um link direto para o Museu da República para que não se percam as referências e informações da instituição de origem.

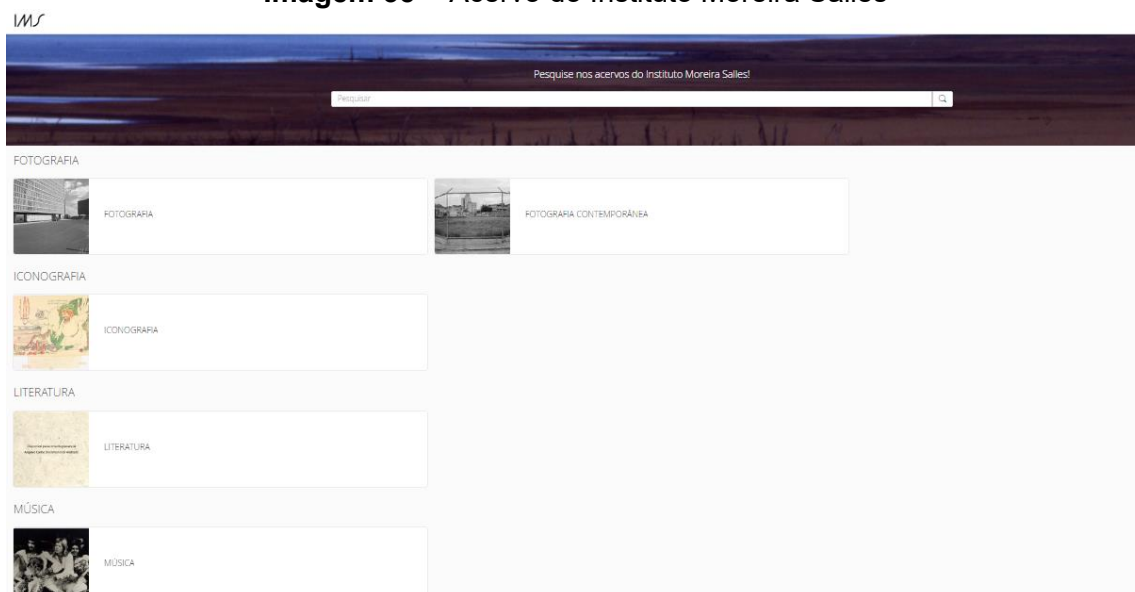
Os acervos do Instituto Moreira Salles, em seu portal, estão categorizados:

Fotografia (fotografia e fotografia contemporânea), iconografia, literatura e música.

Além deste site institucional, que apresenta sobretudo os acervos e a programação em nossas três unidades (São Paulo, Rio de Janeiro e Poços de Caldas), a coordenadoria de internet do Instituto Moreira Salles abriga sob seu guarda-chuva virtual diversos outros sites, alguns produzidos em conjunto com equipes das outras áreas do IMS ou em parceria com outras entidades culturais. Esta página é uma plataforma de acesso a esses nichos de informação, apresentando os dois últimos destaques de cada um acompanhado por um link direto. Navegue à vontade (Instituto Moreira Salles, 2023, [n. p.]).

Assim, o Instituto Moreira Salles, imagem 35, atua na importante função de preservar o patrimônio artístico cultural brasileiro, em especial desempenhando processos em seu laboratório de conservação e restauro, bem como no laboratório de fotografia. Processos que visam disponibilizar ao público o acesso a obras de arte, a coleções de fotografias, biblioteca com obras de literatura e produções artísticas e culturais do país.

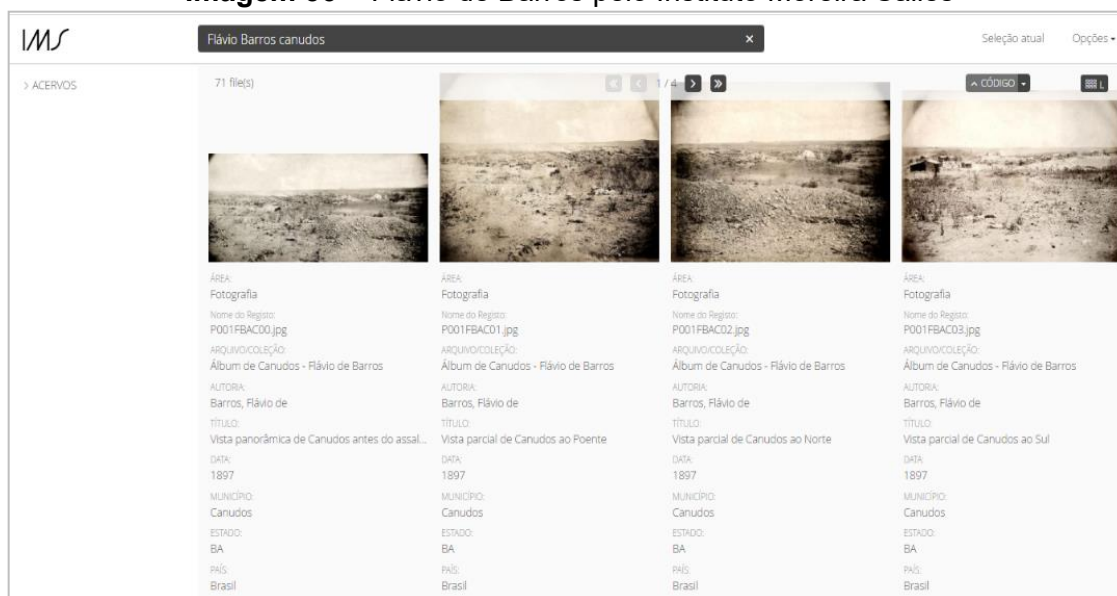
Imagem 35 – Acervo do Instituto Moreira Salles



Fonte: Instituto Moreira Salles (2023)

Com a busca por “Flávio de Barros”, no sistema de busca do portal há o retorno de 4 páginas, que unem 71 imagens. Abaixo, a imagem 36 com o resultado desta busca no portal.

Imagem 36 – Flávio de Barros pelo Instituto Moreira Salles



Fonte: Instituto Moreira Salles (2023)

As fotografias, segundo as informações identificadas pelos portais analisados, são provenientes de três álbuns remanescentes da época: o do Museu da República, em dois álbuns fotográficos com um total de 69 imagens (sendo uma repetida); o do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, composto de 68 fotos; e o da Casa de Cultura Euclides da Cunha, com 23 imagens. O conjunto das 70 imagens distintas (há duas diferentes entre si nos álbuns do Museu da República e do IGHB) é resultado do trabalho de reprodução fotográfica e digital em cores das imagens originais, realizado pelo Instituto Moreira Salles, que permitiu, além da conservação dos originais, a recuperação de informação e a percepção de detalhes que já estavam pouco visíveis nas fotografias (Instituto Moreira Salles, 2023, [n. p.]).

Estas imagens e suas legendas aparecem no portal do Instituto Moreira Salles, na seguinte ordem

- 1) P001 BAC00.jpg Vista panorâmica de Canudos antes do assalto final (imagem formada a partir de duas fotos originais);
- 2) P001 FBAC 01.jpg Vista parcial de Canudos ao Poente;
- 3) P001 FBAC 02.jpg Vista parcial de Canudos ao Norte;
- 4) P001 FBAC 03.jpg Vista parcial de Canudos ao Sul;
- 5) P001 BAC04.jpg Vista parcial de Canudos e Rio Vaza-Barris, ao Nascente;
- 6) P001FBAC05.jpg Vista parcial de Canudos ao Nascente e ao Sul;
- 7) P001 FBAC 06.jpg Rio Vaza-Barris ao sul;
- 8) P001 FBAC 07.jpg Vista de Monte Santo;
- 9) P001 FBAC 08.jpg Rios Vaza-Barris e Umburanas;
- 10) P001 FBAC 09.jpg Cocorobó e Poço de Cima;
- 11) P001 BAC10.jpg Flanco Esquerdo da Igreja do Bom Jesus;
- 12) P001 FBAC 11.jpg Igreja de Santo Antonio (velha);
- 13) P001 FBAC 12.jpg Igreja do Bom Jesus (Nova);

- 14) P001 FBAC 13.jpg Monte Santo;
- 15) P001 FBAC 14.jpg Generais Barbosa, Oscar, Eugênio e ajudantes;
- 16) P001FBAC15.jpg General Arthur Oscar e seu estado-maio;
- 17) P001 FBAC 16.jpg General Barbosa e seu estado-maior;
- 18) P001 FBAC 17.jpg General C. Eugênio e estado-maior em Monte Santo;
- 19) P001 FBHA 18.jpg General C. Eugênio e seu estado-maior;
- 20) P001 FBAC 19.jpg General C. Eugênio e oficiais em Queimadas;
- 21) P001FBAC20.jpg General C. Eugênio e oficiais em Queimadas;
- 22) P001 FBAC 21.jpg Coronel Medeiros e seus ajudantes;
- 23) P001 FBAC 22.jpg Comissão de Engenheiros;
- 24) P001 FBAC 23.jpg Major Mara em sua barraca;
- 25) P001 FBAC 24.jpg Major Mara em sua barraca;
- 26) P001 FBAC 25.jpg Oficiais do 4º Batalhão de Infantaria;
- 27) P001 FBAC 26.jpg 4º Batalhão de Infantaria no acampamento;
- 28) P001 FBAC 27.jpg 12º Batalhão de Infantaria na trincheira;
- 29) P001 FBAC 28.jpg 7º Batalhão de Infantaria nas trincheiras;
- 30) P001 FBAC 29.jpg 16º Batalhão de Infantaria no acampamento;
- 31) P001 FBAC 30.jpg 22º Batalhão de Infantaria no acampamento;
- 32) P001 FBAC 31.jpg 25º Batalhão de Infantaria na trincheira;
- 33) P001 FBAC 32.jpg 24º Batalhão de Infantaria nas trincheiras;
- 34) P001 FBAC 33.jpg Oficiais do 28º Batalhão de Infantaria;
- 35) P001 FBAC 34.jpg 28º Batalhão de Infantaria no acampamento;
- 36) P001 FBAC 35.jpg 29º Batalhão de Infantaria no acampamento;
- 37) P001 FBAC 36.jpg Oficiais do 29º Batalhão de Infantaria;
- 38) P001 FBAC 37.jpg Bóia dos oficiais do 29º Batalhão;
- 39) P001 FBAC 38.jpg 30º Batalhão de Infantaria na trincheira;
- 40) P001 FBAC 39.jpg 32º Batalhão de Infantaria na trincheira;
- 41) P001 FBAC 40.jpg 31º Batalhão de Infantaria em forma;
- 42) P001 FBAC 41.jpg 37º Batalhão de Infantaria na trincheira;
- 43) P001 FBAC 42.jpg Oficiais do 38º Batalhão;
- 44) P001 FBAC 43.jpg 39º Batalhão de Infantaria em fogo;
- 45) P001 FBAC 44.jpg Oficiais do 39º Batalhão de Infantaria;
- 46) P001 FBAC 45.jpg 40º Batalhão de Infantaria na trincheira;
- 47) P001 FBAC 46.jpg Divisão Canet;
- 48) P001 FBAC 47.jpg Boia na Bateria do Perigo;
- 49) P001 FBAC 48.jpg Bateria do Perigo;
- 50) P001 FBAC 49.jpg Bateria 7 de Setembro (Fazenda Velha);
- 51) P001 FBAC 50.jpg Ala do 1º e 9º da Cavalaria;
- 52) P001 FBAC 51.jpg Brigada Policial do Amazonas;
- 53) P001 FBAC 52.jpg 5º Corpo de Polícia da Bahia na trincheira;
- 54) P001 FBAC 53.jpg Polícia do Pará no acampamento;
- 55) P001 FBAC 54.jpg Batalhão Patriótico Moreira César;
- 56) P001 FBAC 55.jpg Trincheiras Naturais no Vasa-Barris;
- 57) P001FBAC56.jpg Missa com assistência do marechal Bittencourt;
- 58) P001FBAC57.jpg Hospital de sangue;
- 59) P001 FBAC 58.jpg Dr. Cúrio, chefe do Corpo Sanitário;
- 60) P001 FBAC 59.jpg Corpo Médico em Monte Santo;
- 61) P001 FBAC 60.jpg Questura policial em Canudos;
- 62) P001FBAC61.jpg (**Título**) Corpo Sanitário e uma conselheirista ferida (**Título original**) Corpo Sanitário e uma jagunça ferida;
- 63) P001 FBAC 62.jpg Sepultura do capitão Aguiar;
- 64) P001FBAC63.jpg (**Título**) Um conselheirista preso (**Título original**) Um jagunço preso;
- 65) P001FBAC64.jpg (**Título**) Prisão de conselheiristas pela cavalaria **Título original**) Prisão de jagunços pela Cavalaria;

- 66) P001FBAC65.jpg (**Título**) 400 conselheiristas prisioneiros (**Título original**) 400 jagunços prisioneiros;
 67) P001FBAC66.jpg (**Título**) Uma casa de conselheiristas (**Título original**) Uma casa de jagunços;
 68) P001 FBAC 67.jpg Ataque e incêndio de Canudos;
 69) P001FBAC68.jpg Bom Jesus Antônio Conselheiro, depois de exumado;
 70) P001FBAC69.jpg Cadáveres nas ruínas de Canudo;
 71) P001 FBAC 70.jpg Flávio de Barros, fotógrafo expedicionário;

O destaque para este levantamento, se apresenta no retorno desta busca. Não há indicação de uma sequência, ou mesmo uma classificação, apenas a indicação da existência de 71 imagens e que são distribuídas em 4 páginas de resultados. Assim, tem-se a sequência das quatro primeiras “Vista panorâmica de Canudos antes do assalto final (imagem formada a partir de duas fotos originais)”; “Vista parcial de Canudos ao Poente” e “Vista parcial de Canudos ao Norte; “Vista parcial de Canudos ao Sul”. Infere-se nesta sequência que, não houve a indicação da existência de um, dois ou mesmo três álbuns no desenvolvimento desta sequência das fotografias.

Imagem 37 – Álbum de Canudos pelo Instituto Moreira Salles

ÁREA:	Fotografia
ARQUIVO/COLEÇÃO:	Álbum de Canudos - Flávio de Barros
AUTORIA:	Barros, Flávio de
REFERÊNCIAS DE AUTORIA:	Flávio de Barros
CONHECIDAS:	
TÍTULO:	400 conselheiristas prisioneiros
TÍTULO NO ORIGINAL:	400 jagunços prisioneiros
DATA:	1897
MUNICÍPIO:	Canudos
ESTADO:	BA
PAÍS:	Brasil
DIMENSÃO:	± 17,6 x 23,5 cm
CROMA:	MONOCROMÁTICA
COPYRIGHT:	Em domínio público
STATUS:	Liberado para uso de natureza cultural

Fonte: Instituto Moreira Salles (2023)

A fotografia, imagem 37 acima, recebe destaque, pois aparece nas três instituições, nesta as suas informações são:

P001 FBAC 65.jpg
 ÁREA: Fotografia
 ARQUIVO/COLEÇÃO: Álbum de Canudos - Flávio de Barros

AUTORIA: Barros, Flávio de
REFERÊNCIAS DE AUTORIA CONHECIDAS: Flávio de Barros
TÍTULO: 400 conselheiristas prisioneiros
TÍTULO NO ORIGINAL: 400 jagunços prisioneiros
DATA: 1897
MUNICÍPIO: Canudos
ESTADO: BA
PAÍS: Brasil
DIMENSÃO: i: 17,6 x 23,5 cm
CROMIA: MONOCROMÁTICA
COPYRIGHT: Em domínio público
STATUS: Liberado para uso de natureza cultural (Instituto Moreira Salles, 2023, [n. p.]).

Este material acima citado, 001FBAC61, possui algo interessante, que se refere a um campo: (Título) “Corpo Sanitário e uma conselheirista ferida” e um campo para o título original (legenda desenvolvida pelo colecionador Flávio de Barros, segundo a exploração do material físico presente no acervo do Museu da República)) “Corpo Sanitário e uma jagunça ferida”.

Há assim, a inferência que a legenda do portal altera a classificação conselheirista / “jagunço”. Na legenda do portal, estas pessoas são nomeadas como “conselheiristas” e na legenda que se acredita ser produzida por Barros são nomeadas como “jagunços”. Há outras imagens fotográficas que trazem esta mesma questão: conselheirista na legenda do portal e “jagunço” na legenda original.

Partindo desta análise desenvolvida no portal, buscou-se entendimento para o acesso deste material, no dia 22/07/2023 foi direcionado a central de atendimentos do Instituto Moreira Salles, o e-mail para o "Núcleo de catalogação e difusão on-line" do Instituto Moreira Salles com o seguinte questionamento:

Boa Tarde,
Meu nome é Cristina Ribeiro dos Santos, sou doutoranda no PPGCI-UEL, estou em busca de um álbum fotográfico para desenvolver minha pesquisa em Ciência da Informação. Me chamou atenção os álbuns de Flávio de Barros. Ele aparece parcialmente nas imagens. Como devo proceder para ter o material de forma integral e na ordem que é produzido? Agradeço a atenção. Att Cristina

E no dia 24/07/2023 houve a resposta a estes questionamentos

Prezada Cristina, boa noite!
As imagens de Flávio de Barros retratam o período final do conflito que ficou conhecido como Guerra de Canudos, que opôs de um lado a recém criada República brasileira e, de outro, a cidade de sertanejos no interior da Bahia, liderados pelo beato Antonio Conselheiro. As fotos são provenientes de três álbuns remanescentes da época: o do Museu da República, em dois volumes com um total de 69 imagens (sendo uma repetida); o do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, composto de 68 fotos; e o da Casa de Cultura Euclides da Cunha, com 23 imagens. O conjunto das 70 imagens distintas (há duas diferentes

entre si nos álbuns do Museu da República e do IGHB) é resultado do trabalho de reprodução fotográfica e digital em cores das imagens originais, realizado pelo Instituto Moreira Salles, que permitiu, além da conservação dos originais, a recuperação de informação e a percepção de detalhes que já estavam pouco visíveis nas fotografias. Poucas informações se têm acerca do fotógrafo Flávio de Barros. Consta, porém, que tinha um estúdio em Salvador, chamado "Photographia Americana", e que foi contratado pelo Exército para fotografar a guerra contra o arraial de Canudos, acompanhando as tropas comandadas pelo General Carlos Eugênio de Andrade Guimarães. Augusto Flávio de Barros chegou a Canudos em 26 de Setembro de 1897 e lá permaneceu até 6 de Outubro do mesmo ano, um dia depois da capitulação da cidade.

Segue o link para o álbum reunido abaixo:

<https://acervos.ims.com.br/portals/#/search?filtersStateId=9>

O download das imagens na melhor resolução que temos pode ser feito em nosso banco de dados on-line, mas tem que ser feito imagem por imagem. Pedimos citar os créditos do Fotógrafo e do Acervo Instituto Moreira Salles. Basta clicar no mais informações da imagem (olhinho, na parte inferior esquerda da imagem) e clicar em download (Brasil, 2023a, [n. p.]).

Assim, estas informações auxiliam no entendimento que as imagens de Flávio de Barros retratam o período final do conflito que ficou conhecido como Guerra de Canudos, que opôs de um lado a recém-criada República Brasileira e, de outro, o arraial de sertanejos no interior da Bahia, liderados pelo beato Antônio Conselheiro.

A propósito desta etapa em desenvolver uma análise, salientam-se estas informações disponibilizadas pelo portal a respeito desta fotografia que compõem o álbum fotográfico de Canudos. Nesse sentido, preconiza-se, neste sentido, privilegiar os procedimentos exploratórios, que esta informação possibilita e, por consequência, o fomento de inferências. Ou seja, parte-se para colocar em evidência as propriedades das legendas e, principalmente, a relação com as outras informações contextuais e técnicas que a compõem.

Abaixo, as legendas após o processo de análise das legendas

22 Batalhão /Batalhão de Infantaria/Batalhão;
 8 Oficiais do
 7 Generais/General
 7 Vista de Monte Santo; Vista panorâmica de Canudos /Vista parcial de Canudos
 6 Preso /Prisão /Prisioneiros
 5 Conselheirista/Conselheiristas
 5 Jagunça /Jagunço
 3 Cavalaria
 3 Corpo Sanitário
 3 Igreja
 3 Monte Santo;
 3 Rio/Rios
 3 Trincheira/Trincheiras

2 Bateria 7 de Setembro (Fazenda Velha) / Bateria do Perigo;
 2 Bóia dos /Boia na Bateria do Perigo;
 2 Casa de
 2 Major Mara em sua barraca;
 1 Acampamento;
 1 Antônio Conselheiro, depois de
 1 Ataque e incêndio de
 1 Bom Jesus
 1 Brigada Policial do Amazonas;
 1 Cadáveres nas
 1 Canudos;
 1 Capitão Aguiar;
 1 Cocorobó e Poço de Cima;
 1 Comissão de Engenheiros;
 1 Coronel Medeiros e seus ajudantes;
 1 Corpo de Polícia da Bahia na
 1 Corpo Médico em
 1 Divisão Canet;
 1 Expedicionário;
 1 Exumado;
 1 Flanco Esquerdo da
 1 Flávio de Barros,
 1 Fotógrafo
 1 Hospital de sangue;
 1 Infantaria na
 1 Marechal Bittencourt;
 1 Missa com assistência do
 1 Polícia do Pará no
 1 Questura policial em Canudos;
 1 Ruínas de Canudo;
 1 Sepultura

Nesta instituição há, em suas legendas, a maior ocorrência de “Batalhão /Batalhão de Infantaria/Batalhão” e “Oficiais”. Uma inferência possível é a relevância que possui estes elementos dentro dos álbuns. Esta formulação de inferência se caracteriza aqui, como as anteriores, uma afirmação provisória que há a necessidade das ações de verificação, recorrendo aos procedimentos de análise.

Após esse percurso, que envolveu a leitura e percepção dos portais e a presença deste documento, entre outras ações, se estabeleceu algumas questões interessantes a partir dos processos indicados por Fujita (2003). Tem-se que destacar a interface desta ação com as questões da Análise de Conteúdo, nesse sentido as reflexões de Bardin (1977, p. 77) que afirma que “Nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise), se este for demasiado importante.” Destaca-se que a “Regra da homogeneidade” na “[...] qual os documentos retidos devem ser homogêneos, quer dizer, devem obedecer a critérios

precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha” (Bardin, 1977, p. 77). Esta regra se instala no fato de que os três portais possuíam o mesmo documento.

Aqui, destaca-se a presença do segundo estágio indicado por Fujita (2003), ou seja, a identificação dos conceitos que representam este conteúdo. Observa-se que há uma ação nesse sentido de observação e análise na sequência que se disponibiliza as imagens nos portais, observa-se principalmente as três primeiras imagens, bem como o levantamento e a análise das legendas. Neste ponto destaca-se que em alguns casos, há o respeito às legendas originais, mescla de novas legendas, bem como o abandono destas.

E como indicativo da identificação de conceitos (segundo estágio do estabelecimento de conceitos) de Fujita (2003), após o exame dos materiais, passe a abordá-lo de uma forma mais lógica a como indicado pela autora, buscando ao final deste processo a seleção dos conceitos que melhor representem o conteúdo dos álbuns fotográficos. Esta questão será mais bem evidenciada na seção seguinte.

4.5 OS CONCEITOS QUE REPRESENTAM ESTE CONTEÚDO E O TERCEIRO ESTÁGIO: A SELEÇÃO

Partindo da leitura e exploração dos materiais dispostos nos portais, em diálogo com a terceiro estágio da identificação dos conceitos com base em Fujita (2003), temos a seleção de conceitos. A referida autora, expõem que “[...] é necessária tendo em vista os objetivos para os quais as informações são indexadas. Assim, nem todos os conceitos identificados serão de modo obrigatório selecionados.

Com relação a tal, questão uma planilha foi elaborada para registro dos dados relativos as legendas disponibilizadas nos portais, buscando o desenvolvimento em integração do segundo estágio e o terceiro indicado por Fujita (2003). Nesse sentido, com o levantamento anterior, que se caracterizou pela compreensão do conteúdo do documento, uma busca pela compreensão e significados do discurso que cada álbum fotográfico, dispostos nos portais possuem. Assim houve a busca da análise das legendas, quadro 7, disponibilizadas nos portais e a identificação dos principais termos e a identificação visando a seleção.

Quadro 7 – Análise das legendas disponibilizadas nos portais
Análise das legendas disponibilizadas nos portais

Enciclopédia Itaú Cultural	Brasileira Fotográfica	Instituto Moreira Salles
11_Campanha de Canudos	21 Batalhão de Infantaria	22 Batalhão /Batalhão de Infantaria;
5_Correligionária de Antônio Conselheiro	9 Vista de Monte Santo/ Canudos	8 Oficiais
4_Batalhão de Infantaria	8 Trincheira/Trincheiras	7 Generais/General
4_Soldados	6 Acampamento.	7 Vista de Monte Santo; Vista panorâmica de Canudos /Vista parcial de Canudos
3_Expedicionários	6 Generais/General	6 Preso /Prisão /Prisioneiros
3_Tropas Expedicionárias	5 Jagunça /Jagunço	5 Conselheirista/Conselheiristas
3_Prisão / Preso	3 Canudos Ataque e incêndio	5 Jagunça /Jagunço
	3 Igreja	3 Cavalaria
	3 Rio	3 Corpo Sanitário
		3 Igreja
		3 Monte Santo;
		3 Rio/Rios
		3 Trincheira/Trincheiras

Legendas: Agrupamento de termos similares indicado por cores; azul indica a presença do termo Batalhão de infantaria nos diferentes portais apresentados. Laranja para indicar as mudanças e presença das nomeações do sertanejo (jagunço, conselheirista e correligionário).

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos portais da Enciclopédia Itaú Cultural, Brasileira Fotografia e Instituto Moreira Salles





O processo de análise do material identificado nos três portais resultou na sistematização das características de seus elementos. Como resultado do processo da identificação do material, bem como a análise das legendas disponibilizadas nos portais nas instituições Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, Portal Brasileira Fotográfica e Instituto Moreira Salles. Após este levantamento, dos portais e dos materiais e suas legendas desenvolve-se a seguir a síntese para cada uma das categorias, buscando identificar e desenvolver análises a partir do conjunto de










significados presentes nas unidades de análise identificadas. Há em interface o desenvolvimento do processo intelectual, que se materializa na Análise Conceitual direcionado aos álbuns fotográficos, com base em Fujita (2003, p. 64)



- Compreensão do conteúdo do documento;
- Identificação dos conceitos que representam este conteúdo;
- E seleção dos conceitos válidos para recuperação





Como forma de elevar o nível de compreensão, deste processo acima, bem como dimensionar a ocorrência das legendas e chamar a atenção para as disparidades destas, além de ceder atenção não apenas a estas legendas, mas as sequencias que estas possuem em cada portal, em diálogo com o álbum físico. Assim desenvolve-se o quadro 8, por meio de uma compilação do material disponível nos portais.





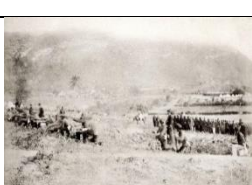



Quadro 8 – Organização do material identificado nos portais










ÁLBUM 1					
N.	Imagem	Legendas identificadas tal qual aparecem no álbum fotográfico físico presente no Museu da República	Brasileira	Moreira Salles	Itaú
1		Generaes Barbosa, Oscar, Eugenio e ajudantes	Generaes Barbosa, Oscar, Eugênio e ajudantes (01.01)	Generais Barbosa, Oscar, Eugênio e ajudantes (14)	Generais Barbosa, Oscar, Eugênio e Ajudantes durante a Campanha de Canudos (9)
2		Vista parcial de Canudos ao Poente	Vista parcial de Canudos ao Poente (01.02)	Vista parcial de Canudos ao Poente (01)	Imagem não localizada
3		Ataque e incendio de Canudos	Ataque e incêndio de Canudos (01.03)	Ataque e incêndio de Canudos (67)	Imagem não localizada
4		Trincheiras naturaes no Vasa-Barris	Trincheiras Naturaes no Vasa-Barris (01.04)	Trincheiras Naturais no Vasa-Barris (55)	Imagem não localizada










5		Missa com assistência do Marechal Bittencourt	Missa com assistência do Marechal Bittencourt (01.05)	Missa com assistência do marechal Bittencourt (56)	Imagem não localizada
6		Vista parcial de Canudos ao Norte	Vista parcial de Canudos ao Norte (01.06)	Vista parcial de Canudos ao Norte (02)	Imagem não localizada
7		Vista parcial de Canudos ao Sul	Vista parcial de Canudos ao Sul (01.07)	Vista parcial de Canudos ao Sul (03)	Imagem não localizada
8		Polícia do Pará no acampamento	Polícia do Pará no acampamento (01.08)	Polícia do Pará no acampamento (53)	Imagem não localizada
9		400 Jagunços prisioneiros	400 jagunços prisioneiros (01.09)	400 conselheiristas prisioneiros (65)	Quatrocentos correligionários de Antonio Conselheiro presos (13)
10		Prisão de jagunços pela Cavallaria	Prisão de jagunços pela cavallaria (01.10)	Prisão de jagunços pela Cavalaria (64)	Prisão de um correligionário de Antonio Conselheiro (12)
11		Corpo médico em Monte Santo	Corpo médico em Monte Santo (01.11)	Corpo Médico em Monte Santo (59)	Imagem não localizada
12		Rio Vasa-Barris ao Sul	Rio Vaza-Barris ao Sul (01.12)	Rio Vaza-Barris ao sul (06)	Soldados Expedicionários do Leito Seco do Rio Vasa-Barris, durante a Campanha de Canudos (20)
13		Monte Santo	Monte Santo (01.13)	Monte Santo (13)	Imagem não localizada









14		5.º Corpo de Polícia da Bahia na trincheira	5º Corpo de Polícia da Bahia na trincheira (01.14)	5º Corpo de Polícia da Bahia na trincheira (52)	Imagem não localizada
15		Flavio de Barros Photographo Expedicionario	Flávio de Barros Photographo Expedicionário (01.15)	Flávio de Barros, fotógrafo expedicionário (70)	Auto-retrato tirado durante a Campanha de Canudos (3)










ÁLBUM 2					
N.	Imagem	Legendas identificadas tal qual aparecem no álbum fotográfico físico presente no Museu da República	Brasiliana	Moreira Salles	Itaú
1		Comissao de engenheiros	Comissão de engenheiros (02.15)	Comissão de Engenheiros (22)	Imagem não localizada
2		Officiaes do 4. batalhão de infantaria	Sem legenda (2.50)	Oficiais do 4º Batalhão de Infantaria (25)	Imagem não localizada
3		Officiaes do 38 batalhão no acampamento	Oficiais do 38º batalhão no acampamento (02.17)	Oficiais do 38º Batalhão (42)	Imagem não localizada
4		Bateria 7 de Setembro (Fazenda Velha)	Bateria 7 de Setembro (Fazenda Velha) (02.18)	Bateria 7 de Setembro (Fazenda Velha) (49)	Imagem não localizada








5		Igreja do Bom Jesus (nova)	Igreja do Bom Jesus (nova) (02.19)	Igreja do Bom Jesus (Nova) (12)	Ruínas da Igreja do Bom Jesus (15)
6		29 batalhão de infantaria no acampamento	29º Batalhão de Infantaria no acampamento (02.20)	29º Batalhão de Infantaria no acampamento (35)	Imagem não localizada
7		Sepultura do Capitão Aguiar	Sepultura do Capitão Silva (02.21)	Sepultura do capitão Aguiar (62)	Imagem não localizada
8		Bateria do Perigo	Bateria do Perigo (02.22)	Bateria do Perigo (48)	Soldados expedicionários da Bateria do Perigo - Campanha de Canudos (17)
9		39 batalhão de infantaria em fogo	39º Batalhão de Infantaria em fogo (02.23)	39º Batalhão de Infantaria em fogo (43)	39º Batalhão de Infantaria (1)
10		12 batalhão de infantaria na trincheira	12º Batalhão de Infantaria na trincheira (02.24)	12º Batalhão de Infantaria na trincheira (27)	Imagem não localizada
11		Rio Vasa-Barris e Umburanas	Rio Vaza-Barris e Umburana (02.25)	Rios Vaza-Barris e Umburanas (08)	Confluência dos Rios Vasa-barris e Umburanas (4)
12		Vista parcial de Canudos ao Nascente e ao Sul	Vista parcial de Canudos ao Nascente e ao Sul (02.26)	Vista parcial de Canudos ao Nascente e ao Sul (05)	Imagem não localizada

13		28 batalhão de infantaria no acampamento	28º Batalhão de Infantaria no acampamento (02.13)	28º Batalhão de Infantaria no acampamento (34)	Imagem não localizada
14		32 batalhão de infantaria na trincheira	32º Batalhão de Infantaria na trincheira (02.14)	32º Batalhão de Infantaria na trincheira (39)	Imagem não localizada
16		General C. Eugenio e seu Estado Maior	General C. Eugênio e seu estado-maior (02.01)	General C. Eugênio e seu estado-maior (18)	Imagem não localizada
17		25 batalhão de infantaria na trincheira	25º Batalhão de Infantaria na trincheira (02.02)	25º Batalhão de Infantaria na trincheira (31)	Imagem não localizada
18		30 batalhão de infantaria na trincheira	30º Batalhão de Infantaria na trincheira (02.03)	30º Batalhão de Infantaria na trincheira (38)	Imagem não localizada
19		Officiaes do 29 batalhão de infantaria	29º Batalhão de Infantaria no acampamento (02.04)	Oficiais do 29º Batalhão de Infantaria (36)	Imagem não localizada
20		7.º batalhão de infantaria nas trincheiras	7º Batalhão de Infantaria nas trincheiras (02.05)	7º Batalhão de Infantaria nas trincheiras (28)	7º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos (2)
21		31 batalhão de infantaria em forma	31º Batalhão de Infantaria em forma (02.06)	31º Batalhão de Infantaria em forma(40)	Imagem não localizada
22		37 batalhão de infantaria na trincheira	37º Batalhão de Infantaria na trincheira (02.07)	37º Batalhão de Infantaria na trincheira (41)	Imagem não localizada

23		General Barbosa e seu Estado Maior	General Barbosa e seu Estado-Maior (02.08)	General Barbosa e seu estado-maior (16)	Imagem não localizada
24		Officiaes do 28 batalhão de infantaria	Oficiais do 28º Batalhão de Infantaria (02.09)	Oficiais do 28º Batalhão de Infantaria (33)	Imagem não localizada
25		Boia de officiaes do 29 batalhão	Boia de officiaes do 29º Batalhão (02.10)	Bóia dos oficiais do 29º Batalhão (37)	Oficiais do 29º Batalhão Almoçando durante a Campanha de Canudos (11)
26		Questura Policial em Canudos	Questura policial em Canudos (02.11)	Questura policial em Canudos (60)	Imagem não localizada
27		Ala do 1.º e 9. da cavalaria	Ala do 1º e 9º da cavalaria (02.12)	Ala do 1º e 9º da Cavalaria (50)	Imagem não localizada
28		General C. Eugenio e officiaes em Queimadas	General C. Eugênio e officiaes em Queimadas (02.27)	General C. Eugênio e oficiais em Queimadas (20)	Imagem não localizada
29		24 batalhão de infantaria nass trincheiras	24º Batalhão de Infantaria (02.28)	24º Batalhão de Infantaria nas trincheiras (32)	Imagem não localizada
30		Boia na Bateria do Perigo	Boia na bateria do perigo (02.29)	Bóia na Bateria do Perigo (47)	Soldados expedicionários da Bateria do Perigo - Campanha de Canudos (18)
31		Major Mara em sua barraca	Major Mara em sua barraca (02.30)	Major Mara em sua barraca (24)	Imagem não localizada

32		Dr. Curio, chefe do Corpo Sanitario	Dr. Cúrio, chefe do Corpo Sanitário (02.31)	Dr. Cúrio, chefe do Corpo Sanitário (58)	Imagem não localizada
33		Retrato do Bom Jesus Antônio Conselheiro, depois de exumado	Cadáver de Antônio Conselheiro encontrado sob as ruínas da Igreja Nova (02.32)	Bom Jesus Antônio Conselheiro, depois de exumado (68)	Retrato póstumo de Antonio Conselheiro (14)
34		Parcial de Canudos e Rio Vasa-Barris, ao Nascente	Parcial de Canudos e Rio Vaza-Barris, ao Nascente (02.33)	Vista parcial de Canudos e Rio Vaza-Barris, ao Nascente (04)	Imagem não localizada
35		16 batalhão de infantaria no acampamento	16º Batalhão de Infantaria (02.34)	16º Batalhão de Infantaria no acampamento (29)	Soldados do 16º Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos (16)
36		Officiaes do 39 batalhão de infantaria	39o Batalhão de Infantaria (02.35)	Oficiais do 39º Batalhão de Infantaria (44)	Imagem não localizada
37		General Arthur Oscar e seu Estado Maior	General Arthur Oscar e seu Estado Maior (02.36)	General Arthur Oscar e seu estado-maior (15)	Imagem não localizada
38		General C. Eugênio e o estado maior em Monte Santo	General C. Eugênio e o estado maior em Monte Santo (02.37)	General C. Eugênio e estado-maior em Monte Santo (17)	Imagem não localizada
39		Batalhão Patriótico Moreira Cesar	Batalhão Patriótico Moreira César em Monte Santo (02.38)	Batalhão Patriótico Moreira César (54)	Soldados expedicionários do Batalhão Moreira Cesar, durante a Campanha de Canudos (19)

40		22 batalhão de infantaria no acampamento	22º Batalhão de Infantaria (02.39)	22º Batalhão de Infantaria no acampamento (30)	Imagem não localizada
41		40 batalhão de infantaria na trincheira	40º Batalhão de Infantaria (02.40)	40º Batalhão de Infantaria na trincheira (45)	Imagem não localizada
42		Cadáveres nas ruínas de Canudos	Cadáveres nas ruínas de Canudos (02.41)	Cadáveres nas ruínas de Canudos (69)	Imagem não localizada
43		Vista de Monte Santo	Vista de Monte Santo (02.42)	Vista de Monte Santo (07)	Imagem não localizada
44		Flanco Esquerdo da Igreja do Bom Jesus	Flanco Esquerdo da Igreja do Bom Jesus (02.43)	Flanco Esquerdo da Igreja do Bom Jesus (10)	Imagem não localizada
45		Divisão Canet	Divisão Canet (02.44)	Divisão Canet (46)	Divisão Canet das Tropas Expedicionárias, Campanha de Canudos (8)
46		Cocorobó e Poço de Cima	Cocorobó e Poço de Cima (02.45)	Cocorobó e Poço de Cima (09)	Imagem não localizada
47		Uma casa de Jagunços	Uma casa de Jagunço (02.46)	Uma casa de conselheiristas (66)	Imagem não localizada
48		Corpo Sanitário e uma jagunça ferida	Corpo Sanitário e uma jagunça ferida (02.47)	Corpo Sanitário e uma conselheirista ferida (61)	Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida (6)


49		Um jagunço preso	Um jagunço preso (02.48)	Um conselheirista preso (63)	Correligionário de Antonio Conselheiro preso durante a Campanha de Canudos (7)
50		4.º batalhão de infantaria no acampamento	4º Batalhão de Infantaria no acampamento (02.49)	4º Batalhão de Infantaria no acampamento (26)	Imagem não localizada
51		Sem legenda (Imagem repetida apresentada no n. 2)	Sem legenda (02.50)	Oficiais do 4º Batalhão de Infantaria (25)	Imagem não localizada
52		Hospital de sangue	Hospital de sangue (02.51)	Hospital de sangue (57)	Imagem não localizada
53		Igreja de Santo Antônio (velha)	Igreja de Santo Antônio (velha) (02.52)	Igreja de Santo Antônio (velha) (11)	Igreja de Santo Antônio no Arraial de Canudos (10)
54		Coronel Medeiros e seus ajudantes	Coronel Medeiros e seus ajudantes (02.53)	Coronel Medeiros e seus ajudantes (21)	Coronel Medeiros e Subalternos durante a Campanha de Canudos (5)
55		Brigada Policial do Amazonas	Brigada Policial do Amazonas (02.54)	Brigada Policial do Amazonas	Imagem não localizada

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos portais da Enciclopédia Itaú Cultural, Brasileira Fotografia e Instituto Moreira Salles e o álbum físico pertencente ao arquivo histórico do Museu da República

Com base neste quadro, tem-se que no portal da Brasileira são 70 imagens, ou seja, as imagens são numeradas do primeiro álbum aparecem numeradas da 1.1 a 1.15 e o segundo álbum aparece numerado 2.1 a 2.54 (aqui, destaca-se a 2.16 que

não possui imagem e nem legenda, identifica-se esta questão, por esta se uma imagem repetida no álbum do Museu da República). Destaca-se a existência de duas fotografias sem numeração no portal. São fotografias do General C. Eugênio e oficiais em Queimadas e a segunda se refere ao Major Mara em sua barraca). Acredita-se que estas imagens façam parte de algum dos outros dois álbuns fotográficos de Flávio de Barros, que se tem notícia da existência em outras instituições, como citado acima.

Quadro 9 – Imagens vinculadas aos álbuns do arraial de Canudos que não estão presentes no exemplar do Museu da República

IMAGENS FORA DOS ÁLBUNS				
N.	Imagem	Brasiliiana	Moreira Salles	Itaú
1		General C. Eugênio e oficiais em Queimadas (sem numeração)	General C. Eugênio e oficiais em Queimadas (19)	Imagens não identificadas no portal
2		Major Mara em sua barraca (sem numeração)	Major Mara em sua barraca (23)	
3		Imagens não identificadas no portal	Vista panorâmica de Canudos antes do assalto final (imagem formada a partir de duas fotos originais) (00)	

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos portais da Enciclopédia Itaú Cultural, Brasiliiana Fotografia e Instituto Moreira Salles

O Instituto Moreira Sales coloca em seu portal 71 imagens - P001FBAC00.jpg a P001FBAC70.jpg (sendo a 00 a Vista panorâmica de Canudos antes do assalto final (imagem formada a partir de duas fotos originais). Já a Enciclopédia Itaú, destaca a existência de 72 imagens fotográficas, embora em seu portal haja 20. Tal questão pode ser visualizado na imagem 38

Imagem 38 – Biografia disponível na Enciclopédia Cultural Itaú

Texto

Biografia

Augusto Flavio de Barros documenta a fase final da campanha de Canudos, contra os seguidores do beato Antônio Conselheiro (Antônio Vicente Mendes Maciel), estando presente na quarta e última investida militar que destrói inteiramente o arraial de Canudos, Bahia, entre o fim de setembro e o início de outubro de 1897. Este trabalho, composto por uma série de 72 fotografias, constitui um dos mais importantes registros de conflitos armados no Brasil oitocentista, e é referência obrigatória não só para o estudo da evolução da fotografia, como também da própria formação da sociedade brasileira. Sua biografia é desconhecida, mas sabe-se que, na última década do século XIX, possui um estúdio de retratos na cidade de Salvador, situado à rua do Lyceu 3.

Obras 20



39º Batalhão de Infantaria
Álbúmen

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira (2023)

Os álbuns fotográficos sob a guarda do Museu da República, possuem respectivamente diferentes dimensões e cores. O primeiro possui a extensão de 25,8 x 32 centímetros, ao todo 15 fotografias. O segundo, possui 16,3 x 25,5 centímetros. Há 54 imagens fotográficas neste álbum fotográfico. Tendo em conta que há uma imagem repetida, que aparece sem legenda, que normalmente é subtraída da contagem, ou seja 55 é o total, mas oficialmente se apresenta 54.

Como é perceptível na tabela acima há algumas questões relevantes no que concerne a sequência das imagens na disposição nos portais das instituições. As disposições das imagens nos portais podem afetar a interpretação e compreensão do público, pois estes não terão a oportunidade de compreender o material a partir do prisma da classificação primária desenvolvida pelo colecionador.

A ordem em que as imagens dos álbuns fotográficos são apresentadas pode influenciar a narrativa que é construída e, conseqüentemente, a forma como o público percebe e entende o conteúdo, pois cada imagem fotográfica, ou mesmo conceitos e outros materiais se alinham e possuem lugar único na diagramação do álbum fotográfico. Essa questão é particularmente relevante no contexto da digitalização e disponibilização de acervos online, na qual as instituições culturais têm o desafio de apresentar uma grande quantidade de materiais, - em especial os álbuns fotográficos que carregam consigo esta questão das narrativas, - de forma acessível e significativa

para os usuários.

Aqui, busca-se nas palavras de Boccato (2011), a respeito da criação de novos conhecimentos, que estão estabelecidos em um ciclo – conhecimento - informação – conhecimento, a interface com do “conhecimento em ação” que ocorre nestes portais. Esta questão constitui-se em um processo contínuo, que tem no conhecimento certa centralidade, pois este atua como pressuposto, bem como consequência deste processo. (Boccato, 2011, p. 11). Nesse contexto, a construção de classificações, vocabulários controlados, taxonomias e outros instrumentos de organização do conhecimento tendo como base o contexto sociocultural de origem se torna crucial. Estes auxiliam a estruturar os conceitos, facilitando assim sua compreensão e utilização efetiva. Portanto, a criação de tais instrumentos é uma prerrogativa fundamental para o acesso e disseminação do conhecimento.

Em especial este processo tem nos ambientes virtuais, grande expressividade, pois estes espaços acolhem o conhecimento registrado e socializado, como é o caso dos álbuns fotográficos, cuja organização e representação desenvolvida gera a possibilidade deste conhecimento registrado serem incluídos neste ciclo do “Conhecimento em ação” e gerar novos conhecimentos.

Retomando essa exploração do material, abaixo, a imagem fotográfica refere-se ao segundo álbum fotográfico, esta imagem revela, a estrutura da capa e as brochuras. No segundo álbum fotográfico, destaca-se a estrutura da capa, as brochuras e a mobilidade das mesmas, o que se acredita pode afetar a ordenação das fotografias no álbum. A numeração presente em cada página indica a ordem das imagens no álbum, mas ao observar o álbum fisicamente, percebe-se uma alteração nessa sequência.

Essa observação sugere que a estrutura física do álbum permite certa flexibilidade na disposição das fotografias, possivelmente devido à presença de brochuras independentes ou outros elementos móveis. Isso pode resultar em uma leitura e compreensão não linear, na qual a ordem das imagens pode ser modificada de acordo com a manipulação desses elementos. Tal flexibilidade na organização das fotografias pode ser uma característica que implica uma narrativa visual, uma classificação divergente da desenvolvida pelo colecionador, pois esta dinamicidade permitir diferentes interpretações do álbum

Imagem 39 – A estruturação do segundo álbum fotográfico e a formação das brochuras



Fonte: Fotografia do acervo das autoras

Há ainda a importância de serem consideradas tais questões ao projetar, alimentar e organizar os portais online. Apresentar os conteúdos de maneira clara, coesa e alinhada com a intenção original do colecionador e produtores do material se torna imprescindível, porém um desafio, visto que há diferentes narrativas possíveis. A diferença, de disposição proporciona diferentes leituras e narrativas, bem como diferentes interpretações, ou seja, há possíveis prejuízos na leitura e proporciona diferentes compreensões, desconectadas com a intenção do colecionador. Mesmo nos casos que é disponibilizado o link da instituição, neste caso o Museu da República, imagem 39, esta questão permanece.

Esta questão está conectada com outra, a tradução que ocorre por exemplo na Enciclopédia Itaú cultural. Destaca-se assim, a questão da tradução, que também pode impactar na compreensão deste conteúdo, aqui há o destaque para a abrangência e compreensão e extensão que este processo agrega aos conceitos presentes nos álbuns.

As diferenças nas grafias ou mesmo a configuração das legendas se torna um desafio para o acesso e compreensão e interpretação deste material de forma integral, ou seja, uma leitura plena e a compreensão dos significados dos enunciados. O entendimento dos conceitos, seu contexto sociocultural e político é parte fundamental

para que ocorra a leitura, entendimento e compreensão do conhecimento ali registrado, de forma íntegra e não parcial e descontextualizada.

Um exemplo desta questão se apresenta na fotografia, classificada no álbum físico como 2.48, que possui a legenda “Um jagunço preso”. Esta imagem, neste documento aparece antecedida pela imagem “Corpo sanitário e uma jagunça ferida” e sucedida pela fotografia “4º Batalhão de Infantaria no acampamento”. Esta fotografia presente na Enciclopédia Itaú, é antecedida pela fotografia “Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida” e sucedida “Divisão Canet das Tropas Expedicionárias, Campanha de Canudos”. E possui como legenda “Correligionário de Antônio Conselheiro preso durante a Campanha de Canudos”. No Instituto Moreira Sales a legenda “Um conselheirista preso” e é antecedida por “Sepultura do capitão Aguiar” e sucedida por “Prisão de conselheiristas pela cavalaria”. E na Brasileira Fotográfica a legenda “Um jagunço preso. 02.48” é antecedida por “Corpo Sanitário e uma jagunça ferida. 02.47” e sucedida por “Prisão de jagunços pela cavallaria. 01.10”.

Em resumo na Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira essa fotografia possui a seguinte legenda “Correligionário de Antônio Conselheiro preso durante a Campanha de Canudos, 1897 Flávio de Barros Albúmen”. Na Brasileira Fotográfica a mesma fotografia possui a seguinte legenda “ Um jagunço preso. 02.48 Barros, Flávio de”. No instituto Moreira Sales, essa fotografia aparece com a seguinte legenda “ Um conselheirista preso” Visando uma compreensão desta questão desenvolveu-se a imagem 40 a partir das legendas

Imagem 40 – As instituições e as diferentes legendas

	Instituições e suas legendas	
	Instituição	Legenda
Álbum fotográfico físico presente no acervo do Museu da República	“Um jagunço preso”	
Enciclopédia Itaú	“Correligionário de Antonio Conselheiro preso durante a Campanha de Canudos”	
Instituto Moreira Sales	“Um conselheirista preso”	
Brasileira Fotográfica	“Um jagunço preso. 02.48”	

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos portais

A fotografia deste álbum, que se apresenta acima integrando a imagem tem

como destaque central um homem, que se apresenta o terceiro da esquerda para a direita, apartado dos demais, uma figura que possui vestimenta diferente dos demais. Na imagem, não é possível identificar as suas mãos, mas há nas mãos dos demais há a presença de armas. Este homem, por meio destas legendas e seus conceitos identificados pode ser um conselheirista, ou um jagunço”, ou mesmo um “correligionário”.

Esta imagem pode ser compreendida por meio da interlocução com a fala de Euclides da Cunha (1905, p.121) “O jagunço é menos theatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro” Um jagunço, forte, destemeroso e sagaz, possui um forte imaginário no período, tal questão se estabelece por exemplo, na fala de Macedo Soares (1902, p. 421) que percebe crianças do Arraial como “Jaguncinhas”, ou seja, o jagunço é jagunço desde tenra idade.

Quando chegamos aquela vila, existiam grandes acampamentos ocupados por centenares de variolosos. Ali morreram dois jaguncinhos, orfãos, que conseguimos obter e transportar até lá: Mariazinha, a irmã, de 4 anos. expirou na estrada, inanimada, ao chegar, Martiniano, vivo e inteligente caboclo de 12 anos, caiu em profundo abatimento, vindo morrer afinal, vitimado pela varíola. Eram filhos de um chefe de influência em Canudos de nome Norberto e os últimos sobreviventes de uma família numerosa, toda morta no fogo e com os dois irmãos totalmente extinta.

Tais alterações de frequência das imagens fotográficas, associada a estas traduções nos conceitos de jagunço, conselheirista e correligionário, gera uma reflexão a respeito do uso como sinônimos, pois estes conceitos carregam consigo diferentes entendimentos e compreensão. Para ilustrar este fato, cabe mencionar Barros (2016) no entendimento deste autor, evidencia-se a questão referente a “compreensão” de um conceito e o esclarecimento das suas características que o constituem.

Do ponto de vista filosófico, todo conceito possui duas dimensões a serem consideradas: a “extensão” a “compreensão” (às vezes também chamada de “conteúdo” ou de “intensão”). Chama-se “extensão” de um conceito precisamente ao grau de sua abrangência em relação a vários fenômenos e objetos; e chama-se “compreensão” de um conceito ao esclarecimento das características que o constituem. À medida que um conceito adquire maior “extensão”, perde em “compreensão” (Barros, 2016, p. 72).

Buscou sob os preceitos da análise de Conteúdo em especial na repetição de termos uma estratégia, que teve na leitura flutuante, o seu ponto de intersecção, bem

como se caracteriza como uma forma de mapear as unidades de registro (Bardin,1977). Assim, após este percurso, de análise identificou-se nestes três conceitos jagunço, conselheirista e correligionário, que possuem grande representatividade para a análise a ser desenvolvida a seguir. Assim, há a necessidade de se desenvolver uma análise mais aprofundada, por estes terem características emblemáticas para a compreensão dos materiais analisados.

Destaca-se que as análises iniciais, que buscaram definir o corpus desta pesquisa teve suas prospecções nos materiais presentes nos portais: Enciclopédia Itaú Cultural, do portal Brasiliana Fotográfica e o portal Moreira Salles. Com esta prospecção, atingiu-se a regra de pertinência, que segundo Bardin (1977, p. 98) afirma que “[...] os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise”. Assim, estes materiais se apresentaram adequados, bem como pertinentes aos objetivos desta pesquisa.

Partindo deste levantamento, há de se perceber algumas questões identificadas. Como por exemplo a diferença em nomear os sertanejos que moravam no Arraial de Canudos, ou mesmo a sequência destas fotografias nos portais. Por meio de análise o sentido que se encontra direcionado a narrativa dos álbuns mediante os conceitos identificados: Jagunço, conselheirista e correligionário. Esta apreensão reforça-se pela escolha do método de Bardin (1977), que possibilita uma compreensão profunda do assunto presente, bem como um entendimento dos conceitos representados por meio do processo de análise do material.

Além disso, infere-se que a partir deste primeiro processo que a classificação primária, quando não observada, produz leituras que podem descaracterizar o sentido do álbum fotográfico, levando a comprometer a compreensão do texto. Essa conexão é profunda e tem implicações para a Organização e Representação do Conhecimento, bem como para as questões referentes à linguagem. Nesse sentido destaca-se que a compreensão, a leitura e a identificação da temática percorrem as questões da linguagem que se apresenta mutável ao longo do tempo. “A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento — toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas” (Bagno, 1999, p. 117).

Assim sendo, percebe-se que a Análise de Conteúdo, trouxe para este relatório, uma organização do material a ser explorado, em específico durante o desenvolvimento do último objetivo específico, que busca apresentar uma Análise

Conceitual a partir da perspectiva do colecionador e dos termos atribuídos ao álbum nas instituições. A sistematização de ideias preliminares direcionada a temática analisada, criou suporte principalmente teórico a respeito do tema. (Bardin,1977). As leituras e apropriações dos conteúdos tiveram interferências no desenvolvimento do texto que se apresenta a seguir.

4.6 TRATAMENTO DOS RESULTADOS: INFERÊNCIAS E INTERPRETAÇÕES

Ao se desenvolver o aprofundamento desta análise, dos termos selecionados nos portais e a presença da classificação primária, identificou-se uma necessidade de acessar os documentos físicos. Buscou-se o pertencimento destes ao vocabulário do domínio estudado e sanar assim, as dúvidas que surgiram durante as prospecções deste material sob a perspectiva do colecionador dos termos atribuídos ao álbum fotográficos por Flávio de Barros e sua classificação primária nos portais.

O Museu da República, que faz a guarda dos álbuns físicos, segundo o seu web site busca contribuir para o desenvolvimento “[...] sociocultural do país, por meio de ações de preservação, pesquisa e comunicação do patrimônio cultural republicano que conserva. O seu compromisso é com a universalização democrática do acesso aos seus acervos, o respeito à diversidade e a construção da cidadania.”. Assim, a partir deste contato, desenvolve-se prospecções nos álbuns fotográficos físicos, com ênfase em suas legendas e ordenação que as fotografias estavam dispostas nos dois álbuns. Para além desta sondagem nos álbuns fotográficos, houve a disponibilização por parte do Museu da República de outros materiais que se somaram a esta tese tais como livros e informações a respeito deste material.

Abaixo as legendas identificadas. Aqui destaca-se que esta sequência se apresenta a partir da numeração apresentada nas páginas e não a sequência que as imagens aparecem nas brochuras, tal questão será melhor analisada a seguir, quadro

10

Quadro 10 – Legenda Original dos Álbuns

Referência	Legenda Original dos Álbuns
01.01	Generaes Barbosa, Oscar, Eugênio e ajudantes
01.02	Vista Parcial de Canudos ao Poente
01.03	Ataque e incêndio de Canudos
01.04	Trincheiras naturaes no Vaza-Barris
01.05	Missa com assistência do Marechal Bittencourt
01.06	Vista Parcial de Canudos ao Norte

01.07	Vista Parcial de Canudos ao Sul
01.08	Polícia do Pará no acampamento
01.09	400 jagunços prisioneiros
01.10	Prisão de jagunços pela cavallaria
01.11	Corpo médico em Monte Santo
01.12	Rio Vaza-Barris ao Sul
01.13	Monte Santo
01.14	5º Corpo de polícia da Bahia na trincheira
01.15	Flavio de Barros Photographo Expedicionario
02.01	General C. Eugênio e seu Estado Maior
02.02	25º Batalhão de Infantaria na trincheira
02.03	30º Batalhão de Infantaria na trincheira
02.04	29º Batalhão de Infantaria no acampamento
02.05	7º Batalhão de Infantaria nas trincheiras
02.06	31º Batalhão de Infantaria em forma
02.07	37º Batalhão de Infantaria na trincheira
02.08	General Barbosa e seu Estado Maior
02.09	Oficiais do 28º Batalhão de Infantaria
02.10	Boia de officaes do 29º Batalhão
02.11	Questura policial em Canudos
02.12	Ala do 1º e do 9º da cavalaria
02.13	28º Batalhão de Infantaria no acampamento
02.14	32º Batalhão de Infantaria na trincheira
02.15	Comissão de engenheiros
02.16	Repetida com a 02.50
02.17	Officiaes do 38º batalhão no acampamento
02.18	Bateria 7 de Setembro (Fazenda Velha)
02.19	Igreja do Bom Jesus (nova)
02.20	29º Batalhão de Infantaria no acampamento
02.21	Sepultura do Capitão Silva
02.22	Bateria do Perigo
02.23	39º Batalhão de Infantaria em fogo
02.24	12º Batalhão de Infantaria na trincheira
02.25	Rio Vaza-Barris e Umburana
02.26	Vista Parcial de Canudos ao Nascente e ao Sul
02.27	General C. Eugênio e officiaes em Queimadas
02.28	24º Batalhão de Infantaria
02.29	Boia na bateria do perigo
02.30	Major Marra em sua barraca
02.31	Dr. Curio, chefe do Corpo Sanitario
02.32	Cadáver de Antônio Conselheiro encontrado sob as ruínas da Igreja Nova
02.33	Parcial de Canudos e Rio Vaza-Barris, ao Nascente
02.34	16º Batalhão de Infantaria
02.35	39º Batalhão de Infantaria
02.36	General Arthur Oscar e seu Estado Maior
02.37	General C. Eugenio e estado maior em Monte Santo
02.38	Batalhão Patriótico Moreira César em Monte Santo
02.39	22º Batalhão de Infantaria
02.40	40º Batalhão de Infantaria
02.41	Cadáveres nas ruínas de Canudos
02.42	Vista de Monte Santo

02.43	Flanco esquerdo da Igreja do Bom Jesus
02.44	Divisão Canet
02.45	Cocorobó e Poço de Cima
02.46	Uma casa de Jagunços
02.47	Corpo sanitário e uma jagunça ferida
02.48	Um jagunço preso
02.49	4º Batalhão de Infantaria no acampamento
02.50	sem legenda
02.51	Hospital de Sangue
02.52	Igreja de Santo Antônio (velha)
02.53	Coronel Medeiros e seus ajudantes
02.54	Brigada Policial do Amazonas

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base dos álbuns fotográficos presentes no Museu da República. (2024)

Segue-se o mesmo procedimento de decomposição desenvolvida nas legendas disponíveis nos sites

21_ Batalhão
18_ Infantaria
8_ trincheira/trincheiras
8_ Canudos
6_ Generaes /General
6_ acampamento
5_ Vista de
5_ Monte Santo
5_ jagunça/jagunço
4_ Rio Vaza-Barris
4_ Igreja de
4_ Estado Maior
3_ Polícia/policial
3_ Officiaes
2_ Corpo Sanitario
2_ cavalaria
2_ Cadáver
2_ Boia de
2_ bateria do
1_ Umburana
1_ Sepultura do Capitão Silva
1_ Queimadas
1_ prisioneiros
1_ Prisão
1_ Poço de Cima
1_ perigo
1_ Missa
1_ Major Marra em sua
1_ Hospital de Sangue
1_ Flavio de Barros Photographo
1_ Flanco esquerdo da

- 1_ Fazenda Velha
- 1_ Expedicionario
- 1_ engenheiros
- 1_ Dr. Curio, chefe do
- 1_ Divisão Canet
- 1_ Corpo médico
- 1_ Corpo de polícia da Bahia na
- 1_ Coronel Medeiros e seus ajudantes
- 1_ Comissão
- 1_ Cocorobó e
- 1_ casa
- 1_ Brigada
- 1_ Bom Jesus nova
- 1_ Bateria
- 1_ barraca
- 1_ Ataque e incêndio
- 1_ Antônio Conselheiro

O conhecimento registrado nesses álbuns fotográficos coleciona mais que fotografias em suas páginas, coleciona também as marcas do domínio do seu colecionador. Um exemplo de tal fato são suas legendas acima identificadas, que possuem a utilização de jagunço e não conselheiristas ou correligionário para se referir aos sertanejos que moravam no Arraial de Canudos. Outro elemento a ser destacado neste sentido são as questões relacionadas a gramática normativa do período.

Abaixo, imagem 41, a nuvem de palavras desenvolvidas com base nos termos.

Imagem 41 – Nuvem de palavras desenvolvida a partir da legenda original dos álbuns analisados no Museu da República de forma física



Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base no levantamento desenvolvido nas legendas do álbum físico (2024)

Buscando aumentar o poder desta análise direcionada aos conceitos “jagunço” “conselheirista” e “correligionário” bem como avançar na compreensão desta questão, amplia-se o mapeamento do escopo deste domínio. Uma ação que possui em sua base a intenção de identificar questões profundas que resultem em análises significativas. Assim, esta exploração incluiu a identificação de possíveis usos destes conceitos em materiais contemporâneos aos álbuns fotográficos.

Assim, parte-se para o rastreamento de determinados enunciados, presentes em materiais como livros, jornais e dicionários, buscando a identificação e compreensão das características ou mesmo relações e definição que se façam de suporte para o entendimento e a compreensão destes álbuns e os seus conceitos, enfim um suporte para o entendimento dos conceitos que compõem esse domínio. Assim, identificou inicialmente o livro “Os sertões” (campanha de canudos), escrito por Euclides da Cunha.

O autor demonstra em suas frases o olhar que era direcionado aos povos sertanejos, bem como a mestiçagem

Intentamos esboçar, pallidamente embora, ante olhar de futuros historiadores, os traços actuaes mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brazil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexus de factores múltiplos e diversamente combinados, aliada ás vicissitudès históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez ephemerias, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes, da civilisação e a concurrencia material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra (Cunha, 1905, p. 5).

Como se pode perceber, há certa preocupação com o legado histórico que seria deixado para as futuras gerações, bem como, em paralelo, a visão — vinculada ao seu período histórico — de Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866–1909), em relação ao sertanejo e à mestiçagem. Escritor e jornalista brasileiro, Euclides da Cunha desenvolveu seu trabalho em jornais como o jornal “A Província de S. Paulo” e, por meio de seu livro, alimentou a curiosidade da população em relação ao Arraial.

Nesta terceira edição da obra “Os sertões”, utilizada nesta tese, trata-se, segundo o site da Biblioteca Nacional, da última edição publicada em vida do autor. Assim, Cunha traz em suas palavras um primeiro adjetivo que direciona o entendimento de Jagunço. “O jagunço destemeroso, o tabaréo ingênuo e o caipira simplório serão em breve typos relegados às tradições evanescentes, ou extinctas” (Euclides da Cunha, 1905, p. 6). Essa seleção citada é, segundo Euclides os

primeiros efeitos de variados cruzamentos, que se destinavam talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. (Cunha,1905).

Em seu discurso a respeito das origens do que Euclides nomeia como raças mestiças do Brasil, este evidencia um discurso dos antecedentes históricos do jagunço. Na visão do jornalista, a marcha do povoamento, do Maranhão à Bahia, foi lenta. “O Brazil era a terra do exílio; vasto presidio com que se amedrontavam os heréticos e os relapsos, todos os passíveis *do morra per éllo* da sombria justiça daquelles tempos” (Cunha,1905, p. 89). O referido autor evidencia que, mesmo alguns anos mais tarde, quando se povoou melhor a Bahia, havia desproporção entre o elemento europeu e os “outros”, ou seja, os indígenas e os negros.

Quando alguns annos mais tarde se povoou melhor a Bahia, a desproporção entre o elemento europeu e os dous outros continuou desfavorável, em progressão arithmetica perfeita. Segundo Fernão Cardim, alli existiam 2.000 brancos, 4.000 negros e 6.000 Índios. E' visível durante muito tempo a predominância do elemento autochtone. Nos primeiros cruzados, portanto, elle deve ter influído muito (Cunha,1905, p. 89).

A vastidão das terras e a miscigenação chamaram muita atenção deste autor, seu olhar a respeito desta população revela a leitura que se fazia destes sertanejos.

Os forasteiros que aproavam áquellas plagas eram, a de mais, de molde para essa mistura em larga escala. Homens de guerra, sem lares, affeitos á vida solta dos acampamentos, ou degredados e aventureiros corrompidos, norteava-os a todos como um aphorismo o ultra equinotíalem non peccavi, na frase de Barleus. A mancebia com as caboclas descambou logo em franca devassidão, de que nem o clero se isentava (Cunha,1905, p. 89).

A primeira mestiçagem se fez, nestes primeiros tempos, intensamente, e na visão deste autor principalmente entre o europeu e o silvícola.

Surprehendidos vários historiadores pela vinda, em grandíssima escala, do africano, que iniciada em fins do século XVI nunca mais parou até ao nosso (1850) e considerando que elle foi o melhor alliado do portuguez na quadra colonial, dão-lhe geralmente influencia exaggerada na formação do sertanejo do norte. Entretanto, em que pese á esta invasão de vencidos e infelizes, e á sua fecundidade rara, e a suas qualidades de adaptação, exercitadas na África adusta, é discutível que ella tenha attingido profundamente os sertões. (Cunha,1905, p. 90).

Assim, a origem do jagunço, pelo prisma de Euclides envolve uma mestiçagem, que vem de portugueses, condenados, órfãos, indígenas, negros, mulatos que, com a situação social, tiveram as suas faculdades de desenvolvimento prejudicadas.

Segue-se com Euclides da Cunha (1905) para revelar um olhar mais específico a respeito do jagunço.

Fora longo traçar-lhes a evolução do character. Caldeadas a indole aventureira do colono e a impulsividade do indígena, tiveram, ulteriormente, o cultivo do próprio meio que lhes propiciou, pelo insulamento, a conservação dos attributos e hábitos avoengos, ligeiramente modificados apenas consoante as novas exigências da vida. — E alli estão com as suas vestes caracteristicas, os seus hábitos antigos, o seu estranho affecto ás tradições mais remotas, o seu sentimento religioso levado até ao fanatismo, e o seu exaggerado ponto de honra, e o seu folk-lore bellissimo de rimas de três séculos. (Cunha, 1905, p. 90).

Uma raça forte e antiga, como afirma o autor, o jagunço se apresenta para evidenciar que importam as relações com o meio. E o seu meio era “[...] pelos sertões limitrophes ou próximos, de Goyaz, Piauhy, Maranhão, Ceará e Pernambuco, tem um character de originalidade completa expresso mesma nas fundações que erigiu” (Euclides da Cunha, 1905, p. 100). Tem-se que destacar que, na visão deste autor, os:

[...] povoados sertanejos se formaram de velhas aldeias de Índios, arrebatadas, em 1758, do poder dos padres pela política severa de Pombal. Resumindo-nos aos que ainda hoje existem, próximos e em torno do lugar onde existia há cinco annos a Troya de taipa dos jagunços, vemos, mesmo em tão estreita área, os melhores exemplos. (Cunha, 1905, p. 100).

Há uma definição de jagunço em Euclides (1905, p. 121) que irá enriquecer a leitura e o entendimento da narrativa desenvolvida nos álbuns

O jagunço é menos theatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro. Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como fôr. Está affeiçoado aos prelios demorados, sem expansões enthusiasticas. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não esperdiça a mais ligeira contracção muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao riscar da faca não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazzarina longa ou o trabuco pesado, dorme na pontaria.

Há certo apreço pela visão do jagunço perspicaz, destemido, solerte e bravo, apresentado com traços mais próximos da realidade, sem os delineamentos gloriosos ou mesmo românticos, aqui, a título de exemplo, remete-se à imagem do jagunço preso. Um indivíduo prático, calculista, determinado e eficiente em suas ações. E sua face mais temida é a tocaia. “O jagunço não recua. Mas no recuar é mais temeroso ainda. E' um negacear demoníaco. O adversário tem, daquela hora era deante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguivel, occulto no sombreado das

tocaias” (Cunha, 1905, p.121).

No quadro 11 que demonstra os termos que interagem com o termo jagunço na narrativa de Euclides.

Quadro 11 – Termos que interagem com o termo jagunço na narrativa de Euclides em “Os Sertões”.

Euclides da Cunha		
Frequência	Termos relacionados	Páginas
6	Guerra	239, 274, 356, 466 558 562
5	Balas	235, 334, 389, 445, 598
5	Tropa(s)	285, 305, 396, 474, 532
4	Batalhões	368, 418, 426, 513
4	Perigoso(a)	121, 278, 389, 581
4	Soldados	545, 551, 581, 607
4	Temeroso(a)	121, 285, 428, 431
3	Arma(s)	356, 392, 462
3	Munição(s)	356, 392, 558
3	Sorte	383, 391, 563
3	Tiro(s)	270, 428, 566
2	Antagonistas	277, 421
2	Assalto(s)	446, 482
2	Astúcia	263, 434
2	Bravo(s)	222, 239
2	Bravura	283, 402
2	Cadáveres	356, 608
2	Combate	389, 602
2	Combatentes	586, 596
2	Desordem	274, 418
2	Destemerosos	181, 219
2	Ferocidade	283, 479
2	Forte	100, 121
2	Fuga	274, 418
2	Indomável	553, 466
2	Inimigo	538, 591
2	Monstruoso	494, 584
2	Preso(s)	562, 593
2	Saqueador de cidades	190, 218
2	Tática	416, 431
2	Trincheiras	531, 534
2	Troya de taipa	101, 183
2	Últimos	572, 588
2	Valentões	190, 309
1	Aberração	468
1	Abominável	193
1	Adversários.	607
1	Agonia	445
1	Agressores	589
1	Agrupamento	232
1	Aiós	234
1	Anachronismo ethnico	363

1	Animal	434
1	Apprehensões	368
1	Aprisionados	563
1	Arisco,	435
1	Armamento	273
1	Arraial	535, 546
1	Arsenal	354
1	Ataques	543
1	Bandido	471
1	Brunido	381
1	Brutal	347
1	Brutalmente	233
1	Bruto	273
1	Caatingas	247
1	Cadeia	193
1	Casebres	470
1	Cautela	579
1	Cautelosa	434
1	Charnecas	247
1	Chouan	247
1	Companheiros	464
1	Conflicto	338
1	Correctissima	379
1	Corriam	353
1	Crime	193
1	Damnificados	424
1	Demoníaco	121
1	Deplorável	185
1	Desafogados	606
1	Desafogo	554
1	Desbaratados	372
1	Desbarate	449
1	Deserto	509
1	Desnorteado	541
1	Despercebido	474
1	Dominante	501
1	Duro	121
1	Eloquência	197
1	Empenho	396
1	Encurrulado	538
1	Entroncado	347
1	Errantes	191
1	Esparsa	350
1	Espinhos	490
1	Esquivos	277
1	Evoluções estonteadoras	378
1	Facilmente	305
1	Fanática	468
1	Febril	310
1	Felinos	317
1	Feroz	426
1	Formidável	607
1	Frágil	381

1	Fragillima	379
1	Frouxo	473
1	Fugir	566
1	Fugitivos	233
1	Fulminar	470
1	Fuzilarias	383
1	Galões	402
1	Garras	490
1	Grosseiro	234
1	Guerrilhas	376
1	Heresiarcha sinistro	368
1	Heroísmo	581
1	Igreja	572
1	Impassível	331
1	Impiedosas	368
1	Impiedoso	589
1	Imprudente	338
1	Inapto	205
1	Indecifrável	414
1	Inferioridade	273
1	Invariável	431
1	Invisíveis	459
1	Ironia	480
1	Lucta	558
1	Magotes diminutos	339
1	Mira	546
1	Misericórdia	445
1	Mortos	581
1	Municiados	499
1	Negaça	278
1	Nutrido	601
1	Obscuridade	581
1	Onda rugidora	352
1	Ousadia	383
1	Palissada	579
1	Parnahyba	223
1	Perigos	512
1	Perplexos	280
1	Persistente	396
1	Perturbação	494
1	Poeira	193
1	Prece	343
1	Rastros	236
1	Reclusão	470
1	Repugnante	581
1	Requintada	434
1	Resistente	121
1	Ridículas	325
1	Riscos	397
1	Saqueados	424
1	Selvagem	437
1	Silenciosa	197
1	Sinistro	435

1	Sobrerolda	276
1	Solerte	239
1	Sucesso	449
1	Suicídio	607
1	Teimosia	376
1	Temerário	416
1	Temeridade	265
1	Tenacidade	426, 592
1	Tenaz	121
1	Teratológico	494
1	Theatralmente heróico	121
1	Tiroteio(s)	403, 421
1	Titanico	219
1	Trahidos	536
1	Traíçoeiro	435
1	Trasgo	494
1	Tremendo	222
1	Trigueiras	277
1	Tumulto	596
1	Turbulentos	190
1	Valido	562
1	Vaqueiros	380
1	Veizado	471
1	Vibratibilidade incomparavel	219
1	Victimados	283
1	Vigilância	428
1	Vigilante	553
1	Vigor	543
1	Vingado	476
1	Violando	494

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base no livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha. (2024)

Esta percepção acima, demonstrada pelo quadro 11, soma-se à batalha do imaginário desenvolvida em torno do Arraial Canudos, Antônio Conselheiro e dos jagunços. Há uma visão nesta obra do jagunço como um sujeito traiçoeiro, vingador, vigilante, teimoso, ousado, feroz, entre tantas outras características evidenciadas acima.

Com base no quadro 11, desenvolveu-se uma nuvem de palavras, imagem 42.

Imagem 42 – Nuvem de palavras extraídas a partir da obra “Os Sertões” que interagem com o termo jagunço na narrativa.



Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base no livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha. (2024).

Há no livro de Euclides 175 menções aos jagunços, incluindo todos os tipos de informações e parecer, e descrição da sua formação, da sua moradia, mas não houve a identificação nesta obra de menções a “Conselheirista” ou Correligionário”.

Se as edificações em suas modalidades evolutivas objectivam a personalidade humana, o casebre de tecto de argilla dos jagunços equiparado ao *wigwan* dos Pelles Vermelhas suggeria paralelo deplorável. O mesmo desconforto e, sobretudo, a mesma pobreza repugnante, traduzindo de algum modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça (Cunha, 1905, p.185).

Buscando aprofundar esta questão da nomeação dos sertanejos que integravam o povoado de Arraial de Canudos, partiu para a hemeroteca digital brasileira. Uma iniciativa da Biblioteca Nacional. Neste levantamento, limitaram-se as buscas inicialmente ao período 1890 – 1899, por ser o intervalo de tempo presente na base que é contemporâneo aos acontecimentos. O resultado para “Jagunço” foram 1.974 ocorrências no acervo. Abaixo, as principais ocorrências desta busca na base de dados.

Quadro 12 – Ocorrências do termo jagunço na Hemeroteca da Biblioteca Nacional

	DESCRIÇÃO	PÁGINAS	OCORRÊNCIAS
1.	Cidade do Rio (RJ) - 1887 a 1902	12645	280
2.	O Paiz (RJ) - 1890 a 1899	24297	207
3.	Gazeta da Tarde (RJ) - 1880 a 1901	18859	157

4.	Jornal do Brasil (RJ) - 1890 a 1899	12131	151
5.	A Noticia (RJ) - 1894 a 1916	25255	135
6.	Jornal do Commercio (RJ) - 1890 a 1899	34586	117
7.	Gazeta de Noticias (RJ) - 1890 a 1899	21131	97
8.	Pacotilha (MA) - 1880 a 1909	34367	86
9.	O Fluminense (RJ) - 1890 a 1899	9363	45
10.	Correio Paulistano (SP) - 1890 a 1899	11159	43
11.	O Commercio de São Paulo (SP) - 1893 a 1909	24271	42
12.	Jornal do Recife (PE) - 1858 a 1938	124859	41
13.	Republica (SC) - 1858 a 1937	46599	36
14.	Diario de Pernambuco (PE) - 1890 a 1899	3698	23
15.	A Republica : Fusão do Libertador e Estado do Ceara (CE) - 1892 a 1897	5836	21

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos dados recuperados na base de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (2024).

A Primeira ocorrência no Jornal “Cidade do Rio” do Ano 1895\Edição 00234 demonstra o uso em um trecho de uma passagem do jornal identificado como “Casos especiais” e a passagem afirma que “Como jagunço, este homem era, mais terrível que podia haver sempre disposto a carnificina e a cumprir as ordens do amo com uma obediência passiva e cega”. Esta passagem pode ser visualizada na imagem 43:

Imagem 43 – Recorte de jornal que evidencia o “jagunço”



Fonte: Brasil (2024):

Há entre os seus exemplares deste jornal, que possuem a ocorrência “jagunço” em suas páginas, várias menções que estão presentes em casos policiais ou mesmo “decifrações” como pode ser visto na imagem 44

Imagem 44 – Recortes de jornais que fazem referência a jagunço ¹⁴

Quisar << Ocorrências 22/286 >> verde

Ano 1897|Edição A00207 (2)

P. Borges, Bezerril, Filgueiras, Timothão, Arthur Peixoto, Th. Accioli e senador Thomaz dos Oculos.

O Dr. Lup, meu ministro e secretario dos negocios da Guerra, assim o faça cumprir e executar.

Morro do Nhêco, 21 de Ago-to de 1897.

DR. MAXIXE.
Dr. Lup.

A GUERRA DE CANUDOS

O capitão Manoel Benício na sua ultima correspondencia narra o facto de ter sido jarretado e morto, por ordem do general em chefe, um cavallo que escoceara um sargento e um medico.

Como alguns espiritos malevolos têm commentado desfavoralmente o acto do general Oscar, apressamo-nos em declarar que:

1. A execução do insubordinado cavallo obedeceu a uma medida disciplinar, tendo sido effectuada diante de todos os cavallos, burros e bois.
2. Desde esta execução até a presente data, não consta que pessoa alguma tivesse sido victima de um coice de cavallo, burro ou boi.
3. Está provado que o cavallo era jagunço e que servia de espião do Conselheiro. (Esta razão é esmagadora!)

Em José Coelho não sabemos se quem fez alguma coisa.

Pois, alguma coisa, merecia o Coelho.

Ouvimos que o botequim da rua do Rezende n. 66 é um foco de continuas desordens, sendo o dono da tasca o maior valentão da roda.

Ainda ante-hontem, espancou elle as 11 horas da noite, um pobre homem.

De policia não se vio nem signal, embora fesse grande o reboliço.

Por echer José Francisco, o qual foi submettido a corpo de delicto na menor Maria da Conceição, de tres annos de idade, que apresentava fortes queimaduras resultantes do incendio que se manifestou no barracão em que morava com seus paes Antonio Carneiro e Beatriz de Jesus, na rua Aprazivel.

Dizem que o fogo foi ateadado por Antonio Jule de Moura, que occupava o pavimento superior do barracão: dizem e parece verdade pois que foi recolhido á

Ocorrências 4/286 -casos policiais

o Rio (RJ) - 1887 a 1902

Quisar << Ocorrências 18/286 >> verde

Para uma frase exata, coloque as palavras entre aspas. Ex: "mundo verde"

Ano 1897|Edição 00201 (1)

Turuna.

Decifrações

Do dia 9.

N. 28. Enigma de Cabiana.

A vida é um sonho que se esvae ligeiro

N. 29. Fugas de vogaes, do Zoroá.

Juro! amor-te um dia e essa jura
Oh! ínteira, dentro d'alma guardarei;
Ei a morte me roubar á teus affectos,
E' porque, lá no céu tua serrei!...

N. 30. Logogrifho de K. Nalha.

Quem será o felizardo neste mez

N. 31. Charada auxiliar de Philó.

Grigri.

N. 32. Enigma de Jagunço.


Macaréó

Apuração

Jagunço matou todos, (tem 5 pontos); Turuna e C. Bento mataram os ns. 28, 29, 30 e 33, (tem 4 pontos cada um); C. Bento os ns. 28, 29 e 30, (tem 3 pontos); Philó, Nembrac e Oly, os ns. 29 e 30, (tem 2 pontos cada um); Cabiana, Edmonia e n. 29, (tem 1 ponto.)

Palpitando

Para depois temos:



LA VELOCE

Navigazione Italiana

SAHIDAS PARA EUROPA

Em 27 de > Vittoria
> 12 de Setembro.... Città di Genova
> 23 de > Nopl America
> 12 de Outubro..... Rio de Janeiro
> 27 de > Vittoria.

Sahidas para Montevidéo e Buenos Aires VIA SANTOS

Em 16 de Agosto..... Matteo Bruzzo
> 15 de Setembro.... Montevidéo
> 17 de Outubro..... Matteo Bruzzo

O PAQUETE

MATTEO BRUZZO

¹⁴ Decifrações Ano 1897|Edição 00201 Ano 1897|Edição A00204 (1). Jornal Cidade do Rio de 23 de agosto de 1897

395
Conseguirão?

Pelo Ceroplastico

Para hoje : S.—6. S.—19.

Posta Restante

D Raceiro. E' simples responder-vos. Foi um engano devido ao pessimo constance que têm alguns colaboradores, de incluírem nas decifrações dos problemas de outros, a decifração do seu proprio trabalho, e como não é do praxe contar-se como ponto produção charadística, fica desfeito o engano e marcados 4 pontos ao **Jagunço**, que bem demonstra ser igual aos de Canudos, atacando o inimigo de emboscada.
Et jusqu'à demain.

Erasmus.

O movimento da Recebedoria do Estado de Minas na Capital Federal foi hontem o seguinte:

Arrecadação de dia 17.....	115:699\$880
De 1º a 17.....	941:838\$640
Em igual periodo do anno passado ..	751:575\$279

A decima pretoria mandou-se da rua Figueira de Mello para a rua de S. Januario n. 19.

ULTIMA HORA

O infeliz Ozorio Araujo delixon tres cartas : uma para um seu irmão, outra para a policia e outra

15 de Setembro
17 de Outubro

O PAQUETE
MATTEO BRUZZO
Commandante ROSASCO
sahirá no dia 16 do corrente para SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS AIRES.
Preço das passagens: para Montevideo e Buenos Aires, 1.ª classe, frs. 200; classe distincta, frs. 150; 3.ª classe frs. 60.

O PAQUETE
VITTORIA
Commandante BUCELLI
sahirá no dia 27 do corrente, directamente para GENOVA e NAPOLES.
Preço das passagens: camarim distincto frs. 1.000, 1.ª classe frs. 750, 2.ª classe frs. 550, 3.ª classe frs. 100.

Fonte: Jornal do Commercio (1987).

Nas edições subsequentes, como pode ser visto acima, há o uso de “jagunço” associado a adjetivos como: terrível, tenacidade, feroz, atacando o inimigo em emboscada, valente entre outros adjetivos. O que se percebe é o vínculo entre o “Jagunço” ser aquele que tem uma obediência passiva e cega, uma pessoa que não era bem-vista, ou mesmo há um entendimento entre os seus enunciados de mau, do outro; um inimigo da República. Há perceptível ainda nesta busca que esse sertanejo possui um forte vínculo com o Arraial de Canudos e com Antônio Conselheiro.

Seguindo com esta busca, novamente desenvolveu-se outro levantamento com “Correligionário” na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, com o período entre 1890 – 1899. Esta busca teve como retorno 5.906 ocorrências. As primeiras ocorrências para correligionário podem ser visualizadas abaixo:

Quadro 13 – Busca na Hemeroteca da Biblioteca Nacional pelo termo Correligionário.

	Descrição	Páginas	Ocorrências
1.	A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - 1886 a 1900	6724	291
2.	A Republica: organo do Partido Republicano (PR) - 1888 a 1930	41690	289
3.	Commercio do Espirito Santo (ES) - 1892 a 1910	12079	237
4.	O Pará (PA) - 1897 a 1900	2949	228
5.	Jornal do Recife (PE) - 1858 a 1938	124859	228
6.	Correio Paulistano (SP) - 1890 a 1899	11159	204
7.	O Paiz (RJ) - 1890 a 1899	24297	194

8.	O Commercio de São Paulo (SP) - 1893 a 1909	24271	194
9.	Jornal do Commercio (RJ) - 1890 a 1899	34586	192
10.	A Republica: órgão do Partido Republicano (RN) - 1897 a 1907	3653	191
11.	Gazeta de Noticias (RJ) - 1890 a 1899	21131	186
12.	Diario de Pernambuco (PE) - 1890 a 1899	23698	174
13.	Diario de Noticias (PA) - 1881 a 1898	16669	169
14.	O Estado do Espirito-Santo: Ordem e Progresso (ES) - 1890 a 1911	21467	162
15.	Commercio de Portugal (Lisboa, POR) - 1879 a 1897	21276	155

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos dados recuperados na base dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (2024)

O “Correligionário”, nestas ocorrências, possui o vínculo com: nosso, amigo, prestimoso, ilustre, pranteado, perspicaz, digno, distinto. Esta questão pode ser visualizada abaixo nas imagens, imagem 45.

Imagem 45 – Recortes de jornais que fazem menção a correligionário na base de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional



A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - 1886 a 1900 Ano 1890\Edição 00014

consumo, depois de ter-se assegurado que sua victima estava bem morta, o protagonista do drama fez-se justiça a si proprio, suicidando-se.

Na Siberia foi encontrada uma baraca de panno e dentro della tres cadaveres.

Juntos a estes estavam diversos instrumentos scientificos e muitos documentos.

Julga-se que sejam o explorador Andree e seus companheiros.

PALCOS E SALÕES

Teve um exito colossal no Theatro Hispanhol a peça o «Cyrano de Bergerac», que foi em scena com sumptuosidade.

O theatro Ambigu, de Paris, levou á scena um drama espectacularo *O Rei dos Mendigos* extrahido d'um romance do mesmo titulo do sr. Alfredo Mathey. A nova obra dramatica abre por um quadro intansissimo pittoresco, d'uma extravagancia de costumes' que tanto di-

Nicoláo II, da Rússia.

VISITA

Tivemos hontem o immenso prazer de abraçarmos o nosso muito particular amigo e **correligionario**, chefe proeminente do nosso partido em Bujará, o sr. Joaquim Henriques da Silva, o qual se acha nesta capital a passeio.

Segundo refere o *Osservatore Romano* a Sagrada Congregação dos Concilios já estabeleceu o programma para o que brevemente terá lugar em Roma, dos bispos da America Latina, para o fim de firmar a unidade de vistas das egrejas sul-americanas em relação aos pontos da disciplina ecclesiastica e melhoria dos costumes.

Recebemos os ns. 1439 e 1540 do *Pimpão*, folha humoristica que se publica em Lisboa, e 1.º fasciculo da historia de Portugal—offrecidos pela casa Very-Well.

ACS PÉS MOLHADOS Correligionario que se encontra no officio de S. Antonio, que lá encontrais sempre todas as qualidades de be-

A Alfandega arrecadou:	
Até o dia 18.....	613,48\$380
Hontem.....	55,049\$595
Total.....	668,53\$975

VARIEDADE

ONIBLA

Se a leitora, por penitencia voluntaria, já se deu ao trabalho de ler os dez indigestos volumes do *Juden Errante*, romance de Eugenio Sue, certamente notou que o tal juden da lenda biblica, apesar de dar o titulo á obra, n'ella entra como Pilatos no Credo; e que o illustre romancista figurou o seu protagonista como um conductor do cholera-morbus...

Si não lá, não ria-se, pois lá se acha em letra redonda o que eu acabo de dizer; isto é, que o *Juden Errante* deixava atraz de si, por todos os lugares que visitava, o mortifero fiho do Ganges.

Se o cholera devastou Paris em 1831, não foi isso devido ás condições hygienicas em que se achava aquella cidade; não foi porque o importassem de lugares affectados da molestia; foi porque o *Juden Errante* por alli passou uma noite, *impellido pela ira de Deus!*...

Por todos os lugares visitados pelo eterno viajante, atraz d'elle ficava o lacto, a dôr, a

VARIAS NOTICIAS

Telegramma recebido ante-hontem nos dá a infansia noticia de ter fallecido na villa de Salinas o nosso praticado amigo e **correligionario** (c) Paulo dos Santos, influencia republicana n'essa villa, onde a sua morte foi profundamente sentida.

Hontem foi thado á sepultura o seu cadaver no cemiterio d'essa mesma villa.

Sentimentando a sua familia, e ao partido republicano de Salinas, desfolhamos sobre a sua sepultura um goivo de saudade.

Peitoral de Cambará

• CURA DE ROUQUIDÃO

O respeitavel Izendeiro sr. Barão de Avelar Rezende, morador na estação de Santa Izabel, estrada de ferro Leopoldina, Minas-Geraes, foi curado pelo *Peitoral de Cambará*, de S. Soares, de uma rouquidão incommoda, que resistia a todos os medicamentos receitados.

Os agentes: - NAVEGANTES, PONTE & CORRÊA—Rua Quinze de Novembro, n. 30.

A Republica: Órgão do Club Republicano (PA) - 1886 a 1900 Ano 1899\Edição

A Republica: Órgão do Club Republicano (PA) — 1886 a 1900. Ano 1893\Edição 00887.

Fonte: A Republica (1886-1900)

E desenvolvendo novamente a busca por “conselheirista” obtiveram-se 89 resultados, como pode ser visualizado no quadro 12:

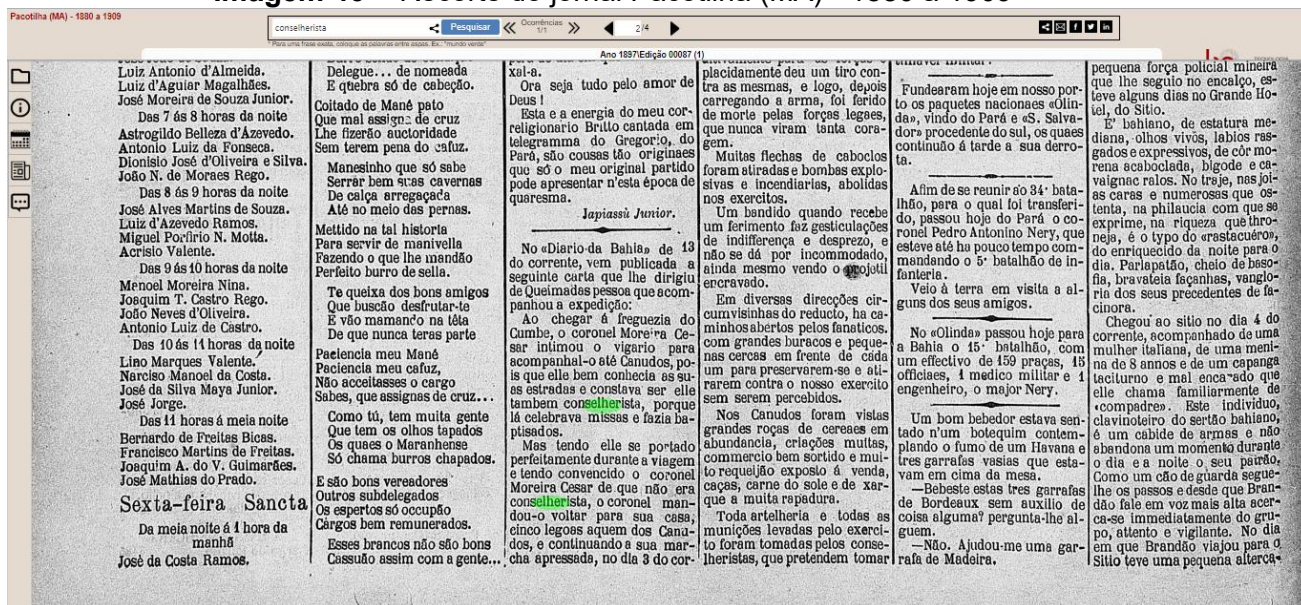
Quadro 14 – Busca na base de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional pelo termo: correligionário.

	Descrição	Páginas	Ocorrências
1.	Pacotilha (MA) - 1880 a 1909	34367	11
2.	Folha do Norte (PA) - 1896 a 1903	2141	8
3.	Jornal do Commercio (RJ) - 1890 a 1899	34586	8
4.	Diario de Pernambuco (PE) - 1890 a 1899	23698	6
5.	Jornal do Recife (PE) - 1858 a 1938	124859	6
6.	A Noticia (RJ) - 1894 a 1916	25255	6
7.	Cidade do Rio (RJ) - 1887 a 1902	12645	4
8.	O Paiz (RJ) - 1890 a 1899	24297	4
9.	O Estado do Espirito-Santo : Ordem e Progresso (ES) - 1890 a 1911	21467	4
10.	Pharol (MG) - 1876 a 1933	42243	3
11.	Gazeta de Petropolis (RJ) - 1892 a 1904	6730	3
12.	Diario de Noticias (PA) - 1881 a 1898	16669	3
13.	Correio Paulistano (SP) - 1890 a 1899	11159	2
14.	Minas Geraes : Orgam Official dos Poderes do Estado (MG) - 1892 a 1900	18026	2
15.	Republica (SC) - 1858 a 1937	46599	2
16.	A Republica : Fusão do Libertador e Estado do Ceara (CE) - 1892 a 1897	5836	2
17.	Mensageiro do Coração de Jesus : Orgam Mensal do Apostolado da Oração (SP) - 1896 a 1900	3253	1
18.	Annaes da Camara dos Deputados (RJ) - 1889 a 1899	34774	1
19.	Gazeta de Noticias (RJ) - 1890 a 1899	21131	1
20.	A União : Orgão do Partido Republicano do estado da Parahyba (PB) - 1893 a 1899	3580	1
21.	A Republica : orgam do Partido Republicano (PR) - 1888 a 1930	41690	1
22.	Commercio do Espirito Santo (ES) - 1892 a 1910	12079	1
23.	Jornal de Caxias : Orgão Commercial e Noticioso (MA) - 1895 a 1908	2231	1
24.	O Orbe (AL) - 1879 a 1900	45118	1
25.	O Republicano (MT) - 1895 a 1899	1108	1
26.	Diario do Maranhão (MA) - 1855 a 1911	45118	1
27.	Gutenberg : Orgão da Associação Typographica Alagoana de Socorros Mutuos (AL) - 1881 a 1911	12239	1
28.	O Trabalho (AL) - 1882 a 1898	462	1
29.	O Imparcial (AM) - 1897	414	1
30.	A Legalidade (SC) - 1892 a 1901	1320	1
31.	Republica (SC) - 1889 a 1937	46042	1

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos dados recuperados na base dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (2024)

Esta questão pode ser visualizada na imagem 46

Imagem 46 – Recorte do jornal Pacotilha (MA) - 1880 a 1909



Fonte: Jornal Pacotilha (1897)

Este termo, por exemplo, no Jornal Pacotilha (MA) de 1897, coloca associado conselheirista a um morador de Canudos, assim, percebe-se que há similaridade no uso do termo conselheirista e jagunço. O conselheirista, aparece vinculado, assim, ao Arraial de Canudos e a celebrações religiosas, imagem 47.

Imagem 47 – Recorte do Jornal Commercio do Espírito Santo—ES — 1892 a 1910. Ano 1897. Edição 00170.

conselheirista

2/4

Ano 1897, Edição 00170 (1)

Chegou ontem, ás 9 horas da noite, o dr. Siqueira Lima. Grande numero de amigos, em enorme massa popular, receberam-no som da musica e ao espoucar de foguetes, dando as maiores provas do alto apreço publico em que é tido como politico e como participante. Amigos em multidão conduziram-no á casa onde até alta hora da noite recebeu os que iam cumprimental-o.
Manifestação promovida pelo partido federal esteve na altura da pujança desse grande e valoroso partido.

Lição de discípulo
Venha cá, seu idiota, vamos... não! não fuja, não. Deixe esfregar-lhe estas orelhas e levá-lo até a sua PANcada, seu grandíssimo pancada.
Pensa que todos são como você, que tem muitos livros e muitos jornaes, cuja leitura, porém, só consiste em mero trabalho visual?
Você, na sua referida PANcada, tomando uns ares de pedagogo e prestando uma homenagem á Gaby...

to para arrasar-se o negregado reducto, já por distar meia legua, já pela sua elevação. O 5º batalhão de policia tem-se portado com a maior coragem na derubhada das trincheiras. No combate havido na garganta de Cocorobó os jagunços perderam oitocentos e tantos tomens. N'este combate os conselheiristas avançavam de martello e alavanca para se zpossarem das peças, sendo estas heroicamente defendidas pelos nossos soldados. Calcula-se até agora o prejuizo das forças legaes em mil homens, entre mortos e feridos. N'um combate no Rosario os jagunços foram batidos, estando commandados pelo celebre Paguehú. Foi morto no combate de Cocorobó um conselheirista que, no sitio de uma arvore, recebia de sua filha collocada no meio da arvore, pedtes de Manlicher e atirava contra o nosso exercito.
No chão foram ainda encontrados sessenta desses pedtes, grupos de cinco cartuchos. Em outras guerrilhas foram presos diversos canudenses, com chocalhos ao pescoço, estratagemas de que lançam mão afim de serem tomados como gado. Confirma-se o que ha dias noticia-mos a esse respeito. A igreja fortaleza de Canudos é solidamente construida, melindo as suas paredes de bons mietros e meio de espessura e levantada da seguinte forma: uma porta externa e uma interna, de

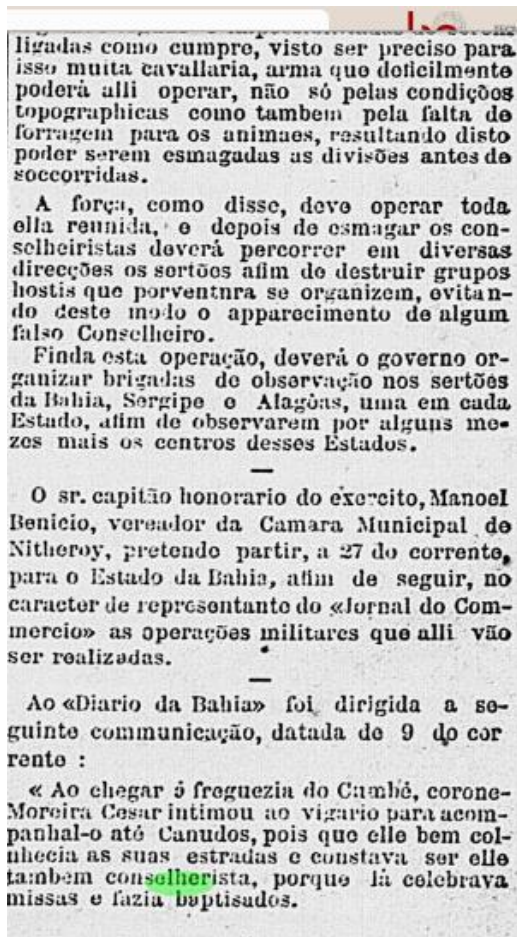
colas, como se deprehendo do relatório enviado, pretendendo demonstrar que até certo ponto podemos nos considerar mais felizes do que algumas communas de França! Aparte qualquer consideração a esse respeito, agradeçomos sinceramente a gentileza da offerta que nos fez o illustado dr. Pessanha Povoa.
Transpoz hontem pela 1ª. vez o grande aterro e ponte provisoria do brejo de Vianna a locomotiva da Estrada de Ferro Sul do Espírito Santo.
ESTAVAMO^s em frente á redacção do Estado — para onde se dirigia um grupo fallastrão de manebos irritados, que pelo aspecto das caras azebradas — semelhavam-se ao tomavoritico das commissões de desforço pessoal ou collectivo — muito em moda n'esta terra.
A sala, illuminada por um belga

Na rua, os garotos acompanham, no assvio, a copia do bohemio que vae-se, ladeira abaixo, — emquanto que o Dias profundamente modificado e debruçado sobre a varanda berra com todos os pulmões:
Ven cá, seu Alferes! Olha... vem tomar um góle de paraty com gomma!...
TABLEAU.
Reunio-se hoje ás 3 horas da tarde, na casa do costume, o conselho director da Sociedade Beneficente Franciscana.
TRIBUNA LIVRE
A ociosidade!
« A ociosidade é a mãe de todos os vicios. »
Que besta escreveria essa sandice?
Esse ignorante, esse parvo — não conhecia sem duvida, que não ha regra sem excepção.
E' bem possivel que seja; eu penso de modo diverso, e tenho cá as minhas razões.
A ociosidade poderá ser a mãe de todos os vicios, si o ocioso for uma besta quadrada.
Si, porém, o bicho tiver as costas abertas, atraz de si quem o veja...

Fonte: Jornal Commercio do Espírito Santo (1897).

A composição resultante da sequência de fragmentos dos jornais sugere que “conselheirista” representa uma pessoa que possui uma concordância com os ideais do Arraial, um simpatizante, que adere aos pensamentos e ideais da comunidade de Canudos. Portanto, um conselheirista pode ser entendido como um simpatizante, um morador ou visitante esporádico da comunidade, mas possui um alinhamento para com os ideais associados ao Conselheiro, seja suas crenças, valores e objetivos, aqui evidenciam-se as questões referente ao Conselheiro ser adepto aos ideais monarquistas. Este fato implica em um entendimento de que há certa participação na vida da comunidade de Canudos, bem como o desenvolvimento de atividades relacionadas aos seus princípios

Imagem 48 – Recortes de jornais que apresentam conselheirista presente na hemeroteca da Biblioteca Nacional



Minas Gerais: Organ Official dos Poderes do Estado (MG). 1897\Edição 00079



Fonte: Jornal do Recife (1987).

Ao longo deste levantamento na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, permitiu-se a análise de “jagunço”, “conselheirista” e “Correligionário”, esse levantamento identificou que não são entendidos no período pela imprensa como sinônimos. Nesse sentido, estende-se a busca aos dicionários, buscando o entendimento na língua portuguesa oficial de jagunço, de conselheirista e correligionário.

No dicionário Aurélio de 2009, jagunço, é “[De Zaguncho (q. V.). Posso. S. M. Ver capanga.] 2 Brás. PE AL Chuço. 3 Brás, BA, indivíduo do grupo de fanáticos e revolucionários de Antônio Conselheiro (1828–1897), na campanha de Canudos (1896–1897)” (Pequeno [...], 1964, p. 1147).

O Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa de 1964, vinculava jagunço a capanga, e afirmava que este conceito se referia ao “[...] indivíduo do grupo de fanáticos e revolucionários de Antônio Conselheiro, na campanha de Canudos-Bahia; chuço — Pernambuco e Alagoas”. (Pequeno [...], 1964, p. 698). Recuando um pouco mais, a Enciclopédia Barsa 9 Hérnia Judite de 1987 define e contextualiza “Jagunço”.

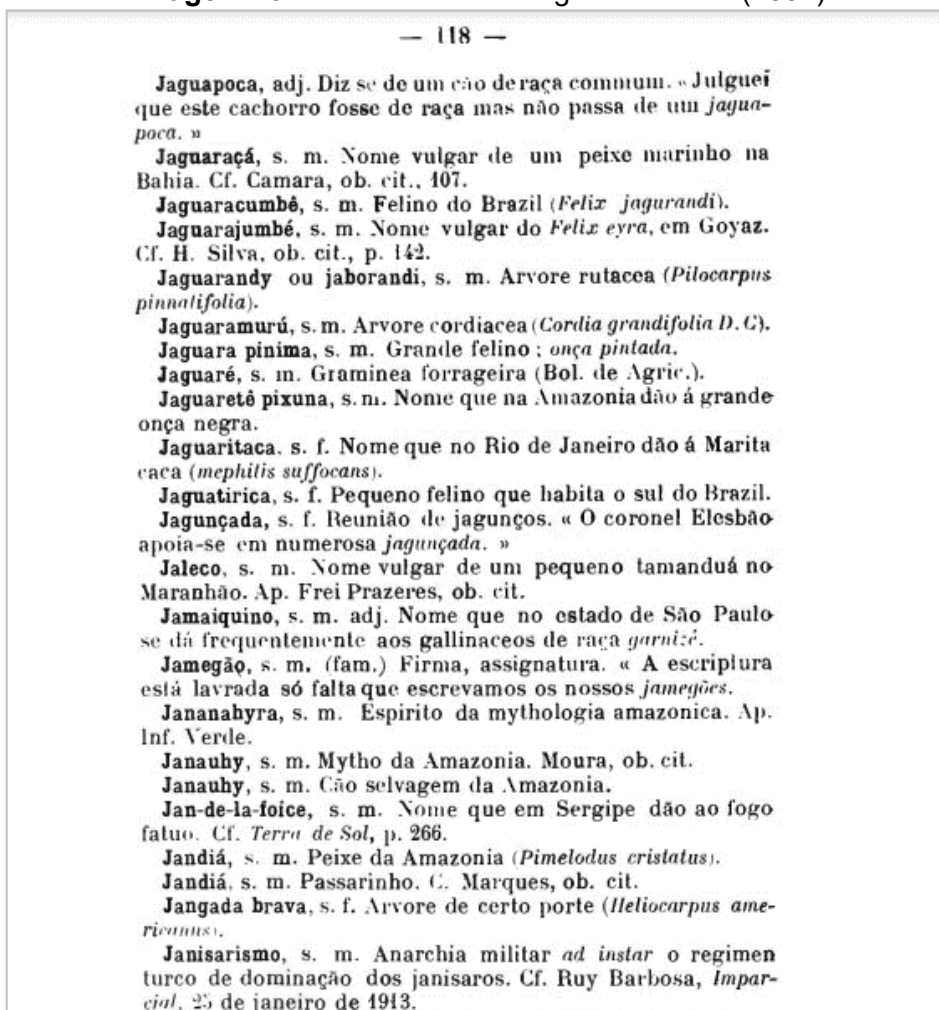
Durante a campanha de Canudos, os partidários de Antônio conselheiro, sentindo que passou a prevalecer, entre os três significados da palavra- de arma (varapau, ou chuço pesado), de

capanga (valentão, guarda costas de fazendeiro ou de senhor de engenho) e de adepto do chefe de Canudos. É principalmente em Euclides da Cunha (Os Sertões) que se encontra o retrato do jagunço sob esta última feição. Como traços do jagunço aponta Euclides em artigos publicados no jornal o Estado de São Paulo: a) é um habitante da caatinga, um tabaréu; b) veste-se de couro curtido, das Alpercatas sólidas ao chapéu de abas largas; c) é guerrilheiro astuto, audacioso e valente; d) acredita fervorosamente na santidade de seu chefe. (Enciclopédia Barsa, 1987, p. 412).

Neste trecho acima, percebe-se que há uma constituição do verbete. A Enciclopédia Barsa (1987) destaca ainda que a ideia que prevalece, “[...] de início, no tocante ao ‘jagunço’ foi a de valentão; a dimensão religiosa do tempo surgiu depois, a partir de Canudos; o jagunço defendia ‘o santo homem’ a que se unira sendo, sua recompensa natural e sagrada um lugar no reino do céu” (Enciclopédia Barsa, 1987, p. 412). Há ainda neste verbete da Barsa, o destaque para que, com “o crescente processo de urbanização do país e o fim das guerras santas, passou avultar para o termo jagunço o significado de capanga, homem que pega em armas sobre a responsabilidade de um chefe, ou seja, de um coronel”.

Buscando desenvolver esta análise do termo Jagunço, e sua relação com “conselheirista” e “Correligionário”, desenvolve-se, por fim, uma busca nos dicionários, inicialmente anterior a este período de existência do Arraial de Canudos, como “Diccionario da Língua Brasileira” (Pinto, 1832) de Pinto, Luiz Maria da Silva (1775–1869), no qual, não apresenta “jagunço” entre os seus verbetes, como pode ser visualizado na imagem 49.

Imagem 49 – Dicionario da Língua Brasileira (1832)



Fonte: Dicionario da Língua Brasileira (Pinto, 1832)

Aqui, infere-se que este verbete, em 1832, no Dicionario da Língua brasileira não se fazia presente, mas o termo “jagunçada” sim. Uma questão que pode evidenciar as decisões editoriais da época, bem como suas prioridades editoriais. Assim, este dicionário, por exemplo, nos, evidência várias questões que desrespeitam a língua. A mudança de grafia e percepções a respeito de determinados sujeitos ou determinado fenômeno evidenciam ainda mudanças sociais, políticas e culturais ao longo do tempo.

Os verbetes dos dicionários, nesse sentido, se apresentam como uma questão importante, ao agregam, por si, um valor oficial, uma orientação de entendimento que se deveria seguir, apresentando enunciados a respeito do verbete. Abaixo, o quadro 15 expõem em ordem cronológica a compreensão destes verbetes.

Quadro 15 – Ordem cronológica a compreensão do verbete “jagunço”

Jagunço	
Dicionário	Verbetes
A Giria Portuguesa – Alberto Bessa (1901, p.173)	(bras.) – Valentão; atrevido; guarda costas.
Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Cândido Figueiredo (1899, p. 7)	<i>m. Bras.</i> Valentão; guarda-costas; capanga.
ACHEGAS para o dicionário de brasileirismos da Academia Brasileira de Letras (1927, p. 191)	Sm. I Valentão, capanga, guarda-costas, cangaceiro. Bahia. II chuço. Pernambuco – Etym.: nome de um partido político, na região do rio S. Francisco em 1846-48.
Obras de José Pedro Machado (1952, p. 1253)	s. Etimologia obscura. Séc. XIX (1890), Morais.

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos dados recuperados nos dicionários da Biblioteca Nacional (2024)

No quadro 15, supracitado, são essenciais as percepções referentes a jagunço, sua progressão na significância, que o verbete vai se somando a outros enunciados, significâncias, que progridem por meio do transcorrer do tempo. Percebe-se que há um contexto que vai associando a região nordeste. Tais questões evidenciam e caracterizam a concepção transformadora dos conceitos.

Quadro 16 – Ordem cronológica para compreensão do verbete “Conselheirista”

Conselheirista	
Dicionário	Verbetes
Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa - Caldas Aulete (1980)	<i>Adj.</i> [Bras.] relativo a Antônio. Conselheiro, fanático que promoveu a revolta dos Jagunços, a qual terminou com a campanha de Canudos (1877) – <i>s. m. e. f.</i> secretário do Conselheiro.

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos dados recuperados nos dicionários da Biblioteca Nacional (2024).

Como pode ser visualizado acima, há uma discrepância na presença deste verbete nos dicionários analisados. Tal fato ocorre com o termo “conselheiro” e o termo “conselheirista”, o primeiro está presente em vários dicionários consultados, o segundo possui baixa ocorrência. Atribui-se esta ausência ao fato de que “conselheiro” é um termo diretamente vinculado à figura de Antônio Conselheiro. Considerou-se que “conselheirista” se apresenta como um derivado do primeiro;

“conselheiro” ocasionalmente pode ter sido considerado um termo mais específico pelos editores e, pela limitação da editoração, este não se apresenta com tanta frequência nos dicionários.

Quadro 17 – Ordem cronológica para compreensão do verbete “Correligionário”

Correligionário	
Dicionário	Verbetes
Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Cândido Figueiredo (1899, p. 461)	<i>m. e adj.</i> Aquelle que tem a mesma religião, partido ou systema, que outrem.
Novo Dicionário da Língua Portuguesa – Cândido Figueiredo (1899, p. 351)	<i>m. e adj.</i> Aquêlle que tem a mesma religião, partido ou systema, que outrem.
Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa - Caldas Aulete (1980)	<i>Adj. e s. m.</i> que professa as mesmas idéias religiosas ou políticas que outros: O arabi dos judeus do Porto...era tão venerado e estimado pelos seus <i>correligionários</i> , como respeitado e amado pelos cristãos. (Arn. Gama, <i>Clit. Dona</i> , e. 2, p. 46, ed. 1864.)

Fonte: Desenvolvida pelas autoras, com base nos dados recuperados nos dicionários da Biblioteca Nacional (2024)

Os dados acima dispostos nos quadros 15, 16 e 17 possibilitam uma análise que não envolve apenas a gramática, adotada no período e subsequentemente nas décadas seguintes, mas sim os seus significados, as regras e as estratégias de interação, que a sociedade desenvolveu, ao longo do tempo, com estes termos. Revela ainda as funções que os conceitos e seus enunciados desenvolvem. Questões socioculturais e políticas são expostas por meio dos significados, ou mesmo pela ausência do verbete nos dicionários. O que demonstra, por meio dos enunciados, o entendimento de certo domínio do conhecimento, sua classificação, uma interação com o período histórico deste, o seu contexto.

Partindo para a etapa de condensação dos resultados, com base na Análise de Conteúdo, ainda pertence à esfera da “Exploração do material e tratamento dos dados”, busca-se evidenciar os resultados e o desenvolver reflexões, de forma mais direta, envolvendo as ações de inferência e interpretação indicados por Bardin (1977) como base. Assim, contextualiza-se que esta ação de análise e tratamento dos resultados tem na interpretação dos dados um diálogo com o referencial teórico trabalhado no desenvolvimento desta tese.

As análises e os levantamentos desenvolvidos direcionados a “jagunço”,

“conselheirista”, “correligionário” possuem significância, ao evidenciarem a aplicação destes conceitos, no período histórico da sua ocorrência nos álbuns. Em destaque o fato que o significado de “jagunço”, foram realçados o entendimento dos seus enunciados como um insulto, uma injúria; ou mesmo se torna uma ofensa. Essas características corroboram com a visão de que jagunço se apresenta neste contexto como um criminoso.

Por esta lente, considera-se inicialmente as ideias de Brascher e Café (2008), que compreendem a informação e o conhecimento como produtos culturais, desenvolvidos por meio da experiência humana, que por meio de registros estão presentes em diferentes tempos históricos, ou seja, são construções humana que usam diferentes técnicas, tecnologias e linguagens para se perpetuarem na história.

O álbum fotográfico, quando visto e percebido por este olhar, como uma construção humana, que carrega consigo as marcas de um domínio, um produto cultural, possibilita um olhar cruzado, que permite visualizar a simultaneidade da presença do colecionismo, a presença do processo de classificação primária, bem como do poder de nomear e classificar pessoas, processos, fenômenos entre outras tantas possibilidades.

Encadeada a esta questão, há o colecionador, que ocupa uma posição social em seu domínio, seu discurso percorre sendo validado por este, bem como preservado e disseminado ou dito de outra forma, há nas ações do colecionador a influência do seu contexto. Neste preâmbulo, o destaque é a percepção do material que se torna alvo destas ações, não visto apenas pelo visível, mas também pelo subterrâneo, pelos silenciamentos, pelas classificações anteriores que são perceptíveis a partir de uma análise dos conceitos e da sua narrativa, aqui mapeada por meio das sequências que o colecionador desenvolveu nos álbuns fotográficos. Nesse sentido, relaciona-se a presença da escrita textual e imagética desenvolvida nos álbuns fotográficos.

Lima e Alvares (2012) afirmam que a representação do saber não está reduzida apenas à escrita. Mas está abrange em seu escopo figuras, esquemas, desenhos, imagens, expressões, gestos, mímicas, hipertextos, entre tantos outros meios. Aqui coloca-se o próprio registro do conhecimento, o álbum fotográfico referente a Guerra de Canudos, este percorre desde 1897 uma trajetória conectada a esta questão da representação conectada a sociedade e suas tecnologias, em especial percebido como um registro informacional, como eram vistos neste período histórico, como um

produto da daguerreotipia, físico, que segundo Kossoy (2009) possuía elementos comerciais fez sua estreia oficial no Brasil em 1840.

O álbum fotográfico, alvo desta análise em particular, não teve sua base em um ateliê fotográfico (sim, um campo de batalha), mas possui seus principais elementos, que Kossoy (2009) destaca como a criação de realidades e produção da memória. Este álbum se torna um espaço de representações sociais, que em seu interior se construiu por meio de uma classificação “verdades iconográficas” nas palavras do autor citado acima, “ilusões documentais” e uma seleção de conceitos muito bem alinhados ao seu produtor e ao seu contexto. Percorreu o século XX, conectado à função social de demonstrar um status, sofre as agressões do tempo e, por fim, doado ao Museu da República, passa por processos tecnológicos, procedimentos conectados à ORC - aqui conecta-se a classificação secundária- que o elevaram a integrar ambientes digitais.

Esta questão, se apresenta como uma interface aos crescentes registros do conhecimento que compuseram os acervos com o passar do tempo, gerando novos desafios a CI, dentre estas questões estão a seleção, a aquisição, a catalogação, a classificação, e a indexação em ambientes digitais. Nesse sentido, estes processos possuem uma interconexão com os registros do conhecimento, ou seja, a necessidade de criação de sistemas artificiais, que neste texto são entendidos como a classificação secundária que permitem a organização, estruturação e representação e o acesso.

Este tema é de grande relevância para a OC e revela a proximidade entre a classificação, o registro do conhecimento e a linguagem. As palavras-chave deste processo consistem em informação como coisa, seleção, organização e disseminação do conhecimento, que estão representados em vários formatos. A Organização e Representação do Conhecimento se estabelece justamente para abranger tais questões, estar-se a falar de processos, produtos e instrumentos que possuem a primazia de não reproduzirem os silenciamentos, perpetuar preconceitos ou mesmo fragmentação que levem a uma descontextualização.

O fato a ser evidenciado é a presença da classificação primária, por ter o álbum em sua estrutura um processo mental que organiza o conhecimento registrado, que busca no colecionismo estabelecer estruturas lógicas que orientem a compreensão da sua temática. No tocante ao álbum fotográfico do Arraial de Canudos, têm-se certos problemas em relação à sua estrutura física, que permite certa flexibilidade na

disposição das fotografias, possivelmente devido à presença de brochuras independentes ou outros elementos móveis. Isso pode resultar em uma leitura e compreensão não lineares, na qual a ordem das imagens pode ser modificada conforme a manipulação desses elementos. O que reforça a necessidade de atenção, busca e manutenção da classificação primária, pois esta interage com a ORC por meio da interpretação e compreensão deste documento. Há neste álbum, seja o disponível nos três portais, seja o físico disparidade nas narrativas, possibilitando a presença de 4 classificações, 4 narrativas ou mesmo 4 diálogos entre a classificação primária e a classificação secundária. Assim, esta flexibilidade na organização das fotografias pode ser uma característica que implica uma narrativa visual, uma classificação divergente da desenvolvida pelo colecionador, pois esta dinamicidade permite diferentes interpretações do álbum.

Coloca-se assim, a abertura de novas perspectivas, advindas de desafios contemporâneos, que acarretam novos olhares trazidos por autores como Hjørland (2008), Cervantes (2009, 2020), Albuquerque (2012) entre outros pesquisadores que buscam em novas percepções, uma rede de novos olhares que permite a incorporação de diversas visões, teorias e metodologias que enriquecem as ações da ORC. Contribuições estas que buscam estabelecer um diálogo interdisciplinar e contextualizado, que se reverberam na compreensão dos álbuns fotográficos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar Arraial Canudos, a primeira não existe mais, mas o seu registro informacional, sim, em uma narrativa que se materializa em uma simbiose entre imagens e legendas, uma coleção de fotografias e conceitos que por meio de um modelo mental, uma classificação primária única e subjetiva, arbitrária por natureza e de dimensões socioculturais relevantes para a sociedade, não apenas a atual, mas as futuras que terão acesso a este material, desenvolvendo novos diálogos, novos questionamentos o farão, por meio dos portais, por meio de buscas nos sistemas de ORC.

Assim, a questão que norteou esta tese; como se dá a Análise Conceitual, a partir de documentos específicos como álbuns fotográficos sob a ótica do colecionador, possibilitou o levantamento dos dados, que expostos nas tabelas, nuvens de palavras, entre outros mecanismos utilizados evidenciaram que esta questão nos álbuns fotográficos de Canudos disponíveis nos portais, revelam em especial o uso do “jagunço” pelo autor e pelo seu domínio, ou seja, a sociedade que este estava inserido. Neste processo, percebeu-se que os álbuns fotográficos possuem marcas do seu domínio, marcas de uma política e claro, marcas do contexto sociocultural que percebe o “outro” o sertanejo, como um produto da miscigenação.

E a tradução desenvolvida nos portais de jagunço por “conselheiristas” ou “correligionários” não apresenta correspondência com o entendimento no domínio deste documento. Um exemplo deste fato se apresenta no conceito “Correligionário”, nas ocorrências identificadas, possui o vínculo com: nosso, amigo, prestimoso, ilustre, pranteado, perspicaz, digno, distinto. Conselheirista, nos jornais de 1897, é associado a Antônio Conselheiro, aos moradores de Canudos. Assim, percebe-se haver similaridade no uso do termo conselheirista e jagunço, mas não sinônimos.

O conselheirista, aparece vinculado ao entendimento de um simpatizante, um morador ou visitante esporádico da comunidade, mas possui um alinhamento para com os ideais associados ao Conselheiro, seja suas crenças, valores e objetivos. Já o conceito jagunço aparece nesta construção conceitual como audaz, perigoso, vingativo, inimigo, ou seja, o conceito Jagunço possui um entendimento de pessoa perigosa, inimigo da república e morador do Arraial de Canudos. Tal afirmação tem por base o fato que a literatura, os dicionários do período não compreendem como sinônimo, ou seja, o domínio que o produziu em sua linguagem entende e representa

hora parte, hora a totalidade da população do Arraial de Canudos como Jagunços. Esta divergência conceitual acarreta certa dificuldade no diálogo, interpretação e no entendimento deste documento.

As análises desenvolvidas possuíram significância ao evidenciarem a aplicação dos conceitos, sua progressão ao longo do tempo em interface com o seu contexto. Assim, compreensão e o conhecimento do assunto que retrata os álbuns fotográficos com diálogo no evidenciado acima, destacam o desafio que possui os estudos da Organização e Representação do Conhecimento, em especial a interface entre estes e os estudos terminológicos.

Partindo do exposto ao longo desta tese, em diálogo com o material analisado e o arcabouço teórico da ORC considera-se em suma que há a prerrogativa do respeito aos conceitos utilizados pelo colecionador, bem como a narrativa instaurada na classificação primária desenvolvida por este, reafirmando assim, a hipótese desta tese. Reafirma-se assim, que o processo complexo de compreensão e representação conceitual de documentos como os álbuns fotográficos necessitam se pautar na busca pelo sentido atribuído pelo colecionador durante o processo de criação do álbum, processo que é, como entendido aqui, orientado por aspectos da classificação primária e pelo colecionismo.

Nesse sentido, quando se estende esta questão do conceito e representação do conhecimento e seu diálogo com os álbuns fotográficos, tem-se nas reflexões de Baudrillard (1993), a base para tecer a relação que a coleção possui, uma classificação, que relaciona com a manipulação de objetos, imagens e conceitos dentro da perspectiva do jogo instaurado pelo colecionador, que ordena, classifica e distribui estes elementos, não aleatoriamente, mas de forma a ser significativo. Percorre-se, assim, a função desta classificação: a orientação da leitura e compreensão do álbum fotográfico.

Destaca-se que os conceitos, a classificação primária e os elementos utilizados na construção do álbum fotográfico possuem suas definições vinculadas ao seu contexto de origem, bem como são conectados ao contexto do colecionador. Essas definições não são fornecidas de pronto entendimento ao seu leitor. Mas uma vez que se busque compreendê-lo, deve haver uma abordagem que possibilite a compreensão o mais próximo daqueles atribuídos pelo colecionador.

A presença invisível da classificação primária, das perspectivas do colecionismo nos álbuns fotográficos são relevantes para a Organização e

Representação do Conhecimento, pois tanto a classificação quanto o colecionismo coabitam a sociedade como foi visto ao longo do referencial teórico. Apresentar uma Análise Conceitual a partir da perspectiva do colecionador e dos termos atribuídos ao álbum nas instituições Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira, Portal Brasileira Fotográfica e Instituto Moreira Salles tornou visível esta presença e a notoriedade que a compreensão e a recuperação da classificação primária que o produtor desenvolveu, seu sentido originário, bem como a imperativa necessidade de compreensão profunda deste material.

Aqui destaca-se a necessidade da identificação do contexto, do domínio, da classificação primária, do colecionismo visto que, os álbuns são frutos da capacidade humana de interagir com o seu meio, suas situações sociais e representá-las mentalmente por meio de estruturas e buscando, por meio de seleções, modelos mentais tidos como relevantes, aqui nomeados de classificação primária dotadas de elementos bem como propriedades que permitem a interpretação do material, e de seus conceitos ali registrados.

O álbum fotográfico compreende e acomoda tão bem essas práticas, que se estabelece para além do colecionismo, e se insere em uma questão imensamente relevante: a narrativa que se apresenta vinculada aos conceitos e ao sistema de classificação. A sociedade, principalmente a pós-propagação da invenção de Niepce e Daguerre, promove uma coleção, não apenas de fotografias, mas da materialização em imagens de conhecimentos, fragmentos de memória, de saberes a respeito do seu cotidiano e do mundo no qual está inserida. Desta forma, há uma mutação de um simples colecionar de imagens para uma narrativa, que possui conhecimentos e saberes com base nas percepções humanas (Silva, 2008).

Os álbuns são compreendidos, a partir desta concepção, como a materialização de diversas questões, inclusive culturais, ligadas em sua origem ao colecionismo, resultado de um projeto, que se utiliza por meio de imagens e outros recursos integrados à classificação. Há, em alguns casos, o processo de ressignificação e uma ligação clara com o seu criador. Tais processos, ligados ao recolhimento, ao reconhecimento e ao desenvolvimento de uma narrativa que permeiam a criação dos álbuns fotográficos, permitem uma ligação entre o indivíduo e a gênese deste recurso informacional. Tais materiais permitem um diálogo amplo, na Ciência da Informação, que possuem entre as áreas que a compõem em um eixo comum, a busca pela origem, função e finalidade (gênese) destes materiais. Tal

procedimento tem na narrativa seu eixo comum.

O sujeito/colecionador, ao produzir um álbum fotográfico, deixa marcas profundas referentes ao seu campo social, sua representação e construção social, suas estratégias ligadas especialmente à organização deste material. Esta relação guarda em si, aspectos ligados a Organização e Representação do Conhecimento, em especial as relacionadas a imagem, ao colocar em destaque um desafio aos profissionais: identificar a presença do colecionismo e as estratégias, a classificação primária e assim perceber na composição do álbum, seu arranjo, sua gênese, enfim, o seu enredo e narrativa. O ato de incorporar na coleção as fotografias e outros objetos textuais e imagéticos, coletadas e reunidas ao longo dos anos, revela que o álbum fotográfico, é composto por conjuntos informacionais, que, podem distinguir na sua forma de acumulação, mas possuem em seu cerne algo relevante: completam-se e interagem entre si, para formar uma narrativa única, demonstrando e revelando assim sua gênese.

Um conjunto de memórias e conhecimentos que, com a ajuda de fotógrafos profissionais, amadores ou mesmo as tipografias, promoveram o acúmulo e a circulação destas, em busca de serem consumidos, e assim, contribuiram para a formação de uma memória, particular ou oficial. Desta forma, o álbum fotográfico apresenta-se como referência, constituindo um recurso informacional, que tem em suas bases: o colecionismo, o acúmulo, com sua narrativa construída por meio da coleta, seleção e a classificação de uma gama de registros que em alguns casos duram décadas. Paralelamente às suas atividades colecionistas, o sujeito criador dos álbuns se efetiva e se apresenta mais intensamente durante a narrativa, que se estabelece de forma textual ou diagramática.

Aqui, evidencia-se, por fim, que esta interação entre o colecionismo, a classificação primária e a ORC que possui na fala de Olson (1999) a percepção de que a classificação é um objeto de fronteira, propicia um diálogo presente e necessário, que neste contexto da ORC se faz necessário. Assim, destaca-se que a ruptura ou a não percepção destes elementos durante as ações da ORC perdem-se as contribuições que há no diálogo desta fronteira, bem como a cooperação entre estes mundos sociais distintos. Portanto, a integração eficaz da ORC da percepção do colecionismo e da classificação primária requer uma compreensão sensível dessas nuances, a fim de preservar e promover a riqueza do diálogo que ocorre nessa fronteira entre diferentes mundos sociais e evitar, como no Arraial de Canudos, novos

silenciamentos.

Ainda em tempo, destacam-se as limitações desta pesquisa, que se estabelecem em duas vias. A primeira alinhada ao contexto da pandemia Covid 2019 e a segunda em relação à dificuldade de identificar a classificação primária dos álbuns, devido a questões de conservação da sua estrutura identificada nos álbuns fotográficos de Canudos que são pertencentes ao Museu da República.

Os impactos da pandemia na elaboração desta tese se instalam nas limitações de deslocamento, ou seja, nas restrições de viagens e deslocamentos devido aos períodos de isolamento social. A viagem para análise do material ocorreu em 2024. Neste contexto de pandemia, houve a limitação do acesso a determinados locais físicos de pesquisa, como bibliotecas, museus e arquivos. Outra limitação nesse sentido se instala nas aulas na modalidade remoto, que impactaram na interação, convívios, contatos, diálogos enfim, relações presenciais diretas com colegas, orientadora, ou mesmo palestrantes, que comprometeu e limitou as oportunidades de discussão, colaboração e troca de ideias e experiências que poderiam ter enriquecido esta pesquisa com novos olhares, novas perspectivas.

A segunda limitação se refere ao impacto referente à compreensão das nuances e complexidades que envolve a desestruturação do segundo álbum fotográfico, tal fato tornou-se um aspecto significativo e substancial nesta pesquisa, pois afetou a classificação primária, desenvolvida pelo colecionador. Os desafios enfrentados durante o processo de análise e interpretação dos resultados, conectados a desestruturação do álbum fotográfico, se tornou um obstáculo que materializou a manifestação prática das questões teóricas discutidas na pesquisa, especialmente aquelas relacionadas à importância da identificação da classificação para o desenvolvimento do diálogo com o colecionador.

Tal fato se tornou um desafio para a pesquisa, porém fortaleceu a relevância e a aplicabilidade da percepção dos impactos da classificação primária dos álbuns fotográficos nas ações da ORC. Assim, a desestruturação do álbum fotográfico pode ter implicações diretas na forma como os álbuns fotográficos são compreendidos, classificados e catalogados nas instituições. Como um impedimento substancial deste fato na elaboração das análises, se materializou na identificação de quatro narrativas possíveis. E a impossibilidade da identificação dentre estas narrativas, a de autoria do fotógrafo Flávio de Barros. Tal fato restringiu a contextualização das imagens no corpo de trabalho do fotógrafo, bem como a compreensão de seu estilo, tema e

racionalidade, ou mesmo a narrativa original desenvolvida nos álbuns.

Indica-se haver outros 2 álbuns fotográficos físicos presentes no acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, composto de 68 fotos; e o da Casa de Cultura Euclides da Cunha, com 23 imagens. Estes álbuns possuem relações em sua gênese com os álbuns analisados, mas para o escopo desta tese, limitou-se o álbum físico presente no Museu da República, que originou os processos de Organização e Representação do Conhecimento presente em parte dos portais analisados. Houve a decisão em relação a estes dois outros álbuns fotográficos de serem alvo de pesquisas futuras, pois se apresentam como uma oportunidade para futuras investigações. Por fim, se apresenta de extrema relevância evidenciar que esta discussão levantada nesta tese visa contribuir com a ORC, mas principalmente com os profissionais da informação, que em seu dia a dia desenvolvem análises e atribuem termos a documentos tão desafiadores como os álbuns fotográficos.

Assim, discutir a presença e a transversalidade da classificação primária (Olson, 2002; Alvarenga 2003) do colecionismo (Menegat, 2005; Baudrillard, 1993; Ferraz, 2014), em interface com os conceitos (Barros, 2016; Deleuze, Guattari, 2010; Albuquerque 2012; Cervantes, 2020) é evidenciar uma presença invisível, que usualmente, entrelaça-se a sociedade, ao domínio do autor, que por sua vez produz marcas nos registros do conhecimento. Uma presença que pode ser mapeada na Antiguidade, na Idade Média e tornou-se mais presente, bem como se estabeleceu com mais força durante o Renascimento. A Contemporaneidade tem nas inovações tecnológicas, em especial as imagéticas um terreno fértil e vasto.

A relação que a Organização e Representação do Conhecimento mantém com esta questão, é que se apresenta como responsável por organizar, representar e tornar compreensível, bem como acessíveis às experiências humanas registradas em toda a sua diversidade, inclusive as imagéticas. Essa conexão entre classificação e compreensão tem implicações significativas não apenas para a Organização do Conhecimento, mas também para questões relacionadas à linguagem. Quando a classificação primária não é observada, isso pode distorcer o sentido do álbum e dificultar a compreensão do contexto. Assim, como as informações são estruturadas e apresentadas pode influenciar profundamente como são interpretadas e compreendidas pelos usuários.

Evidencia-se que o processo inicial deste diálogo, indicado acima, ampara a compreensão do documento, ou seja, auxilia no processo de mapeamento da

linguagem presente, que por sua vez subsidia a leitura do documento visando a extração dos conceitos. Assim, a identificação e seleção dos conceitos mais essenciais e representativos, bem como a identificação das respectivas relações conceituais, percorre a compreensão que se apresenta como um dos aspectos mais importantes deste diálogo entre a classificação primária e a classificação secundária.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBUQUERQUE, A. C. **A classificação de documentos fotográficos: um estudo em arquivos, bibliotecas e museus**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

ALBUQUERQUE, A. C.; MORAES, J. B. E. Teoria da classificação e documentos fotográficos: um estudo em arquivos, bibliotecas e museus. *In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação*, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: Enancib, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/177150>. Acesso em: 24 nov. 2023.

ÁLBUM. *In: DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa [em linha]*. Lisboa: Priberam Informática. 2008-2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/%C3%A1bum>. Acesso em: 23 jan. 2024.

ALBUQUERQUE, A. C.; SANTOS, C. R. Os elementos constitutivos de álbuns fotográficos escolares e as potencialidades a partir da relação com as Humanidades Digitais: primeiras interlocuções. **Alcance: Revista Cubana de Información y Comunicación**, La Abana, v. 10, n. 25, p. 3-28, 2021. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S2411-99702021000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 jun. 2023.

ALVARENGA, L. A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n. 6, dez. 2001. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_adf84bf8a1_0007457.pdf. Acesso em: 01 out. 2023.

ARAÚJO, C. A. A. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 11, n. 22, p. 117-140, 2006. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/3917>. Acesso em: 29 out. 2023.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ANCIB). Disponível em: <https://ancib.org/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

AVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis, v. 8, n. 15, p. 18-40, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p18>. Acesso em: 1 out. 2023.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em:

https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARITÉ, M. **Diccionario de Organización del Conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología. 6. ed. corr. y aum. Montevideo: Ediciones Universitarias, 2015. Disponível em: https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/bitstream/20.500.12008/9028/1/barit%c3%a9_diccionario_de_organizaci%c3%b3n_del_conocimiento.pdf. Acesso em: 03 jun. 2023.

BARITÉ, M. Los conceptos y su representación: una perspectiva terminológica para el tratamiento temático de la información. **Scire**: representación y organización del conocimiento, Zaragoza, v. 6, n.1, p. 31-53, 2000. Disponível em: <https://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/1123/1105>. Acesso em: 03 set. 2023.

BARROS, J. D. A. **Os conceitos**: seus usos nas ciências humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BARROS, J. D'A. Uma teoria é um modo de ver: considerações sobre as especificidades do teórico na construção do conhecimento. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 10, n. 28, p. 28-57, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3901/3017>. Acesso: 04 nov. 2023.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BESSA, A. **A gíria portuguesa**: esboço de um dicionário de calão. Lisboa: Gomes de Carvalho, 1901. Biblioteca Nacional.

BOCCATO, V. R. C. Linguagem documentária na representação e recuperação da informação pela perspectiva sócio-cognitiva em Ciência da Informação. *In*: BOCCATO, V. R. C.; GRACIOSO, L. S. (org.). **Estudos de linguagem em Ciência da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

BOCCATO, V. R. C.; GRACIOSO, L. S. (org.). **Estudos de linguagem em Ciência da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011a. Cap. 1, p. 9-34.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PES-QUIISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/176535>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL. **Arquivo do Instituto Brasileiro do Museu da República**. Mensagem recebida por Cristina.ribeiro@uel.br em: 23 fev. 2023a.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **Arraial dos Canudos**, visto pela Estrada do Rosário, 1897. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>. Acesso em: 03 fev. 2024.

BRASIL. Biblioteca Nacional. **Detalhamento de Fotografia**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>. Acesso em: 03 fev. 2023b.

BRASIL. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional** A morte de Antônio Conselheiro, Chapman, Grover, 1924-2000, 2023.

BRASIL. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional**. Recortes de jornais do período, que fazem menção a Flávio de Barros. 1987.

BRASIL. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4886/discover>. Acesso em: 06 set. 2023.

BRASIL. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional**. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1241794/icon1241794.jpg. Acesso em: 03 fev. 2024.

BRASILIANA fotográfica. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/2023>. Acesso em 07 fev. 2023.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, [S. l.], v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/%28SICI%291097-4571%28199106%2942%3A5%3C351%3A%3AAID-ASI5%3E3.0.CO%3B2-3>. Acesso em: 27 mar. 2023.

CALASANS, J. Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico.: **Revista da Academia de Letras da Bahia**, Salvador, n. 34, jan. 1987, p. 47-63.

CALHEIROS, T. C.; CERVANTES, B. M. N. A classificação do direito eletrônico: uma análise em bibliotecas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105335>. Acesso em: 29 out. 2023.

CERVANTES, B. M. N. **A construção de tesouros e a integração de procedimentos terminográficos**. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

CERVANTES, B. M. N. Identificação e representação de conceitos por meio de termos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1–14. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n4.57261>. Acesso:

04 nov. 2023.

CERVANTES, B. M. N. **Terminologia no processo da inteligência competitiva: estudo teórico e metodológico**. Londrina: EDUEL, 2006.

CUNHA, E. **Os sertões: campanha de canudos por Euclides da Cunha**. 3. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Laemmert&C.1905. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5351>. Acesso em: 13 mar. 2023.

DAHLBERG, I. International Society for Knowledge Organization (ISKO). *In: Encyclopaedia of Library and Information Sciences*, 3. ed. New York: Taylor and Francis, 2010. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.1081/E-ELIS3-120044729/international-society-knowledge-organization-isko-ingetraut-dahlberg>. Acesso em: 13 mar. 2021.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, [S. l.]. v. 20 n. 4, p. 211-222, 1993. Disponível em: <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-1993-4-211.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2023.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. *In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA*, 1979, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos [...]**, Rio de Janeiro: IBICT; Brasília: ABDF, 1979. p. 352-370.

DAHLBERG, I. **Teoria da Classificação, ontem e hoje**. Palestra Apresentada a Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, p. 12-17 de setembro de 1972.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

DELEUZE, G.; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DEL MOLIN, G. Bancos privados utilizam Lei Rouanet para financiar seus próprios braços culturais. **Gazeta do Povo**. 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/bancos-privados-utilizam-lei-rouanet-para-financiar-seus-proprios-bracos-culturais-6jhi692j35ljkxfsd8nwqabzq/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo, Atlas, 1985. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/25.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023. Acesso em: 17 nov. 2023.

DODEBEI, V. L. D. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DOUSA, T. M. Classificação da biblioteca: Parte I: Introdução e classificação pré-moderna. *In: Hjørland, Berger; Gnoli, Claudio (ed.). Enciclopédia de Organização do Conhecimento*. 2017.

ENCICLOPEDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1987. v. 09.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **7 Batalhão de Infantaria durante a Campanha de Canudos**. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/4866>. Acesso em: 13 out. 2023b.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Álbum Fotográfico de Canudos**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21623/flavio-de-barros/obras>. Acesso em: 13 dez. 2023a.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Autorretrato tirado durante a Campanha de Canudos**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28615/auto-retrato-tirado-durante-a-campanha-de-canudos>. Acesso em: 13 nov. 2023c.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Coronel Medeiros, e subalternos durante a campanha de Canudos, de Flávio**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra25379/coronel-medeiros-e-subalternos-durante-a-campanha-de-canudos>. Acesso em: 13 nov. 2023d.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Corpo Sanitário das Tropas Expedicionárias diante de uma Correligionária de Antônio Conselheiro Ferida, de Flávio de Barros**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15696/corpo-sanitario-das-tropas-expedicionarias-diante-de-uma-correligionaria-de-antonio-conselheiro-ferida>. Acesso em: 13 nov. 2023e.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Flávio de Barros pela Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira 2023**. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21623/flavio-de-barros>. Acesso em: 03 set. 2023.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Quatrocentos correligionários de Antônio Conselheiro presos, de Flávio de Barros**. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra28618/quatrocentos-correligionarios-de-antonio-conselheiro-presos>. Acesso em: 13 nov. 2023f.

FERRAZ, R. C. Memória e narrativa visual nos álbuns de fotografias oitocentistas das famílias Ferreira Lage e Cavalcanti. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, v. 22, n. 2, p. 63-72, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645780/13079>. Acesso em: 5 abr. 2023.

FIGUEIREDO, C. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Lisboa, Portugal: Tavares Cardoso & Irmão, 1899.

FOTOGRAFIA. *In*: DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa [em linha]. Lisboa: Priberam Informática. 2008-2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/%C3%A1lbum>. Acesso em: 23 jan. 2024.

FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.1, p. 60-90, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2089/2219>. Acesso em: 13 nov. 2022.

FUJITA, M. S. L. Organização e representação do conhecimento no Brasil: análise de aspectos conceituais e da produção científica do ENANCIB no período de 2005 a 2007. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.1, p.1 - 32, 2008.

FUJITA, M. S. L., RUBI, M. P., BOCCATO, V. R. C. O contexto sociocognitivo do catalogador em bibliotecas universitárias: perspectivas para uma política de tratamento da informação documentária. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, abril, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

GOMES, H. E. Marcos históricos e teóricos da organização do conhecimento. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 33-66, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31442/21990>. Acesso em: 23 fev. 2023.

GOMES, H. E. Tendências da pesquisa em organização do conhecimento. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 60-88, jan./dez., 2009.

GUIMARÃES, J. A. C. Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, n. 1, v. 43, 2014. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1415/1593>. Acesso em: 01 set. 2023.

HJORLAND, B. Domain analysis in Information Science: eleven approaches traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, [S. l.], v. 4, n. 58, p. 422-462, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/249366184_Domain_analysis_in_information_science_Eleven_approaches_-_Traditional_as_well_as_innovative. Acesso em: 27 fev. 2023.

HJORLAND, B. **Domain analysis**: a socio-cognitive orientation for Information Science research. *Bulletin of the American Society for Information Science and Technology*, v. 30, n.3, 2004. Disponível em: <http://www.asis.org/Bulletin/Feb-04/hjorland.html>. Acesso em: 27 jan. 2023.

HJORLAND, B. What is a Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, Frankfurt, Alemanha, v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277803483_What_is_Knowledge_Organization_KO. Acesso em: 5 fev. 2023.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizon in information science: domain analysis. **Journal of the American Society for Information Science**, [S. l.], v. 46, n. 2, p. 400-425, jun. 1995.

HJORLAND, B.; GNOLI, C. (ed.). **Enciclopédia de Organização do Conhecimento**. 2017.

INSTITUTO MOREIRA SALLES 2023. Disponível em: <https://ims.com.br/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

JAGUNÇO. *In*: ENCICLOPÉDIA Barsa Universal. 11. ed. São Paulo: Encyclopédia Britânica, 1987. 9 v.
JORNAL Comercio do Espírito Santo 1987.

JORNAL da Pacotilha. 2 de abril de 1897. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&Pesq=conselherista&pagfis=18896.

JORNAL do Commercio. Rio de Janeiro: 24 dezembro 1897. Edição 00356.

JORNAL do Recife. Recorte de jornal do período, 1858 A 1938, que faz menção a Flávio de Barros, Recife 1924. Edição 00119.

JORNAL do Recife. **Recorte de jornal do período, que fazem menção a Flávio de Barros e o desempenho de sua função de fotografia**. Recife: 20 setembro 1902. Edição 00214.

JORNAL Estadão. **Canudos revelada**: seca põe à mostra ruínas de antigo povoado coberto por água de açude. 2013. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/euclides/capitulo-4.php#:~:text=Foi%20por%20sugest%C3%A3o%20de%20um,s%C3%B3%20foi%20oficializado%20em%201938>. Acesso em: 11 fev. 2024.

JORNAL Gazeta da Tarde. **Recortes de jornais do período, que fazem menção a Flávio de Barros**. Rio de Janeiro: 19 de fevereiro do 1898. Edição. 00036.

JORNAL Comercio do Espirito Santo. Edição 007. 1987. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=229687&pesq=conselherista&pasta=ano%20189&hf=memoria.bn.br&pagfis=6772>. Acesso em: 23 dez. 2023

JORNAL Gazeta de Notícias. **Recorte de jornal Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro: 31 agosto 1897. Edição 00243.

JORNAL Gutenber. **Recorte do jornal Gutenberg**: Orgão da Associação Typographica Alagoana de Socorros Mutuos. Alagoas, 1897. Edição 00230.

KOBASHI, N. Y.; FRANCELIN, M. M. Conceitos, Categorias e Organização do Conhecimento. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16 n. 3, p. 1 -24, jan./ jun. 2011. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10390/9281>. Acesso em: 03 set. 2023.

KOSSOY, B. A Fotografia além da corte: expansão da fotografia no Brasil Império. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p.109-122, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/103/103>. Acesso em: 13 dez. 2022.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LIMA, G. N. B. O. Gênese da classificação: uma análise de conteúdo a partir da definição. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 197-237, mar. 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/158573>. Acesso em: 24 nov. 2023.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. *In*: ALVARES, L. (org.). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012.

MADUREIRA, V. S. F.; SILVA; D. M. G. V.; TRENTINI, M.; SOUZA, S. S. Métodos de Análise Conceitual em enfermagem: uma reflexão teórica. **Esc. Ana. Nery**, v. 25, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/5CFw843CtDcMSZHtxXgn4Jg/?lang=pt&format=pdf>

MAGALHAES JÚNIOR, C. A. O.; BATISTA, M. C. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. Maringá, PR: Massoni, 2021.

MAI, J. E. Classification in a social world: bias and trust. **Journal of Documentation**. Bradford, v. 66, n. 5, p. 627-642, 2010. Disponível em: https://jenserikmai.info/Papers/2010_Classificationinasocialworld.pdf. Acesso em: 20 out. 2023.

MARTINS, A. **Itaú Unibanco 90 anos**. Sítio. Itaú Unibanco 90 anos. ([2014]). Disponível em: <https://www.itaunibanco90anos.com.br/90/o-livro.htm>. Acesso em: 06 dez. 2023.

MARTINS, G. K.; MORAES, J. B. E. Organização e representação do conhecimento: institucionalização como disciplina científica no âmbito da ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PES-QUIZA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ANCIB, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/187277>. Acesso em: 29 out. 2023.

MENEGAT, R. A epistemologia e o espírito do colecionismo. **Episteme**: filosofia e História das Ciências em Revista, Porto Alegre, v. 10, n. 20, p. 5-12, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.6547303>. Acesso em: 13 maio 2024.

MOREIRA, W. **Sistemas de Organização do Conhecimento**: aspectos teóricos, conceituais e metodológicos. 2018. 164 f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/190878>. Acesso em: 5 ago. 2022.

MUÑOZ, J. F. Símbolos da masculinidade na obra de Flávio de Barros. Uma leitura das fotografias de Canudos sob a ótica do gênero. **Chasqui**: Revista de Literatura Latino Americana, v. 51, n. 2, p. 285-303, 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/72545819/S%C3%ADmbolos_da_masculinidade_na_obra_de_Fl%C3%A1vio_de_B Barros_Uma_leitura_das_fotografias_de_Canudos_sob_a_%C3%B3tica_do_g%C3%AAnero. Acesso em: 5 ago. 2023.

MUSEU DA REPÚBLICA. **Institucional**. Disponível em: <https://museudarepublica.museus.gov.br/institucional/>. Acesso em: 5 jan. 2024

NAVES, M. M. L. Análise de assunto: concepções. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 215-226, jul./dez. 1996. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rbbsb/article/download/46266/35387>. Acesso em: 17 fev. 2023.

NOGUEIRA, A. **Antônio Conselheiro e Canudos**. São Paulo: Nacional. v. 355. 1974. (Coleção Brasileira).

NOVO, H. F. Representação do conhecimento ou representação conceitual? Uma investigação epistemológica no âmbito da ciência da informação e da filosofia nas considerações de Deleuze e Guatarri. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 7, n. 3, p. 114-129, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/9328>. Acesso em: 29 out. 2023.

OLSON, H. A. Classification and universality: application and construction. **Semiotica**, Berlim, v. 139, n. 1-4, p. 337-391, 2002. Disponível em:

OLSON, H. A. **The power to name**: locating the limits or subject representation in libraries. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher. 1999.

PEQUENO Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

PINHEIRO, L. S. L. Índices de uma guerra: a narrativa das fotos (de Flávio de Barros) da Campanha de Canudos. **Caligrama** (ECA/USP. Online) , v. 3, p. 1-12, 2007. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/66051>. Acesso em: 11 out. 2023.

PINTO, L. M. S. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMBO, O. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes**. 1998.

PORTAL G1. Com seca no Ceará, ruínas de cidade submersa reaparecem. 2013 Disponível em: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/04/com-seca-no-ceara-ruinas-de-cidade-submersa-reaparecem.html>. Acesso em: 23 fev. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnica da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to library classification**. 3. ed. London: Asia Publishing House. 1967.

SALES, R. O diálogo entre a organização do conhecimento e a ciência da informação na comunidade científica da ISKO-Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos** [...] João Pessoa: UFPB, 2015. p. 73–84. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/187125>. Acesso em: 01 mar. 2023.

SANTOS, C. R. D.; ALBUQUERQUE, A. C. **Álbuns fotográficos familiares: reflexões sobre a transição do âmbito privado para o público**. Informação Arquivística, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 2014. DOI: 10.18377/2316-7300/informacaoarquivistica.v3n1p% Acesso em: 21 fev.2023.

SANTOS, C. R.; ALBUQUERQUE, A. C. A caracterização do álbum fotográfico como recurso informacional: elementos para a Organização e representação da Informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 167-183, 2019. DOI: 10.11606/issn.2178-2075.v10i1p167-183. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/142173>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SANTOS, C. R.; FRANCISCO, L. A.; MORAES, M. A. As bases epistemológicas do álbum fotográfico e suas relações com a Organização do Conhecimento. *In*: TOGNOLI, N. B.; ALBUQUERQUE, A. C.; CERVANTES, B. M. N. (org.). **Organização e Representação do Conhecimento em diferentes contextos: desafios e perspectivas na era da datificação**. Londrina: ISKO Brasil: PPGCI-UDEL, 2023. Disponível em: https://isko.org.br/wp-content/uploads/2023/06/livro-isko-Brasil_23.pdf. Acesso em: 13 out. 2023.

TOGNOLI, N. B.; ALBUQUERQUE, A. C.; CERVANTES, B. M. N. (org.). **Organização e Representação do Conhecimento em diferentes contextos: desafios e perspectivas na era da datificação**. Londrina: ISKO, 2023. Disponível em: https://isko.org.br/wp-content/uploads/2023/06/livro-isko-Brasil_23.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.

SANTOS, C. R.; FREITAS, L. M.; ALBUQUERQUE, A. C. Um Estudo da Gênese Documental de Álbuns Fotográficos. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS

HUMANAS, 11., São Paulo, 2016. **Anais eletrônicos** [...]. Blucher Social Sciences Proceedings, v. 2, n. 4, p. 53-60, 2016.

SANTOS; C. R.; ALBUQUERDE, A. C. **Gênese documental de álbuns fotográficos escolares: entre avanços e ausências**. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000214285>. Acesso em: 19 fev. 2023.

SILVA, A. **Álbum de família: a imagem de nós mesmos**. São Paulo: SENAC, 2008.

SOARES, H. D. E. M. **A guerra de Canudos**. 2. ed. 1902. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1313065/drg1313065.pdf. Acesso em 17 fev. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO (ISKO-Brasil). Disponível em: <https://isko.org.br/>. Acesso em: 2024.

SOUSA, J. R.; SANTOS, S. C. M. Análise de Conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>. Acesso em: 05 abr. 2024.

SOUSA, R. T. B. Os princípios da teoria da classificação e o processo organização de documentos de arquivo. **BDA**, Rio de Janeiro, jan./jun. 2007, Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/51537>. Acesso em: 27 nov. 2023.

TENNIS, J. T. Two axes of domains for domain analysis. **Knowledge Organization**, [S. l.], v. 30, n. 3-4, p. 191-195, 2003.

TOLEDO, R. P. O legado do conselheiro: cem anos depois Canudos é uma ferida, e um emblema no Brasil. **Revista Veja**, São Paulo, 3 set. 1997.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGNAUX, G. **O demônio da classificação: pensar, organizar**. Lisboa: Instituto. Piaget, 1999.

WILSON, J. **Pensando com conceitos**. 2. ed. São Paulo: 2005.